



ALFAGUARA

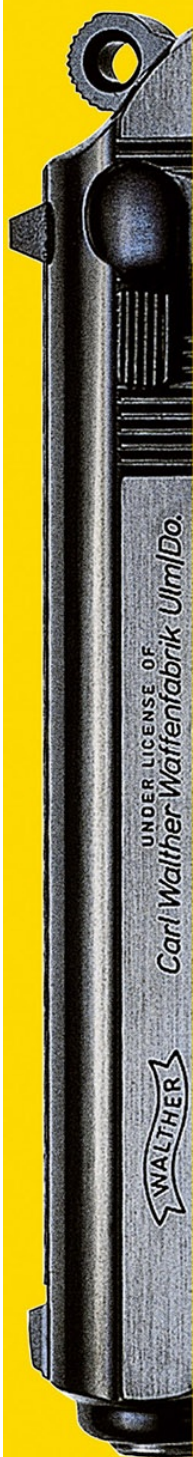
IAN
FLEMING
GOLDFINGER

007



007





ALFAGUARA

IAN
FLEMING
GOLDFINGER

007



007

IAN FLEMING



GOLDFINGER

TRADUÇÃO
ROBERTO GREY

ALFAGUARA



Copyright © Ian Fleming Publications Limited, 1959

The moral rights of the author have been asserted

Os direitos morais do autor foram assegurados

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

James *Bond* and 007 are the registered trade mark of Danjaq LLC, used under licence by Ian Fleming Publications Limited. All rights reserved.

James Bond e 007 são marcas registradas de Danjaq LLC, usados mediante autorização de Ian Fleming Publications Limited. Todos os direitos reservados.

www.ianfleming.com

Título original

Goldfinger

Capa

Retina_78

Foto do autor

Latinstock/Bradley Smith/Corbis

Revisão técnica

Marcos Ribas de Faria

Revisão

Joana Milli

Fatima Fadel

Ana Kronemberger

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F628g

Fleming, Ian

Goldfinger [recurso eletrônico] / Ian Fleming ; tradução Roberto Grey. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
248 p., recurso digital

Tradução de: *Goldfinger*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-236-6 (recurso eletrônico)

1. Bond, James (Personagem fictício) - Ficção. 2. Ficção inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Grey, Roberto II. Título.

13-01561 CDD: 823

CDU: 821.111-3



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Foto do Autor](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE 1 - ACASO](#)

[1. REFLEXÕES EM TORNO DE UM UÍSQE DUPLO](#)

[2. VIVENDO À LARGA](#)

[3. O HOMEM COM AGORAFOBIA](#)

[4. TIRANDO A MÁSCARA](#)

[5. PLANTÃO NOTURNO](#)

[6. POR FALAR EM OURO](#)

[7. PENSAMENTOS EM UM DB III](#)

[PARTE 2 - COINCIDÊNCIA](#)

[8. FAZENDO TUDO PARA JOGAR](#)

[9. A TAÇA E O LÁBIO](#)

[10. NA GRANJA](#)

[11. FAZ-TUDO](#)

[12. NA LONGA PISTA DE UM FANTASMA](#)

[13. “SE VOCÊ ENCOSTAR DE NOVO AÍ...”](#)

[14. COISAS QUE PULSAM DENTRO DA NOITE](#)

[PARTE 3 - AÇÃO INIMIGA](#)

[15. A SALA DE PRESSÃO](#)

[16. O ÚLTIMO E MAIOR](#)

[17. CONGRESSO DE BANDIDOS](#)

[18. CRIME DE LA CRIME](#)

[19. ADENDO SECRETO](#)

[20. VIAGEM AO HOLOCAUSTO](#)

[21. O HOMEM MAIS RICO DA HISTÓRIA](#)

[22. O ÚLTIMO EXPEDIENTE](#)

[23. TRATAMENTO DE TLC](#)

A
meu gentil Leitor
William Plomer

PARTE 1

ACASO

1.

REFLEXÕES EM TORNO DE UM UÍSQUE DUPLO

James Bond, com dois uísques duplos dentro de si, estava sentado no saguão de embarque do aeroporto de Miami e pensava na vida e na morte.

Matar gente fazia parte de sua profissão. Jamais gostara e, quando necessário, cumpria a tarefa da melhor maneira possível e depois a esquecia. Na qualidade de agente com o raro prefixo duplo de 00 — que, dentro do Serviço Secreto, significava licença para matar —, o dever exigia que fosse frio diante da morte como um cirurgião. Se ela ocorresse, paciência. O arrependimento não era um sentimento profissional — pior, era o caruncho da alma.

E no entanto houvera algo de curioso, impressionante, na morte do mexicano. Não que não tivesse merecido morrer. Tratava-se de um sujeito perverso, um sujeito que, no México, chamavam *capungo* perverso. Capungo é um marginal que mata pela miséria de quarenta pesos, ou cerca de vinte e cinco shillings — embora tivesse provavelmente recebido mais do que isso para matar Bond —, e que, a julgar pela aparência, jamais passara de um instrumento de infligir dor e sofrimento durante toda a sua vida. Sim, com certeza já morreria tarde; mas quando Bond o matara, menos de vinte e quatro horas atrás, a vida abandonara seu corpo de modo tão rápido e radical que Bond tivera a impressão de um pássaro a escapar de sua boca, como na crença primitiva dos haitianos.

Que diferença extraordinária entre um corpo cheio de vida e um corpo vazio! Ora é alguém, depois ninguém. Aquele havia sido um mexicano com nome e endereço, carteira de trabalho e talvez carteira de motorista. Em seguida algo o abandonara, abandonara o invólucro de carne e roupas baratas, deixando-o como um saco de papel vazio, à espera do lixeiro. E este diferencial, essa coisa que se desprendera do bandido mexicano miserável, era algo maior do que o México inteiro.

Bond examinou a arma responsável por aquilo. A borda externa de sua

mão direita estava vermelha e inchada. Breve ali haveria uma equimose. Bond dobrou a mão, massageando-a com a esquerda. É o que fizera intermitentemente durante a rápida viagem aérea de volta. O processo era doloroso, mas mantinha a circulação e acelerava o restabelecimento. Nunca sabia quando iria precisar dessa arma de novo. Uma expressão cínica se esboçou nos cantos da boca do agente secreto.

“A National Airlines, ‘a empresa aérea das estrelas’, anuncia a partida do voo NA 106 para o aeroporto de La Guardia, Nova York. Pede-se aos passageiros que se dirijam ao portão de embarque número sete. Por favor, dirijam-se ao portão de embarque.”

Os alto-falantes se calaram com um eco seco. Bond consultou o relógio. Haveria pelo menos mais dez minutos antes do aviso da Transamerica. Fez sinal para a garçonete e pediu mais um uísque duplo com gelo. Quando chegou o copo largo e pesado, girou-o na mão para que o gelo amenizasse o travo duro do álcool e bebeu metade. Apagou a guimba do cigarro e ficou sentado, com o queixo a descansar na mão esquerda, olhando pensativo para a metade remanescente do sol que mergulhava no golfo, além do asfalto cintilante.

A morte do mexicano havia sido o final infeliz de uma missão ruim, uma das piores — perigosa, ordinária, sem nenhum pormenor que a redimisse, exceto o de lhe ter propiciado umas férias da sede em Londres.

Era uma vez um sujeito importante no México, dono de plantações de papoulas que não se destinavam a fins decorativos. Transformadas em ópio, eram vendidas de modo rápido e relativamente barato em um pequeno café, na Cidade do México, chamado Madre de Cacao. O Madre de Cacao tinha proteção de sobra. Se você precisasse de ópio, bastava entrar e encomendá-lo junto com o pedido de bebida. Depois pagava no caixa, onde lhe informavam o valor acrescentado na conta normal. Tratava-se de um comércio tranquilo, que não deveria ser da conta de ninguém fora do México. Mas eis que, na distante Inglaterra, o governo, instado pela campanha da ONU contra o contrabando de drogas, anunciou que acabaria com a heroína no país. Houve um susto no Soho e também entre os médicos respeitáveis que queriam poupar seus pacientes dos tormentos da súbita abstinência. A proibição é o gatilho do crime. Em breve os canais costumeiros de contrabando da China, Turquia e Itália quase secaram em virtude da formação de estoques ilícitos na Inglaterra. Na Cidade do México, um sujeito simpático chamado Blackwell, dono de uma firma de importação e exportação, tinha uma irmã viciada em heroína na Inglaterra. Tinha muita afeição e pena dela, e quando ela escreveu

dizendo que morreria se ninguém a ajudasse, ele acreditou e começou a investigar o tráfico de drogas no México. No seu devido tempo, por intermédio de amigos, e amigos de amigos, chegou ao Madre de Cacao e dali ao grande cultivador mexicano. Neste processo, veio a aprender sobre a economia do tráfico, concluindo que se fosse possível ganhar uma fortuna e ao mesmo tempo ajudar a humanidade sofredora, tirara a sorte grande. O negócio de Blackwell girava em torno dos fertilizantes. Tinha um armazém, uma pequena fábrica e uma equipe de três funcionários para fazer análises de solos e pesquisas sobre plantas. Não foi difícil convencer o mexicano importante de que a equipe de Blackwell, protegida por essa fachada respeitável, poderia dedicar-se a extrair heroína do ópio. O mexicano arranjou rápido um meio de transporte para a Inglaterra. Por um estipêndio equivalente a mil libras por viagem, um diplomata mexicano encarregado do transporte dos malotes diplomáticos levava um malote adicional para Londres. O preço era razoável. Depois que o diplomata o depositava no guarda-volumes da Victoria Station, o conteúdo do malote era mandado pelo correio para um sujeito chamado Schwab, a cuidados de Boox-an-Pix, Ltd, WCI, passando a valer vinte mil libras.

Infelizmente Schwab era um homem mau, que não ligava para as dores da humanidade. Percebeu que se os delinquentes juvenis americanos podiam consumir milhões de dólares de heroína todo ano, o mesmo podiam fazer seus primos e primas, os Teddy Boys. Em dois quartos em Pimlico, sua equipe diluía a heroína com pó antiácido para o estômago, e a enviava para os salões de dança e os fliperamas.

Schwab já fizera uma fortuna quando o esquadrão antidroga chegou a ele. A Scotland Yard decidira deixá-lo ganhar mais um pouco de dinheiro enquanto investigava sua fonte. Começaram a segui-lo de perto e acabaram chegando à Victoria Station e ao diplomata mexicano. Nesta etapa, já que havia um país estrangeiro envolvido, foi preciso chamar o Serviço Secreto, e Bond foi enviado para descobrir onde o pombo-correio se abastecia, e para destruir esse abastecimento na fonte.

Bond fez como mandaram. Voou para a Cidade do México e descobriu logo a pista do Madre de Cacao. Ali, fingindo ser um comprador de traficantes londrinos, chegou ao mexicano importante. Este o recebeu amigavelmente, direcionando-o para Blackwell. Bond até que foi com a cara dele. Nada sabia sobre a irmã, mas o sujeito era obviamente um amador e sua amargura diante do veto londrino à heroína lhe pareceu autêntica. Bond invadiu seu armazém certa noite, deixando ali uma bomba incendiária. Em seguida foi até um café a um quilômetro e pouco de distância e ficou sentado,

olhando as chamas saltarem sobre o perfil dos telhados, enquanto ouvia a cascata sonora dos sinos prateados dos bombeiros. Na manhã seguinte ligou para Blackwell. Esticou um lenço sobre o bocal do telefone e falou:

“Sinto muito por você ter perdido seu negócio ontem à noite. Infelizmente o seguro não cobrirá o montante desses solos que você andava analisando.”

“Quem é? Quem está falando?”

“Sou inglês. Esse seu negócio já matou muitos jovens lá na Inglaterra. E prejudicou outros tantos. Santos não irá mais para a Inglaterra levando seus malotes diplomáticos. Schwab estará na cadeia esta noite. Aquele sujeito Bond, com quem você andou negociando, também não escapa. Está sendo procurado pela polícia agora.”

Ouviu palavras amedrontadas em resposta.

“Está bem. Mas não repita. Restrinja-se aos fertilizantes.”

Bond desligou.

Blackwell não teria a malícia. Obviamente fora o mexicano importante que descobrira toda a farsa. Bond tomara a precaução de mudar de hotel, mas naquela noite, quando caminhava para casa depois de um último drinque no Copacabana, um sujeito de repente se meteu no seu caminho. Vestia um terno branco de linho sujo e um boné branco de motorista, grande demais para sua cabeça. Profundas sombras azuis repousavam sob as maçãs do rosto salientes, tipicamente astecas. Em um dos cantos da boca rasgada, ostentava um palito, no outro, um cigarro. Os olhos eram pequenos lumes de maconha.

“Gosta de mulher? De sacanagem?”

“Não.”

“Garota de cor? Loucura de rabo, de primeira?”

“Não.”

“Talvez fotos?”

O gesto de enfiar a mão sob o paletó era-lhe tão conhecido, tão indicador de perigo que quando ela voltou com o longo estilete prateado dirigido à sua garganta, Bond já estava equilibrado, pronto para a reação.

Quase que automaticamente adotou “a posição de defesa contra golpe vindo de baixo”, do manual. Seu braço direito bloqueou o golpe, o corpo girou acompanhando. Os dois antebraços se encontraram a meio caminho

entre seus corpos, e o braço do mexicano com a faca foi desviado do alvo pela colisão, abrindo uma brecha para o soco curto de esquerda de Bond no queixo do outro. O punho rígido e fechado de Bond não se projetara muito, talvez uns sessenta centímetros, mas seus dedos dobrados de maneira saliente para obter maior rigidez atingiram a parte de baixo do sujeito, com uma força incrível. O golpe quase levantara o homem da calçada. Talvez aquele golpe fosse responsável pela morte do mexicano, quebrando seu pescoço, mas quando ele recuou cambaleante, já caindo ao chão, Bond recolhera a mão direita e dera uma cutilada de lado na garganta esticada e exposta do bandido. Era essa cutilada mortal no pomo de adão, dada com o lado da mão e os dedos fechados, formando uma lâmina, o golpe decisivo dos comandos. Se o mexicano ainda estivesse vivo, certamente já estaria morto quando chegasse ao solo.

Bond ficou ali, ofegante, olhando para aquela pilha de roupas amassadas jogadas no chão empoierado. Olhou para um lado e outro da rua. Não havia ninguém. Alguns carros passaram. Talvez outros houvessem passado durante a briga, mas eles estavam no escuro. Bond se ajoelhou ao lado do corpo. Não havia pulso. Os olhos que antes brilhavam tanto de maconha, já estavam ficando vidrados. A casa onde antes morara o mexicano, agora estava vazia. O inquilino partira.

Bond pegou o corpo e encostou-o em um muro, na sombra mais escura. Limpou as mãos nas próprias roupas, apalpando a gravata para ver se estava direita, e foi para o hotel.

Acordara ao amanhecer, se barbeara e pegara um táxi até o aeroporto, onde tomou o primeiro avião que o tirasse do México. Por acaso, o avião ia para Caracas. Bond foi a Caracas e ficou esperando no saguão até que houvesse um avião para Miami, um Constellation da Transamerica que o levaria naquela mesma noite a Nova York.

Novamente se ouviu o zumbido e depois o eco dos alto-falantes. “A Transamerica informa que infelizmente houve um atraso do voo TR 618 para Nova York, devido a um problema mecânico. A partida será às oito horas da manhã. Pedimos que todos os passageiros se dirijam, por favor, ao balcão da companhia para acertar os detalhes do pernoite. Obrigado.”

Só faltava essa! Será que ele deveria pegar outro voo ou passar a noite em Miami? Bond esquecera o drinque. Pegou-o e, dobrando a cabeça para trás, sorveu o uísque até a última gota. O gelo tilintou alegremente nos seus dentes. Bem, era isso. Uma ideia. Passaria a noite em Miami e tomaria um porre, um porre dos bons, de modo a ter que ser arrastado para a cama pela

primeira piranha que tivesse pegado. Havia anos que não ficava de porre. Já era mais que hora. Essa noite extra que surgira inesperadamente, seria uma noite de folga, já que estava perdida. Ele a usaria em bom proveito. Já era hora de relaxar. Andara tenso e introspectivo demais. Que diabo estava fazendo, cultivando sentimentos melancólicos sobre aquele mexicano, aquele capungo que haviam contratado para matá-lo? Tinha sido matar ou morrer. De qualquer modo, as pessoas estavam matando umas às outras o tempo inteiro, no mundo inteiro. Usando carros. Sendo vetores de doenças infecciosas, soprando micróbios na cara uns dos outros, deixando o gás ligado nas cozinhas, injetando monóxido de carbono nas garagens fechadas. Quantas pessoas, por exemplo, estavam envolvidas na fabricação de bombas de hidrogênio, desde os mineiros do urânio aos acionistas das mineradoras? Haveria alguma pessoa no mundo que não estivesse, talvez apenas estatisticamente, engajada em matar o vizinho?

O resto da luz do dia já se fora. Sob o céu índigo, as luzes de sinalização das pistas brilhavam, verdes e amarelas, projetando pequeninos reflexos na pele oleosa do asfalto. Com um rugido trovejante, um DC-7 arremeteu pela pista principal, verde. As janelas do saguão de espera sacudiram ligeiramente. As pessoas se levantaram para ver. Bond procurou ler suas expressões. Esperavam que o avião caísse — algum espetáculo, um pretexto para falarem, algo que preenchesse o vazio de suas vidas? Ou tinham sentimentos positivos? O que desejavam aos sessenta passageiros? A vida ou a morte?

Os lábios de Bond se curvaram para baixo. Pare com isso. Deixe de ser tão danado de mórbido. Tudo não passa de reação a uma missão miserável. Você está sujo, cansado de ter que ser durão. Você quer uma mudança. Já assistiu a mortes demais. Quer uma fatia de vida — boa, fácil, inebriante.

Bond se deu conta de passos que se aproximavam. Pararam a seu lado. Bond levantou os olhos. Vinham de um sujeito de aspecto limpo, rico, de meia-idade. De expressão constrangida, meio intimidada.

“Perdão, mas com certeza é o senhor Bond... o senhor — ah — James Bond?”

2.

VIVENDO À LARGA

Bond gostava de permanecer incógnito. Seu, “sim, o próprio”, foi desencorajador.

“Ora, que incrível coincidência.” O sujeito estendeu a mão. Bond se levantou devagar, apertou e soltou a mão. Era mole, polpuda — como um pedaço de barro molhado em forma de mão, ou uma luva de borracha inflada. “Meu nome é Du Pont. Junius Du Pont. Com certeza não se lembra de mim, mas já nos conhecemos. Posso sentar?”

O rosto, o nome? Sim, *havia* algo familiar. Fazia muito tempo. Não na América. Bond dava uma busca nos arquivos enquanto resumia sua impressão do sujeito. O sr. Du Pont tinha cerca de cinquenta anos — rosado, bem barbeado, trajando o disfarce que a Brooks Brothers criara para cobrir a vergonha dos milionários americanos. Vestia um terno simples de tropical marrom-claro e uma camisa branca de seda de colarinho estreito. As pontas dobradas do colarinho eram presas por um alfinete de ouro, que passava por baixo do nó de uma gravata estreita e listrada de vermelho-escuro e azul, que por pouco não era idêntica à da Brigada de Guardas. Os punhos da camisa sobressaíam um centímetro e meio do punho do paletó, mostrando as abotoaduras de cabochão, que continham miniaturas de moscas artificiais para pescar trutas. As meias eram de seda grafite, com velhos sapatos bem polidos cor de mogno, com aspecto da Peal. O chapéu era de palha escura, de abas estreitas, com uma larga fita bordô.

O sr. Du Pont sentou-se diante de Bond, sacou cigarros e um isqueiro Zippo, de ouro. Bond notou que ele suava um pouco. Concluiu que o sr. Du Pont era aquilo mesmo que aparentava ser, um americano muito rico, ligeiramente encabulado. E sabia que o conhecera antes, mas não fazia ideia de quando ou onde.

“Fuma?”

“Obrigado.” Era Parliament. Bond fingiu não reparar no isqueiro estendido. Não gostava quando lhe ofereciam fogo assim. Pegou seu próprio

isqueiro e acendeu o cigarro.

“França, 1951, Royale les Eaux.” O sr. Du Pont olhou ansioso para Bond. “Naquele cassino. Ethel, isto é, minha mulher, e eu estávamos sentados na mesa ao seu lado na noite do grande jogo contra o francês.”

A memória de Bond recuou rápido. Sim, claro. Os Du Pont eram os números quatro e cinco na mesa de bazar. Bond era o seis. Davam a impressão de ser gente inofensiva. Ele havia ficado contente por ter uma defesa tão sólida à sua esquerda, naquela noite fantástica em que quebrara a banca. Bond reviu tudo agora — a mancha de luz sobre o pano verde, as mãos rosadas que vinham buscar as cartas, rastejando como caranguejos, no outro lado da mesa. Sentiu o cheiro de fumaça e o cheiro acre do seu próprio suor. Que noite aquela! Bond olhou para o sr. Du Pont e sorriu daquela recordação. “Sim, claro que lembro. Desculpe a minha lentidão. Mas foi uma noite e tanto. Eu não pensava em mais nada senão nas minhas cartas.”

O sr. Du Pont devolveu o sorriso, feliz e aliviado. “Puxa, sr. Bond, é claro que compreendo. E espero que me perdoe por ter me intrometido. Sabe...” Estalou os dedos chamando a garçonete. “Mas precisamos tomar um drinque para comemorar. O que deseja?”

“Obrigado, um uísque on the rocks.”

“E um Haig com água.” A garçonete se afastou.

O sr. Du Pont se inclinou, com um sorriso radiante. Exalava um aroma de sabonete ou loção pós-barba. Lenthéric? “Eu sabia que era o senhor. Logo que o vi sentado aqui. Mas pensei comigo mesmo, Junius, é raro que você se engane quanto à fisionomia de alguém, mas vamos lá para ter certeza. Sim, eu estava voando pela Transamerican esta noite e, quando anunciaram o atraso, reparei na sua expressão e, queira me perdoar, senhor Bond, estava escrito no seu rosto que o senhor também viajava pela Transamerican.” Esperou que Bond fizesse algum gesto de aquiescência com a cabeça. Mas prosseguiu depressa. “Então fui correndo até o balcão e examinei a lista de passageiros. Veja só, lá estava, ‘J. Bond’.”

O sr. Du Pont se recostou, satisfeito com a própria esperteza. Chegaram os drinques. Ele ergueu o copo. “À sua saúde. Hoje é certamente meu dia de sorte.”

Bond sorriu de maneira neutra e bebeu.

O sr. Du Pont se inclinou de novo. Olhou em volta. Não havia ninguém nas mesas por perto. Mesmo assim, abaixou a voz. “Aposto que o senhor deve

estar dizendo consigo mesmo, sim, que bom rever Junius Du Pont, mas qual é seu interesse? Por que ficou assim tão feliz quando me viu nesta noite em particular?” O sr. Du Pont ergueu as sobancelhas, como se estivesse representando o papel de Bond para o próprio. Bond fez uma expressão estudada de curiosidade polida. O sr. Du Pont inclinou-se mais ainda em direção à mesa. “Bem, espero que me perdoe, senhor Bond. Não é de meu feitio me intrometer nos assuntos... particulares dos outros. Mas, depois daquele jogo no Royale, ouvi dizer que o senhor não só era um grande jogador, mas também — como devo dizer — uma espécie de, eh, investigador. Sabe, agente da inteligência.” A indiscrição do sr. Du Pont fez com que corasse profundamente. Recostou-se, tirou um lenço com o qual enxugou a testa. Olhou com ansiedade para Bond.

Bond deu de ombros. Os olhos cinza-azulado que fitaram os olhos do sr. Du Pont, tornando-se duros e perscrutadores a despeito do constrangimento deste, continham uma mistura de candura, ironia e autorreprovação. “Costumava estar metido nesse tipo de coisa. Ressaca da guerra. A gente ainda achava divertido brincar de mocinho e bandido. Mas não há mais futuro nisso, nesta época de paz.”

“Com certeza, com certeza.” O sr. Du Pont fez um gesto de menosprezo ao problema, com a mão que segurava o cigarro. Seus olhos evitaram os de Bond ao fazer a pergunta seguinte, à espera de outra mentira. (Bond pensou, há um lobo sob essas roupas da Brooks Brothers. O sujeito é esperto.) “E agora que o senhor se acomodou”, o sr. Du Pont deu um sorriso paternal, “o que resolveu fazer, que mal lhe pergunte?”

“Importação e exportação. Trabalho na Universal. Talvez tenha ouvido falar nela.”

O sr. Du Pont continuou a jogar o jogo. “Hum. Universal. Deixe-me ver. Sim, claro, já ouvi falar. Não posso dizer que já fizemos negócio, mas jamais se pode dizer que é tarde demais.” Deu um risinho sem graça. “Tenho uma porção de interesses em todo canto. A única coisa que não me desperta interesse, confesso, são os produtos químicos. Talvez por falta de sorte, senhor Bond, não pertenço aos Du Pont da indústria química.”

Bond concluiu que o sujeito estava plenamente satisfeito com o seu ramo de negócios Du Pont. Não fez nenhum comentário. Consultou o relógio para ver se apressava o lance que o sr. Du Pont faria. Fez uma reserva mental para ter cuidado com as cartas que tinha na mão. O rosto do sr. Du Pont era bondoso e infantil, com a boca, um tanto feminina, franzida e virada para baixo. Parecia tão inofensivo quanto qualquer americano de meia-idade com

sua câmera fotográfica, como os que ficavam do lado de fora do palácio de Buckingham. Mas Bond intuía muitas qualidades de resistência e agudeza por trás daquela fachada antiquada.

O olhar sensível do sr. Du Pont reparou a consulta de Bond ao relógio. Olhou o seu. “Veja só, já são sete horas e eu aqui falando à beça sem chegar aonde quero chegar. Sabe, sr. Bond, estou com um problema sobre o qual gostaria muito da sua consultoria. Se o senhor tiver tempo de sobra e estiver pensando em passar a noite em Miami, gostaria que me desse a honra de ser meu convidado.” O sr. Du Pont ergueu a mão. “Acho que posso lhe propiciar algum conforto. Acontece que sou proprietário de uma parte do Floridiana. Talvez o senhor tenha ouvido falar que inauguramos por volta da época do Natal? Os negócios vão muito bem, graças a Deus. Estamos realmente incomodando o velho Fountainbleu”, o sr. Du Pont riu, complacente. “É assim que chamamos o Fountainebleau por aqui. Agora, o que me diz, senhor Bond? Terá o melhor apartamento — mesmo se formos obrigados a despejar algum hóspede. E estará me fazendo um verdadeiro favor.” O sr. Du Pont lhe deu um olhar de súplica.

Bond já resolvera aceitar — às cegas. Qualquer que fosse o problema do sr. Du Pont — chantagem, gângsteres, mulheres — seria uma forma qualquer de preocupação típica de gente rica. Eis a fatia de boa vida que ele andara procurando. Aceite. Bond começou a protestar educadamente. Foi interrompido pelo sr. Du Pont. “Por favor, senhor Bond. Creia-me, fico grato, muito grato mesmo.” Estalou os dedos chamando a garçonete. Quando ela chegou, deu as costas a Bond e pagou a conta à revelia deste. Como muitos ricos, achava que exibir dinheiro, deixar alguém ver as gorjetas que dava, era um exibicionismo barato. Enfiou o rolo de dinheiro de volta no bolso da calça (os ricos não usam o bolso de trás) e pegou Bond pelo braço. Sentindo a resistência de Bond ao contato, retirou a mão. Desceram a escada até o saguão principal.

“Agora, vamos acertar a sua reserva.” O sr. Du Pont se dirigiu ao balcão da Transamerica. Bastaram algumas boas e breves palavras para que demonstrasse o poder e eficiência com que reinava no seu próprio território americano.

“Sim, senhor Du Pont. Certamente, senhor Du Pont. Cuidarei disso, senhor Du Pont.”

Lá fora, um reluzente Chrysler Imperial encostou com um suspiro no meio-fio. O motorista de aspecto durão, em um uniforme marrom-claro, se apressou em abrir a porta. Bond embarcou, acomodando-se no estofado

macio. Estava fresco, quase frio, no interior do carro. O representante da Transamerican veio, todo atarefado, trazer a valise de Bond, entregando-a ao motorista e voltando, depois de uma meia medida, ao terminal. “Vamos ao Bill’s on the Beach”, disse o sr. Du Pont ao motorista, e o grande carro partiu suavemente, passando pelos estacionamento apinhados até chegar à estrada.

O sr. Du Pont se refestelou no assento. “Espero que goste de caranguejos-vermelhos, senhor Bond. Já experimentou?”

Bond respondeu que sim, gostara muito.

O sr. Du Pont falou sobre o Bill’s on the Beach e sobre os méritos relativos dos caranguejos-vermelhos e dos caranguejos-do-Alasca, enquanto o Chrysler Imperial cruzava o centro de Miami, ao longo do Biscayne Boulevard, atravessando a baía de Biscaia pelo elevado Douglas MacArthur. Bond fazia comentários apropriados, deixando-se levar por aquele belo fluxo de velocidade, conforto e conversa fiada de gente rica.

Pararam diante de uma fachada branca, em falso estilo Regência, de gesso e madeira. Um rabisco de néon rosa anunciava: BILL’S ON THE BEACH. Enquanto Bond desembarcava, o sr. Du Pont dava instruções ao motorista. Bond entreteve as palavras “Suíte Aloha”, e “se houver qualquer problema, diga ao sr. Fairlie para ligar para mim aqui. Certo?”

Subiram a pequena escada. Lá dentro, o grande salão era todo pintado de branco, com grinaldas de musselina rosa sobre as janelas. Havia luminárias cor-de-rosa nas mesas. O restaurante estava apinhado de gente bronzeada com roupas caras em estilo tropical — camisas de cores vivas, braceletes de ouro chacoalhantes, óculos escuros com aros decorados de brilhantes, simpáticos chapéus de palha locais. Uma miscelânea de perfumes, permeada pelo cheiro esquisito de corpos que haviam passado o dia ao sol.

Bill, um italiano meio afeminado, correu ao encontro deles. “Veja só, senhor Du Pont. Que prazer. Está um pouco cheio esta noite. Mas logo o acomodaremos. Por aqui, por favor.” Com um grande cardápio encadernado em couro erguido acima da cabeça, o sujeito costurava caminho entre os comensais em direção à melhor mesa do restaurante, uma mesa de canto para seis. Afastou duas cadeiras, estalou os dedos chamando o maître e o sommelier, colocou os dois cardápios diante deles, trocou cumprimentos com o sr. Du Pont e foi embora.

O sr. Du Pont fechou seu cardápio com um estalo. Disse a Bond. “Por que não deixa que eu faça as escolhas? Se vier algo de que não gosta, basta devolver.” E para o maître: “Caranguejos-vermelhos. Congelados não.

Frescos. Manteiga derretida. Torradas grossas. Está certo?”

“Muito bem, senhor Du Pont.” O sommelier veio, esfregando as mãos, substituir o maître.

“Duas garrafas pequenas de champanhe rosé. Pommery 1950. Em jarras de prata. Ouviu?”

“Perfeitamente, senhor Du Pont. Um coquetel para começar?”

O sr. Du Pont virou-se para Bond. Este sorriu, erguendo as sobrancelhas.

Bond falou, “Vodca martíni, por favor. Com uma casca de limão.”

“Pode ser dois”, emendou o sr. Du Pont. “Duplos.” O sommelier se afastou depressa. Depois de se recostar na cadeira, o sr. Du Pont tirou seus cigarros e o isqueiro. Olhou em volta do salão, respondeu com um sorriso e a mão erguida a um ou dois acenos, olhou de relance para as mesas vizinhas. Aproximou sua cadeira de Bond. “Infelizmente não posso remediar esse barulho”, desabafou em tom de desculpa. “Só venho aqui pelos caranguejos. São algo do outro mundo. Espero que não seja alérgico a eles. Uma vez trouxe uma garota aqui, dei-lhe caranguejos e seus lábios incharam como pneus de bicicleta.”

Bond se divertiu com a mudança operada no sr. Du Pont — a conversa espirituosa, o comportamento seguro depois que acreditou ter fisgado Bond, colocando-o na sua folha de pagamento. Era um sujeito diferente do pretendente tímido que abordara Bond no aeroporto. O que o sr. Du Pont queria de Bond? A proposta surgiria a qualquer momento agora. Bond respondeu. “Não tenho alergia a nada.”

“Que bom, que bom.”

Fez-se uma pausa. O sr. Du Pont abriu e fechou a tampa do isqueiro várias vezes. Percebeu que fazia um barulho irritante e afastou o objeto. Decidiu-se. Falou olhando as próprias mãos estendidas diante dele na mesa. “Já jogou canastra, senhor Bond?”

“Já. É um belo jogo. Eu gosto.”

“Canastra a dois?”

“Sim. Mas não é tão divertido. Se a pessoa não fizer besteira — se nenhum dos dois fizer — a tendência é empatar. Trata-se da estatística das cartas. Não há oportunidade de se abrir uma grande vantagem no jogo.”

O sr. Du Pont fez um gesto de concordância com a cabeça, enfático. “Exatamente. Foi o que eu disse comigo mesmo. No decorrer de mais ou

menos cem partidas, dois jogadores com a mesma capacidade acabarão empatados. Não chega a ser um jogo tão bom quanto Gin ou Oklahoma, mas de certo modo é exatamente o que gosto nele. Você passa tempo, manuseia uma porção de cartas, passa por fases vencedoras e perdedoras, ninguém se machuca. Certo?”

Bond meneou a cabeça. Chegaram os martinis. O sr. Du Pont disse para o sommelier, “traga mais dois dentro de dez minutos.” Beberam. O sr. Du Pont virou-se e encarou Bond. Tinha uma expressão inconformada, amassada. Perguntou, “o que o senhor diria, senhor Bond, se eu lhe dissesse que perdi vinte e cinco mil dólares em uma semana jogando canastra a dois?” Bond estava prestes a responder quando Du Pont ergueu a mão. “E veja só, sou um bom jogador. Membro do Regency Club. Jogo muito com gente como Charlie Goren, Johnny Crawford — bridge, isto é. Mas o que quero dizer é que conheço os meandros da mesa de jogo.” O sr. Du Pont sondou o olhar de Bond.

“Se jogou o tempo todo com o mesmo parceiro, foi roubado.”

“Exata-mente”. O sr. Du Pont bateu com a mão espalmada na toalha. Recostou-se. “Exata-mente. Foi o que disse comigo mesmo depois de ter perdido — perdido durante quatro dias inteiros. Então, falei comigo mesmo, esse filho da mãe está me roubando, juro que vou descobrir como, para enxotá-lo de Miami. Por isso dobrei o cacife, e depois dobrei de novo. Ele continuou muito satisfeito. Fiquei observando cada gesto, cada carta que ele jogava. Nada! Nenhuma pinta, nenhum sinal. As cartas não estavam marcadas. Permitia que eu trocasse de baralho toda vez que quisesse. Baralho meu. Jamais viu a minha mão — não podia, pois estava sentado bem defronte a mim. Nenhum consultor informal para lhe dar dicas. E não parou de ganhar, ganhar. Ganhou de novo hoje de manhã. E de novo de tarde. Finalmente fiquei tão aborrecido com o jogo — não demonstrei, veja só.” Bond poderia julgar que ele não tinha espírito esportivo. “Saldei educadamente a minha dívida. Mas sem dizer nada a esse sujeito, arrumei a mala e fiz uma reserva no primeiro avião para Nova York. Veja só.” O sr. Du Pont ergueu as duas mãos de modo expressivo. “Sendo obrigado a fugir. Mas vinte e cinco mil dólares são vinte e cinco mil dólares. Vi que a coisa chegaria a cinquenta, cem. E eu não poderia suportar mais um jogo desses, nem o fato de não ter podido desmascarar aquele cara. Por isso me mandei. O que acha disso? Eu, Junius Du Pont, jogando a toalha porque não conseguia aguentar mais a surra que estava levando!”

Bond deu um grunhido solidário. Chegou a segunda rodada de drinques.

Bond ficou ligeiramente interessado, sempre se interessava por qualquer coisa relativa ao baralho. Era capaz de visualizar a cena, os dois homens jogando, jogando, um deles embaralhando tranquilamente, dando as cartas, marcando os pontos, enquanto o outro descartava sempre no meio da mesa, com um gesto de aborrecimento contido. O sr. Du Pont estava sendo obviamente roubado. Como? Bond comentou, “vinte e cinco mil é bastante dinheiro. Jogavam a quanto?”

O sr. Du Pont pareceu encabulado. “A vinte e cinco cents o ponto. Depois a cinquenta. Depois a um dólar. Um jogo bastante alto, com os pontos chegando a uma média de dois mil. Mesmo a vinte e cinco cents isso dá quinhentos dólares por jogo. A um dólar, se você continua perdendo, é um massacre.

“Você deve ter ganhado em uma ou outra ocasião.”

“Ah, com certeza, mas assim que eu encurralava o f.d.p. para o golpe de misericórdia, ele baixava o maior jogo possível na mesa e descartava. E minorava as perdas. É certo que ganhei uns trocados, mas só quando ele precisava apenas de cento e vinte para bater e eu tinha todas as cartas certas. Mas sabe como é a canastra, é preciso saber descartar. Criar armadilhas para o adversário te dar o descarte. Mas, puxa, ele parecia adivinhar meu pensamento! Sempre que eu criava uma armadilha, ele conseguia se safar, e toda vez que ele criava uma para mim, eu caía direitinho. Quanto a me ceder o descarte — ele escolhia as cartas mais danadas quando pressionado — descartando ases, cartas avulsas, Deus sabe o quê, e sempre se dava bem. Era como se soubesse cada carta que eu tinha na mão.

“Havia espelhos na sala?”

“Claro que não! A gente sempre jogava ao ar livre. Ele dizia que queria se bronzear. E era verdade. Ficou vermelho como uma lagosta. Só jogava de manhã e de tarde. Disse que se jogasse de noite depois não conseguia dormir.”

“Quem é esse sujeito, afinal? Como se chama?”

“Goldfinger.”

“Nome?”

“Auric. Quer dizer dourado, não é? Exatamente o que ele é. Tem cabelos ruivos flamejantes.”

“Nacionalidade?”

“Você não vai acreditar, mas é inglês. Residente em Nassau. A gente acha

que ele é judeu, com esse nome, mas parece que não. O Floridiana tem lá suas restrições. Ele não teria se hospedado, se fosse. Passaporte de Nassau. Quarenta e dois anos de idade. Solteiro. Profissão, corretor. Soube disso tudo pelo seu passaporte. Dei uma olhada através do segurança da casa, quando comecei a jogar com ele.”

“Corretor de quê?”

Du Pont deu um sorriso contrafeito. “Perguntei-lhe. Disse, ‘ah, do que aparecer’. É um sujeito esquivo. Se fecha em copas quando você lhe faz uma pergunta direta. Mas conversa agradavelmente sobre tudo o mais.”

“Quanto vale?”

“Ah!”, exclamou exuberantemente o sr. Du Pont. “Isso é que é o pior. É podre de rico. Podre! Mandeí meu banco verificar em Nassau. O cara está montado. Tem milionários em penca em Nassau, pois ele é tido como o maior, ou o segundo maior deles. Parece que guarda seu dinheiro em barras de ouro. Muda-as bastante de lugar no mundo inteiro, para se beneficiar das diferenças do preço do ouro. Age como se fosse a droga de um banco central. Não confia nas moedas sonantes. Não posso dizer que esteja errado quanto a isso, e já que é um dos sujeitos mais ricos, deve haver algo positivo no seu sistema. Mas a questão é, por que, sendo tão rico, quis me deparar desses míseros vinte e cinco mil?”

A azáfama dos garçons em volta da mesa poupou Bond de ter que pensar na resposta. Em meio a um cerimonial e tanto, a larga travessa de prata cheia de caranguejos, dos grandes, com as pinças e carapaças quebradas, foi colocada no centro da mesa. Uma molheira de prata cheia de manteiga derretida e um prato comprido com torradas foram postos ao lado de cada prato. As jarras de champanhe estavam cobertas de espuma rosada. Finalmente, com um sorriso afetado, o maître se aproximou do encosto de suas cadeiras, atando nos seus pescoços longos guardanapos brancos de seda, que iam até o colo.

Bond se lembrou de Charles Laughton no papel de Henrique VIII, mas nem os comensais vizinhos nem o sr. Du Pont pareceram se espantar com aquela exibição de gula. O sr. Du Pont, depois de dizer, animado, “cada um por si”, botou avidamente vários pedaços de caranguejo no prato, deu-lhes um banho de manteiga derretida, e entrou neles com vontade. Bond seguiu-o e passou a comer, ou melhor, a devorar a refeição mais deliciosa de sua vida.

A carne dos caranguejos vermelhos era a mais tenra e deliciosa carne de crustáceos que ele jamais comera. Estava acompanhada com perfeição pela

secura das torradas e o gosto levemente queimado da manteiga derretida. O champanhe parecia ter o mais leve perfume de morangos. Estava quase congelando. Depois de cada porção de caranguejo, o champanhe limpava o paladar para a porção seguinte. Comeram absortos, incansavelmente, quase sem falar, até que a travessa estivesse vazia.

Com um ligeiro arroteio, o sr. Du Pont limpou pela última vez a manteiga em seu queixo com o guardanapo de seda e se recostou na cadeira. Seu rosto estava afogueado. Olhou com orgulho para Bond. Falou reverentemente: “Senhor Bond, duvido que haja outra pessoa no mundo que tenha jantado tão bem quanto nós esta noite. O que me diz?”

Bond pensou, pedi um pouco de boa vida, de vida fácil. O que estou achando? O que estou achando de comer como um porco e depois ouvir comentários assim? De repente a ideia de comer outra refeição como aquela, ou, na verdade, compartilhar qualquer outra refeição com o sr. Du Pont, causou-lhe revolta. Mas sentiu vergonha de sua repugnância. Pedira e lhe fora dado. Era o seu lado puritano que não conseguia aceitar isso. Fizera seu pedido e o pedido não só lhe fora concedido, como empurrado garganta abaixo. Bond respondeu, “quanto a isso, não sei dizer, mas certamente foi excelente”.

O sr. Du Pont ficou satisfeito. Pediu café. Bond recusou a oferta de licores e charutos. Acendeu um cigarro e esperou com interesse que a isca lhe fosse apresentada. Sabia que ela viria. Era óbvio que tudo aquilo fazia parte dela. Está certo, que viesse.

O sr. Du Pont deu um pigarro. “E agora, senhor Bond, tenho uma proposta a lhe fazer”; deu um olhar fixo para Bond, tentando avaliar previamente sua reação.

“Sim?”

“O nosso encontro no aeroporto foi certamente providencial.” A voz do sr. Du Pont era grave, sincera. “Nunca esquecerei como nos conhecemos da primeira vez no Royale. Lembro de cada detalhe — sua frieza, sua audácia, seu manejo das cartas.” Bond abaixou os olhos para a toalha da mesa. Mas o sr. Du Pont já se cansara de seu panegírico. Disse rápido, “Sr. Bond, eu lhe pagarei dez mil dólares para permanecer aqui como meu convidado, até descobrir como este Goldfinger ganha de mim no jogo.”

Bond olhou nos olhos do sr. Du Pont. “É uma bela oferta, senhor Du Pont. Mas preciso voltar para Londres. Preciso estar em Nova York para pegar meu avião, dentro de quarenta e oito horas. Se o senhor jogar como

sempre amanhã de manhã e de tarde, isso bastará para que eu lhe dê uma resposta. Mas terei de partir amanhã à noite, mesmo se não conseguir ajudá-lo. Combinado?”

“Combinado”, respondeu o sr. Du Pont.

3.

O HOMEM COM AGORAFOBIA

A agitação das cortinas acordou Bond. Jogou de lado o único lençol e andou pelo tapete grosso e felpudo até a janela panorâmica que tomava uma parede inteira. Descerrou as cortinas e passou para o balcão ensolarado.

As lajotas pretas e brancas em forma de xadrez estavam mornas, quase quentes para os pés, embora não pudessem ser ainda oito horas. Uma brisa fresca soprava do mar enfunando as bandeiras de todos os países, que pendiam dos iates ao longo do píer da marina particular. Bond apostou que embora os visitantes gostassem daquela brisa, os habitantes a detestavam. Era uma brisa úmida, cheia de maresia. Ela enferrujava todas as peças metálicas das casas, manchava as páginas dos livros, fazia apodrecer o papel de parede e as pinturas, criava mofo nas roupas.

Doze andares abaixo, os jardins formais, ponteados de palmeiras, canteiros de cróton de cores vivas, riscados de caminhos bem traçados de cascalho entre avenidas de buganvílias, eram esmerados e tediosos. Os jardineiros estavam trabalhando, passando ancinhos nos caminhos, tirando as folhas, na letárgica câmera lenta dos serviços de cor. Dois cortadores de grama aparavam os gramados, e os aspersores espalhavam graciosos jatos d'água na grama já cortada.

Diretamente abaixo de Bond, a curva elegante do Cabana Club se estendia até a praia — dois andares de vestiários sob uma laje pontilhada de mesas e cadeiras e o ocasional para-sol listrado de vermelho e branco. A curva abrigava o retângulo verde brilhante da piscina olímpica, cercada de todos os lados por fileiras e mais fileiras de espreguiçadeiras acolchoadas, onde em breve os hóspedes se estenderiam para obter o seu bronzeado de cinquenta dólares diários. Sujeitos de paletós brancos trabalhavam entre elas, endireitando as fileiras, virando os colchões e varrendo as guimbas de cigarro da véspera. Adiante se avistava a praia dourada e o mar, e mais homens — limpando a areia, estendendo colchões, armando guarda-sóis. Não era de espantar que o pequeno cartaz bem-feito, colado dentro do armário de Bond, anunciasse uma diária de duzentos dólares pela Suíte Aloha. Bond fez um

cálculo aproximado. Se tivesse que pagar a conta, em três semanas gastaria exatamente o seu salário de um ano inteiro. Bond sorriu alegremente consigo mesmo. Voltou para o quarto, pegou o telefone e pediu um café da manhã delicioso, exagerado, uma caixa de Chesterfields king-size e os jornais.

Eram oito horas, ele já se barbeara, tomara uma chuva fria e se vestira. Foi até a sala de estar elegante onde encontrou um garçom, em um uniforme pêssego e dourado, servindo seu café da manhã ao lado da janela. Bond deu uma olhada no *Miami Herald*. A primeira página era dedicada ao fracasso de um míssil ICBM no vizinho cabo Canaveral, e a um acidente feio em uma corrida importante em Hialeah.

Bond deixou o jornal cair no chão, sentou-se e tomou lentamente o café da manhã, pensando sobre o sr. Du Pont e o sr. Goldfinger.

Seus pensamentos não chegaram a conclusão alguma. Ou o sr. Du Pont era um jogador muito pior do que ele mesmo imaginava, o que parecia improvável, segundo a leitura que Bond fizera de seu caráter decidido e esperto, ou então Goldfinger era ladrão. Se Goldfinger roubasse no jogo, embora não precisasse de dinheiro, certamente enriquecera roubando ou através de alguma prática ilegal, em grande escala. Bond se interessava por grandes bandidos. Antecipava com ansiedade a primeira vez em que veria aquele sujeito. Ansiava também por decifrar o método altamente eficiente e, segundo tudo indicava, altamente misterioso, de Goldfinger depenar o sr. Du Pont. Seria um dia muito divertido. Bond esperava indolentemente que começasse.

O plano era encontrar o sr. Du Pont no jardim às dez horas. A história era que Bond viera de avião de Nova York para vender ao sr. Du Pont um lote de ações de uma holding inglesa de uma jazida de gás natural canadense. Goldfinger não pensaria em pedir detalhes desse assunto obviamente confidencial. Ações, gás natural, Canadá. Era tudo o que Bond precisava lembrar. Iriam juntos para o terraço do Cabana Club, onde jogariam enquanto Bond leria o jornal e observaria. Depois do almoço, durante o qual Bond e o sr. Du Pont discutiriam o seu negócio, tudo recomeçaria como antes. O sr. Dupont perguntara se havia alguma outra coisa útil que ele pudesse fornecer. Bond respondera que precisava do número da suíte de Goldfinger e de uma chave mestra. Explicara que se Goldfinger fosse um vigarista profissional, ou até mesmo um amador eficiente, viajaria com as ferramentas comuns do ofício — cartas marcadas, adulteradas, o aparelho para esconder as cartas na manga e assim por diante. O sr. Du Pont dissera que lhe daria a chave quando encontrasse Bond no jardim. Não teria dificuldade em arranjá-la com o

gerente.

Depois do café da manhã, Bond relaxou, olhando distraído para o meio do mar. Não estava nervoso com o serviço à vista, apenas interessado e entretido. Era exatamente o tipo de trabalho que precisava para limpar o paladar, depois do México.

Às nove e meia Bond deixou a suíte e começou a perambular pelos corredores, perdendo-se a caminho do elevador, para fazer um reconhecimento da planta do hotel. Em seguida, depois de ter encontrado a mesma arrumadeira duas vezes, pediu informações, desceu pelo elevador e foi passear, entre o pessoal que acordava cedo, na Pineapple Shopping Arcade, a galeria comercial do hotel. Deu uma olhada na Bamboo Coffee Shoppe, no Rendezvous Bar, no restaurante La Tropicala, no Kittekat Klub, para crianças, e na boate Boom-Boom Nighterie. Em seguida foi ostensivamente até o jardim. O sr. Du Pont, vestido agora “para a praia” por Abercrombie & Fitch, deu-lhe a chave para a suíte de Goldfinger. Foram flanando até o Cabana Club, subindo os dois pequenos lances de escada até o terraço.

A primeira imagem que Bond teve do sr. Goldfinger foi espantosa. No canto extremo do terraço, logo embaixo do prédio do hotel, estava deitado um sujeito com as pernas dobradas em uma espreguiçadeira.

Não usava nada senão uma sunga amarela de cetim, óculos escuros e asas largas de lata sob o queixo. As asas, que pareciam se ajustar em volta do pescoço, projetavam-se além dos ombros e depois se curvavam ligeiramente para cima até as bordas arredondadas.

Bond perguntou, “Que diabo ele está usando em volta do pescoço?”

“Nunca viu uma dessas?” O sr. Du Pont ficou surpreso. “É um negócio que ajuda a bronzear. Lata polida. Reflete o sol debaixo do queixo e sob as orelhas — lugares que normalmente não pegam sol.”

“Veja só, veja só”, exclamou Bond.

Quando estavam a alguns metros da figura inclinada, o sr. Du Pont chamou animado, em um tom de voz que pareceu a Bond alto demais, “Olá!”.

O sr. Goldfinger não se mexeu.

O sr. Du Pont comentou no seu tom de voz normal, “É muito surdo.” Já estavam agora aos pés do sr. Goldfinger. O sr. Du Pont repetiu a saudação.

O sr. Goldfinger sentou-se abruptamente. Tirou os óculos escuros. “Ah, olá.” Tirou as asas do pescoço, botando-as com cuidado no chão a seu lado, e

levantou-se com certa dificuldade. Observou Bond com um olhar lento de curiosidade.

“Quero que conheça o senhor James Bond. Um amigo meu de Nova York. Seu compatriota. Veio até aqui para tentar me convencer a fazer um negócio.”

O sr. Goldfinger estendeu a mão. “É um prazer, senhor Bomb.”

Bond apertou a mão. Era dura e seca. Depois de uma ligeira pressão, retirou-se. Por um momento, os olhos claros, azul-porcelana do sr. Goldfinger deram um olhar fixo e duro para Bond. Perscrutaram seu rosto até a nuca. Em seguida as pálpebras caíram, o obturador de raios X fechou, e o sr. Goldfinger pegou a chapa exposta e arquivou-a no seu cérebro.

“Então, hoje não temos jogo.” A voz era inexpressiva, sem colorido. As palavras saíram mais como afirmação do que indagação.

“O que você quer dizer, não temos jogo?” gritou impetuosamente o sr. Du Pont. “Não me diga que estava achando que eu ia lhe deixar colado ao meu dinheiro? Preciso recuperá-lo, senão não poderei sair dessa porcaria de hotel”, o sr. Du Pont deu uma risadinha bem sonora. “Direi a Sam para arrumar a mesa. O nosso James diz que não entende muito de baralho e gostaria de aprender a jogar. Não é, James?” Virou-se para Bond. “Tem certeza que ficará bem lendo o jornal e tomando sol?”

“Ficarei muito satisfeito descansando”, respondeu Bond. “Tenho viajado demais.”

Os olhos perscrutaram Bond de novo, em seguida. “Vou botar uma roupa. Tinha a intenção de tomar uma aula de golfe com o sr. Armour, hoje à tarde em Boca Raton. Mas as cartas têm prioridade entre os meus hobbies. Minha tendência de abaixar o pulso prematuramente com os tacos intermediários terá de esperar.” Os olhos pousaram de modo indiferente em Bond. “O senhor joga golfe, senhor Bomb?”

Bond ergueu a voz. “Uma vez ou outra, quando estou na Inglaterra.”

“E onde joga?”

“Huntercombe.”

“Ah — um campinho muito agradável. Ingressei há pouco no Royal St. Marks. Sandwich fica perto de um dos meus empreendimentos. Conhece?”

“Já joguei lá.”

“Qual é seu handicap?”

“Nove.”

“Que coincidência. É o meu também. Precisamos jogar um dia.” O sr. Goldfinger se inclinou e pegou suas asas de lata. Falou para o sr. Du Pont, “Volto dentro de cinco minutos.” Afastou-se devagar em direção à escada.

Bond se divertiu. Aquela sondagem social teve o toque certo e displicente do magnata que pouco se importava se ele estivesse vivo ou morto. Mas já que ele estava ali presente e vivo não custava encaixá-lo aproximadamente em uma categoria qualquer.

O sr. Du Pont deu instruções a um garçom de paletó branco. Havia outros dois armando a mesa de jogo. Bond se aproximou da balaustrada de ferro que cercava o terraço e olhou para o jardim abaixo, pensando no sr. Goldfinger.

Estava impressionado. O sr. Goldfinger era um dos sujeitos mais descontraídos que Bond já conhecera. Isto se evidenciava na economia de seus movimentos, de sua fala, de suas expressões fisionômicas. O sr. Goldfinger não desperdiçava nenhum esforço, mas mesmo assim havia algo comprimido, enrodilhado como uma mola na imobilidade daquele homem.

Quando Goldfinger se levantara, a primeira coisa que impressionara Bond era que tudo estava fora de proporção. Goldfinger era baixo, não tinha mais de um metro e cinquenta e dois, e encimando o corpo atarracado e as pernas rudes de camponês, quase diretamente em cima dos ombros, havia uma enorme cabeça, parecendo exatamente redonda. Era como se Goldfinger tivesse sido composto de pedaços de corpos de outras pessoas. Nada parecia pertencer a ele. Talvez essa mania de se bronzear fosse para esconder sua feiura, pensou Bond. Sem a camuflagem do bronzeamento avermelhado, o corpo esbranquiçado seria grotesco. O rosto, sob a moita de cabelos cor de cenoura cortados à escovinha, era tão espantoso quanto o corpo, ainda que menos feio. Tinha forma de lua, sem ser parecido com a lua. A testa grande ficava-lhe bem, e as sobrancelhas finas cor de areia, niveladas sobre os grandes olhos azul-claros, eram orladas de cílios descorados. O nariz era aquilino e polpudo, no meio de maçãs do rosto altas e faces mais musculosas do que gordas. A boca era fina e perfeitamente reta, mas belamente talhada. O queixo e as mandíbulas firmes reluziam de saúde. Resumindo, pensou Bond, o rosto era de um pensador, talvez de um cientista: impiedoso, sensual, estoico e duro. Estranha combinação.

Que mais podia adivinhar? Bond sempre desconfiou de homens baixos. Crescem desde pequenos com um complexo de inferioridade. Buscam ser grandes durante toda a vida — maiores do que os outros que implicaram com

eles quando crianças. Napoleão fora baixo, e Hitler. Os baixinhos é que provocam toda a confusão no mundo. E que pensar de um sujeito meio deformado, com cabelos ruivos e o rosto bizarro? O produto disso tudo bem poderia ser um desajustado formidável. Com certeza, era possível sentir as repressões. O sujeito era uma usina de vitalidade, dando a impressão de que, se enfiássemos uma lâmpada na boca de Goldfinger, ela acenderia. Bond sorriu dessa imagem. Que canais Goldfinger empregaria para liberar sua força vital? Enriquecendo? Através do sexo? Do poder? Provavelmente através dos três. Qual seria sua história? Talvez hoje fosse inglês. Mas onde nascera? Não era judeu — embora pudesse ter sangue judeu. Não era latino ou qualquer outra coisa mais meridional. Não era eslavo. Talvez alemão — não, um sujeito do Báltico! Devia ser de lá. De uma das províncias bálticas. Provavelmente fora obrigado a fugir dos russos. Goldfinger teria recebido algum aviso, ou seus pais tinham conseguido tirá-lo de lá a tempo. E o que acontecera depois? Qual a sua trajetória para se tornar um dos homens mais ricos do mundo? Um dia seria interessante descobrir isso. Por enquanto, bastava descobrir como ganhava no jogo.

“Tudo pronto?” O sr. Du Pont chamou Goldfinger, que se aproximou da mesa do jogo. Vestido — terno azul-escuro de corte confortável, com uma camisa branca sem gravata —, Goldfinger quase chegava a ser apresentável. Mas não havia como disfarçar a enorme cabeça marrom e vermelha do tamanho de uma bola de futebol; e o aparelho de surdez cor de carne enfiado no ouvido esquerdo nada fazia para melhorar sua aparência.

O sr. Du Pont estava sentado de costas para o hotel. Goldfinger sentou-se diante dele e cortou o baralho. Du Pont ganhou o corte, empurrou o segundo baralho em direção a Goldfinger, bateu nele para indicar que já estava embaralhado e ele não se daria ao trabalho de cortar, e Goldfinger começou a dar as cartas.

Bond chegou-se lentamente e pegou uma cadeira, ao lado do sr. Du Pont. Recostou-se e relaxou. Fez questão de dobrar o jornal ostensivamente na página de esportes e ficou observando o jogo.

De certo modo era o que Bond esperara, mas aquele sujeito não era nenhum ás do baralho. Goldfinger dava as cartas rapidamente, com destreza, mas sem segurá-las com o profissionalismo dos três dedos prendendo a borda superior das cartas, e o indicador pronto para puxar as de baixo ou a segunda. E não usava nenhum anel, nenhum dedo com esparadrapo que pudesse marcar as cartas.

O sr. Du Pont virou-se para Bond. “A gente dá quinze cartas”, explicou.

“Compre duas e descarte uma. Além disso, é só seguir as regras clássicas. Nada dessas invenções europeias de dar um valor maior a determinadas cartas, só pela cor delas.”

O sr. Du Pont pegou suas cartas. Bond notou que ele arrumava a mão com habilidade, sem botar as cartas da esquerda para a direita segundo o seu valor crescente, ou as isoladas, das quais tinha duas, no canto esquerdo — esquema que poderia servir de indicação a algum adversário observador. O sr. Du Pont concentrava suas cartas boas no centro, com as isoladas e as sequências furadas, de cada lado.

O jogo começou. O sr. Du Pont comprou primeiro, um par milagroso e inesperado. Sua expressão não revelou nada. Descartou displicentemente. Faltavam apenas mais duas cartas para bater de surpresa. Mas precisava de sorte. Comprar duas cartas duplica a chance de obter as cartas necessárias, mas também duplica a chance de pegar cartas inúteis que irão entulhar a mão.

Goldfinger jogava de modo mais deliberado, irritantemente lento. Depois de comprar, remexia duas vezes as suas cartas antes de decidir o descarte.

Na terceira compra, Du Pont melhorou a sua mão a ponto de agora só precisar de cinco cartas para baixar e bater direto, pegando seu oponente com a mão cheia de cartas que significavam pontos negativos. Como se Goldfinger soubesse o perigo que corria, baixou metade de sua mão e começou uma canastra com três cartas que fora comprando, e quatro cincos. Livrou-se também de algumas trincas e acabou com apenas quatro cartas na mão. Em qualquer outra circunstância, seria jogar ridiculamente mal. Mas, naquela situação, acabou fazendo cerca de quatrocentos pontos, em vez de perder mais de cem, porque na próxima compra o sr. Du Pont completou a sua mão e, com seu triunfo empanado pela evasiva de Goldfinger, bateu de surpresa com as duas canastras regulamentares.

“Que diabo, quase lhe pego desta vez.” O tom de voz do sr. Du Pont tinha uma ponta de irritação. “O que fez com que baixasse de qualquer maneira para escapar?”

Goldfinger respondeu com indiferença, “Farejei encrenca.” Somou seus pontos, declarou-os e anotou-os, à espera que o sr. Du Pont fizesse o mesmo. Em seguida cortou o baralho e recostou-se, examinando Bond com um interesse polido.

“O senhor ficará muito tempo, senhor Bomb?”

Bond deu um sorriso. “É Bond, B-O-N-D. Não, preciso voltar para Nova York esta noite.”

“Que pena.” Goldfinger repuxou a boca em sinal de desapontamento educado. Voltou às cartas e o jogo prosseguiu. Bond pegou o jornal e fingiu consultar os resultados do beisebol, enquanto ouvia a rotina tranquila do jogo. Goldfinger ganhou aquela rodada, a seguinte e a seguinte. O jogo também. Por uma diferença de mil e quinhentos pontos — mil e quinhentos dólares para Goldfinger.

“Mais uma vez!” Era a voz queixosa do sr. Du Pont.

Bond abaixou o jornal. “Geralmente é ele quem ganha?”

“Geralmente!” A palavra saiu como um rosnado. “Sempre ganha.”

Cortaram de novo e Goldfinger começou a dar as cartas.

Bond disse, “Vocês não cortam para escolher onde sentam? Em minha opinião, mudar de lugar também pode mudar a sorte. Talvez se evite os mesmos riscos.”

Goldfinger parou de dar as cartas. Fitou Bond com ar grave. “Infelizmente, senhor Bond, isto não é possível porque de outro modo não poderei jogar. Como expliquei para o senhor Du Pont no nosso primeiro jogo, sofro de uma rara perturbação — agorafobia — medo dos espaços abertos. Não posso tolerar o horizonte vazio. Preciso me sentar de frente para o hotel.” E continuou a dar as cartas.

“Ah, que pena.” A voz de Bond era séria, interessada. “É mesmo um distúrbio raro. Sempre consegui compreender a claustrofobia, mas não o seu inverso. Como isso se deu?”

Goldfinger pegou as cartas e começou a arrumar sua mão. “Não faço ideia”, respondeu serenamente.

Bond se levantou. “Bem, vou esticar um pouco as pernas. Quero ver o que há na piscina.”

“Faça isso”, disse o sr. Du Pont, de modo jovial. “Fique tranquilo, James. Teremos muito tempo para discutir negócios durante o almoço. Verei se desta vez faço o meu amigo Goldfinger engolir uma derrota, invertendo a regra. A gente se vê em breve.”

Goldfinger não levantou os olhos das cartas. Bond flanou pelo terraço, passando ocasionalmente por um corpo estirado, até a balaustrada na outra extremidade, que dava para a piscina. Durante algum tempo, ficou contemplando as fileiras de corpos rosados, marrons, brancos dispostos embaixo nas espreguiçadeiras. O cheiro forte de óleo de bronzear subiu até

suas narinas. Havia algumas crianças e poucos jovens na piscina. Um homem, obviamente mergulhador profissional, ou talvez o salva-vidas, estava parado no trampolim mais alto. Equilibrou-se na ponta dos pés, um deus grego musculoso de cabelos louros. Deu uma levantada, alçou voo e caiu, com os braços estendidos como asas, que foram se fechando displicentemente para abrir caminho para o corpo pela água. Do impacto restou apenas uma pequena turbulência na superfície. O mergulhador deu outro mergulho, sacudindo a cabeça jovialmente. Colheu um punhado de aplausos. O sujeito avançou lentamente pela piscina, com a cabeça submersa e os ombros se movendo, negligentes, poderosos. Bond pensou, boa sorte, rapaz! Não poderá continuar fazendo isso por mais do que cinco, seis anos. Os mergulhadores de grande altura não aguentam muito tempo — esse impacto repetido no cérebro. Junto com o salto de esqui, que tinha o mesmo efeito devastador sobre o esqueleto, o mergulho era o esporte de menor vida útil. Bond mandou uma mensagem para o mergulhador: “Fature logo! Entre para o cinema enquanto seus cabelos ainda forem louros.”

Bond se virou e olhou de volta para o terraço, em direção aos dois jogadores de canastra sob o prédio. Então Goldfinger gostava de ficar de frente para o hotel. Ou gostava que o sr. Du Pont ficasse de costas para ele? Por quê? Agora, qual era mesmo o número da suíte do sr. Goldfinger? A nº 200, Suíte Havaí. A de Bond, no último andar, era a 1.200. Logo, tudo indicava que a suíte de Goldfinger, no segundo andar, ficava diretamente abaixo da de Bond, apenas a aproximadamente vinte metros do terraço do Cabana Club — a vinte metros da mesa de jogo. Bond contou os andares. Examinou com cuidado a parte da fachada em que o quarto de Goldfinger deveria ficar. Nada de mais. Um balcão ensolarado, vazio. Uma porta aberta dando para o interior escuro da suíte. Bond calculou distâncias, ângulos. Sim, devia ser assim. Devia ser assim! Que espertalhão, esse sr. Goldfinger!

4.

TIRANDO A MÁSCARA

Depois do almoço — o tradicional coquetel de camarão, pargo local com um minúsculo copo de papelão de *sauce tartare*, costelas de primeira assadas *au jus* e surpresa de abacaxi — era hora da siesta, antes de encontrar Goldfinger às três horas para a sessão da tarde.

O sr. Du Pont, que perdera uns dez mil dólares, ou mais, confirmou que Goldfinger tinha uma secretária. “Nunca a vi. Fica na suíte. Provavelmente apenas uma corista que ele trouxe a passeio. Por quê? Tem alguma pista?”

Bond não quis se comprometer. “Não posso ainda lhe dizer nada. Provavelmente não descerei esta tarde. Diga que fiquei entediado só assistindo — fui até a cidade.” Fez uma pausa. “Mas se minha ideia estiver certa, não se surpreenda com o que acontecerá. Se Goldfinger começar a ficar esquisito, olhe apenas e fique calado. Não prometo nada. Acho que o peguei, mas posso estar enganado.”

O sr. Du Pont ficou entusiasmado. “Que bom, rapaz!”, disse de modo esfuziante. “Mal posso esperar para ver esse filho da mãe desmascarado. Maldito seja ele!”

Bond pegou o elevador até a sua suíte. Apanhou na valise a Leica M3, o fotômetro, o filtro K2 e o flash. Botou uma lâmpada no flash e examinou a câmera. Foi até o balcão, olhou o sol para calcular sua posição mais ou menos às três e meia, e voltou para a sala de estar, deixando a porta do balcão aberta. Ficou na porta apontando o fotômetro. A velocidade era de um centésimo de segundo. Ajustou este valor na Leica, pôs a abertura em F 11 e a distância em nove metros e meio. Retirou a tampa da lente e bateu uma foto para ver se tudo funcionava. Em seguida, botou o filme, encaixou o flash e pôs a câmera de lado.

Bond foi de novo até a sua valise e tirou um livro grosso — *A Bíblia para ser lida como literatura* —, abriu-o e tirou a sua Walther PPK no coldre Berns Martin. Enfiou o coldre na cintura, à esquerda. Treinou sacar a arma uma ou duas vezes. Ficou satisfeito. Examinou de perto a localização de sua

suíte, presumindo que fosse exatamente igual à suíte Havaí. Visualizou a cena que certamente encontraria ao passar pela porta da suíte embaixo. Experimentou a chave mestra em várias fechaduras trancadas e treinou como abri-las silenciosamente. Em seguida puxou uma poltrona confortável para defronte da porta da sacada aberta e ficou sentado, fumando um cigarro, enquanto fitava o mar aberto, pensando como daria a notícia a Goldfinger, quando chegasse a hora.

Às três e quinze, levantou-se e foi até a sacada, olhando com cautela para as duas pequenas figuras junto ao quadrado de pano verde. Voltou para o quarto, verificou o fotômetro e a Leica. A luz estava igual. Enfiou o paletó do terno azul de tropical, ajeitou a gravata e passou a correia da Leica em volta do pescoço, de modo que a câmera ficasse na altura de seu peito. Em seguida, com uma última olhada em volta, saiu e foi até o elevador. Desceu até o térreo e examinou as vitrines no saguão. Depois que o elevador subira de novo, caminhou até a escada e subiu lentamente dois andares. A disposição do segundo andar era idêntica ao do décimo segundo. O quarto 200 ficava onde ele esperava que ficasse. Não havia ninguém à vista. Tirou a chave mestra e abriu a porta silenciosamente, fechando-a depois de passar. No pequeno vestíbulo, uma capa de chuva, um casaco leve de pelo de camelo e um chapéu cinza-claro pendiam do cabideiro. Bond pegou a Leica com firmeza na mão direita, manteve-a perto do rosto e experimentou delicadamente a porta que dava para a sala de estar. Não estava trancada. Bond abriu-a com cuidado.

Antes mesmo de ver o que esperava ver, ouviu a voz. Era a voz grave e atraente de uma garota, uma garota inglesa. Dizia, “Comprou um cinco e um quatro. Completou canastras de cinco com dois coringas. Descartou o quatro. Tem cartas isoladas: rei, valete, nove, sete.”

Bond entrou de mansinho no quarto.

A garota estava sentada em cima de duas almofadas sobre uma mesa, que havia sido arrastada até ficar a um metro da porta aberta da sacada. Precisava das almofadas para ficar mais alta. Estava na hora do auge do calor da tarde e ela estava praticamente nua, exceto por um sutiã preto e calcinhas pretas de seda. Balançava as pernas como se estivesse entediada. Acabara de pintar as unhas da mão esquerda. Agora estendeu a mão diante de si para examinar como ficara o serviço. Levou a mão perto da boca e soprou as unhas. A mão direita se estendeu lateralmente até o frasco da Revlon, a seu lado na mesa, onde botou o pincel. A alguns centímetros de seus olhos havia um potente binóculo sustentado por um tripé cujos pés passavam entre as suas pernas bronzeadas, até o chão. Projetando-se da parte de baixo dos binóculos via-se

um microfone, cujos fios se estendiam até uma caixa de som do tamanho de um toca-discos portátil, debaixo da mesa. Outros fios se estendiam da caixa até uma antena interna, no console contra a parede.

As calcinhas se esticaram quando ela se inclinou para a frente, encostando os olhos no binóculo. “Comprou uma rainha e um rei. Canastra de rainhas. Pode fazer uma canastra de reis com um coringa. Vai descartar um sete.” Desligou o microfone.

Enquanto ela estava concentrada, Bond caminhou rápido até ficar quase atrás dela. Havia uma cadeira. Subiu nela, rezando para que não rangesse. Agora ele estava à altura de ver a cena completa. Encostou o olho no visor da câmera. Sim, agora tudo se alinhava: a cabeça da garota, a borda do binóculo, o microfone e, a vinte metros lá embaixo, os dois homens à mesa, com a mão de cartas do sr. Du Pont estendida diante dele. Bond podia distinguir os vermelhos e os pretos. Apertou o botão.

A repentina explosão e o clarão ofuscante da lâmpada provocaram um grito rápido na garota. Virou-se depressa.

Bond desceu da cadeira. “Boa tarde.”

“Quem é você? O que quer?” A garota pôs a mão na boca. Seus olhos estavam gelados de medo.

“Já consegui o que quero. Não se preocupe. Tudo já passou. Meu nome é Bond, James Bond.”

Ele colocou a câmera com cuidado na cadeira, aproximando-se até ficar ao alcance do perfume dela. Era muito bonita. Tinha cabelos louros claríssimos, que caíam pesadamente até os ombros. De um comprimento fora de moda. Seus olhos eram de um azul profundo, contrastando com a pele levemente bronzeada, e a boca, generosa, impetuosa, deveria ser capaz de um belo sorriso.

Ela se levantou, tirou a mão da boca. Era alta, talvez tivesse um metro e setenta e cinco, de braços e pernas firmes como se nadasse. Seus seios pressionavam a seda preta do sutiã.

Seu olhar perdera em parte o medo. Disse em voz baixa, “O que vai fazer?”

“Com você, nada. Talvez implique um pouco com Goldfinger. Deixe-me ocupar o seu lugar, como uma boa menina, para que eu possa dar uma olhada.”

Bond tomou o lugar da garota e olhou pelo binóculo. O jogo prosseguia normalmente. Goldfinger não demonstrava que sua linha de comunicação ficara muda.

“Ele não se preocupa quando não recebe suas mensagens? Vai parar de jogar?”

Ela respondeu hesitante. “Já aconteceu antes, quando uma tomada se desconectou. Ele simplesmente espera que eu retome a comunicação.”

Bond deu-lhe um sorriso. “Bem, vamos deixá-lo sofrer um pouco. Tome um cigarro e relaxe”, disse, oferecendo um maço de Chesterfields. Ela tirou o cigarro. “De qualquer maneira, já é hora de você pintar as unhas da mão direita.”

Um sorriso passou rápido pelo seu rosto. “Há quanto tempo estava aí? Me deu um susto danado.”

“Não muito tempo. Sinto muito quanto ao susto. O senhor Goldfinger vem dando sustos no pobre senhor Du Pont durante a semana inteira.”

“É verdade”, disse ela hesitante. “Acho uma ruindade. Mas ele é muito rico, não é?”

“É, sim. O problema do senhor Du Pont não me faria perder o sono. Afinal, Goldfinger precisa escolher alguém que possa pagar. Aliás, ele é mesmo multimilionário? Parece que fede de tão rico.”

O rosto dela voltou a se animar. “Eu sei. Não consigo compreender. Tem uma espécie de mania, mania de ganhar dinheiro. Não consegue deixar de fazê-lo. Já perguntei por que, e ele só me respondeu que era uma besteira não ganhar dinheiro quando todas as chances estavam ao seu favor. Quando me convenceu a fazer isto”, fez um gesto com o cigarro em direção aos binóculos, “perguntei por que corria esses riscos idiotas. Só me respondeu, ‘Essa é a segunda lição. Quando as chances não são favoráveis, torne-as favoráveis’”.

Bond comentou, “Olha, a sorte dele é que não sou um detetive da Pinkertons, ou da polícia de Miami.”

A garota deu de ombros. “Ah, isso não chega a ser uma preocupação para ele. Simplesmente compraria o seu silêncio. Ele pode comprar todo mundo. Ninguém resiste ao ouro.”

“O que quer dizer?”

Ela respondeu displicentemente, “Ele sempre carrega um milhão de

dólares em ouro, exceto quando tem de passar pela alfândega. Então usa um cinturão cheio de moedas de ouro em volta da barriga. Fora isso, o ouro fica embrulhado em camadas finas no fundo e nos lados de suas malas. Na verdade, são malas de ouro revestidas de couro.”

“Devem pesar uma tonelada.”

“Viaja sempre de carro, um carro com molas especiais. E seu motorista é um sujeito enorme, que as carrega. Ninguém mais põe a mão nelas.”

“Por que carrega esse ouro todo por aí?”

“No caso de precisar. Sabe que o ouro compra tudo que ele quiser. É todo de vinte e quatro quilates. E, aliás, ele adora ouro, adora mesmo, do mesmo modo que as pessoas adoram joias, ou selos ou — sim”, ela sorriu, “mulheres”.

Bond respondeu com outro sorriso. “Ele te ama?”

Ela corou, respondendo indignada, “Claro que não.” Depois emendou, de modo mais razoável: “É claro que você pode pensar o que quiser. Mas ele não me ama. Quer dizer, acho que ele quer que os outros *pensem* que ele e eu temos — que se trata de uma questão de amor e tudo o mais. Sabe? Ele não é muito bem-apegoado e acho que se trata de uma questão de — sim, de vaidade ou algo assim.”

“Compreendo. Então você é apenas uma espécie de secretária?”

“Acompanhante”, ela corrigiu. “Não preciso datilografar ou fazer nada disso.” De repente ela levou a mão à boca. “Ah, mas eu não devia lhe contar tudo isso! Não diga nada a ele, está bem? Senão vai me despedir.” Havia medo em seu olhar. “Ou fazer alguma outra coisa. Não sei o quê. Mas é o tipo de sujeito capaz de fazer qualquer coisa.”

“Claro que não direi. Mas essa sua vida não deve ser muito boa. Por que faz isso?”

Ela respondeu asperamente, “cem libras por semana, e tudo isso aqui”, fez um gesto em direção ao quarto, “não dá em árvores. Estou fazendo minha poupança. Quando tiver poupado bastante, irei embora”.

Bond pensou se Goldfinger a deixaria partir. Ela não saberia demais? Olhou para seu rosto bonito, o corpo esplêndido, totalmente natural. Talvez não desconfiasse que por causa do dinheiro dele se metera em uma enrascada.

A garota estava inquieta. Comentou com um risinho constrangido, “Acho que não estou vestida direito. Será que posso pôr umas roupas sobre as de

baixo?”

Bond não tinha certeza se podia confiar nela. Não era ele quem pagava as cem libras por semana. Disse jovialmente, “Você está ótima assim. Tão respeitável quanto aquelas centenas de pessoas em volta da piscina. Aliás”, emendou, “já é hora de acender a fogueira debaixo do senhor Goldfinger”.

Bond andara dando uma olhada no jogo, de tempo em tempo. Parecia prosseguir normalmente. Inclinou-se para olhar pelo binóculo. O sr. Du Pont parecia um novo homem, com gestos mais largos. O meio perfil de seu rosto rosado revelava outro ânimo. Enquanto Bond espiava, ele tirou um punhado de cartas da mão, pondo-as na mesa: uma canastra real de reis. Bond levantou o binóculo dois centímetros. O grande rosto de lua, marrom-avermelhado, permanecia impassível, distante. O sr. Goldfinger estava esperando pacientemente que a sorte voltasse a lhe sorrir. Enquanto Bond olhava, ele levou a mão ao aparelho de surdez, empurrando-o mais para dentro do ouvido, à espera do retorno das mensagens.

Bond recuou um passo. “Bela maquininha”, comentou. “Em que frequência você está transmitindo?”

“Ele me disse, mas não consigo me lembrar.” Estreitou os olhos. “Cento e alguma coisa. Seria mega não sei o quê?”

“Megaciclos. É possível, mas acho estranho que ele não esteja pegando uma porção de mensagens dos táxis e da polícia junto com a sua. Deve ser preciso uma tremenda concentração.” Bond sorriu. “E agora? Tudo pronto? Já é hora de puxar o tapete sob seus pés.”

De repente ela estendeu a mão e pegou na manga do paletó dele. Um anel Claddagh se destacava no seu dedo médio — duas mãos de ouro envolvendo um coração também de ouro. As lágrimas se misturaram à sua voz. “Será mesmo preciso? Não pode deixá-lo em paz? Não sei o que fará comigo. Por favor.” Hesitou. Corava furiosamente. “Gosto de você. Há muito tempo não vejo alguém parecido. Não podíamos ficar aqui um pouco mais?” Olhou para o chão. “Se você o deixar em paz eu faria” — as palavras saíram de um jorro só — “*qualquer coisa*”.

Bond sorriu. Tirou a mão da garota de sua manga, apertando-a. “Sinto muito. Fui pago para fazer este serviço e preciso fazê-lo. Aliás...” seu tom de voz esfriou, “quero fazê-lo. Já é hora de podar o senhor Goldfinger para que fique de seu verdadeiro tamanho. Está pronta?”.

Sem esperar pela resposta, inclinou-se para o binóculo. Ainda estava focado em Goldfinger. Bond deu um pigarro. Olhou o grande rosto

meticulosamente. Procurou o interruptor do microfone pelo tato e pressionou-o para baixo.

Deve ter havido alguns estalos de estática no aparelho de surdez. A expressão de Goldfinger permaneceu inalterada, mas ele levantou a cabeça lentamente, voltando a baixá-la, como se tivesse recebido uma bênção.

Bond falou baixo ao microfone, porém em tom ameaçador. “Agora escute aqui, Goldfinger.” Fez uma pausa. Não houve a mínima mudança de expressão, mas Goldfinger inclinou a cabeça por um instante, como se estivesse ouvindo. Estudou intensamente suas cartas, com as mãos bem imóveis.

“James Bond falando. Lembra de mim? O jogo acabou e é hora de pagar o que deve. Fotografei todo o esquema, a louca, o binóculo, o microfone, você, o aparelho de surdez. A foto só não irá para o FBI ou a Scotland Yard se você me obedecer exatamente. Acene com a cabeça, se estiver compreendendo.”

O rosto ainda não demonstrava nenhuma mudança de expressão. A cabeça grande e redonda inclinou-se para a frente e depois se endireitou.

“Ponha suas cartas na mesa, descobertas.”

As mãos abaixaram, se abriram e as cartas se desprenderam dos dedos, caindo sobre a mesa.

“Pegue o talão de cheques e faça um cheque de cinquenta mil dólares. O total é a soma dos seguintes itens. Trinta e cinco que tirou do senhor Du Pont. Dez para os meus honorários. Os cinco excedentes por ter desperdiçado tanto tempo valioso do senhor Du Pont.”

Bond olhou para ver se sua ordem era cumprida. Deu uma olhada no senhor Du Pont. Estava inclinado para a frente, boquiaberto.

O sr. Goldfinger destacou o cheque e assinou-o de novo atrás.

“Certo. Agora anote isto no canhoto do seu talão e atenção para pegar tudo certo. Reserve uma cabine para mim no Meteoro de Prata, que sai esta noite para Nova York. Mande botar um champanhe safrado em um balde de gelo acompanhado de sanduíches de caviar. Do melhor caviar que houver. E não se aproxime de mim. Nada de truques engraçadinhos. A foto estará no correio, junto com um relatório completo para ser aberto e provocar as devidas providências, se eu não chegar bem e inteiro amanhã a Nova York. Balance a cabeça se tiver compreendido.”

Novamente a grande cabeça inclinou-se e endireitou-se. Agora havia vestígios de suor na grande testa lisa.

“Certo, agora entregue o cheque para o senhor Du Pont e diga, ‘Peço desculpas humildemente por lhe ter roubado.’ Depois pode ir.”

Bond olhou a mão que se estendia e deixava cair o cheque diante do sr. Du Pont. A boca se abriu, dizendo algumas palavras. O olhar era plácido, moroso. Goldfinger relaxara. Não passava de dinheiro. Pagara para se safar.

“Um momento, Goldfinger, ainda não acabou.” Bond levantou os olhos para a garota. Ela olhava para ele de modo estranho. Havia medo, sofrimento, mas também submissão e desejo no seu olhar.

“Como é seu nome?”

“Jill Masterton.”

Goldfinger se levantara e estava indo embora. Bond disse incisivamente. “Pare.”

Goldfinger parou no meio do passo que estava prestes a completar. Seus olhos se dirigiram para o balcão. Estavam arregalados, tal como da primeira vez que Bond o conhecera. Seu olhar duro, frio, de raios X, parecia ter encontrado as lentes do binóculo, passado por dentro dele, pelos olhos de Bond, até chegar à sua nuca. Pareciam dizer, “não me esquecerei disto, sr. Bond”.

Bond disse em voz baixa, “Ah, tinha esquecido. Uma última coisa. Levarei um refém na minha viagem a Nova York. A srta. Masterton. Providencie para que ela esteja no trem. Ah, reserve uma cabine que tenha sala de estar. É só.”

5. PLANTÃO NOTURNO

Passara-se uma semana. Bond estava junto a uma janela aberta no sétimo andar do prédio alto em Regent's Park, onde fica a sede do Serviço Secreto. Londres dormia sob a lua cheia que passava rápido sobre a cidade entre um cardume de nuvens em forma de espinha de peixe. O Big Ben deu três horas. Um dos telefones tocou na sala escura. Bond virou-se e foi depressa à mesa central e ao foco de luz lançado pela luminária de abajur verde. Pegou o telefone entre outros quatro enfileirados.

“Oficial de plantão.”

“Estação H, senhor.”

“Ponha-a na linha.”

Houve o zumbido, os ecos e os estalos da conexão de rádio, como sempre ruim, com Hong Kong. Por que havia sempre manchas solares sobre a China? Uma voz cantada perguntou, “Universal Export?”

“Sim.”

Uma voz grave, próxima — de Londres — disse, “O senhor está conectado a Hong Kong. Fale mais alto, por favor.”

Bond respondeu, impaciente, “Saia da linha, por favor.”

A voz cantada disse, “Você está na linha agora. Por favor, fale mais alto.”

“Alô! Alô! Universal Export?”

“Sim.”

“Dickson falando. Está me ouvindo?”

“Estou.”

“Aquele telegrama que mandei para vocês sobre o carregamento de mangas. A fruta. Sabe?”

“Sim. Está aqui.” Bond puxou o arquivo para perto. Sabia do que se tratava. A estação H queria que se pusessem minas magnéticas em três juncos

espiões dos comunistas, que estavam usando Macau para interceptar cargueiros britânicos e revistá-los, à procura de refugiados chineses.

“Precisamos do pagamento até o dia 10.”

Isso deveria significar que os juncos estavam de partida, ou então que a guarda dos juncos seria dobrada depois desta data, ou alguma outra emergência.

Bond disse um breve, “ok.”

“Obrigado. Até mais.”

“Até logo.” Bond repôs o fone no gancho. Pegou o telefone verde e ligou para o Setor Q, falando com o oficial de plantão. Estava tudo acertado. Havia um Britannia da BOAC que partia de manhã. O setor Q providenciaria para que o caixote estivesse no voo.

Bond se recostou. Pegou um cigarro e acendeu-o. Pensou no pequeno escritório mal refrigerado à beira-mar em Hong Kong, visualizou as manchas de suor na camisa branca do 279, que ele conhecia bem e que acabara de se apresentar como Dickson. Agora o 279 provavelmente estaria falando com seu subordinado imediato: “Tudo certo, Londres diz que pode. Vamos recapitular o esquema desta operação.” Bond deu um sorriso atravessado. Melhor que a responsabilidade fosse de lá. Jamais gostara de se opor aos chineses. Havia excesso deles. A estação H talvez estivesse mexendo em um vespeiro, mas M decidira que já era hora de mostrar que o serviço em Hong Kong não estava desativado.

Quando, três dias atrás, M lhe dissera que seu nome estava na lista do plantão noturno, Bond não gostara da ideia. Argumentara que não sabia bastante sobre a rotina do trabalho das estações, que era um serviço que acarretava responsabilidade demais para um sujeito que estivera na seção 00 havia seis anos e que esquecera tudo que sabia sobre o serviço nas estações.

“Logo se lembrará”, dissera M de modo nada simpático. “Se você se atrapalhar, tem os oficiais dos setores em plantão noturno, ou o chefe do pessoal — ou mesmo eu.” (Bond sorria diante da ideia de acordar M no meio da noite porque algum sujeito em Aden ou Tóquio estava metido em uma encrenca qualquer.) “Aliás, já decidi. Quero que todos os oficiais veteranos façam sua parte do trabalho de rotina.” M dera um olhar gélido para Bond. “Por falar nisso, Bond, o Tesouro começou a me atazanar outro dia. O elemento de ligação deles acha que o setor 00 é redundante. Disse que esse tipo de coisa está ultrapassado. Não me dei ao trabalho de argumentar” — o tom de voz de M era brando — “apenas respondi que ele estava errado”.

(Bond podia visualizar a cena.) “No entanto, não lhe fará mal algum encarregar-se de alguns serviços extras, agora que está de volta a Londres.”

E Bond não estava desgostando do trabalho. Já chegara ao meio de sua primeira semana e até então tudo não passara de problemas de senso comum e da transmissão de problemas rotineiros para as outras seções. Até que gostava da sala tranquila, de saber os segredos de todo mundo, do café e dos sanduíches que uma das meninas bonitas da cantina vinha lhe trazer de vez em quando.

Na primeira noite a garota trouxera chá. Bond olhara para ela com ar severo. “Não bebo chá. Detesto. É lama. Além do mais, é um dos motivos principais da decadência do império britânico. Seja boazinha e me faça um café.” A garota dera um risinho e correria para espalhar a frase de Bond na cantina. Desde então conseguira que lhe servissem café. A expressão “taça de lama” correria o prédio.

O segundo motivo por que Bond gostava do longo período vago do plantão noturno era que ele lhe proporcionava tempo para desenvolver um projeto que acalentava havia mais de um ano — um manual sobre todos os métodos secretos de combate desarmado. Deveria se chamar *Mantenha-se vivo!* Conteria os melhores métodos já escritos sobre o assunto por todos os serviços secretos do mundo. Bond não contara a ninguém sobre o projeto, mas esperava que, se fosse capaz de terminá-lo, M permitiria que fosse incluído na pequena lista de manuais do Serviço, que continham os truques e os segredos da Inteligência.

Bond pegara emprestados dos arquivos os textos didáticos originais e, quando necessário, as traduções. A maioria dos livros havia sido capturada de agentes ou organizações inimigas. Alguns haviam sido presenteados a M por serviços irmãos como a OSS, a CIA e a Deuxième. Bond pegou um item muito valioso, uma tradução de um manual chamado simplesmente *Defesa*, fornecido aos agentes da SMERSH, a organização soviética de execução e vingança contra seus inimigos.

Naquela noite estava no meio do segundo capítulo, cujo título, traduzido de modo livre, era “golpes de tração e de contenção”. Voltou ao livro e leu durante meia hora as seções que lidavam com o golpe tradicional de “tração pelo pulso”, “tração pela chave de braço”, “tração pelo antebraço”, “chave de cabeça” e “uso dos pontos de pressão no pescoço”.

Depois de meia hora, Bond afastou o texto datilografado. Levantou-se, foi até a janela e olhou para fora. Havia uma dureza repugnante na prosa

áspera dos russos, que provocara outro ataque de repugnância em Bond, como o que sofrera havia dez dias no aeroporto de Miami. O que havia de errado com ele? Será que não estava aguentando mais? Estava ficando mole, ou apenas mofado? Bond ficou um instante contemplando o passeio da lua correndo entre as nuvens. Em seguida deu de ombros e voltou à sua mesa. Concluiu que estava farto das variantes do comportamento físico violento, do mesmo modo que um psicanalista se farta das aberrações mentais de seus pacientes.

Bond leu de novo o trecho que o revoltara; “Também é possível neutralizar uma mulher embriagada usando-se o indicador e o polegar para agarrar seu lábio inferior. Basta apertá-lo e torcê-lo, enquanto se puxa, para obrigar a mulher a nos acompanhar.”

Bond deu um gemido. A delicadeza obscena do “indicador e polegar”! Acendeu um cigarro e olhou fixo para o filamento da lâmpada da mesa, levando sua mente para outras paragens, desejando que chegasse uma mensagem ou que o telefone tocasse. Faltavam ainda cinco horas para o relatório das nove ao chefe do pessoal ou a M, se M chegasse cedo. Havia algo que o preocupava, algo que gostaria de checar quando tivesse tempo. O que era? O que deslanchara essa recordação? Sim, fora aquilo, o “indicador” — Goldfinger com sua “mão” de cartas. Queria ver se os arquivos continham alguma coisa sobre ele.

Bond pegou o telefone verde e discou os arquivos.

“Nada me vem à memória, senhor. Verificarei e ligarei de volta.”

Bond recolocou o fone.

Havia sido uma viagem maravilhosa no trem. Comeram os sanduíches, beberam champanhe e, ao ritmo das gigantescas locomotivas a diesel devorando os quilômetros, haviam feito amor, sem pressa, no beliche estreito. Era como se a garota estivesse faminta por amor carnal. Acordara-o duas vezes de noite com carícias doces e exigentes, apenas estendendo a mão para tocar seu corpo esguio e firme. No dia seguinte, abaixara duas vezes a veneziana para barrar a luz crua e, puxando-o pela mão, dissera, “Me ame, James”, como se fosse uma criança pedindo uma bala.

Ainda hoje Bond conseguia ouvir o poema mercurial das sinetas das cancelas nos cruzamentos, o uivo da grande buzina na frente, e o barulho baixo do tumulto nas estações lá fora, enquanto esperavam deitados que o galope sensual das rodas recomeçasse.

Jill Masterton dissera que Goldfinger não se estressara, reagira com

indiferença diante de sua derrota. Dissera à garota para informar a Bond que estaria na Inglaterra dentro de uma semana e que gostaria de disputar aquele jogo de golfe em Sandwich. Nada mais — nada de xingamentos ou ameaças. Disse à garota que a esperava de volta no próximo trem. Jill dissera a Bond que iria. Bond tentara argumentar com ela. Mas ela não tinha medo de Goldfinger. O que poderia fazer com ela? E era um bom emprego.

Bond decidira dar-lhe os dez mil dólares que o sr. Du Pont enfiara na sua mão com um gaguejar de agradecimentos e congratulações. Bond obrigou-a a ficar com o dinheiro. “Eu não quero”, dissera Bond. “Não saberia o que fazer com ele. Aliás, aceite como uma reserva, caso resolva fugir. Por mim, seria um milhão. Nunca esquecerei hoje e a noite passada.”

Bond a levava à estação, beijando-a uma vez com força nos lábios, e partindo. Não se tratava de amor, mas no momento em que deixava a Pennsylvania Station de táxi, uma citação lhe viera à mente: “Alguns amores são incêndios, outros nos deixam na mão. Mas o mais belo e saudável de todos, este é puro tesão.” Nenhum deles se arrependeu. Teriam pecado? Se fosse verdade, qual deles? Pecado contra a castidade? Bond sorriu consigo mesmo. Havia também uma citação neste caso, e de um santo — Santo Agostinho: “Ah, Senhor, dê-me a Castidade. Mas agora não!”

O telefone verde tocou. “Há três Goldfingers, mas dois deles já morreram. O terceiro é um elo de comunicação russo, em Genebra. O contato é em uma barbearia. Ele enfia as mensagens no bolso direito dos fregueses enquanto os penteia. Perdeu uma perna em Stalingrado. Serve? Há muito mais coisas sobre ele.”

“Não, obrigado. Não poderia ser quem procuro.”

“Poderíamos fazer uma busca nos arquivos do departamento de investigações criminais, de manhã. Tem alguma foto dele?”

Bond se lembrou da foto que fizera com a Leica. Nem se dera ao trabalho de revelá-la. Seria mais fácil reproduzir virtualmente as feições do sujeito no Identicast. Perguntou, “A sala do Identicast está livre?”

“Sim, senhor. E posso operá-lo, se o senhor quiser.”

“Obrigado. Vou descer.”

Bond falou com a mesa telefônica para avisar aos chefes das seções onde ele estaria, saiu e pegou o elevador até os arquivos, no primeiro andar.

Fazia um silêncio extraordinário no grande prédio à noite. Sob esse silêncio havia o sussurro discreto do maquinário e de uma vida oculta — o

estalo abafado de uma máquina de escrever quando Bond passou por uma porta, o crepitar desigual, rapidamente suprimido, da estática no rádio, ao passar por outra; o sopro cavo do sistema de ventilação. Tudo dava a impressão de que se estava em um navio de guerra ancorado em algum porto.

O oficial de plantão da seção de arquivos já estava junto aos controles do Identicast na sala de projeção. Falou para Bond: “O senhor poderia me dar os traços principais do rosto? Isso ajuda a descartar os slides que obviamente não servem.”

Bond fez o que o outro lhe pedira, recostou-se na cadeira e ficou observando a tela iluminada.

O Identicast é um aparelho para fazer o retrato falado dos suspeitos — ou de alguém que talvez tivesse sido observado na rua, em um trem, em um carro que passava. Funciona na base da lanterna mágica. O operador projeta na tela vários formatos e tamanhos de cabeça. Quando algum deles é reconhecido, permanece na tela. Em seguida, são projetados vários tipos de cortes de cabelo, e depois todos os demais detalhes das feições, que são escolhidos um por um — diferentes formatos dos olhos, nariz, queixos, boca, sobrancelhas, maçãs de rosto, orelhas. No final surge o retrato completo de um rosto, o mais aproximado possível, que é fotografado e arquivado.

Levou algum tempo para que pudessem montar o rosto extraordinário de Goldfinger, mas o resultado era de uma semelhança aproximada, em preto e branco. Bond informou alguns detalhes sobre o bronzeado, a cor dos cabelos e a expressão dos olhos, e o resultado final estava pronto.

“Não gostaria de encontrá-lo em uma noite escura”, foi o comentário do sujeito dos Arquivos. “Mandarei o retrato para o pessoal da identificação criminal quando chegarem para o trabalho. O senhor deverá ter uma resposta até a hora do almoço.”

Bond voltou para o sétimo andar. Do outro lado do mundo era mais ou menos meia-noite. As estações do Oriente estavam encerrando o expediente. Havia uma porção de mensagens a ser lida, o relatório da noite a ser escrito, e então já eram oito horas. Bond ligou para a cantina para que trouxessem seu café da manhã. Apenas acabara de comer quando a campainha aguda do telefone vermelho tocara. M! Por que cargas d’água chegara meia hora antes?

“Sim, senhor.”

“Venha até a minha sala, 007. Quero lhe dar uma palavra antes que saia.”

“Sim, senhor.” Bond recolocou o fone de volta no gancho. Enfiou o

paletó, passou a mão no cabelo, falou com a mesa onde estaria, pegou o relatório noturno e tomou o elevador até o oitavo e último andar. Nem a atraente srta. Moneypenny nem o oficial de gabinete estavam lá. Bond bateu na porta de M e entrou.

“Sente-se, 007.” M se encontrava no meio de sua rotina de acender o cachimbo. Estava rosado e parecia de banho tomado. O rosto vincado, de marinheiro, encimando o colarinho duro e a gravata-borboleta de bolinhas, presa de modo frouxo, parecia tremendamente vivo e animado. Bond tinha consciência da sombra preta da barba por fazer no seu queixo, e do aspecto amarfanhado de suas roupas e pele depois da noite inteira acordado. Afiou sua mente.

“Noite tranquila?” M conseguira botar o cachimbo para funcionar. Seus olhos duros e saudáveis olhavam Bond atentamente.

“Bastante tranquila. A estação H...”

M levantou a mão alguns centímetros. “Pode deixar. Lerei isso tudo no relatório. Dê-me aqui.”

Bond entregou-lhe a pasta ultraconfidencial. M a pôs de lado. Sorriu, um de seus raros sorrisos meio irônicos, contidos. “As coisas mudaram, 007. Por enquanto, vou lhe tirar do plantão noturno.”

O sorriso que Bond deu de volta foi tenso. Sentiu o pulso se acelerar, como tantas vezes sentira nessa sala. M tinha alguma missão para ele. Disse, “Agora que eu estava me acostumando.”

“Exatamente. Terá muitas oportunidades depois. Surgiu algo. Um estranho problema. Não é realmente sua praia, exceto por um detalhe, que” — M fez um gesto para o lado com o cachimbo, como se dispensasse algo — “talvez não seja sequer um detalhe”.

Bond se recostou. Permaneceu calado, à espera.

“Jantei com o presidente do banco ontem à noite. A gente sempre fica sabendo de novidades. Pelo menos tudo isso é novidade para mim. Ouro — o lado suspeito do negócio. Contrabando, falsificação, isso tudo. Nunca me ocorrera que o Banco da Inglaterra soubesse tanta coisa sobre banditismo. Presumo que seja dever do banco preservar nossa moeda.” M levantou as sobrancelhas. “Conhece alguma coisa sobre a questão do ouro?”

“Não, senhor.”

“Bem, ficará conhecendo esta tarde. Marquei um encontro seu com um

sujeito chamado coronel Smithers, no banco, às quatro horas. Isso lhe dá tempo suficiente para dormir?”

“Sim, senhor.”

“Ótimo. Parece que este sujeito Smithers é chefe do departamento de pesquisa do banco. Pelo que o presidente disse, trata-se nada mais nada menos do que um sistema de espionagem. É a primeira vez que soube que possuíam algo assim. O que demonstra como trabalhamos todos em compartimentos estanques. De qualquer maneira, Smithers e sua equipe ficam de olho em qualquer coisa de irregular no mundo bancário — especialmente quaisquer ameaças à nossa moeda e reservas, e não sei mais o quê. Houve aquele negócio outro dia dos italianos que falsificavam libras-ouro. Faziam-nas de ouro de verdade. Com os quilates adequados e tudo o mais. Mas parece que a libra-ouro ou o napoleão francês valem muito mais do que o valor do ouro derretido. Não me pergunte por quê. Smithers pode lhe responder, caso lhe interesse. Aliás, o banco foi atrás dessa gente com um exército de advogados — tecnicamente falando, não se trata de crime — e depois de perder nos tribunais italianos, finalmente os pegou na Suíça. Você provavelmente já leu a respeito. Em seguida houve aquele negócio da diferença de divisas em dólares em Beirute. Foi uma sensação e tanto nos jornais. Eu mesmo não consegui compreender. Alguma brecha que deixamos passar na blindagem da nossa moeda. A garotada da Bolsa descobriu. Bem, faz parte da tarefa de Smithers farejar esse tipo de negociatas. O motivo de o presidente ter me contado tudo isso é que, durante anos, aparentemente desde depois da guerra, Smithers tem uma pulga atrás da orelha sobre um grande vazamento de ouro da Inglaterra. Dedução, em grande parte, acrescida de uma espécie de intuição. Smithers confessa ter poucas premissas para levar esta questão adiante, mas conseguiu impressionar o presidente o suficiente para que este obtivesse permissão do primeiro-ministro para nos chamar.” M interrompeu-se. Deu um olhar perplexo para Bond. “Você já se perguntou quem é o homem mais rico da Inglaterra?”

“Não, senhor.”

“Bem, adivinhe. Ou melhor, refaça a pergunta da maneira seguinte: quem são os homens mais ricos da Inglaterra?”

Bond vasculhou sua memória. Havia muita gente que parecia rica ou que assim era tida pela imprensa. Mas quem realmente *tinha* dinheiro, dinheiro líquido, no banco? Precisava dizer alguma coisa. Disse, hesitante, “Bem, tem Sassoon. Em seguida o armador retraído, ah, Ellerman. Dizem que Lord Cowdray é muito rico. E tem os banqueiros — Rothschilds, Barings,

Hambros. Tinha Williamson, o sujeito dos diamantes. Oppenheimer, na África do Sul. Alguns duques ainda podem ter muito dinheiro.” A voz de Bond foi sumindo.

“Nada mau. Nada mau mesmo. Mas você deixou passar o valete do baralho. Um sujeito de quem eu nunca ouvira falar até que o presidente mencionou seu nome. Um sujeito chamado Goldfinger. Auric Goldfinger.”

Bond não pôde deixar de rir. Riu com vontade.

“Qual o problema?” A voz de M mostrava irritação. “Qual a graça nisso tudo?”

“Desculpe.” Bond controlou-se. “A verdade é que na noite passada eu estava compondo o rosto dele no Identicast.” Consultou o relógio. “Deve estar a caminho dos arquivos da identificação criminal. Pedi um retrato dele.”

M estava ficando zangado. “Que diabo é isso tudo? Pare de se comportar como um colegial.”

Bond respondeu equilibradamente, “Bem, isso tudo foi assim...” E contou a história, sem deixar nada de fora.

A expressão de M clareou. Ouviu com toda a atenção, inclinando-se sobre a mesa. Depois que Bond terminara, M se recostou na cadeira. Exclamou, “Veja só, veja só... veja só”, em uma escala decrescente. Pôs as mãos na nuca e olhou um instante para o teto.

Bond podia sentir a vontade de rir surgindo de novo. Como o setor de investigação criminal reagiria à sonora censura que ele receberia no decorrer do dia? Foi reconduzido repentinamente à terra firme pelas palavras seguintes de M. “Por falar nisso, o que aconteceu com aqueles dez mil dólares?”

“Dei para a garota.”

“Realmente! Por que não para a Cruz Branca?”

O fundo da Cruz Branca era em benefício das famílias dos agentes e das agentes mortos em serviço.

“Desculpe.” Bond não estava preparado para discutir aquilo.

“Hum.” M nunca aprovara o lado mulherengo de Bond. Era anátema para sua alma vitoriana. Mas resolveu deixar a coisa passar. Disse, “Certo, por enquanto é tudo, 007. Você ficará sabendo do assunto esta tarde. Engraçado esse negócio do Goldfinger. Sujeito estranho. Já o vi uma ou duas vezes no Blades. É onde costuma jogar bridge quando está no país. É o sujeito que está sendo procurado pelo Banco da Inglaterra.” M fez uma pausa. Deu um olhar

simpático para Bond. “E por você também, a partir deste instante.”

6.

POR FALAR EM OURO

Bond subiu a escada, passou pelos belos portais de bronze e entrou no saguão de entrada espaçoso do Banco da Inglaterra, com sua agradável ressonância, olhando à sua volta. Os brilhantes padrões dourados dos mosaicos de Boris Anrep brilhavam sob seus pés; a distância, através das janelas em forma de arco de sete metros, luziam a grama e os gerânios no pátio central. À direita e à esquerda viam-se os panoramas espaçosos de pedra Hopton Wood polida. Permeava tudo o cheiro neutro do ar-condicionado e a atmosfera grave e pesada da imensa riqueza.

Um dos porteiros atléticos em fraque rosado se aproximou. “O que deseja?”

“O coronel Smithers.”

“Comandante Bond? Por aqui, por favor.” O porteiro caminhou para a direita, entre as pilastras. As portas de bronze de um elevador discretamente localizado estavam abertas. O elevador subiu alguns metros até o primeiro andar. Encontraram-se em um longo corredor forrado de painéis de madeira, terminando em uma alta janela em estilo Adam. O piso era todo tapetado em bege Wilton. O porteiro bateu na última das várias portas de carvalho belamente esculpidas, um tanto mais altas e elegantes do que as portas comuns. Havia uma mulher de meia-idade sentada a uma mesa. Parecia alguém já formada com mérito em várias disciplinas. As paredes da sala eram forradas com fichários de metal cinzento. A mulher estivera escrevendo em um bloco de memorandos de papel amarelo. Sorriu com uma insinuação de cumplicidade, pegou o telefone e discou um número. “O comandante Bond está aqui.” Repôs o fone no gancho e se levantou. “Pode me acompanhar, por favor?” Atravessou a sala até uma porta forrada de baeta verde e abriu-a para que Bond passasse.

O coronel Smithers se levantara da mesa. Disse solenemente, “Foi bom o senhor ter vindo. Não quer se sentar?” Bond ocupou uma cadeira. “Quer fumar?” O coronel Smithers ofereceu uma cigarreira de prata e ele mesmo se sentou e começou a encher o cachimbo. Bond pegou um cigarro e acendeu-o.

O coronel Smithers se parecia exatamente com alguém que se chamava coronel Smithers. Obviamente já fora coronel, provavelmente do Estado-Maior, e tinha o aspecto suave, polido, basicamente sério que combinava com seu nome. Não fossem seus óculos de aros de tartaruga, poderia ter sido um cortesão não muito fornido de alguma residência real.

Bond sentiu o tédio acumulando-se nos cantos da sala. Disse de modo encorajador, “Parece que o senhor vai me contar tudo sobre o ouro.”

“Pois é. Recebi um bilhete do presidente. Compreendi que não devo omitir nada do senhor. É claro que compreende” — o coronel Smithers olhou por cima do ombro direito de Bond — “que a maior parte do que eu lhe disser deve ser estritamente confidencial”. Os olhos varreram rápido o rosto de Bond.

O rosto de Bond era pétreo.

O coronel Smithers percebeu o silêncio intencional de Bond. Levantou os olhos, compreendeu o tipo de calo que pisara e procurou se corrigir. “É óbvio que eu não precisava ter dito isso. Para alguém com sua experiência...”

Bond falou, “Todos achamos que nossos segredos são os únicos que importam. O senhor teve razão em me lembrar. Os segredos dos outros nunca são tão importantes quanto os nossos. Mas não precisa se preocupar. Discutirei este assunto com meu chefe, e com mais ninguém.”

“Exatamente, exatamente. Foi simpática essa compreensão da sua parte. No banco a gente adquire o hábito de ser discreto demais.” O coronel Smithers correu a se refugiar no seu assunto. “Vamos agora a esta questão do ouro. Suponho que seja um assunto sobre o qual o senhor não deve ter pensado muito.”

“Sei reconhecer ouro quando o vejo.”

“Aha, sim — bem, a coisa mais importante de se recordar a respeito do ouro é que se trata do bem de maior liquidez no mundo. Pode-se ir a qualquer cidade no mundo, quase a qualquer aldeia, dar um pedaço de ouro e receber em troca bens e serviços. Certo?” O tom de voz do coronel Smithers adquirira uma nova vivacidade. Os olhos estavam acesos. Tinha a sua palestra na ponta da língua. Bond se recostou. Estava sempre disposto a ouvir qualquer pessoa que dominasse seu assunto, qualquer assunto. “E a próxima coisa que devemos lembrar”, o coronel Smithers levantou o cachimbo em sinal de aviso, “é que o ouro praticamente não pode ser rastreado. As libras de ouro não têm número de série. Se é verdade que as barras de ouro têm o selo da Casa da Moeda, ele pode ser raspado, a barra pode ser derretida e

transformada em outra. Isto torna quase impossível controlar o paradeiro do ouro, sua origem ou sua movimentação global. Na Inglaterra, por exemplo, nós do banco só podemos contar o ouro que está nos nossos próprios cofres, nos cofres dos demais bancos e da Casa da Moeda, calcular por alto a quantidade no poder do comércio de joias e da fraternidade dos penhores”.

“Por que vocês estão tão ansiosos para saber a quantidade de ouro existente na Inglaterra?”

“Porque o ouro e as moedas com lastro em ouro são as bases do nosso crédito internacional. Só podemos saber a verdadeira força da libra, e os demais países também só podem sabê-lo, conhecendo o valor do lastro por trás da nossa moeda. E minha tarefa principal, senhor Bond” — os olhos meigos do coronel Smithers se tornaram inesperadamente incisivos — “é vigiar qualquer vazamento de ouro da Inglaterra — ou de qualquer outro lugar na zona da libra. E quando descubro um vazamento, uma remessa a outro país em que ele possa ser trocado de modo mais lucrativo do que através de nossa cotação oficial, é minha tarefa pôr a equipe do departamento de investigação criminal na pista do ouro fugitivo e tentar recuperá-lo para os nossos cofres, acabar com o vazamento e prender os responsáveis. E o problema, senhor Bond” — o coronel Smithers deu de ombros desoladamente — “é que o ouro atrai os maiores criminosos, os mais inteligentes. É muito difícil, difícil mesmo pegá-los”.

“Não será tudo isso uma fase temporária? Por que essa falta de ouro haveria de continuar? Parece que na África extraem-no com bastante rapidez. Não há o suficiente para todos? Não se trata de um mercado negro como os outros, que desaparece quando há aumento da oferta, como o tráfico de penicilina depois da guerra?”

“Sinto muito, mas não é, senhor Bond. Não é tão fácil assim. A população mundial cresce a uma taxa de cinco mil e quatrocentas pessoas por hora. Uma pequena percentagem dessa gente se torna acumuladora de ouro, porque tem medo das moedas, porque gosta de enterrar moedas de ouro no jardim ou de guardá-las debaixo da cama. Já uma outra percentagem precisa de ouro para obturar os dentes. Outros precisam de óculos de aros de ouro, joias, alianças. Toda essa gente retira toneladas de ouro do mercado todo ano. Novas indústrias precisam de fios de ouro, processos de folhagem a ouro, ligas de ouro. O ouro possui propriedades extraordinárias que encontram novas utilidades todo dia. É brilhante, maleável, dúctil, quase inalterável e mais denso do que todos os metais comuns, com a exceção da platina. Não há limites para seu uso. Mas possui dois defeitos. Não é suficientemente duro.

Gasta depressa, deixa resíduos no forro dos bolsos das pessoas e no suor de sua pele. Todo ano, o estoque mundial é reduzido invisivelmente pela fricção. Eu disse que o ouro tem dois defeitos”, o coronel Smithers pareceu triste. “O outro, e de longe o pior defeito, é que o ouro é um talismã contra o medo. O medo, senhor Bond, retira o ouro da circulação e o acumula contra o dia diabólico e temido. Em um período da história em que todo dia seguinte pode ser o dia diabólico, pode-se dizer que uma grande proporção do ouro extraído em um canto do mundo é imediatamente enterrado de novo em outro canto.”

Bond sorriu da eloquência do coronel Smithers. Aquele sujeito vivia ouro, pensava ouro, sonhava ouro. Sim, era um assunto interessante. Podia-se até chafurdar nele. Nos dias em que Bond andara atrás dos contrabandistas de diamantes, tivera primeiro que se instruir sobre o fascínio e o mito em torno dessas pedras. Perguntou, “O que mais preciso saber antes de atacarmos o nosso problema imediato?”

“Não está entediado? Sim, você insinuou que a produção de ouro era tão grande hoje que deveria bastar aos vários consumidores. Infelizmente, não é assim. Na verdade, as reservas de ouro do planeta estão se esgotando. Você deve pensar que ainda faltam ser exploradas grandes regiões do mundo. Está errado. Falando por alto, faltam apenas as terras submarinas e o próprio mar, que tem uma notável proporção de ouro. Há milhares de anos que as pessoas vêm cavando a superfície da terra em busca do ouro. Houve os grandes tesouros de ouro do Egito e Micenas, de Montezuma e dos incas. Creso e Midas arrancaram todo o ouro dos territórios do Oriente Médio. Houve extrações na Europa — nos vales do Reno e do Pó, em Málaga e nas planícies de Granada. O Chipre foi esgotado, e também os Bálcãs. A Índia pegou a febre. O surgimento de formigas carregando grãos de ouro de dentro da terra levou os indianos a suas planícies aluviais. Os romanos exploraram o País de Gales, Devon e a Cornuália. Na Idade Média foi descoberto ouro nos campos do México e do Peru. Esses achados foram seguidos pela abertura da Costa Dourada, então chamada Terra dos Negros, e depois vieram as Américas. As célebres corridas de ouro do Yukon e do Eldorado, e os ricos depósitos encontrados em Eureka anunciaram a primeira Era do Ouro moderna. Enquanto isso, na Austrália, Bendigo e Ballarat haviam iniciado sua produção, e os depósitos russos em Lena e nos Urais transformavam a Rússia no maior produtor mundial de ouro de meados do século XIX. Em seguida veio a segunda Idade do Ouro moderna — as descobertas em Witwatersrand. Estas últimas foram auxiliadas pelo novo método de cianidização, ao invés da separação do ouro da pedra pelo mercúrio. Hoje estamos na terceira Idade do Ouro, com a abertura dos depósitos no Estado Livre de Orange.” O coronel

Smithers ergueu as mãos. “E agora o ouro jorra da terra. Veja só, toda a produção de Klondike, Homestake e Eldorado, que já foram maravilhas do mundo, só igualam dois ou três anos da produção atual da África! Só para o senhor ver, de 1500 a 1900, quando se mantinham registros aproximados, o mundo inteiro produziu cerca de dezoito mil toneladas de ouro. De 1900 aos dias de hoje, extraímos quarenta e uma mil toneladas! Neste ritmo, senhor Bond”, o coronel Smithers inclinou-se, preocupado, “ — e por favor não me cite — não me espantaria se dentro de cinquenta anos nós tivéssemos esgotado todas as reservas de ouro da terra!”.

Bond, soterrado por essa avalanche de história aurífera, não encontrou dificuldade em se mostrar tão sério quanto o coronel Smithers. Comentou, “O senhor certamente torna esta história fascinante. Mas talvez a situação não seja tão má quanto o senhor acha. Já estão extraindo petróleo do fundo do mar. Talvez encontrem uma maneira de extrair ouro. Agora, quanto a esta história do contrabando...”

O telefone tocou. O coronel Smithers pegou o fone com impaciência. “Smithers falando.” Ficou ouvindo, sua expressão a demonstrar uma irritação crescente. “Tenho certeza que lhe mandei um bilhete sobre o calendário de verão, srta. Philby. A próxima partida é no sábado, contra a Caixa de Descontos.” Ele ouviu mais. “Sim, se a sra. Flake não sabe jogar no gol, então sinto muito: não jogará. É a única posição que temos para ela. Nem todo mundo pode jogar como atacante. Sim, por favor, faça isso. Diga que ficarei muito agradecido se ela jogar apenas esta vez. Tenho certeza que jogará muito bem — tem o tipo físico certo, e tudo o mais. Obrigado, srta. Philby.”

O coronel Smithers tirou um lenço com que enxugou a testa. “Perdão. O esporte e o bem-estar estão virando quase uma mania no Banco. Acabei de receber sem mais nem menos essa incumbência de cuidar do time de hóquei feminino. Como se eu já não estivesse mais do que ocupado com a gincana anual que vem aí. No entanto —” O coronel Smithers dispensou essas pequenas irritações — “como disse, é hora de tratarmos do contrabando. Sim, para início de conversa, e falando apenas da Inglaterra e da zona da libra, é um problema enorme, com certeza. Empregamos três mil funcionários no banco, senhor Bond, e destes, não menos que mil trabalham no departamento de controle do câmbio. Destes, pelo menos quinhentos, inclusive minha pequena equipe, estão comprometidos com o controle de movimentos ilícitos do lastro, tentativas de contrabando ou de escapar das regras do câmbio”.

“É muita coisa.” Bond comparou-o ao Serviço Secreto, que tinha um efetivo total de dois mil. “O senhor pode me dar um exemplo de contrabando

de ouro? Não consigo entender essas trapaças com base no dólar.”

“Está certo.” O coronel Smithers falava em um tom de voz baixo, suave, do funcionário público que trabalha demais. Era a voz de um especialista em determinado gênero de vigilância legal. Era uma confirmação de que ele sabia quase tudo sobre o assunto, e era capaz de adivinhar o resto. Bond conhecia bem esse tom de voz, a voz do funcionário público de primeira ordem. A despeito de seu prosaísmo, Bond começava a gostar do coronel Smithers. “Está bem. Suponha que você carrega no bolso uma barra de ouro mais ou menos do dobro do tamanho de um maço de cigarros Players. Pesará cerca de três quilos. Esqueça por enquanto onde você conseguiu arranjar-la — se a roubou, herdou ou algo assim. Terá vinte e quatro quilates — o que chamamos de ouro fino de mil. Sim, a lei diz que você precisa vendê-la ao banco da Inglaterra ao preço tabelado de doze libras e dez xelins por onça, ou 28,35 gramas. O que a faria valer mais ou menos mil libras. Mas você é ganancioso. Tem um amigo que vai para a Índia, ou talvez você seja amigo de algum piloto ou comissário de bordo de uma linha aérea que voa para o Oriente. Basta cortar a sua barra em fatias finas ou placas — e não demora a achar alguém que o faça — e costurar essas placas, que são menores que cartas de baralho, em uma cinta de algodão, dando uma comissão a seu amigo. Dá para pagar-lhe facilmente cem libras por este serviço. Seu amigo voa até Bombaim e vai ao primeiro comprador de ouro no bazar. Ele lhe dará mil e setecentas libras por sua barra de três quilos, e você estará mais rico do que antes. Veja só”, o coronel Smithers acenou alegremente com o cachimbo, “isto significa apenas um lucro de setenta por cento. Logo depois da guerra você obteria trezentos por cento. Se tivesse feito apenas meia dúzia de negócios assim, todo ano, hoje já poderia se aposentar”.

“Qual o motivo do preço mais alto na Índia?” Na verdade, Bond não tinha interesse real em saber isso. Mas imaginou que M talvez lhe perguntasse.

“É uma longa história. Resumindo, a Índia tem uma carência maior de ouro, principalmente para seu comércio de joias, do que qualquer outro país no mundo.”

“Qual a dimensão deste tráfico?”

“Enorme. Só para lhe dar uma ideia, o birô de inteligência da Índia e a alfândega *apreenderam* quarenta e três mil onças em 1955, ou seja, mil duzentas e dezenove toneladas. Duvido que isto represente um por cento do tráfico. O ouro vem chegando à Índia de todos os quadrantes. A esperteza mais recente é partir de Macau e jogá-lo de paraquedas para um comitê de

recepção — uma tonelada por vez — tal como costumávamos jogar suprimentos para a Resistência durante a guerra.”

“Compreendo. Existe algum outro lugar em que posso obter um bom lucro com minha barra de ouro?”

“Poderia obter um pequeno lucro na maioria dos países — na Suíça, por exemplo —, mas não valeria a pena. A Índia ainda é o lugar mais adequado.”

“Está certo”, disse Bond. “Acho que peguei o essencial. Agora, qual é o seu problema específico?” Recostou-se e acendeu um cigarro. Estava ansioso para ouvir falar do sr. Auric Goldfinger.

Os olhos do coronel Smithers voltaram a ter o seu aspecto duro e astuto. Disse, “Houve um sujeito que veio para a Inglaterra em 1937. Era um refugiado de Riga. Com o nome de Auric Goldfinger. Só tinha vinte anos ao chegar, mas devia ser um rapaz esperto porque adivinhou que os russos engoliriam sua pátria em breve. Era joalheiro e ourives de profissão, tal como seu pai e seu avô, que refinara ouro para Fabergé. Tinha um pouquinho de dinheiro e provavelmente uma cinta cheia de ouro, como aquelas de que lhe falei. Roubou-a de seu pai, suponho. Bem, logo depois de ter se naturalizado — era um tipo de sujeito inofensivo que trabalhava em um ofício útil e que não teve dificuldade em obter seus documentos —, começou a comprar pequenas lojas de penhores em todo o país. Colocou sua própria gente para administrá-las, pagou-a bem e mudou o nome dos penhores para “Goldfinger”. Em seguida transformou a atividade das lojas em venda de joalheria barata e compra de ouro antigo — você conhece esse tipo de lugar: ‘Pagamos melhor por ouro antigo. Nada é tão grande, ou pequeno demais’, tinha seu lema específico: ‘Compre a aliança dela com o cofrinho da vovó.’ Goldfinger prosperou bastante. Sempre escolheu bons pontos, bem na linha intermediária entre as ruas elegantes e as de classe média baixa. Jamais pôs o dedo em objetos roubados e adquiriu um bom nome na polícia de todos os lugares. Morava em Londres e visitava suas lojas uma vez por mês para recolher todo o ouro antigo. Não se interessava pelo lado da joalheria. Permitia que seus gerentes a administrassem à vontade.” O coronel Smithers olhou de maneira inquiridora para Bond. “Você deve achar que esses cofrinhos e cruces de ouro são café-pequeno. E são, mas acabam se acumulando se você possui vinte lojas, cada uma comprando talvez meia dúzia de peças avulsas toda semana. Bem, chegou a guerra e Goldfinger, como todos os joalheiros, foi obrigado a declarar seu estoque de ouro. Consultei sua declaração nos nossos arquivos antigos. Um quilo e quatrocentos gramas pelo conjunto de todas as lojas! — apenas o suficiente

para manter suas lojas abastecidas, visando a feitura de anéis e assim por diante, o que chamam no ramo de estoque de joalheiro. É claro que o deixaram ficar com aquilo. Ele se escondeu em uma fábrica de ferramentas no País de Gales, durante a guerra — bem longe da linha de combate —, e manteve o máximo possível de lojas funcionando. Deve ter se dado bem com os soldados americanos que geralmente viajam com uma águia de ouro ou uma moeda de cinquenta dólares mexicanos como reserva de emergência. Em seguida, quando veio a paz, Goldfinger começou a se mexer. Comprou uma casa, uma propriedade um tanto pretensiosa, em Reculver, na foz do Tâmis. Também investiu em uma traineira de ocasião, em Brixham, e um velho Rolls Royce Silver Ghost — carro blindado, fabricado para algum presidente latino-americano que fora morto antes de a encomenda ser entregue. Criou uma pequena fábrica chamada Pesquisa de Ligas Metálicas Thanet no terreno de sua casa, empregando um metalúrgico alemão, prisioneiro de guerra que não quis voltar para a Alemanha, e meia dúzia de estivadores coreanos que arranjou em Liverpool. Como não conheciam sequer uma palavra de qualquer língua civilizada, não representavam um risco de segurança. Em seguida, no decorrer de dez anos, só sabemos que viajava uma vez por ano na sua traineira para a Índia, e fazia algumas viagens de carro por ano para a Suíça. Montou uma subsidiária de sua firma de ligas metálicas perto de Genebra. Manteve as lojas funcionando. Abandonou o hábito de recolher pessoalmente o ouro antigo — usando um de seus coreanos que ensinou a dirigir. Está certo, talvez o sr. Goldfinger não seja um sujeito muito honesto, mas sabe se comportar e mantém boas relações com a polícia, e com tantas trapaças mais ostensivas acontecendo em todo o país, ninguém lhe deu muita atenção.”

O coronel Smithers interrompeu a sua fala. Olhou com ar de desculpas para Bond. “Não o estarei entediando? Quero que você tenha um apanhado do tipo de sujeito que ele é — tranquilo, cumpridor da lei e com o tipo de disposição e determinação que todos nós admiramos. Nunca tínhamos ouvido falar dele até que sofreu um ligeiro contratempo. No verão de 1954, sua traineira, que voltava da Índia, encalhou em Goodwins e ele vendeu os destroços por uma ninharia para a Dover Salvage Company. Quando esta empresa começou a desmontar o barco e chegou ao porão, viu que o madeirame estava impregnado de um tipo de pó marrom que não conseguiam identificar. Mandaram uma amostra para um farmacêutico local. Ficaram espantados quando ele disse que aquele negócio era ouro. Não vou entediá-lo dando a fórmula, mas o ouro pode ser dissolvido em uma mistura de ácido nítrico e clorídrico, e os agentes redutores — dióxido de enxofre ou ácido oxálico — precipitam o metal na forma de um pó marrom. Este pó pode ser transformado em lingotes de ouro, derretendo-o a uma temperatura por volta

dos mil graus centígrados. É preciso ter cuidado com o gás de cloro, mas fora isso é um processo simples.

“O abelhudo de sempre na firma de recuperação de restos de naufrágios fez uma fofoca com um dos agentes alfandegários de Dover e um relatório acabou chegando à polícia, ao comitê de investigações criminais e a mim, junto com a documentação sobre o carregamento de todas as viagens de Goldfinger à Índia. Esses carregamentos sempre foram descritos como poeira mineral para fertilizantes — tudo bastante crível, já que os fertilizantes modernos usam traços de vários minerais em sua composição. O panorama era claro como cristal. Goldfinger andara refinando seu ouro antigo, precipitando-o neste pó marrom e despachando-o para a Índia como fertilizante. Mas poderíamos incriminá-lo? Não. Demos uma olhada discreta na sua movimentação bancária e declarações ao imposto de renda. Vinte mil libras depositadas no Barclays em Ramsgate. Imposto de renda e demais impostos pagos prontamente todo ano. Os números demonstravam o progresso natural de uma empresa de joalheria bem administrada. Disfarçamos uma dupla da Equipe do Ouro e a mandamos ir bater na porta da usina do sr. Goldfinger em Reculver. ‘Desculpe, inspeção de rotina do setor de engenharia do Ministério do Trabalho. Precisamos verificar se as medidas de segurança e salubridade no trabalho estão sendo respeitadas.’ ‘Entrem, entrem.’ O sr. Goldfinger os acolheu da melhor maneira possível. Veja só, ele poderia ter sido avisado pelo gerente de seu banco ou por alguém, mas aquela empresa era inteiramente dedicada a criar uma liga metálica barata para os adereços dos joalheiros — experimentando ligas incomuns de metais como alumínio e latão, em vez de cobre e níquel e paládio que são comumente usados nas ligas de ouro. Havia traços de ouro, claro, e fornos capazes de aquecer a dois mil graus e assim por diante, mas afinal de contas Goldfinger era um pequeno joalheiro e fundidor, e tudo isso era perfeitamente legal. A Equipe do Ouro se retirou desconsolada, nosso departamento legal resolveu que o pó marrom no madeirame não bastava para abrir um processo, sem maiores provas complementares, só que” — o coronel Smithers abanou lentamente o cabo do cachimbo — “mantive esse arquivo aberto e comecei a xeretar nos bancos em volta do mundo”.

O coronel Smithers fez uma pausa. O rumor do centro financeiro de Londres chegava pela janela alta e meio aberta atrás de sua cadeira. Bond consultou o relógio furtivamente. Cinco horas. O coronel Smithers se levantou da cadeira. Colocou as mãos espalmadas em cima da mesa e se inclinou. “Levei cinco anos, senhor Bond, para descobrir que o senhor Goldfinger, em termos de liquidez, é o homem mais rico da Inglaterra. Em

Zurique, Nassau, Panamá e Nova York, ele tem vinte milhões de libras em barras de ouro guardadas em segurança. Todas essas barras, senhor Bond, não são da Casa da Moeda. Não trazem nenhum tipo de marca oficial de origem. São barras fundidas pelo próprio sr. Goldfinger. Voei até Nassau e dei uma olhada nos cinco milhões de libras em barras, ali depositadas nos cofres do Royal Bank of Canada. Por estranho que pareça, ele, como todos os artistas, não pode se impedir de assinar sua obra. É preciso um microscópio para ver, mas em algum canto das barras de Goldfinger há um minúsculo Z arranhado no metal. E aquele ouro, ou a maior parte dele, pertence à Inglaterra. O banco não pode fazer nada a respeito, por isso estamos lhe pedindo para responsabilizar o sr. Goldfinger e recuperar esse ouro. O senhor está sabendo da crise da moeda e das altas taxas de juros? Claro que sim. Pois bem, a Inglaterra precisa muito desse ouro — quanto mais rápido, melhor”.

7.

PENSAMENTOS EM UM DB III

Bond seguiu o coronel Smithers até o elevador. Enquanto esperavam, Bond olhou pela janela alta no fim do corredor. Viu o poço profundo do pátio dos fundos do banco. Um caminhão bem-conservado, marrom-chocolate, sem nenhuma logomarca, entrara no pátio através dos portões triplos de aço. Começara a descarregar caixas quadradas de papelão, colocando-as em uma esteira rolante curta que sumia nas entranhas do banco.

O coronel Smithers se aproximou. “Notas de cinco”, comentou. “Acabam de chegar da nossa impressora em Loughton.”

O elevador chegou e eles entraram. Bond disse, “Essas novas não me impressionam muito. Podem ser de qualquer país. As antigas eram o dinheiro mais bonito do mundo.”

Atravessaram o saguão de entrada, pouco iluminado e deserto. O coronel Smithers disse, “Aliás, concordo com você. O problema é que aquelas falsificações do Reich durante a guerra foram danadas de boas. Quando os russos tomaram Berlim, entre o espólio de guerra estavam as placas usadas na impressão. Pedimos que o Narodni Bank as devolvesse, mas eles se recusaram. Nós e o Tesouro decidimos que a coisa era muito perigosa. A qualquer momento que Moscou quisesse, poderia deslanchar um grande ataque contra a nossa moeda. Foi preciso recolher as notas antigas de cinco. As novas não são muito bonitas, mas pelo menos darão um trabalho dos diabos para falsificar.”

O guarda noturno deixou-os passar até a escada. Threadneedle Street estava quase deserta. A longa noite do centro financeiro começava. Bond se despediu do coronel Smithers e foi andando até o metrô. Nunca tivera o Banco da Inglaterra em alta conta, mas agora que estivera lá dentro, concluía que o Velhinho de Threadneedle Street podia ser velho, mas ainda conservava alguns dentes na boca.

Bond tinha ordens de se apresentar a M às seis. Foi o que fez. O rosto de M não estava mais rosado e lúcido. O longo dia o havia maltratado,

estressado, encolhido. Quando Bond entrou e se sentou na cadeira diante da escrivaninha, notou o esforço consciente de M para esvaziar a cabeça, para lidar com o novo problema que o dia haveria de lhe impor. M se endireitou na cadeira e estendeu a mão para pegar o cachimbo. “Então?”

Bond conhecia a falsa belicosidade daquela expressão vocal meio rosnada. Contou a essência da história em menos de cinco minutos.

Quando acabou, M disse pensativamente, “Acho que temos que aceitar. Não compreendo nada sobre a libra e juros bancários e tudo o mais, mas todo mundo parece levar isso tão a sério. Pessoalmente acho que o valor da libra deveria depender de quanto trabalhamos, em vez da quantidade de ouro que possuímos. Os alemães não tinham muito ouro depois da guerra. Olha só o que conseguiram fazer em dez anos. No entanto, isto talvez seja uma solução simples demais para os políticos — ou talvez mais difícil. Você tem alguma ideia sobre como abordar este sujeito Goldfinger? Algum modo de se aproximar dele, de se oferecer para fazer algum trabalho sujo para ele ou algo assim?”

Bond respondeu, pensativo, “Não conseguiria nada bajulando-o, pedindo-lhe um emprego, algo desse tipo. Diria que ele é o tipo de homem que só respeita quem é mais forte ou esperto do que ele. Eu lhe dei uma surra e a única mensagem que me mandou foi que gostaria de jogar golfe comigo. Talvez seja melhor fazer exatamente isso.”

“Bela maneira de um dos meus agentes principais passar o tempo.” O sarcasmo da voz de M era um sarcasmo cansado. “Está bem, vá em frente. Mas, se o que você disse é certo, é melhor ter certeza de ganhar. Que história você vai contar?”

Bond deu de ombros. “Ainda não sei. Talvez eu deva pensar em deixar a Universal Export, porque não há futuro nela. Tirar férias enquanto procuro alguma coisa. Pensar em emigrar para o Canadá. Declarar que estou farto daqui. Algo assim. Mas talvez seja melhor improvisar, dançar conforme a música. Acho que ele não é um sujeito fácil de enganar.”

“Está certo. Faça um relatório sobre a evolução do caso. E não pense que eu não estou interessado nele.” O tom de voz de M mudara. E também sua expressão. Seu olhar tornara-se premente, autoritário. “Agora vou lhe dar uma informação que o banco não deu. Acontece que também conheço o aspecto das barras de ouro do senhor Goldfinger. Por falar nisso, hoje segurei uma delas — riscada com o Z e tudo o mais. Veio com as sobras do ‘incêndio’ no escritório do diretor residente dos vermelhos em Tânger. Você deve ter visto

as mensagens. Sim, esta foi a vigésima dessas barras com que topamos desde a guerra.”

Bond interrompeu, “Mas essa barra de Tânger foi tirada do cofre da SMERSH.”

“Exatamente. Verifiquei. Todas as outras dezenove barras grafadas com Z foram capturadas de agentes da SMERSH.” M fez uma pausa. Disse em tom de voz suave, “Sabe, 007, eu não me surpreenderia se Goldfinger acabasse sendo o banqueiro no exterior ou, se quisesse, o tesoureiro da SMERSH.”

James Bond arremeteu o DB III pelo último quilômetro de reta e reduziu como um piloto de corrida para terceira, e depois para segunda, para enfrentar a pequena ladeira antes do inevitável tráfego engarrafado através de Rochester. Refreado pelas garras de veludo dos freios dianteiros a disco, o motor resmungou com um leve retrocesso em seus escapamentos duplos. Bond passou a terceira de novo, conseguiu ultrapassar a tempo o sinal embaixo do morro e deslizou resignado para tomar o último lugar na fila que se arrastaria por mais uns quinze minutos — se tivesse sorte — através das zonas de expansão urbana de Rochester e Chatham.

Bond voltou a se acomodar em segunda, deixando que o carro seguisse indolentemente. Estendeu a mão para pegar a cigareira de estanho de cigarros Morland, no assento dianteiro ao lado, tateou até pegar um e acendeu-o no isqueiro do painel.

Escolhera a A2, em vez da A20 para Sandwich, porque queria dar uma rápida olhada no território de Goldfinger — Reculver e aqueles recessos esquecidos e melancólicos do Tâmesa que Goldfinger escolhera como paróquia. Em seguida atravessaria a ilha de Thanet até Ramsgate, deixaria a mala no Channel Packet, almoçaria cedo e prosseguiria para Sandwich.

O carro era do serviço. Ofereceram a Bond o Aston Martin ou o Jaguar 3.4. Pegara o DB III. Qualquer um dos carros teria combinado com seu disfarce — de homem jovem, bem situado, um tanto aventureiro, amante das coisas boas e velozes da vida. Mas o DB III tinha a vantagem de ter documentos de importação atualizados, válidos para vários países, uma cor discreta — cinza dos navios de guerra — e certos acessórios que talvez pudessem ser úteis. Entre eles, botões que alteravam o tipo e a cor das luzes dianteiras e traseiras do carro, no caso de ele estar seguindo alguém, ou sendo seguido de noite; para-choques reforçados de aço, na frente e atrás, se fosse preciso abalroar alguma coisa, um Colt .45 cano longo escondido em um compartimento secreto debaixo do assento do motorista, um receptor de rádio

regulado para receber um aparelho chamado Homer, e bastante espaço oculto capaz de enganar a maioria dos guardas aduaneiros.

Bond percebeu a oportunidade e ganhou cinquenta metros, entrando em um vão de dez metros deixado por um sedã familiar de reações lentas. O sujeito no volante, que portava aquele emblema infalível do mau motorista, um chapéu enfiado com força no meio da cabeça, buzinou zangado. Bond meteu o braço pela janela, de punho erguido. A buzina parou.

E aquela teoria de M? Fazia sentido. Os russos eram notoriamente incompetentes na hora de pagar seus agentes. Seus centros viviam sem fundos — os seus agentes a reclamar de Moscou que não tinham dinheiro nem para uma refeição decente. Talvez a SMERSH não conseguisse obter as verbas do Ministério de Segurança. Ou talvez o Ministério de Segurança não conseguisse obter verba do Ministério da Fazenda. Mas era sempre a mesma coisa — problemas infundáveis de verbas que resultavam em oportunidades perdidas, promessas quebradas e desperdício de tempo perigoso no rádio. Faria sentido manter um cabeça financeiro inteligente, fora da Rússia, não só encarregado de fazer chegar verbas aos centros, mas também de obter lucros suficientes para o funcionamento dos centros da SMERSH no estrangeiro, sem a ajuda financeira de Moscou. E não apenas isso. Ao mesmo tempo, Goldfinger estava corroendo a base monetária de um país inimigo. Se tudo estivesse correto, era algo típico da SMERSH — um plano brilhante, dirigido impecavelmente por alguém extraordinário. O que também, refletiu Bond, enquanto subia rugindo a colina para entrar em Chatham, ultrapassando meia dúzia de carros, explicaria em parte a ganância de Goldfinger por dinheiro, sempre mais dinheiro. Dedicção à causa da SMERSH, e talvez a recompensa de uma Ordem de Lenin pendurada no peito, possivelmente a motivação de se apropriar até de dez ou vinte mil dólares quando a ocasião fosse propícia, ou manipulada para se tornar propícia. Os fundos para a Revolução Vermelha, para a disciplina infundida pelo medo, a especialidade da SMERSH, jamais poderiam ser mais do que suficientes. Goldfinger não ganhava dinheiro em causa própria. Ganhava em prol da conquista do mundo! O risco menor de ser apanhado, como o fora por Bond, não era nada. Vejam só! Como o Banco da Inglaterra poderia puni-lo, mesmo se todas as suas operações passadas viessem à tona? Com uma condenação de dois anos de prisão? Três?

O tráfego rareava nas vizinhanças de Gillingham. Bond começou a dirigir novamente à vontade, agora sem impedimentos, mas sem correr, seguindo os próprios pensamentos enquanto as mãos e os pés cumpriam seus gestos automáticos.

Então foi em 1937 que a SMERSH deve ter mandado Goldfinger com sua cinta cheia de ouro na cintura. Ele demonstrara suas habilidades específicas, seu tino comercial, durante o treinamento na escola de espiões em Leningrado. Devem ter lhe dito que haveria uma guerra, que era preciso se entrincheirar e começar lentamente a acumular dinheiro. Goldfinger jamais podia sujar as mãos, encontrar algum agente, receber uma passagem ou uma mensagem. Devem ter combinado alguma rotina de comunicação. “Vauxhall ’39. Bom estado. Preço mínimo de 1.000 libras”, “Rover impecável, 2.000 libras”, “Bentley, 5.000 libras”. Sempre um anúncio que não chamasse atenção ou recebesse ofertas. Os preços eram caros demais, a descrição talvez inadequada. Talvez nos classificados do *The Times*. E Goldfinger poria a barra de ouro de duas mil ou de cinco mil libras em um dos locais, da longa série de esconderijos que Moscou havia combinado com ele antes de sua partida. Uma determinada ponte, uma árvore oca, debaixo da pedra de um riacho em qualquer lugar da Inglaterra. E ele jamais iria de novo àquele esconderijo. Cabia a Moscou assegurar que o agente chegasse ao tesouro escondido. Mais tarde, no pós-guerra, quando ele se tornara alguém de peso, os locais de depósito não mais seriam pontes e árvores. Agora lhe dariam datas, caixas de valores numeradas, escaninhos de guardar bagagens nas estações. Mas persistia a regra de nunca voltar aos lugares, nunca correr riscos. Talvez só recebesse instruções uma vez por ano, em um encontro ao acaso em algum parque, através de uma carta que alguém lhe enfiava no bolso durante uma viagem de trem. Mas sempre barras de ouro, anônimas, incapazes de serem rastreadas se fossem capturadas — exceto pelo minúsculo Z que a vaidade o fizera imprimir na sua obra e que aquele cão de caça tedioso do Banco da Inglaterra, chamado coronel Smithers, descobrira por acaso no decorrer de suas investigações profissionais.

Bond corria entre os pomares infindáveis dos fruticultores de Faversham. O sol saía de trás da neblina de Londres. À sua esquerda via-se o brilho distante do Tâmesa. Havia tráfego no rio — os longos e luzidios petroleiros, atarracados navios de carga, os Schuyts holandeses antediluvianos. Bond deixou a estrada de Canterbury, passando à rodovia paradoxalmente custosa que corta o universo barato dos bangalôs das regiões que vivem da estação de férias — Whitstable, Herne Bay, Birchington, Margate. Ainda continuava a rodar preguiçosamente a oitenta, segurando o volante de corrida com mão leve, ouvindo o ronronar descontraído dos escapamentos, encaixando os recortes de seus pensamentos no quebra-cabeça, como fizera duas noites antes no Identicast.

E Bond refletia que, enquanto Goldfinger bombeava um milhão, dois

milhões de libras por ano na goela sanguinária da SMERSH, aumentava suas reservas exponencialmente, trabalhando-as, fazendo-as trabalhar para ele com as oportunidades que se apresentavam, acumulando o lucro para o dia em que as trombetas soassem no Kremlin e toda a energia daquele ouro fosse mobilizada. Ninguém fora de Moscou havia reparado no esquema, ninguém desconfiava que Goldfinger — o joalheiro, o dono de metalúrgica, o residente em Reculver e Nassau, o respeitado sócio do Blades, do Royal St Marks em Sandwich — fosse um dos maiores conspiradores de todos os tempos, que financiara o assassinato de centenas, talvez milhares de vítimas da SMERSH no mundo inteiro. SMERSH, morte aos espões — o *apparat* de eliminação física da cúpula do Presidium! E somente M desconfiava, só Bond sabia. E ali estava Bond, que se lançava contra este homem por uma série de golpes da sorte, uma série de coincidências que começara com o enguiço de um avião do outro lado do mundo. Bond sorriu de modo compenetrado. Quantas vezes as coisas não se passaram de maneira idêntica na sua profissão — uma pequena coincidência, uma pequena semente que crescera até se tornar o carvalho imponente cujos galhos sombreavam a terra. E agora, partira mais uma vez para coibir esse crescimento terrível. Com quê? Com uma bolsa de tacos de golfe?

Um Ford Popular azul-celeste, repintado, com grandes maçanetas amarelas, avançava pelo cume da estrada adiante. Bond deu duas buzinas curtas e polidas. Não houve reação. O Ford Popular estava indo a sessenta. Por que alguém haveria de querer andar a mais do que essa respeitável velocidade? O Ford ergueu os ombros obstinadamente, continuando na mesma posição. Bond deu uma buzina forte, na esperança que ele saísse da frente. Foi obrigado a pressionar os freios quando ele não o fez. Que diabo de homem! Mas é claro! A figura de sempre, tensa, com as mãos segurando o volante muito alto, o chapéu inevitável, desta vez um horrível chapéu-coco preto, enfiado com força em uma cabeça de projétil. Ah, bem, pensou Bond, não valia a pena apressar o surgimento de uma úlcera por causa dele. Reduziu e passou com o DB III pelo acostamento, com desprezo, em uma arremetida só. Idiota!

Oito quilômetros adiante, Bond passou pelo mundo televisivo bonitinho de Herne Bay. O uivo de Manston podia ser ouvido à direita na distância. Um conjunto de três Super Sabres chegava para o pouso. Tangenciaram o horizonte à sua direita, como se estivessem se arremessando contra o solo. Meio distraído, Bond ouviu o ronco atrasado de seus motores a jato os alcançando ao pousarem e taxiar até seus hangares. Chegou a uma encruzilhada. À esquerda uma placa indicava RECULVER. Embaixo havia

uma placa que sinalizava os monumentos, indicando a igreja de Reculver. Bond diminuiu a marcha, mas sem parar. Nada de demoras. Continuou a rodar sem pressa com os olhos bem abertos. O litoral era por demais exposto para que uma traineira fizesse algo além de lançar âncora ou encalhar. É provável que Goldfinger usasse Ramsgate. Um portinho tranquilo. A polícia e a alfândega só estariam de olho no conhaque vindo da França. Havia um arvoredado fechado entre a estrada e a costa, a visão de tetos e da chaminé de uma fábrica de tamanho médio, de onde saía uma leve pluma de fumaça ou de vapor. Deveria ser ela. Breve chegou ao portão em frente de uma longa entrada. Um aviso discretamente autoritário dizia, LIGAS METÁLICAS THANET, e debaixo: PROIBIDA A ENTRADA A NÃO SER A NEGÓCIOS. Tudo muito respeitável. Bond passou devagar. Não havia mais nada a ser visto. Pegou a próxima curva à direita que atravessava o platô de Manston até Ramsgate.

Era meio-dia. Bond examinou suas acomodações, um quarto duplo com banheiro no último andar do Channel Packet. Tirou seus poucos pertences da mala e desceu até o bar onde tomou uma vodca com tônica e comeu dois excelentes sanduíches de presunto com bastante mostarda. Em seguida voltou ao carro e prosseguiu lentamente para o Royal St Marks, em Sandwich.

Bond levou seus tacos para a loja do clube, e passou à oficina. Alfred Blacking estava aparafusando um cabo novo em um driver.

“Alô, Alfred.”

O profissional levantou os olhos abruptamente. Seu rosto bronzeado e bruto se abriu em um sorriso amplo. “Veja só, se não é o senhor James!” Apertaram as mãos. “Devem ser quinze, vinte anos. O que o traz aqui? Alguém outro dia me disse que o senhor estava no não sei o quê diplomático. Sempre no estrangeiro. Bem, jamais pensei! A mesma tacada seca de sempre?” Alfred Blacking uniu as mãos e deu um golpe lento, plano.

“Infelizmente, Alfred. Nunca tive tempo de melhorar. Como estão a senhora Blacking e Cecil?”

“Não posso reclamar. Cecil chegou ao final do campeonato de Kent no ano passado. Deve ganhar este ano se conseguir sair da loja e for jogar um pouco mais no campo.”

Bond encostou seus tacos na parede. Era bom voltar. Tudo estava como antes. Houve uma época em sua juventude quando jogava duas partidas por dia, em todos os dias da semana, no St Marks. Blacking sempre quis treiná-lo. “Com um pouco de prática, senhor James, o senhor estaria pronto. Não é

brincadeira. Estaria mesmo. Por que o senhor quer ficar em torno dos seis? O senhor já tem tudo, fora o swing amplo e a vontade de bater na bola até que ela suma de vista. E o senhor tem o temperamento certo. Depois de uns dois anos, talvez um, eu o ponho no torneio de amadores.” Mas algo dissera a Bond que o golfe não seria uma parte importante de sua vida, e já que ele gostava do jogo, melhor seria esquecer as lições e jogar o máximo possível. Sim, fazia cerca de vinte anos desde o seu último jogo em St Marks. Jamais voltara — mesmo quando houve aquele episódio terrível do Moonraker em Kingsdown, a dezesseis quilômetros de distância, no litoral. Talvez por sentimentalismo. Desde St Marks, Bond jogara bastante golfe nos fins de semana, quando estava na sede do serviço. Mas sempre nos campos em volta de Londres — Huntercombe, Swinley, Sunningdale, em Berkshire. O handicap de Bond subira para nove. Mas nove de verdade — como não podia deixar de ser, com os jogos que andara jogando no Nassaus a dez libras, com aqueles tipos alegres e durões, sempre dispostos a lhe pagar dois kùmmels duplos depois do almoço.

“Alguma chance de jogar, Alfred?”

O profissional olhou através de sua janela dos fundos para o estacionamento em volta do mastro alto. Sacudiu a cabeça. “Não parece muito promissor. A gente não recebe muitos jogadores no meio da semana, nesta época do ano.”

“E você?”

“Desculpe. Já estou reservado. Vou jogar com um sócio. É um compromisso diário. Todo dia às duas horas. E o problema é que Cecil foi até o Princes para treinar para o campeonato. Que diabo de situação!” (Alfred jamais costumava usar linguagem mais pesada do que esta.) “*Tinha* de ser assim. Quanto tempo ficará?”

“Não muito tempo. Não faz mal. Bato uma bola com um caddie. Quem é o sujeito com quem você vai jogar?”

“Um certo senhor Goldfinger.” Alfred pareceu desanimado.

“Ah, Goldfinger. Sei quem é o sujeito. Conheci-o outro dia na América.”

“Verdade?” Alfred achava obviamente uma raridade alguém que conhecesse o sr. Goldfinger. Observou o rosto de Bond com cuidado para verificar qualquer outra reação.

“É bom?”

“Mais ou menos. Aproveitável, perto dos nove.”

“Deve levar o golfe muito a sério, se ele joga com você todos os dias.”

“Bem, é verdade.” O rosto do profissional tinha aquela expressão que Bond lembrava tão bem. Significava que Blacking tinha uma opinião desfavorável de algum membro, mas como era um bom funcionário do clube, não dizia nada a ninguém.

Bond sorriu. Disse: “Você não mudou, Alfred. No fundo quer dizer que ninguém deseja jogar com ele. Lembra de Farquharson? O jogador mais lento da Inglaterra. Lembro de você acompanhá-lo durante vinte anos. Vamos lá. Qual é o problema de Goldfinger?”

O profissional riu. Respondeu, “Foi o senhor que não mudou, senhor James. Sempre muito curioso.” Ele se aproximou mais um passo e abaixou a voz. “A verdade é que alguns membros acham que o senhor Goldfinger é apenas um pouco ganancioso demais. O senhor sabe. Muda sua posição para melhor e assim por diante.” O profissional pegou o driver que estava segurando, colocou-se em posição, olhou para um buraco imaginário e bateu com o taco no chão para cima e para baixo, como se estivesse se dirigindo a uma bola imaginária. “Deixe-me ver, agora, será que é uma posição para usar um ferro? O que acha, caddie?” Alfred Blacking deu uma risada. “Bem, na hora em que acabar de amassar a terra atrás da bola, a bola terá subido dois centímetros e será mesmo uma situação apropriada para um ferro.” O rosto de Alfred Blacking se fechou novamente. “Mas são apenas boatos. Nunca vi nada. É um cavalheiro que fala pouco. Tem uma propriedade em Reculver. Costumava vir muito aqui. Mas nos últimos anos só passa algumas semanas, toda vez que vem à Inglaterra. Telefona, pergunta se há alguém querendo jogar, e quando não há me contrata ou a Cecil. Ligou hoje de manhã e perguntou se havia alguém por aqui. Às vezes aparece algum estranho.” Alfred Blacking deu um olhar de interrogação para Bond. “O senhor não gostaria de jogar com ele esta tarde? Parece esquisito o senhor estar aqui e ele não ter parceiro para jogar. E ainda mais porque o conhece. Pode achar que estou querendo reservá-lo para mim ou algo do gênero. Não fica bem.”

“Que bobagem, Alfred. Você precisa ganhar a vida. Por que não jogamos a três?”

“Ele não joga deste modo. Diz que é muito lento. E aí concordo. Não se preocupe com os meus honorários. Tenho muito trabalho na oficina e ficarei contente em ter uma tarde livre para enfrentar o batente.” Alfred Blacking consultou o relógio. “Deve estar chegando a qualquer momento. Tenho um caddie para o senhor. Lembra-se de Hawker?” Alfred Blacking riu de modo indulgente. “Ainda é o velho Hawker. Será mais um que ficará contente em

revê-lo por aqui.”

Bond disse, “Bem, obrigado, Alfred. Gostaria de saber como joga esse sujeito. Mas por que não deixar a coisa assim? Diga que dei um pulo aqui para mandar consertar um taco. Sou um velho membro. Costumava jogar aqui antes da guerra. Aliás, preciso de um quatro de madeira. O velho que você fez está cedendo um pouco nas junções. Seja natural. Não revele que me contou que ele estava aqui. Ficarei na oficina, de modo a lhe dar a oportunidade de fazer sua escolha sem me ofender. Talvez não goste da minha cara ou algo assim. Certo?”

“Muito bem, senhor James. Deixe comigo. É o carro dele chegando agora.” Blacking apontou para a janela. A oitocentos metros dali, um veículo amarelo reluzente saía da estrada e pegava a entrada particular. “Negócio engraçado. É o tipo de carro que a gente costumava ver por aqui quando eu era menino.”

Bond observou o velho Silver Ghost deslizar majestosamente pelo caminho, em direção ao clube. Era uma beleza! O sol brilhava no radiador prateado e no escudo de alumínio virado para o motor, embaixo da alta cortina perpendicular de vidro do para-brisa. O porta-bagagem em cima da carroceria pesada da limusine — tão feio há vinte anos, tão estranhamento bonito hoje — era de bronze polido, como também os dois faróis Lucas, “Rei da estrada”, que fitavam com tanta altivez o caminho em frente, e a boca larga de velha jiboia da corneta da buzina. O carro inteiro, exceto o teto preto e as linhas pretas da carroceria e dos painéis curvados embaixo das janelas, era amarelo-claro. Bond teve a ideia de que o presidente latino-americano deve tê-lo copiado da famosa frota amarela que levou Lord Lonsdale para o Derby e para Ascot.

E agora? No volante vinha uma figura de casaco e boné café com leite, com sua grande cara redonda escondida por óculos de aros pretos de dirigir. Ao lado dele estava uma figura atarracada de preto, com um chapéu-coco bem fixo no meio da cabeça. As duas figuras olhavam em frente com uma curiosa imobilidade. Era quase como se estivessem andando em um carro fúnebre.

O automóvel se aproximava. Os seis pares de olhos — os olhos dos dois sujeitos e as duas grandes órbitas gêmeas do carro — pareciam olhar direto pela janela, bem nos olhos de Bond.

Ele, instintivamente recuou uns passos até os recessos escuros da oficina. Ao perceber o movimento, riu consigo mesmo. Pegou o putter de alguém, inclinou-se e preparou-se pensativamente para jogar com um nó no assoalho

de madeira.



PARTE 2

COINCIDÊNCIA

8.

FAZENDO TUDO PARA JOGAR

“Boa tarde, Blacking. Tudo pronto?” A voz era displicente, autoritária. “Vejo que há um carro lá fora. Será alguém que quer jogar, por acaso?”

“Não tenho certeza. É um sócio antigo que voltou para consertar um taco. Quer que eu lhe pergunte?”

“Quem é. Como se chama?”

Bond sorriu compenetrado. Aguçou os ouvidos. Queria captar cada inflexão de voz.

“Um certo senhor Bond.”

Houve uma pausa. “Bond?” A voz não mudara. Demonstrou um interesse polido. “Conheci um sujeito chamado Bond outro dia. Como é seu prenome?”

“James.”

“Ah, sim.” Agora houve uma pausa mais longa. “Ele sabe que estou aqui?” Bond podia perceber as antenas de Goldfinger, sondando a situação.

“Está na oficina. Talvez tenha visto seu carro chegando.” Bond pensou: Alfred nunca mentiu na sua vida. Não será agora que vai começar.

“Talvez seja boa ideia.” A voz de Goldfinger se tornou mais flexível. Queria algo de Alfred Blacking, alguma informação. “Como joga? Qual é seu handicap?”

“Costumava jogar bastante bem quando garoto. Não o vejo jogar desde então.”

“Hum.”

Bond podia perceber o homem avaliando aquilo tudo. Intuiu que morderia a isca. Enfiou a mão na sacola e tirou seu driver, esfregando o cabo com um bloco de goma-laca. Melhor parecer ocupado. Uma tábua rangeu na oficina. Bond estava lá esfregando, concentrado, de costas para a porta aberta.

“Acho que já nos conhecemos.” A voz que vinha da porta era baixa,

neutra.

Bond deu uma olhada rápida por cima do ombro. “Meu Deus, você me deu um susto. Veja só” — o reconhecimento chegara, afinal — “é Gold, Goldman... ah... Goldfinger”. Esperava que não estivesse exagerando o teatro. Falou, com um toque de desagrado e desconfiança, “De onde você surgiu?”

“Eu disse que jogava aqui. Lembra?” Goldfinger olhava para ele com um ar astucioso. Agora os olhos se abriram bem. O olhar de raios X penetrou até o fundo do crânio de Bond.

“Não.”

“A srta. Masterton não lhe deu meu recado?”

“Não. Qual era?”

“É que eu estaria aqui e gostaria de disputar um jogo de golfe com você.”

“Ah, sim”, a voz de Bond era fria e polida, “precisamos fazer isso um dia desses”.

“Eu ia jogar com o empregado. Em vez disso, jogamos nós.” Era uma afirmativa.

Não havia dúvida de que Goldfinger engolira a isca. Agora Bond precisava se fazer de difícil.

“Por que não em outra oportunidade? Vim encomendar um taco. Aliás, não tenho treinado. Provavelmente não temos caddies.” Bond estava sendo o mais grosseiro possível. Deixando óbvio que jogar com Goldfinger era a última coisa que ele queria.

“Também não jogo há algum tempo.” (Mentiroso filho da mãe, pensou Bond.) “Arranjar um taco não levará mais que um instante.” Goldfinger virou-se para dentro da oficina. “Blacking, você tem algum caddie para o sr. Bond?”

“Sim, senhor.”

“Então está resolvido.”

Bond tornou a enfiar o driver de volta na sacola, desanimado. “Bom, está certo então.” Pensou em uma maneira de fazer Goldfinger desistir. Afirmou, de modo abrupto, “Mas eu o aviso, gosto de jogar a dinheiro. Não me interessa tacar a bola por aí, só pelo prazer de jogar.” Bond gostou do personagem que ele mesmo começara a se atribuir.

Teria havido uma centelha de triunfo, rapidamente suprimida, nos olhos claros de Goldfinger? Respondeu com indiferença, “Isso me convém. Como você quiser. Sem handicap, é claro. Acho que você disse que o seu é nove.”

“É.”

Goldfinger perguntou, cauteloso, “Onde?”

“Huntercombe.” Bond também tinha nove em Sunningdale. Huntercombe era um campo mais fácil. Nove em Huntercombe não deveria assustar Goldfinger.

“O meu também é nove. Aqui. Está lá no quadro. Portanto será um jogo equilibrado. Certo?”

Bond deu de ombros. “Você deve ser melhor do que eu.”

“Duvido. No entanto”, Goldfinger disse casualmente, “olha o que farei. Aquele dinheirinho que você tomou de mim em Miami. Lembra? A grande quantia de dez mil. Gosto de apostar. Seria bom recuperá-lo. Aposto o dobro ou nada”.

Bond respondeu, displicente, “É demais.” Então, como se pensasse melhor, pensasse que poderia ganhar, acabou dizendo — com a quantidade exata de artimanha mesclada a relutância — “Bom, foi um dinheiro praticamente ‘achado na rua’. Não custa ter que me desfazer dele. Ah, tudo bem. Dinheiro que se ganha fácil, se perde fácil. Feito. Dez mil dólares então.”

Goldfinger afastou-se. Disse, e havia certa doçura na sua voz monótona. “Tudo combinado, senhor Blacking. Muito obrigado. Ponha seus honorários na minha conta. Sinto muito pelo nosso jogo. Agora, vou pagar ao caddie.”

Depois Blacking foi à oficina e pegou os tacos de Bond. Olhou bem para ele e disse: “Lembre-se daquilo que lhe disse”, piscando. “Isto é, sobre aquela sua tacada seca. Precisa prestar atenção nela — o tempo todo.”

Bond sorriu para ele. Alfred tinha ouvidos aguçados. Pode não ter ouvido a quantia, mas sabia que era de certo modo um jogo decisivo. “Obrigado, Alfred. Não me esquecerei. Quatro Penfolds — aquelas com os corações. E uma dúzia de tees. Não levarei um minuto.”

Bond saiu da oficina e foi até o carro. O sujeito de chapéu-coco polia as partes metálicas do Rolls com um pano. Bond sentiu, mais do que viu, o homem parar para observá-lo tirando a sacola e entrando na sede do clube. Tinha um rosto quadrado amarelo. Seria um dos coreanos?

Bond pagou a taxa de jogo a Hampton, o encarregado, e foi para o vestiário. Estava igualzinho — o mesmo velho cheiro pegajoso de meias e sapatos velhos, e do suor do verão passado. Qual o motivo dos padrões de higiene entre os clubes de golfe mais famosos serem tradicionalmente comparáveis aos de um colégio interno vitoriano? Bond trocou de meias e calçou o velho par de Saxones, com travas. Tirou o paletó do terno branco e preto riscadinho, que já estava amarelando, e vestiu uma jaqueta preta desbotada. Cigarros? Isqueiro? Tudo pronto.

Bond saiu devagar, preparando-se mentalmente para o jogo. Tinha instigado de propósito este sujeito a disputar com ele uma partida dura, com uma aposta alta, para aumentar o respeito que Goldfinger lhe tinha, reforçando aos seus olhos a imagem de Bond como o tipo de aventureiro impiedoso e duro, que poderia lhe ser de muita utilidade. Bond pensara que talvez cem libras de Nassau bastassem como aposta. Mas dez mil dólares! Provavelmente jamais houvera uma partida simples tão cara na história — com exceção das finais do campeonato americano ou dos grandes torneios de amadores em Calcutá, em que os apostadores e não os jogadores bancavam o jogo. A conta particular de Goldfinger deve ter sofrido um rombo feio. Provavelmente não gostou nada. Devia estar doido para recuperar um pouco desse dinheiro. Quando Bond falara em apostar alto, Goldfinger percebera sua chance. Que fosse. Mas uma coisa era certa, Bond não podia se dar ao luxo de perder, por uma centena de motivos.

Entrou na loja e pegou as bolas e os tees com Alfred Blacking.

“Hawker está com os tacos, senhor.”

Bond caminhou as quinhentas jardas de gramado cortado rente, à beira-mar, que conduzia ao primeiro tee. Goldfinger treinava putting. Seu caddie estava perto, jogando-lhe bolas. Goldfinger fazia o putting da maneira moderna — com um malho de putting, entre as pernas. Bond se sentiu animado. Não acreditava nesse sistema. Aprendeu ao treinar deste modo. Seu velho putter, Calamity Jane, de noqueira, tinha seus altos e baixos. Paciência. Ele também sabia que o campo de treino de St Marks não tinha nenhuma semelhança de textura e velocidade com o campo efetivo do jogo.

Bond alcançou a figura manca e despreocupada de seu caddie, que caminhava devagar, batendo em uma bola imaginária com o taco de Bond. “Boa tarde, Hawker.”

“Boa tarde, senhor.” Hawker entregou o blaster para Bond, jogando no chão três bolas usadas. Seu rosto sagaz e sarcástico de caçador clandestino se

abriu em um amplo sorriso de boas-vindas. “Como vai o senhor? Jogou golfe nos últimos vinte anos? Ainda consegue atirar a bola no teto da cabana do árbitro?” Tratava-se de uma referência à ocasião, quando Bond procurava fazer exatamente isto, antes de um jogo, e acabara arremessando duas bolas nas janelas do árbitro.

“Vejam.” Bond pegou o blaster e sopesou-o na mão, avaliando a distância. As tacadas no campo de treino haviam parado. Bond colocou a bola, tomou rapidamente a posição de bater, levantou a cabeça e bateu errado na bola, em um ângulo quase reto. Arrancou quase trinta centímetros de grama. A bola andou dez jardas. Bond virou-se para Hawker, que demonstrava todo seu sarcasmo no rosto. “Está bem, Hawker. Esta foi só uma tentativa. Agora, esta aqui é para você.” Aproximou-se da terceira bola, levantou o taco devagar e deu a tacada. A bola voou cem pés, deu uma parada elegante e caiu oitenta pés até o telhado de palha da cabana de apoio, deslizando até o chão.

Bond devolveu o taco. O olhar de Hawker tornou-se risonho e pensativo. Não disse nada. Tirou o driver e entregou-o a Bond. Caminharam juntos até o primeiro tee, conversando sobre a família de Hawker.

Goldfinger juntou-se a eles, relaxado, impassível. Bond saudou o caddie de Goldfinger, um sujeito falante e prestativo chamado Foulks, de quem Bond jamais gostara. Bond olhou para os tacos de Goldfinger. Eram um conjunto americano Ben Hogans, novo em folha, com elegantes capas de couro St Marks para os tacos de madeira. A sacola era de couro preto costurado, predileta entre os profissionais americanos. Os tacos ficavam dentro de tubos individuais de papelão, para serem retirados com maior facilidade. Era um equipamento pretensioso, porém o melhor.

“Vamos tirar a sorte para começar?” Goldfinger jogou a moeda.

“Coroa.”

“Deu cara.” Goldfinger pegou seu taco e desembulhou uma bola nova. Disse, “Dunlop 65. Número um. Sempre uso a mesma bola. Qual é a sua?”

“Penfold. Hearts.”

Goldfinger deu um olhar incisivo para Bond. “Regras estritas do golfe?”

“Naturalmente.”

“Está certo.” Goldfinger andou até o ponto de partida e enfiou o tee. Concentrado, deu uma ou duas tacadas cuidadosas para esquentar. Era o tipo de balanço de corpo e de tacada que Bond conhecia bem — a tacada

mecânica, bitolada, repetida de quem já estudara o jogo meticulosamente, lera todos os livros e gastara cerca de cinco mil libras com os melhores instrutores profissionais. Seria uma boa tacada, conquistaria pontos e não falharia sob pressão. Bond a invejava.

Goldfinger tomou posição, movimentou-se com elegância, levantou a cabeça do taco em um largo e lento arco, de olho grudado na bola e pulsos dobrados corretamente. Baixou o taco sem esforço, mecanicamente, batendo na bola com um arremate um tanto postiço, de manual. A bola foi bem arremessada a cerca de duzentas jardas no campo.

Foi uma excelente jogada, embora sem inspiração. Bond sabia que Goldfinger era capaz de repetir a mesma tacada com vários tipos de tacos, invariavelmente, ao longo dos dezoitos buracos.

Bond se pôs na posição, enfiou o tee meio baixo, concentrou-se na bola com cuidadosa inimizade, e com uma tacada direta, de raquete, em que o jogo de pulso excessivo quase chegou a comprometer a segurança, arremessou a bola com força. Foi uma bela jogada ofensiva que ultrapassou a bola de Goldfinger, rolando ainda por mais umas cinquenta jardas. Mas aquilo teve um sabor de empate e acabou na beira de rough, à esquerda.

Foram duas boas tacadas. Quando Bond entregou o taco para Hawker e seguiu despreocupado nos calcanhares de um Goldfinger mais impaciente, sentiu o doce cheiro do início de uma partida decisiva e difícil em um belo dia de maio, com os tordos a cantar no melhor campo de golfe à beira-mar do mundo.

O primeiro buraco de St Marks fica a quatrocentos e cinquenta jardas de distância — quatrocentos e cinquenta jardas de campo ondulado, com uma banca de areia no meio para aprisionar alguma segunda tacada errada e uma série de bancas encadeadas, nos três quartos restantes do campo, para engolir a boa tacada. É possível passar pelo trecho sem obstáculos, mas o campo sobe ali à direita e o mais provável é que você acabe dando a primeira tacada ruim do dia, para sair da grama alta e se aproximar do buraco. Goldfinger estava bem posicionado para tentar essa jogada. Bond observou-o pegar provavelmente um taco de madeira 3, treinar duas tacadas sem bola e ajeitar a bola.

Muita gente surpreendente joga golfe, inclusive cegos, manetas ou até mesmo pernetas, e as pessoas se vestem muitas vezes de maneira bizarra para o jogo. Os outros jogadores não estranham, pois não existem regras quanto à aparência. Este é um dos prazeres menores do golfe. Mas Goldfinger fizera

uma tentativa de ser elegante, a única maneira de se vestir que não é bem adequada ao jogo. Tudo combinava num fulgor de tweed ferrugem, do boné de golfista abotoado, no centro da enorme cabeça com cabelos cor de fogo, até os sapatos quase laranja, polidos até brilhar. O plus-fours era bem cortado demais e os próprios calções haviam sido passados dos lados. As meias, combinando, eram uma mistura cor de urze e tinham ligas verdes. Era como se Goldfinger tivesse ido ao seu alfaiate e pedido, “Quero que me vista para jogar golfe — sabe, que nem na Escócia.” As mancadas sociais não causavam uma grande impressão em Bond; aliás, mal as notava. Mas com Goldfinger era diferente. Tudo a seu respeito tinha o dom de fazer Bond rilhar os dentes, desde o primeiro instante em que o conhecera. O aspecto espalhafatoso e assertivo de suas roupas fazia apenas parte daquele magnetismo animal malévolo que tanto afetara Bond desde o início.

Goldfinger deu sua tacada mecânica impecável. A bola voou com força, mas não conseguiu ultrapassar a inclinação, caindo para a direita, para acabar na altura do buraco, mas no pequeno trecho de rough. Cinco facilmente. Mas uma boa tacada ao buraco poderia reduzir essa conta para quatro, embora tivesse de ser necessariamente uma boa jogada.

Bond caminhou até a sua bola. Jazia meio mal colocada, um pouco fora do fairway. Bond pegou seu taco número quatro de madeira. Agora um tiro totalmente aéreo — uma tacada de grande potência que o levaria por cima das bancas de areia e o deixaria a dois putts de par quatro. Bond se lembrou do ditado dos profissionais: “Nunca é cedo demais para começar a ganhar.” Encarou a coisa despreocupadamente, decidido a não forçar o longo, porém confortável tiro.

Tão logo Bond deu a tacada, percebeu que ela não dera certo. A diferença entre uma boa e uma má tacada no golfe é a mesma entre uma mulher bonita e uma mulher sem graça — questão de milímetros. Neste caso, a face do taco acertara a bola um milímetro mais baixo do que devia sob a bola. O arco do voo foi alto e fraco — faltavam-lhe pernas. Por que, diabos, ele não pegara um taco número três ou um número dois para sair daquela posição? A bola atingiu a borda da banca de areia mais distante e caiu, voltando. Hora do blaster, e de brigar por um empate.

Bond jamais se preocupara muito com seus tiros ruins ou obtusos. Deixava-os para lá e pensava no próximo. Foi até a banca de areia, pegou seu blaster e mediu a distância até a bandeira. Vinte jardas. A bola estava bem atrás. Deveria dar uma tacada de fora para dentro, de pernas abertas, ou uma tacada forte, espalhando bastante areia? Para jogar seguro, daria uma tacada

forte. Bond desceu na banca de areia. Abaixou a cabeça e deu uma boa tacada até o fim. A tacada mais fácil do golfe. Tente embocar de primeira. Este desejo, no meio de sua tacada de costas, fez com que as mãos se adiantassem em relação à cabeça do taco. O ângulo da tacada saiu errado e lá estava a bola rolando pela inclinação. Tire-a daí, seu idiota, e enfie-a no buraco com um longo putt! Bond levantou areia demais. A bola tinha saído, mas mal chegara ao green. Goldfinger se inclinou para dar sua tacada curta, mantendo a cabeça baixa, e mandou a bola à metade da distância até o buraco. Ela parou a três polegadas da bandeira. Sem esperar que lhe dessem o taco de putting, Goldfinger virou as costas para Bond e saiu andando até o segundo tee. Bond apanhou a sua bola e pegou o driver com Hawker.

“Qual o handicap que ele diz que tem?”

“Nove. É uma partida equilibrada. Mas preciso melhorar. Devia ter usado o taco três no segundo buraco.”

Hawker respondeu, encorajando-o, “Ainda tem muito tempo.”

Bond sabia que não. Era sempre cedo demais para começar a perder.

9.

A TAÇA E O LÁBIO

Goldfinger já ajeitara a bola no tee. Bond se aproximou lentamente por trás, seguido de Hawker. Bond parou e, apoiando-se no seu taco, disse, “Pensei que você tivesse dito que jogaríamos pelas regras estritas do golfe. Mas lhe concedo este ponto. Assim, você está um à frente.”

Goldfinger meneou a cabeça secamente. Treinou algumas tacadas, como costumava fazer, e em seguida deu a tacada excelente e segura de sempre.

O segundo buraco ficava a trezentas e setenta jardas em um ângulo agudo à esquerda, com profundas bancas de areia no meio, desafiando o jogador a ultrapassá-las de uma só tacada audaciosa. Mas uma leve brisa ajudava. Goldfinger teria de usar o ferro cinco para o segundo buraco. Bond resolveu facilitar a coisa para si mesmo, usando apenas um taco de putting. Concentrou-se e deu uma tacada forte na bola, na direção das bancas. A brisa veio por baixo da pequena depressão no terreno e carregou a bola além dos obstáculos. Ela caiu e desapareceu declive abaixo, um pouco antes do green. Quatro. Com chance de três.

Goldfinger se afastou sem comentar nada. Bond alargou o passo e alcançou-o. “Como está sua agorafobia? Todo este espaço aberto não o incomoda?”

“Não.”

Goldfinger se desviou para a direita. Olhou a bandeira semioculta, a distância, planejando a segunda tacada. Pegou seu taco cinco e deu uma bela tacada segura que fez a bola cair e quicar alto, a pouca distância do green, rolando até o rough fechado à esquerda. Bond conhecia aquele terreno. Goldfinger teria sorte se chegasse ao buraco com mais duas tacadas.

Bond foi até a bola, pegou o taco e fez uma jogada que a levantou até chegar ao green, com bastante efeito de frenagem. A bola parou e ficou a uma jarda além do buraco. Goldfinger deu uma tacada respeitável que atirou a bola no alto e longe, mas errou o putt a doze pés de distância. Bond ainda tinha duas tacadas para embocar a bola. Não esperou que lhe concedessem o

buraco, andou até a bola e deu a tacada de leve. A bola parou uma polegada antes do buraco. Goldfinger saiu do green. Bond embocou a bola. Empate.

O terceiro buraco ficava invisível e exigia uma tacada de duzentas e quarenta jardas, a serem vencidas totalmente pelo impulso aéreo da bola, um buraco três difícil. Bond escolheu seu taco de ferro e deu uma boa tacada. A bola teria caído no green ou próximo. A tacada de rotina de Goldfinger foi boa, mas provavelmente não teria gás suficiente para vencer o último trecho de fairway e rolar até a área plana do green. Era certo que a bola de Goldfinger caíra no rough. A sua posição era terrível, dentro de uma pequena depressão, com um tufo de grama atrás da bola. Goldfinger ficou em pé olhando para a posição da bola. Parecia ter se decidido. Passou por cima da bola para pegar um taco com o caddie. Seu pé esquerdo pousou bem atrás da bola, achatando o tufo. Goldfinger podia agora dar sua tacada curta em direção ao buraco. Assim o fez, e a bola rolou pela pequena encosta em direção ao buraco. Parou a três pés dele.

Bond franziu o cenho. O único remédio contra um ladrão no golfe é não voltar a jogar com ele. Mas isso não adiantava nesta partida. Bond não tinha a mínima intenção de jogar de novo com aquele sujeito. E não adiantava se meter em uma discussão do tipo fez-não fez, a não ser que pegasse Goldfinger fazendo algo ainda mais escandaloso. Bond precisava apenas procurar vencê-lo, a despeito da roubalheira.

A tacada curta de vinte metros que Bond tinha pela frente não era brincadeira. Não seria o caso de tentar embocar. Precisaria de concentração para impulsionar a bola com delicadeza. Como sempre neste caso, ela foi curta — faltando uma boa jarda. Bond foi muito cuidadoso com o putt e embocou a bola, suando. Bateu na bola de Goldfinger, deslocando-a. Continuaría a dispensar Goldfinger dos putts finais para embocar a bola, passíveis de erro, até que resolvesse de repente cobrar dele essa medida. Então a coisa ficaria um pouco mais difícil.

Empate ainda. O quarto buraco ficava a quatrocentos e sessenta jardas. Fora disso, os jogadores precisavam ultrapassar uma das bancas de areia mais profundas e mais altas do Reino Unido, exigindo uma segunda tacada por cima do campo ondulado e cheio de inclinações, até um green em cima de um platô, defendido por uma inclinação final íngreme, vencida com mais facilidade por três, em vez de dois putts.

Bond avançou as cinquenta jardas de sempre com sua tacada e Goldfinger fez duas de suas respeitáveis jogadas, chegando à depressão abaixo do green. Bond, resolvido a avançar, pegou o taco de ferro em vez do

número três e ultrapassou o green, quase até a cerca do limite. Dava-se por satisfeito em poder descer dali em três tacadas, empatando.

O quinto buraco exigiu novamente um tiro longo, seguido da segunda tacada preferida de Bond naquele campo — por cima de bancas de areia e atravessando um vale entre dunas altas e arenosas, até a bandeira instigante, a distância. Tratava-se de um buraco exigente, cujo requisito fundamental era uma jogada bem colocada. Bond permaneceu no tee, pousado em cima das dunas altas e arenosas, e fez uma pausa antes da tacada, vislumbrando o mar distante a brilhar e a crescente extensão dos penhascos brancos além da baía de Pegwell. Em seguida tomou posição e visualizou o retângulo de grama, do tamanho de uma quadra de tênis, que constituía seu alvo. Levantou o taco da maneira mais lenta possível, e baixou-o para chegar à tremenda aceleração final antes de a cabeça do taco atingir a bola. Houve um clangor cavo à sua direita. Tarde demais para interromper. Bond focalizou a bola desesperadamente, tentando preservar a integridade de sua jogada. Mas ouviu-se o barulho de uma bola mal batida. A cabeça de Bond ergueu-se rápido. A tacada foi de baixo para cima. Iria longe? Vamos! Vamos lá! A bola acertou o alto do morro de grama crescida, quicou e rolou adiante. Alcançaria o início da pista?

Bond virou-se para Goldfinger e para os caddies, com um olhar feroz. Goldfinger estava se endireitando. Reagiu com indiferença ao olhar de Bond. “Desculpe, deixei cair meu taco.”

“Não faça de novo”, disse Bond secamente. Saiu do tee e entregou o taco a Hawker. Este sacudiu a cabeça em solidariedade. Bond tirou e acendeu um cigarro. Goldfinger acertou sua jogada de duzentas jardas, exatamente como mandava o figurino.

Desceram a colina calados, quando Goldfinger quebrou inesperadamente o silêncio. “Qual é mesmo a firma para a qual trabalha?”

“Universal Export.”

“Onde fica?”

“Londres. Em Regent’s Park.”

“Exportam o quê?”

Bond acordou de suas rumações iradas. Ei, preste atenção! Isto aqui é trabalho, e não um jogo. Está certo que ele o distraiu na hora da tacada, mas é preciso pensar na sua fachada. Não deixe que ele o provoque a ponto de você se atrapalhar nessa questão. Crie a sua história. Bond respondeu

displícitamente, “Ah, tudo, desde máquinas de costura a tanques de guerra.”

“Qual é a sua especialidade?”

Bond sentia o olhar de Goldfinger focado nele. Respondeu, “Cuido do setor de armas leves. Passo a maior parte de meu tempo vendendo essa ferragem a xeiques e marajás — a qualquer um que o Ministério das Relações Exteriores julgue que não vá usá-la para atirar na gente.”

“Trabalho interessante.” A voz de Goldfinger era inexpressiva, entediada.

“Não tanto. Estou pensando em deixá-lo. Vim aqui passar uma semana de férias para pensar no assunto. Acho que não há muito futuro na Inglaterra. Gosto bastante da ideia do Canadá.”

“É mesmo?”

Haviam passado pelo rough e Bond ficou aliviado ao ver que sua bola tivera ímpeto para sair da colina e cair no fairway. Este se curvava ligeiramente para a esquerda, e Bond conseguira até ultrapassar Goldfinger em alguns pés. Era a vez de ele jogar. Pegou seu taco número três. Não visava o green, só queria ultrapassar as bancas de areia e o vale. Bond esperava a jogada segura de sempre. Olhou para a posição da própria bola. Sim, poderia usar o taco de ferro. Ouviu-se o impacto de madeira de uma tacada errada. A bola de Goldfinger, acertada fora da base, correu pelo chão até os ermos pedregosos da Bancada do Inferno — o obstáculo mais largo do campo, o único em estado selvagem, em razão das pedras.

Pela primeira vez, ele balançara a cabeça — ou melhor, levantara-a. Talvez estivesse com a atenção meio presa ao que Bond lhe contara. Ótimo. Mesmo assim Goldfinger talvez ainda conseguisse chegar embaixo com três tacadas. Bond tirou seu taco de ferro. Não podia se dar ao luxo de fazer uma jogada conservadora. Preparou-se, visualizando a trajetória da bola de oitenta e oito milímetros por cima do vale, depois quicando duas ou três vezes para alcançar o green. Colocou-se um pouco à direita para permitir sua tacada de efeito. Agora!

Ouviu-se um tilintar baixo à sua direita. Bond afastou-se da bola. Goldfinger estava de costas para ele. Olhava o mar, distraído, enquanto a mão direita chocalhava “inconscientemente” as moedas no seu bolso.

Bond deu um sorriso severo. Disse, “Será que você não podia esperar minha jogada para mexer nesse seu tesouro?”

Goldfinger não se virou, nem sequer respondeu. O barulho parou.

Bond voltou à sua jogada, procurando tranquilizar-se novamente. O taco de ferro era muito arriscado. Precisava ser uma tacada boa. Entregou-o a Hawker, pegou o taco de madeira número três e desferiu uma tacada segura que levou a bola por cima do vale. Rolou bem no fairway e parou na beira do green. Cinco, talvez quatro tacadas para completar o buraco.

Goldfinger saiu bem da banca de areia e fez uma jogada alta que parou logo. Bond deu um putt forte demais, e errou a embocadura na tacada para trás. Ainda empate.

O sexto, adequadamente chamado “o virgem”, é um buraco de curta distância célebre no golfe. No caso de um green estreito, quase cercado de bancadas de areia, talvez fosse necessário uma variedade de tacos, do dois ao oito, dependendo do vento. Hoje, Bond escolheu o sete. Deu uma tacada aérea, visando um pouco à direita para que a trajetória da bola fosse corrigida pelo vento. Ela aterrissou vinte pés além da bandeira, obrigando a uma tacada difícil com o putter, por cima de uma inclinação e depois descendo. Deveriam ser três tacadas. Goldfinger pegou o taco cinco e jogou direto. A bola foi apanhada pela brisa e rolou para dentro da profunda banca de areia à esquerda. Boa nova! Seria uma terceira tacada muito difícil.

Caminharam calados até o green. Bond olhou dentro da banca de areia. A bola de Goldfinger estava dentro de uma profunda marca de calcanhar. Bond foi até a sua bola e ficou escutando as cotovias. Esta situação o deixaria um ponto à frente. Procurou Hawker para pegar seu taco, mas Hawker estava do outro lado do green, observando, muito atento, a jogada de Goldfinger. Este entrou na banca de areia com o seu blaster. Deu um pulo para cima para poder enxergar o buraco e depois se ajeitou para a jogada. Quando seu taco subiu, o coração de Bond levitou. Ele ia tentar levantar a bola com uma virada do taco — uma técnica inútil naquela posição enterrada. A única esperança teria sido uma tacada tremendamente forte, arremessando a bola junto com a areia. O taco baixou, suavemente, sem pressa. Mal levantou um punhado de areia. A bola saiu em curva ascendente para fora da bancada profunda, quicou uma vez e ficou parada!

Bond engoliu em seco. Esse safado! Como foi, diabos, que Goldfinger conseguiu? Agora, para superar a inferioridade, Bond precisava tentar embocar em duas tacadas. Fez a primeira, passou quase a uma polegada ao lado do buraco, ultrapassando-o por uma boa jarda. Que diabo, que porcaria! Bond caminhou lentamente em direção ao putt, deu a tacada, batendo e deslocando a bola de Goldfinger. Vamos lá, seu idiota! Mas o fantasma da grande virada — de um ponto certamente quase ganho, em vez de um

possivelmente perdido — fez com que Bond desejasse embocar a bola, em vez de bater nela devagar até que caísse no buraco. A bola assim exigida acabou ficando hesitante, passando pela borda do buraco. Menos um ponto!

Bond se irritou consigo mesmo. Ele, apenas ele, perdera aquele buraco. Dera três tacadas leves de uma distância de vinte pés. Realmente precisava se controlar e tomar jeito.

No sétimo buraco, de quinhentas jardas, ambos fizeram boas jogadas, e a segunda impecável de Goldfinger ficara a apenas cinquenta jardas do green. Bond pegou o taco de ferro. Agora ao empate! Mas acertou a bola de cima, a cabeça do taco baixou demasiadamente adiante das mãos e a bola, espremida, saltou para uma das bancadas de areia à direita. Não era uma boa posição, mas ele precisava chegar ao green. Bond pegou um taco sete, perigoso, e não conseguiu tirar a bola dali. Goldfinger completou cinco tacadas. Bond ficou com dois pontos a menos. Completaram o oitavo buraco em três jogadas. No nono buraco, Bond resolveu recuperar um ponto, procurou novamente se superar demais a partir de uma posição ruim. Goldfinger completou em quatro, contra as cinco de Bond. Três pontos a menos para Bond no meio do jogo! Nada bom. Bond pediu uma bola nova a Hawker. Este desembrolhou-a devagar, esperando que Goldfinger subisse a elevação até o próximo tee. Hawker disse baixinho, “O senhor viu o que ele fez no virgem?”

“Sim, diabo. Uma jogada extraordinária.”

Hawker ficou surpreso. “Ah, o senhor não viu o que ele fez na bancada de areia?”

“Não. O quê? Eu estava muito longe.”

Os outros dois estavam fora de vista, além do morrote. Hawker entrou silenciosamente dentro de uma das bancas de areia que guardavam o nono buraco, abriu um buraco com a ponta do sapato e jogou a bola dentro. Em seguida se posicionou bem atrás da bola meio enterrada, com os pés bem juntos. Levantou a cabeça para Bond. “Lembra que ele pulou para olhar o buraco?”

“Sim.”

“Olhe só.” Hawker pulou e olhou para o nono buraco, como Goldfinger havia feito, para fazer mira. Em seguida, olhou novamente para Bond e apontou para a bola a seus pés. O forte impacto dos dois pés bem atrás da bola havia nivelado o buraco na qual ela se encontrara, espremendo a bola para fora, de modo que ela viesse a ficar em ótima posição para uma jogada fácil — justamente aquela tacada que parecera inteiramente impossível a partir da

posição de Goldfinger no virgem.

Bond olhou seu caddie por um momento, calado. Em seguida disse, “Obrigado, Hawker. Agora partirei para o ataque. Alguém tem que perder esta partida, e duvido que seja eu.”

“Sim, senhor”, disse Hawker impassivelmente. Afastou-se mancando pelo atalho que o levaria ao meio do caminho para o décimo buraco.

Bond ultrapassou lentamente o cume da elevação e desceu para o tee do décimo buraco. Mal olhou para Goldfinger, que estava em pé no tee, açoitando impacientemente o ar com o taco. Bond estava esvaziando sua cabeça de tudo que não fosse determinação fria, ofensiva. Pela primeira vez, desde que o jogo começara, sentiu-se extremamente confiante. Só precisava de um sinal do céu para que seu jogo pegasse fogo.

O décimo é o buraco mais perigoso do campo de St Marks. A segunda tacada em direção ao green escorregadio em cima de um platô, com bancadas cavernosas à direita e à esquerda e uma colina íngreme além, já destroçou muitos corações. Bond lembrava-se que Philip Scrutton, que ficara em quarto lugar entre quatro competidores no Gold Bowl, precisara de quatorze tacadas para embocar neste buraco, sete jogadas tipo pingue-pongue, de uma bancada de areia para outra, para lá e para cá do green. Bond sabia que Goldfinger faria sua segunda jogada visando a borda do tee, ou pouco antes, e se daria por satisfeito com cinco tacadas. Bond precisava atacar e fazer em quatro.

Duas boas jogadas, e conforme previsto, Goldfinger chegara à beira do green com a segunda. Possibilidade de quatro tacadas. Bond pegou o taco sete e, dando um desconto para a brisa, arremessou a bola no ar. Primeiro achou que tinha batido com pouca força, mas em seguida a bola começou a planar para a esquerda. Aterrisou e parou imediatamente na areia macia que a brisa soprara sobre o green, da banca da direita. Um putt terrível de quinze pés. Bond iria se dar por satisfeito com um empate. Como previsto, Goldfinger deu uma tacada leve e chegou a uma jarda. Agora, pensou Bond ao tomar posição para sua tacada, ele terá de completar a jogada e embocar de fato. Deu seu putt com certa força para ultrapassar a areia em cima da grama, e ficou apavorado ao ver a bola ir rolando como um raio pelo green escorregadio. Deus do céu, ele não ultrapassaria o buraco em apenas uma jarda, e sim duas! Mas de repente, como se atraída por um ímã, a bola se curvou direto em direção ao buraco, acertou a parte de trás da lata, pulou e caiu no buraco com um chocalho audível. O sinal dos céus! Bond se aproximou de Hawker, piscou para ele e pegou seu taco.

Afastaram-se dos caddies e desceram a encosta, voltando para o próximo tee. Goldfinger comentou friamente, “Esse putt deveria ter rolado para fora do green.”

Bond respondeu displicente, “É sempre bom acreditar no buraco!” Colocou a bola no tee e deu sua melhor tacada do dia, acompanhando a brisa. O wedge e uma tacada final? Goldfinger fez sua jogada regulamentar e saíram andando de novo. Bond perguntou, “Por falar nisso, o que aconteceu com a simpática srta. Masterton?”

Goldfinger olhou bem em frente. “Deixou de ser minha funcionária.”

Bond pensou, que bom para ela! Disse, “Ah, preciso falar com ela de novo. Para onde foi?”

“Não sei dizer.” Goldfinger se afastou de Bond, em direção à sua bola. O local da bola de Bond estava oculto, além da crista que dividia em dois a pista. Não deveria estar a mais de cinquenta jardas do buraco. Bond achou que sabia o que se passava na cabeça de Goldfinger, aquilo que passa pela cabeça da maioria dos golfistas ao farejar a perda de uma boa vantagem. Bond não se espantaria se aquela tacada bitolada se acelerasse um pouquinho. E acelerou. Goldfinger tacou a bola em uma bancada de areia à esquerda do green.

Agora era o momento decisivo em que Bond perderia o jogo se deixasse o homem escapar do aperto. Sua posição era ligeiramente inclinada para baixo, mas fora isso, uma tacada fácil — só que no green mais problemático do campo. Bond fez uma jogada de mestre. A bola parou a seis pés do buraco. Goldfinger fez uma boa jogada para sair da banca de areia, mas errou o putt meio longo. Agora Bond só tinha um de desvantagem.

Empataram no décimo segundo, um buraco que ficava em um ângulo agudo, ambos com cinco tacadas inglórias, e o décimo terceiro buraco, meio longo, também fizeram em cinco, sendo que para chegar a este resultado foi preciso que Goldfinger fizesse um bom putt para embocar a bola.

Uma pequena ruga de preocupação surgira na testa enorme e lisa de Goldfinger. Bebeu água de uma torneira ao lado do tee quatorze. Bond esperou por ele. Não queria que houvesse barulho algum da caneca metálica, porque a cerca à direita limitava o campo, e a bola arremessada a favor da brisa favorecia uma virada no ar! Bond abaixou a mão esquerda para ajudar a desacelerar a tacada. A jogada, bem à esquerda, foi apenas correta, mas pelo menos ficara dentro dos limites do campo. Goldfinger, sem se preocupar aparentemente com o perigo de sair dos limites, deu sua tacada de sempre.

Ambos transpuseram o canal transversal, sem prejuízo para ninguém, e ambos empataram em cinco tacadas. Bond ainda estava com um ponto de desvantagem, faltando só quatro buracos.

O décimo quinto buraco, a quatrocentas e sessenta jardas de distância, era talvez o único em que o bom jogador de grande distância pode esperar fazer um ponto. Duas tremendas jogadas com o taco de madeira farão com que o jogador ultrapasse a linha de bancadas que ficam encostadas ao green. Goldfinger precisou ficar aquém delas com sua segunda tacada. Seria difícil que melhorasse o desempenho de cinco e cabia a Bond dar uma tacada verdadeiramente divina a partir de uma posição que certamente não era adequada.

O sol se punha, começando a alongar as sombras dos quatro homens. Bond tomara posição. A bola se encontrava em boa situação. Ele mantivera o driver. Houve um silêncio mortal quando ele dava seus dois balanços incisivos. Seria uma tacada vital. Lembre-se de parar antes de balançar o corpo, abaixe devagar e acerte com o taco no último segundo. Bond começou a retrair o taco. Algo se mexeu no canto de seu olho direito. Do nada, a sombra da cabeça imensa de Goldfinger se aproximou da bola no chão, cobriu-a e se afastou. Bond desarticulou sua tacada progressivamente. Em seguida afastou-se da bola e olhou para cima. Os pés de Goldfinger ainda se moviam. Olhava com cuidado para cima.

“Olhe as sombras, por favor.” A voz de Bond estava furiosamente controlada.

Goldfinger parou e olhou lentamente para Bond. Ergueu as sobrancelhas um pouquinho, inquisidoramente. Afastou-se e ficou parado, sem dizer nada.

Bond voltou à sua bola. Agora, vamos lá, relaxe! Para o inferno com Goldfinger. Acerte a bola com força no green. Basta ficar em posição e dar a tacada. Houve um instante em que o mundo parou, e então... Bond arranjou um jeito de acertar a bola — em uma trajetória baixa que subiu graciosamente para vencer a ondulação distante das bancas de areia. A bola bateu no campo, abaixo do green, quicou alto com o impacto e rolou até desaparecer no círculo em volta do buraco.

Hawker chegou e tirou o taco da mão de Bond. Caminharam juntos. Hawker disse seriamente, “Foi uma das jogadas mais bonitas que já vi em trinta anos.” Abaixou a voz. “Achei que ele tinha liquidado o senhor.”

“Quase que liquidou, Hawker. Foi Alfred Blacking quem acertou essa bola, não eu.” Bond tirou os cigarros, deu um a Hawker e acendeu outro.

Disse em voz baixa, “Empate, faltando três buracos. A gente precisa tomar cuidado com esses três buracos seguintes. Sabe o que quero dizer?”

“Não se preocupe. Ficarei de olho nele.”

Chegaram ao green. Goldfinger continuava a jogar e agora precisava de um longo putt para poder embocar a bola e fechar o buraco em quatro tacadas, enquanto a bola de Bond estava apenas a duas polegadas do buraco. No entanto, Goldfinger pegou a sua bola e saiu andando do green. Empataram no curto décimo sexto buraco, em três boas jogadas. Agora faltavam os dois buracos distantes para acabar. Quatro tacadas em cada um bastariam para uma vitória. Bond deu uma bela tacada pelo centro. Goldfinger exagerou o seu arremesso à direita, jogando a bola no rough. Bond foi em frente, procurando conter o júbilo, sem querer cantar vitória antes do tempo. Se vencesse neste buraco, só precisaria de um empate no décimo oitavo para ganhar o jogo. Rezou para que a bola de Goldfinger estivesse em uma posição impossível de ser jogada ou, melhor ainda, perdida.

Hawker se adiantara. Já descansara sua sacola e estava — com demasiado empenho, pensou Bond — procurando a bola de Goldfinger, quando eles chegaram.

A situação era ruim — terreno muito adverso, fechado de grama alta e viçosa, cujas raízes ainda conservavam o orvalho da noite anterior. A não ser que tivessem muita sorte, não havia esperança de achar a bola. Depois de alguns minutos de procura, Goldfinger e seu caddie se afastaram ainda mais, para onde o rough se transformava em tufos isolados. Que bom, pensou Bond. Nada mais distante da trajetória que a bola precisava tomar. De repente pisou em algo. Que diabo, porcaria. Deveria calcar a coisa com o pé, enterrando-a? Deu de ombros, inclinou-se e destapou a bola delicadamente, de modo a não suscitar dúvida. Sim, era uma Dunlop 65. “Aqui está”, gritou contrariado. “Ah, não. Desculpe. Você joga com uma número um, não é?”

“É”, respondeu a voz impaciente de Goldfinger.

“Bem, esta é uma número sete.” Bond pegou-a e foi andando até Goldfinger.

Goldfinger deu uma olhada perfunctória na bola. Disse, “Não é a minha”, e continuou a cutucar os tufos com o cabo do taco.

Era uma bola nova, sem marca do dono. Bond enfiou-a no bolso e voltou à busca. Consultou o relógio. Os cinco minutos regulamentares estavam quase esgotados. Mais meio minuto e, Deus do céu, ele iria reivindicar a vitória naquele buraco. Pelas regras estritas do golfe, como havia estipulado

Goldfinger. Certo, meu amigo, você terá o que quis!

Goldfinger vinha voltando na direção de Bond, cutucando meticulosamente e arrastando os pés na grama.

Bond avisou, “Sinto muito, o tempo está quase esgotado.”

Goldfinger deu um gemido. Começou a dizer algo quando seu caddie deu um grito, “Aqui está, senhor Goldfinger. Número um, Dunlop.”

Bond seguiu Goldfinger até onde estava o caddie, em cima de um pequeno platô no terreno mais elevado. Ele apontava para baixo. Bond se inclinou e examinou a bola. Sim, era uma Dunlop número um, quase nova, em uma posição extremamente boa. Quase um milagre — mais do que um milagre. Bond deu um olhar duro, primeiro para Goldfinger, depois para o caddie dele. “Deve ter tido uma sorte danada quando quicou”, comentou Bond serenamente. O caddie deu de ombros. O olhar de Goldfinger era calmo, tranquilo. “Parece que sim.” Virou-se para seu caddie. “Acho que podemos usar uma madeira três nessa aí, Foulks.”

Bond se afastou pensativo e virou-se para observar a tacada. Foi uma das melhores de Goldfinger. Voou por cima de um morrote distante de grama alta, em direção ao green. Talvez tivesse caído por pouco na banca de areia à direita.

Bond foi até onde estava Hawker na pista, com uma longa haste de grama a pender dos lábios sérios, observando o desfecho da jogada. Bond deu-lhe um sorriso amargo. Perguntou, em um tom de voz controlado, “O meu bom amigo caiu na bancada ou o filho da mãe chegou ao green?”

“Ao green”, respondeu friamente Hawker.

Bond se aproximou da bola. As coisas haviam ficado difíceis de novo. Mais uma vez, lutava por um empate, depois de ter tido a vitória no bolso. Olhou para o buraco, avaliando sua distância. Aquele ali era complicado. Perguntou, “O cinco ou o seis?”

“O seis deve dar conta. Uma bela tacada, firme.” Hawker entregou-lhe o taco.

Vamos lá. Esvazie a cabeça. Mantenha a calma e a determinação. É uma jogada fácil. Basta tacá-la com força suficiente para vencer a encosta e chegar ao green. Fique tranquilo, cabeça baixa. Clique! A bola, atingida em um ângulo meio fechado, seguiu exatamente a trajetória média que Bond almejava. Caiu embaixo da pequena encosta. Perfeita! Não, diabo. Atingira a encosta na segunda quicada, parara, hesitara e em seguida rolara, voltando

para baixo. Que desgraça! Foi Hagen quem disse, “dê a tacada para se mostrar, mas o putt deve ser para faturar”? Sair de uma posição debaixo daquela inclinação era um dos putts mais difíceis do campo. Bond pegou seus cigarros e acendeu um, já preparando a cabeça para a próxima jogada crucial, que salvaria o buraco — desde que aquele filho da mãe do Goldfinger não embocasse sua bola de uma distância de trinta pés!

Hawker foi andando a seu lado. Bond disse, “Que milagre achar aquela bola.”

“Não era a bola dele.” Hawker afirmou de modo incontestável.

“O que quer dizer?” A voz de Bond estava tensa.

“Correu dinheiro. Uma nota branquinha, provavelmente cinco libras. Foulks deve ter deixado a bola cair pela perna da calça.”

“Hawker!” Bond parou de imediato. Olhou em volta. Goldfinger e seu caddie estavam a cinquenta jardas de distância, caminhando lentamente na direção do green. Bond perguntou, feroz, “Jura? Como pode ter certeza?”

Hawker deu um sorriso meio torto, encabulado. Mas havia uma malícia guerreira no seu olhar. “Porque a bola dele estava debaixo de minha sacola de tacos.” Quando ele viu que Bond ficou boquiaberto, acrescentou em tom de desculpas, “Eu precisava fazer isso, depois das coisas que ele vinha fazendo com o senhor. Não teria falado nada, mas precisava lhe dizer agora que ele roubou de novo.”

Bond teve que rir. Disse, com admiração, “Você é uma peça, Hawker. Então você ia me fazer ganhar o jogo, por conta própria!” E acrescentou com amargura, “Mas, por amor de Deus, esse sujeito extrapola todos os limites. Preciso pegá-lo. Preciso muito. Vamos pensar!” Eles prosseguiram caminhando devagar.

A mão esquerda de Bond estava em seu bolso, mexendo distraída na bola que ele pegara no rough. De repente a mensagem correu até o cérebro. Era isso! Aproximou-se de Hawker. Olhou em volta para os outros. Goldfinger parara. Estava de costas para Bond, tirando o putter da bolsa. Bond cutucou Hawker. “Olha, pegue isto aqui.” Deixou a bola cair na mão áspera de Hawker. Depois disse baixinho, com premência, “Não deixe de tirar a bandeira. Quando você pegar as bolas no green, a despeito de quem tiver embocado o buraco, entregue esta bola aqui a Goldfinger. Certo?”

Hawker continuou a avançar normalmente. Seu rosto estava impassível. “Compreendi”, respondeu no seu tom de voz natural. “Vai querer o putter

para esta jogada?”

“Vou.” Bond caminhou até a bola. “Indique a trajetória, sim?”

Hawker caminhou pelo green. Ficou de lado, alinhado com a trajetória que a bola deveria seguir, em seguida foi até a bandeira, agachando-se atrás dela. Levantou-se. “Uma polegada distante da borda direita. Tacada firme. Tiro a bandeira?”

“Não, pode deixá-la.”

Hawker se afastou. Goldfinger estava ao lado de sua bola à direita do green. Seu caddie parara embaixo da inclinação. Bond abaixou-se para o putt. Vamos lá, Calamity Jane! Esta aqui tem que entrar, ou te porei no colo e te darei umas palmadas. Fique tranquilo. A cabeça do taco está retraída e alinhada com o buraco. Acredite. Agora! A bola, acertada com firmeza pelo meio da cabeça do taco, subira a inclinação e seguia a caminho do buraco. Mas foi com força demais, diabo! Bateu no poste da bandeira! A bola se curvou, docilmente, para dentro, mas quicou no poste e voltou três polegadas, ficando parada como uma pedra!

Bond deu um suspiro profundo e pegou seu cigarro que pusera de lado. Deu uma olhada em Goldfinger. Agora veremos, seu filho da mãe. Vai ter que suar nesse aí. E, olha só, se você embocar! Mas Goldfinger não podia se dar ao luxo de tentar. A bola parou, faltando dois pés. “Assim está bem, está bem”, disse Bond com generosidade. “Empate, faltando um buraco.” Era vital que Hawker pegasse as bolas. Se Goldfinger tivesse embocado de primeira, ele mesmo teria pegado a bola dentro do buraco. Aliás, Bond não queria que Goldfinger agora errasse aquele putt. Era parte de seu plano.

Hawker se abaixou e pegou as bolas. Rolou uma na direção de Bond e entregou a outra a Goldfinger. Saíram do green, com Goldfinger à frente, como sempre. Bond notou que a mão de Hawker procurou o bolso. A hora era essa, desde que Goldfinger não notasse nada no tee!

Mas, com tudo empatado e faltando apenas um buraco, ninguém examina sua bola. Os gestos ficam mais ou menos automáticos. A gente pensa como colocar a tacada, se vale a pena atingir o green na segunda tacada, ou se é preferível tentar de primeira, aproveitando a força do vento — pensa nas quatro tacadas vitais que precisam de algum modo ser completadas para conquistar a vitória, ou ao menos o empate.

Considerando que Bond mal conseguia esperar que Goldfinger seguisse seu exemplo e desse sua tacada, só uma, naquela traiçoeira Dunlop número sete, tão parecida com a número um, a tacada de Bond sobre as quatrocentas e

cinquenta jardas até o décimo oitavo buraco, foi digna de louvor. Se ele quisesse, poderia agora chegar ao green — se quisesse!

Goldfinger estava no tee. Inclinou-se. A bola estava bem à mostra, com a marca voltada para ele. Mas Goldfinger se endireitara, afastara-se para treinar seriamente duas tacadas. Deu um passo em direção à bola, concentrando-se nela com cuidado. Agora com certeza veria! Com certeza pararia, se debruçaria para examinar a bola no último instante! Será que a preparação jamais terminaria? Mas agora a cabeça do taco recuava, descia, com o joelho esquerdo dele dobrado corretamente para dentro em direção à bola, o braço esquerdo reto como um pau. Craque! A bola decolou, bela tacada, a melhor de todas que ele dera, direto pela pista abaixo.

O coração de Bond entoou um cântico. Te peguei, filho da mãe! Te peguei! Desceu lepidamente do tee e caminhou pela pista do campo, planejando seus próximos passos, que agora poderiam ser tão excêntricos ou demoníacos quanto ele quisesse. Goldfinger já estava vencido — apanhado em sua própria armadilha! Agora era fritá-lo, lenta, deliciosamente.

Bond não sentiu pena. Goldfinger lhe roubara duas vezes sem ser flagrado. Não fossem suas roubalheiras no buraco virgem e no décimo sétimo, sem falar na sua mentira no terceiro e nas várias ocasiões em que tentara distrair Bond, Goldfinger já teria sido derrotado. Se fosse necessário que Bond trapaceasse para corrigir o placar, tratava-se apenas de uma licença poética. E além do mais, aquilo ali não era apenas mais um jogo de golfe. Bond tinha o dever de ganhar. Segundo a interpretação que ele mesmo fazia do caráter de Goldfinger, Bond *precisava* ganhar. Se ele perdesse, haveria um empate, considerando a derrota que Goldfinger sofrera em Miami. Se Bond ganhasse o jogo, como agora ganharia, teria duas vitórias de vantagem — uma situação intolerável, adivinhou Bond, para alguém que se considerava todo-poderoso. Este Bond, diria Goldfinger consigo mesmo, *tinha* algo a mais. Qualidades que me serão úteis. É um aventureiro poderoso que possui muitos truques escondidos na manga. É o tipo de sujeito que preciso — para quê? Bond não sabia. Talvez não houvesse nada que ele pudesse fazer. Talvez a leitura que fizera de Goldfinger estivesse errada, mas certamente não havia nenhuma outra alternativa de se aproximar dele.

Goldfinger tirou com cautela o taco três para a segunda tacada meio longa por cima das bancas de areia, até a entrada estreita do green. Treinou mais uma tacada do que de costume e fez a jogada certa, controlada, até a área de transição ao green. Com certeza cinco tacadas, talvez quatro. Nada disso lhe adiantaria, grande coisa!

Bond, depois de uma exibição de meticulosidade, levou as mãos bem à frente e bateu de cima com o ferro número três, de modo que a tacada foi contra o solo, mal levando a bola a ultrapassar as bancas de areia. Em seguida tacou a bola até o green, ultrapassando o buraco em vinte pés. Estava onde queria estar — uma ameaça suficiente para que Goldfinger suasse as suas quatro tacadas e saboreasse o doce sabor da vitória.

E Goldfinger suava de fato. Havia um sorriso feroz de concentração e de cobiça no seu rosto quando se inclinou para o longo putt, subindo a inclinação para cair no buraco. Não podia ser forte, nem fraco demais. Bond era capaz de decifrar todos os pensamentos ansiosos que passavam pela cabeça dele. Goldfinger se endireitou de novo, andou calculadamente pelo green até a bandeira, para verificar a sua trajetória. Voltou devagar por essa mesma trajetória, afastando — cuidadosamente, com a parte de cima da mão — uma folha ou outra de grama, um cisco qualquer. Inclinou-se de novo, treinou uma ou duas tacadas, e em seguida se endireitou para fazer o putt, com as veias saltando nas têmporas, um vinco de concentração entre os olhos marcando profundamente a testa.

Goldfinger deu a tacada com o putt, obedecendo à trajetória certa. Foi um belo putt que levou a bola a ultrapassar o buraco em seis polegadas. Goldfinger podia ter certeza de que se Bond não embocasse a bola da distância difícil de vinte pés, o jogo seria dele!

Bond fez um teatro complicado ao avaliar seu putt. Levou tempo, deixando que o suspense se acumulasse como uma nuvem de tempestade por cima das longas sombras no green desbotado e fatídico.

“Tire a bandeira, por favor. Vou embocar esta aqui.” Bond emprestou gravidade e certeza a essas palavras, discutindo consigo mesmo se deveria errar para a direita ou para a esquerda, ou deixar que a bola não alcançasse o buraco. Inclinou-se para fazer o putt e errou o buraco, bem à direita.

“Errei, por amor de Deus!” Bond deu um tom de grande amargura e raiva à sua voz. Caminhou até o buraco e pegou as duas bolas, deixando que permanecessem à vista.

Goldfinger se aproximou. O rosto resplandecia de triunfo. “Bem, obrigado pelo jogo. Parece que fui melhor do que você, no final das contas.”

“Você é um ótimo handicap nove”, disse Bond, de modo bastante amargo. Olhou as bolas na sua mão para entregar a bola de Goldfinger. Mas fez um gesto de surpresa. “Espere aí!” Olhou incisivamente para Goldfinger. “Você joga com uma Dunlop número um, não joga?”

“Sim, claro.” Um sexto sentido prenunciando um desastre apagou o ar de triunfo do rosto de Goldfinger. “O que foi? Qual o problema?”

“Bem”, declarou Bond como se pedisse desculpas. “Lamento dizer que você esteve jogando com a bola errada. Aqui está a minha Penfold Hearts, e esta aqui é uma Dunlop número sete.” Entregou as duas bolas para Goldfinger. Goldfinger pegou-as da palma da mão de Bond e examinou-as febrilmente.

O rosto de Goldfinger foi lentamente ficando vermelho. Permaneceu ali, mordendo o vazio, olhando das bolas para Bond, e de Bond para as bolas.

Bond declarou em voz baixa, “Pena estarmos restritos às regras estritas do golfe. Lamento dizer que isso significa que você perdeu o buraco. E, é claro, o jogo.” Os olhos de Bond observavam Goldfinger impassivelmente.

“Mas, mas...”

Era por isso que Bond esperara — a taça arrancada dos lábios. Ficou ali, à espera, calado.

A raiva estourou de repente como uma bomba no rosto geralmente descontraído de Goldfinger. “A bola que você achou na grama alta era uma Dunlop sete. Foi seu caddie quem me deu esta bola. No green do décimo sétimo buraco. Ele me deu a bola errada de propósito, o filho da...”

“Ei, se acalme”, disse Bond de modo tranquilo. “Você acabará com uma ação de calúnia nas mãos, se não tiver cuidado. Hawker, você deu a bola errada ao sr. Goldfinger por engano ou algo assim?”

“Não senhor.” O rosto de Hawker estava impassível. Disse com frieza. “Se quiser saber a minha opinião, o erro pode ter ocorrido no décimo sétimo, quando o cavalheiro achou sua bola bem longe da trajetória que todos nós a vimos seguir. Uma sete se parece muito com a um. Eu diria que foi isso que aconteceu. Teria sido um milagre se a bola do cavalheiro tivesse se distanciado tanto assim, indo parar naquele lugar onde foi encontrada.”

“Isso é uma besteira de gente ignorante!” Goldfinger deu um ronco de repugnância. Virou-se com raiva para Bond. “Você viu que meu caddie achou uma bola número um.”

Bond sacudiu a cabeça, em dúvida. “Não olhei bem de perto, sinto muito. No entanto”, o tom de voz de Bond tornou-se brusco, pragmático, “cabe ao jogador verificar se está usando a bola correta, não é? Não vejo por que se deva culpar alguém por você ter aparecido com a bola errada e feito três jogadas com ela. De qualquer maneira”, ele começou a se afastar do green,

“muito obrigado pelo jogo. Precisamos repeti-lo um dia desses”.

Goldfinger, iluminado gloriosamente pelo sol, mas com uma longa sombra negra atada aos calcanhares, seguiu Bond lentamente, dirigindo um olhar fixo e pensativo às suas costas.

10.

NA GRANJA

Há homens ricos que empregam a riqueza como arma. Enquanto se deliciava no banho, Bond pensou, Goldfinger era um deles. Tratava-se do próprio tipo que achava que podia atropelar o mundo com seu dinheiro, superando contratempos e contrariedades a golpes de sua carteira recheada. Imaginara quebrar o sangue-frio de Bond jogando com ele aquela partida de dez mil dólares — uma mordida de pulga para ele, mas evidentemente uma pequena fortuna para Bond. Talvez até conseguisse, na maioria dos casos. É necessário nervos de aço para aguardar o exato momento da tacada, para manter a cabeça abaixada durante os putts à pequena distância, quando um bom dinheiro depende de cada tacada, durante dezoito longos buracos. Os profissionais, que jogam para o leite das crianças, sabem o que significa o bafo frio da miséria na sua nuca quando chegam empatados ao tee do décimo oitavo buraco. Por isso levam vidas comedidas, não bebem nem fumam, e geralmente ganha quem tem menos imaginação.

Mas como poderia Goldfinger saber que, em se tratando de Bond, a alta tensão era seu modo natural de vida, e que se sentia relaxado ao enfrentar o perigo e o estresse? E não poderia saber que Bond quisera jogar com ele pelo cacife mais alto possível, e que disporia dos fundos do Serviço Secreto caso perdesse. Goldfinger, tão acostumado a manipular os outros, não percebera que desta vez o manipulado era ele.

Ou teria sido ele? Bond saiu do banho pensativo e se secou. O poderoso dínamo dentro da enorme cabeça redonda estaria zunindo naquele momento, a imaginar coisas sobre Bond, sabendo que fora enganado por uma trapaça maior do que a sua, perguntando-se como era possível que Bond tivesse surgido duas vezes do nada para estragar seus planos. Teria Bond jogado suas cartas de modo certo? Teria dado a aparência de alguém que representava um desafio interessante, ou o faro delicado de Goldfinger pressentira alguma ameaça? Neste caso, Goldfinger não o procuraria mais e Bond teria de abandonar o caso, deixando que M inventasse uma nova abordagem. Quanto tempo teria de esperar para saber se o tubarão abocanhara a isca? Seria bom se desse pelo menos uma pequena mordida, como indício de que escolhera a

isca certa.

Ouviu uma batida na porta do quarto. Bond se enrolou na toalha e foi até a porta. Abriu-a. Era o porteiro do saguão de entrada. “Sim?”

“Recado telefônico da parte do senhor Goldfinger. Ele manda seus cumprimentos e pergunta se o senhor gostaria de ir jantar em sua casa hoje à noite. A granja em Reculver. Às seis e meia, para drinques. Não é necessário se preocupar com o traje.”

“Por favor, diga ao senhor Goldfinger que terei muito prazer.” Bond fechou a porta e andou até uma janela aberta, onde ficou olhando o mar tranquilo do cair da tarde. “Veja só, veja só, bastou falar no diabo!” Bond sorriu consigo mesmo. “Para depois ir jantar com ele! Como é mesmo o ditado? ‘Depois que o diabo come, é que chegam as colheres.’”

Às seis horas Bond desceu ao bar e tomou uma boa dose de vodca com tônica e uma fatia de casca de limão. O bar estava vazio, a não ser por um grupo de oficiais da força aérea americana, de Manston. Bebiam uísque com água e conversavam sobre beisebol. Bond ficou imaginando se haviam passado o dia carregando uma bomba de hidrogênio por ali, sobre o céu de Kent, por cima dos quatro pequenos pontinhos nas dunas, entretidos com a partida de golfe contra Goldfinger. Pensou seriamente, não exagerem no uísque, meus amigos, pagou pela bebida e saiu.

Foi dirigindo devagar até Reculver, saboreando o começo da noite, o drinque no seu estômago, o silêncio, o ruído do escapamento duplo. Haveria de ser um jantar interessante. O momento propício para convencer Goldfinger de sua utilidade. Se errasse a mão, seria descartado, estragando o terreno para quem o sucedesse. Estava desarmado — seria fatal se Goldfinger farejasse qualquer indício negativo. Sentiu uma apreensão momentânea. Mas era preciso ir devagar com o andor. Nenhum estado de guerra havia ainda sido declarado — pelo contrário. Quando haviam se separado no clube de golfe, Goldfinger fora cordial, de uma maneira um tanto untuosa, forçada. Perguntara para onde deveria mandar o dinheiro de Bond, este dera o endereço da Universal Export. Perguntara onde Bond estava hospedado, este lhe informara, acrescentando que só ficaria em Ramsgate alguns dias, enquanto decidia seu futuro. Goldfinger esperava que um dia pudessem jogar de novo, mas infelizmente estava de partida para a França no dia seguinte e não sabia quando voltaria. De avião? Sim, pelo cargueiro aéreo em Lydd. Bem, obrigado pela partida. Obrigado também, senhor Bond. O olhar fizera uma última varredura de raios X, como se estivesse registrando-o pela última vez nos arquivos de Goldfinger, e o grande carro amarelo desaparecera com

um suspiro.

Bond dera uma boa olhada no motorista. Era um japonês corpulento de rosto chato, mais provável que fosse coreano, com um olhar feroz e quase enlouquecido nos olhos dramaticamente amendoados, mais adequados a um filme japonês do que ao volante de um Rolls Royce, em uma tarde ensolarada de Kent. Tinha o lábio superior meio trombudo, que muitas vezes acompanha a fenda palatina, mas não falou nada e Bond não teve a oportunidade de comprovar esta suposição. Em seu terno preto apertado e chapéu-coco cômico, mais parecia um lutador japonês de sumô em seu dia de folga. Mas não era uma figura que provocasse um sorriso na gente. Se assim estivéssemos inclinados, logo mudaríamos de opinião diante do toque sinistro, inexplicável, dos sapatos pretos envernizados, quase sapatilhas de dança, e das pesadas luvas pretas de motorista. Havia algo vagamente conhecido na sua silhueta. Foi quando o carro se afastou e Bond pôde relancear para trás, que lhe veio a lembrança. Era a cabeça, os ombros e o chapéu-coco do motorista do Ford Popular azul-celeste, que obstruía tão obstinadamente a subida da estrada para Herne Bay, cerca de meio-dia daquela manhã. De onde vinha? O que teria sido mandado fazer? Bond se lembrou de algo que o coronel Smithers dissera. Seria esse o coreano que viajava pelo interior recolhendo o ouro antigo da cadeia de joalherias de Goldfinger? Será que a mala daquele pequeno sedã inocente e lerdo estaria apinhada da colheita semanal de relógios comemorativos, anéis de braço, medalhões e crucifixos de ouro? Ao contemplar a silhueta alta, amarelo-clara do Rolls “Silver Ghost” que desaparecia em direção a Sandwich, Bond achou que sim.

Bond deixou a estrada principal para pegar o caminho de entrada da casa, seguindo por ela entre altas sempre-vivas da época vitoriana, até a volta de cascalho diante do tipo de casa que só poderia mesmo se chamar A Granja — pesada, feia, uma mansão da virada do século, com um pórtico envidraçado e jardim de inverno, cujo cheiro de sol enclausurado, seringueiras e moscas mortas invadiu a imaginação de Bond antes de ter desligado o motor do carro. Bond saiu lentamente do automóvel e ficou contemplando a casa, cujos olhos vidrados, bem lavados, devolviam seu olhar. Havia um barulho de fundo na parte de trás da casa, um resfolegar pesado e sincopado, como o de algum enorme animal de pulso acelerado. Bond presumiu que viesse da usina, de cuja chaminé, ereta como um gigantesco dedo admonitório a surgir de entre as altas coníferas à direita, onde normalmente ficariam as cocheiras e as garagens, soltava uma pluma de fumaça. A fachada vigilante e tranquila da casa parecia estar à espera de que Bond tomasse alguma providência, fizesse algum movimento ofensivo que encontraria pronta reação. Bond sacudiu os

ombros para aliviar os pensamentos e subiu a escada até a porta de vidro opaco, tocando a campainha. Não ouviu o barulho de seu toque, mas a porta se abriu lentamente. O motorista coreano ainda estava com o chapéu-coco na cabeça. Olhou para Bond com descaso. Ficou ali imóvel, com a mão esquerda na maçaneta interna e a perna esticada, apontando como uma placa de trânsito para o saguão escuro da casa.

Bond passou por ele, superando o desejo de pisar nos seus sapatos pretos limpinhos, ou então de socar aquela barriga preta toda abotoada. Este coreano confirmava tudo aquilo que Bond sempre ouvira falar sobre os coreanos, e de qualquer modo, Bond queria fazer um gesto qualquer violento contra a atmosfera elétrica e pesada da casa.

O saguão melancólico também era a sala de estar principal. Um fogo fraco bruxuleava atrás das proteções de ferro da larga lareira, e duas poltronas de couro típicas dos clubes e um sofá estilo Knole fitavam, impassíveis, as chamas. Entre eles, em cima de um canapé baixo, havia uma bandeja bem sortida de bebidas. Os amplos espaços que circundavam aquela chama de vida estavam apinhados de mobiliário rothschildiano do segundo império, e os ouropéis, tartaruga, bronzes e madrepérolas piscavam um olho opulento para o fogo anêmico. Atrás deste museu organizado, lambris escuros cobriam as paredes até uma galeria no primeiro andar, que se alcançava por uma escada muito curva à esquerda do salão. O teto estava coberto por um trabalho de madeira rendilhada, típico da época.

Bond estava em pé, absorvendo tudo isso, quando o coreano se aproximou em silêncio. Baixou o braço, que parecia um braço de sinaleiro, em direção à bandeja de bebidas e às poltronas. Bond fez que sim com a cabeça e permaneceu onde estava. O coreano passou por ele e desapareceu por uma porta que Bond supôs ser do alojamento de empregados. O silêncio, com a ajuda do lento tique-taque metálico de um relógio-armário extremamente decorado, acumulava-se e se acercava.

Bond se aproximou da lareira e ficou de costas para o fogo minguado. Olhou ofensivamente para a sala. Que lixo! Que lugar absolutamente horrível de se viver. Como era possível, desejável, viver nesse tóvão pesado no meio das casuarinas e das sempre-vivas, quando a cem metros de distância havia ar e largos horizontes? Bond tirou e acendeu um cigarro. O que faria Goldfinger para se divertir, se distrair, o que faria em matéria de sexo? Talvez não precisasse dessas coisas. Talvez a busca pelo ouro saciasse todas as suas sedes.

Em algum lugar distante um telefone tocou. A campainha deu dois toques

e se calou. Ouviu-se o murmúrio de uma voz, em seguida ecos de passos em um corredor, e a porta sob a escadaria se abriu. Goldfinger passou e fechou a porta com delicadeza. Trajava um smoking de veludo cor de pêssego. Avançou lentamente pelo piso de madeira encerada. Não estendeu a mão. Disse, a sorrir, “Foi muita gentileza sua atender a um convite feito com tão pouca antecedência, senhor Bond. Como o senhor estava sozinho, me ocorreu que pudéssemos dar dois dedos de prosa.”

Era o tipo de comentário que os ricos fazem entre si. Bond se divertiu com o fato de ter sido incluído temporariamente nesse clube. Disse, “Recebi o convite com muito prazer. Já estava entediado de ficar remoendo meus problemas. Ramsgate não tem muita coisa para a gente fazer.”

“Sim. E agora preciso me desculpar. Recebi um telefonema. Um de meus funcionários — aliás, emprego coreanos — teve um pequeno problema com a polícia de Margate e preciso ir até lá dar um jeito nisso. Um incidente qualquer no parque de diversões, pelo visto. Essa gente fica nervosa com facilidade. Meu motorista me levará e não demoraremos mais do que meia hora. Enquanto isso, sinto muito ter de deixá-lo sozinho. Por favor, sirva-se de bebidas. Há revistas para ler. Peço que me perdoe. Não demoro mais do que meia hora. Garanto.”

“Tudo bem.” Bond sentiu que havia algo estranho naquilo. Não podia precisar o que era.

“Bem, então até logo.” Goldfinger foi até a porta da frente. “Olha, preciso melhorar sua iluminação. Está muito escuro aqui.” Goldfinger botou a mão em uma placa cheia de interruptores na parede, e as luzes brilharam instantaneamente em todo o saguão — desde luminárias comuns, às arandelas, e aos lustres, bem altos no teto. A sala se tornara tão clara quanto um estúdio de cinema. Uma transformação extraordinária. Bond, meio ofuscado, observou Goldfinger abrindo a porta e saindo. Dentro de um instante ouviu o barulho de um carro, mas não era o Rolls que acelerava ruidosamente, trocava as marchas e disparava pelo caminho da entrada.

Por impulso, Bond foi até a porta da frente e abriu-a. A alameda da entrada estava vazia. Viu a distância as luzes do carro que virava a esquerda na estrada principal, em direção a Margate. Voltou para dentro da casa, fechando a porta. Ficou imóvel, à escuta. O silêncio, com a exceção do pesado tique-taque do relógio, era total. Foi até a porta de serviço e abriu-a. Um longo corredor escuro sumia em direção aos fundos da casa. Bond se inclinou para a frente, com todos os sentidos alertas. Silêncio, um silêncio mortal. Bond fechou a porta e olhou em volta da sala iluminada feericamente.

Havia sido deixado a sós na casa de Goldfinger, a sós com todos os seus segredos. Por quê?

Bond se aproximou da bandeja de bebidas e se serviu de um gim-tônica bem forte. Houve, ao certo, um telefonema, mas que poderia ter vindo facilmente de propósito, da usina. A história do funcionário era plausível, e era razoável que Goldfinger fosse pagar pessoalmente a fiança para soltá-lo, acompanhado de seu motorista. Goldfinger mencionara duas vezes que Bond ficaria sozinho durante meia hora, “deixado por conta própria”. Poderia ser algo inocente ou um convite para Bond mostrar as cartas que tinha na mão, para cometer alguma indiscrição. Estaria alguém a observá-lo? Quantos coreanos daqueles havia, e o que estariam fazendo? Bond consultou o relógio. Haviam se passado cinco minutos. Decidiu-se. Armadilha ou não, aquela era uma chance boa demais para ser desperdiçada. Daria uma rápida olhada em volta — porém uma olhada inocente, com uma boa história como pretexto para explicar sua saída da sala. Por onde começar? Uma olhada na usina. Qual seria sua história? O carro tivera problemas na vinda — provavelmente na bomba de gasolina — e fora até lá para ver se encontrava algum mecânico que pudesse ajudá-lo. Meio vagabunda, mas serviria. Bond tomou o drinque, aproximou-se decidido da porta de serviço e a transpôs.

Havia um interruptor. Acendeu a luz e andou rápido pelo longo corredor. Terminava em uma parede vazia, com duas portas, à esquerda e à direita. Ouviu por um instante na porta à esquerda barulhos abafados de cozinha. Abriu a da direita e encontrou-se no pátio pavimentado da garagem, como era de esperar. A única coisa estranha é que estava profusamente iluminado por luzes fosforescentes. O longo muro da usina ficava na extremidade oposta, e a batida sincopada de um motor era muito alta. Havia uma porta simples de madeira bem no final do muro. Bond atravessou o pátio em sua direção, olhando em volta com uma vaga curiosidade. A porta estava destrancada. Abriu-a com cautela e entrou, deixando a porta entreaberta. Encontrou-se em um pequeno escritório vazio, iluminado por uma única lâmpada que pendia do teto. Havia uma mesa cheia de papéis, um relógio de ponto, um ou dois fichários e um telefone. Outra porta dava para o espaço principal da usina, e havia uma janela a seu lado para vigiar os homens no trabalho. Deveria ser o escritório do supervisor. Bond chegou-se à janela, olhando por ela.

Não sabia o que esperara ver, mas o que havia eram os apetrechos normais de uma pequena metalúrgica. Diante dele ficavam as bocas abertas de dois fornos, no momento desligados. Ao lado deles uma fileira de recipientes para receber o metal derretido, cujas placas de diversos tamanhos e cores jaziam contra a parede próxima. Havia a mesa polida de aço de uma serra

circular, provavelmente uma serra de diamante para cortar as placas, e na sombra à esquerda um grande motor diesel martelando, conectado ao gerador elétrico. À direita, sob lâmpadas fosforescentes, um grupo de cinco sujeitos de macacões, quatro coreanos, trabalhava — surpreendentemente — no Rolls Royce de Goldfinger. Lá estava ele, sob o brilho das lâmpadas, impecável, exceto pela porta da direita que fora arrancada e que jazia agora sobre dois bancos ali perto, sem forro. Enquanto Bond observava, dois sujeitos pegaram o novo forro da porta, uma placa metálica pesada cor de alumínio, encaixando-o no lugar. Havia duas rebitadoras manuais no chão e em breve, assim julgava Bond, os operários prenderiam a placa com arrebites na moldura da porta e o pintariam para combinar com o restante do carro. Tudo perfeitamente inocente e legal. Goldfinger amassara o forro naquela tarde e fizera aquele conserto rápido como preparativo para sua viagem do dia seguinte. Bond deu uma rápida olhada em volta e saiu pela porta por que passara, fechando-a com delicadeza. Não havia nada ali, diabo. E agora, qual seria a história que contaria? Não quisera atrapalhar o serviço dos operários — talvez depois do jantar, se algum deles tivesse tempo.

Bond caminhou de volta, sem pressa, pelo caminho por que viera e voltou à sala, sem problemas.

Consultou o relógio. Faltavam dez minutos. Agora o primeiro andar. Os segredos da casa residem nos quartos e nos banheiros. São esses os lugares particulares, cujos armários de remédios, penteadeiras, gavetas de cabeceira, revelam as intimidades, as fraquezas dos donos. Bond estava com uma forte dor de cabeça. Fora à procura de uma aspirina. Este o papel que representou para a plateia invisível, enquanto massageava as têmporas, olhando para as galerias, atravessando o assoalho, decidido, subindo a escada. A galeria dava para um corredor bem iluminado. Bond desceu-o, abrindo as portas e espiando o que havia. Mas eram quartos de reserva, com as camas por fazer. Cheiravam a mofo e ar estagnado. Um grande gato laranja surgiu do nada e seguiu-o, miando e se esfregando contra as suas calças. O último era o quarto certo. Bond entrou e fechou a porta, deixando uma pequena fresta.

Todas as luzes estavam acesas. Talvez houvesse um empregado no banheiro. Bond caminhou audaciosamente até a porta de comunicação, abrindo-a. Mais luzes acesas, sem ninguém. Era um banheiro grande, provavelmente um antigo quarto convertido em banheiro, que tinha, além da pia e da banheira, várias máquinas de se exercitar — um remo, uma bicicleta ergométrica, clavas de madeira para musculação e uma cinta Ralli. O armário de remédios não continha nada exceto uma grande variedade de purgantes — cáscara, sene, Calsalettes, vários aparelhos de clister. Não havia outros

remédios, nem aspirina. Bond voltou para o quarto e novamente, nada. Era o típico quarto de homem, confortável, usado, com uma porção de armários feitos sob medida. Tinha até um cheiro neutro. Havia uma pequena estante ao lado da cama, cujos livros eram de história, biografia, todos em inglês. A gaveta da mesinha de cabeceira forneceu uma revelação solitária e indiscreta, uma cópia amarelada de *The Hidden Sight of Love*, da Palladium Publications, Paris.

Bond consultou o relógio. Faltavam cinco minutos. Hora de sair. Deu uma última olhada em volta do quarto e foi até a porta. De repente parou. O que era aquilo que notara quase subconscientemente desde que entrara no quarto? Aguçou os sentidos. Havia algo que não se encaixava, em algum lugar. O que era? Uma cor? Um objeto? Um cheiro? Um som? Era isso! De onde estava podia ouvir um zumbido muito baixo, como o de um mosquito. Quase em uma frequência imperceptível. De onde vinha? O que o provocava? Havia agora também outra coisa no quarto, algo que Bond conhecia bem, o cheiro de perigo.

Bond aproximou-se, tenso, do armário ao lado da porta, abrindo-o delicadamente. Sim, a coisa vinha de dentro do armário, detrás de uma coleção de casacos esporte que pendia até a gaveta superior das três existentes, uma em cima da outra. Bond afastou abruptamente os casacos. Trincoou as mandíbulas diante do que havia atrás deles.

De três ranhuras em cima do armário, três fitas separadas de filme de dezesseis milímetros se desenrolavam devagar dentro de um profundo escaninho atrás da frente falsa das gavetas. O escaninho estava cheio até a metade daquelas cobras nauseantes de celuloide. Os olhos de Bond se estreitaram de tensão ao observarem a prova incriminadora a se enrolar lentamente sobre os rolos já existentes. Então era isso — câmeras cinematográficas, três delas, cujas lentes se encontravam escondidas Deus sabe onde — na sala, no pátio da garagem, naquele quarto, estiveram filmando cada gesto seu desde que Goldfinger deixara a casa, ligando as câmeras e, evidentemente, as luzes ofuscantes, ao sair pela porta. Como é que Bond não percebera o significado daquela iluminação? Como não tivera o mínimo de imaginação para perceber a armadilha ou farejá-la? O pretexto das histórias já não servia mais! Qual a sua utilidade agora que ele andara espionando durante meia hora, sem encontrar nada que lhe recompensasse o esforço? Ainda havia isso! Não descobrira nada — não desenterrara nenhum segredo. Fora um desperdício de tempo idiota. E agora ele estava no poder de Goldfinger. Acabado, desmascarado sem esperança. Haveria alguma maneira de salvar alguma coisa desse desastre? Bond ficou ali paralisado, olhando o

lento cascatear dos filmes.

Vejamos! A cabeça de Bond disparou, pensando em saídas, desculpas, e descartando todas elas. Bem, pelo menos ao abrir a porta do armário, velara uma parte da película. Então por que não velar tudo? Por que não? Mas como? Como era possível explicar a abertura do armário que não fosse pelas suas próprias mãos? Ouviu-se um miado pela fresta da porta do quarto. O gato! Por que não poderia ter sido ele? Uma sombra bem rala, mas pelo menos a sombra de um álibi. Bond abriu a porta. Pegou o gato. Voltou com ele para o armário, acariciando-o com cuidado. Ele ronronou. Bond se inclinou sobre o escaninho, pegando a película aos punhados e erguendo-a para expô-la à luz. Em seguida, depois de se dar por satisfeito de que a velara, jogou-a de volta, e o gato por cima. O gato não podia sair com facilidade. Se a sorte ajudasse, acomodaria-se e depois dormiria. Bond deixou a porta do armário aberta dez centímetros para velar o filme que continuava a ser rodado, a porta do quarto outro tanto, e desceu depressa pelo corredor. No alto da escada descansou o passo e desceu devagar. A sala vazia bocejava diante de seu espetáculo teatral. Foi até a lareira, encheu o copo com mais bebida e pegou *The Field* para ler. Foi para a coluna de Bernard Darwin sobre golfe, passou os olhos rapidamente até chegar ao fim, para ver o que falava, em seguida se acomodou em uma das poltronas confortáveis e acendeu um cigarro.

O que descobrira? Qual o elemento positivo? MUITÍSSIMO pouco, exceto que Goldfinger sofria de prisão de ventre, tinha uma mente lúbrica, e quisera submeter Bond a um teste elementar. Fizera-o, ao certo, com grande capacidade. Ali não se tratava de nenhum amador. A técnica estava inteiramente à altura dos padrões da SMERSH, e certamente a técnica de alguém que tinha muito que esconder. E agora o que aconteceria? Para que o álibi do gato se sustentasse era preciso que Goldfinger tivesse deixado duas portas abertas, uma delas vital, para que o gato entrasse no quarto, curioso com o zumbido das câmeras. Algo improvável, quase inacreditável. Goldfinger teria noventa por cento de certeza de ter sido Bond — mas apenas noventa. Restaria ainda dez por cento de dúvida. Será que Goldfinger teria aprendido muito mais do que já sabia antes — que Bond era um sujeito cheio de recursos e malícia, de muita curiosidade, quem sabe um ladrão? Adivinharia que Bond estivera no quarto, mas seus outros movimentos permaneceriam desconhecidos por causa do filme velado.

Bond se levantou, pegou um punhado de outras revistas e jogou-as ao lado de sua poltrona. A única coisa a fazer era enfrentar o problema abertamente e tomar nota dele para o futuro, se houvesse um, de modo a

aguçar as ideias e não cometer mais erros. Não haveria gatos laranja que bastassem no mundo para ajudá-lo a escapar de outra encrenca igual àquela em que havia se metido.

Não houve nenhum barulho de carro na alameda de entrada, nenhum barulho na porta. No entanto, Bond sentiu uma brisa noturna no pescoço e percebeu que Goldfinger estava de volta na sala.

11.

FAZ-TUDO

Bond largou *The Field* e se levantou. A porta da frente fechou ruidosamente. Bond virou-se. “Olá.” Sua expressão denotava uma surpresa polida. “Não o ouvi chegar. Como foi a coisa?”

A expressão de Goldfinger era igualmente pacífica. Poderiam ser velhos amigos, vizinhos no campo, acostumados a se visitarem amiúde para tomar um trago. “Ah, a coisa se ajeitou. Meu funcionário teve uma briga em um pub com alguns membros da força aérea americana que o haviam chamado de japa safado. Expliquei à polícia que os coreanos não gostam de serem chamados de japa. Soltaram-no sob fiança. Desculpe por demorar tanto. Espero que não tenha se entediado. Por favor, tome outra bebida.”

“Obrigado. Parece que se passaram apenas cinco minutos desde que você se foi. Estava lendo o que Darwin tem a dizer sobre a regra dos quatorze tacos no golfe. Ponto de vista interessante...” Bond se lançou a uma narração detalhada do artigo, acrescentando seus próprios comentários à regra.

Goldfinger esperou pacientemente em pé, até que acabasse. Comentou, “Sim, é um negócio complicado. É claro que seu jogo é bem diferente do meu, mais primoroso. Com o tipo de jogada que faço, preciso de todos os tacos possíveis. Bem, vou lavar as mãos e depois jantamos. Não levarei um minuto.”

Bond ocupou-se em preparar ruidosamente outro drinque, sentou-se e pegou a *Country Life*. Observou Goldfinger subir a escada e desaparecer pelo corredor. Podia imaginar cada passo. Percebeu que estava lendo a revista de cabeça para baixo. Virou-a e fixou um olhar, que nada via, em uma bela foto de Blenheim Palace.

Silêncio absoluto em cima. Em seguida ouviu-se uma distante descarga de banheiro, o barulho de uma porta sendo puxada e fechada. Bond pegou o drinque, deu um grande gole e botou o copo ao lado de sua cadeira. Goldfinger estava descendo a escada. Bond virou as páginas da *Country Life* e jogou as cinzas do cigarro na lareira com um peteleco.

Goldfinger caminhava em direção a ele. Bond baixou a revista e olhou para cima. Goldfinger carregava o gato cor de laranja displicentemente sob o braço. Chegou à lareira, inclinou-se e tocou a campainha.

Virou-se para Bond. “Gosta de gatos?” Seu olhar era indiferente, despido de curiosidade.

“O suficiente.”

A porta de serviço se abriu. O motorista surgiu na sua moldura. Ainda usava o chapéu-coco e as luvas pretas luzidias. Olhou Bond com indiferença. Goldfinger dobrou um dedo. O motorista se acercou e se juntou ao pequeno círculo ao redor do fogo.

Goldfinger virou-se para Bond. Disse sociavelmente, “Este é mão pra toda obra”. Deu um sorriso meio insosso. “É uma espécie de piada. Oddjob, mostre suas mãos ao senhor Bond.” Sorriu de novo para Bond. “Chamo-o Oddjob, ‘faz-tudo’, porque isso descreve suas funções como meu empregado.”

O coreano tirou as luvas devagar, aproximou-se e ficou à distância de um braço estendido de Bond, com as palmas da mão para cima. Bond se levantou e examinou-as. Eram grandes, carnudas e musculosas. Os dedos pareciam todos do mesmo comprimento. Eram muito rombudos nas pontas, que brilhavam como se fossem feitos de osso amarelo.

“Vire-as e mostre os lados ao senhor Bond.”

Não havia unhas. No lugar delas, a mesma carapaça amarelada. O sujeito virou as mãos de lado. Ao longo delas corria uma crista dura da mesma substância ossuda.

Bond ergueu as sobrancelhas para Goldfinger.

Este disse: “Vamos fazer uma demonstração.” Apontou para a balaustrada grossa de carvalho que protegia a escada. Era maciça, de uns dezessete centímetros por dez de grossura. O coreano foi obedientemente até a escada, subindo alguns degraus. Deixou-se ficar com as mãos ao lado do corpo, olhando para Goldfinger como um golden retriever. Goldfinger fez uma medida rápida de cabeça. O coreano ergueu a mão direita impassivelmente acima da cabeça, baixando-a de lado, como um machado, sobre o corrimão pesado e lustroso. Houve um barulho de madeira se estilhaçando e o corrimão cedeu, quebrando ao meio. Novamente a mão subiu e desceu como um raio. Desta vez separando o corrimão completamente, deixando uma brecha dentada. Os pedaços de madeira choveram sobre o

assoalho da sala. O coreano se endireitou e se pôs de atenção, à espera de outras ordens. Seu rosto não ficou corado pelo esforço e não demonstrava nenhum sinal de orgulho pela façanha.

Goldfinger chamou. O sujeito voltou. Goldfinger frisou, “Seus pés são iguais, nas laterais. Oddjob, o console da lareira.” Goldfinger indicou a pesada prancha de madeira talhada em cima da lareira. Ficava a dois metros e pouco acima do chão. Uns quinze centímetros mais alto do que o topo do chapéu-coco do coreano.

“Zacaxaco?”

“Sim, tire o casaco e o chapéu.” Goldfinger virou-se para Bond. “O pobre sujeito tem uma fenda palatina. Acho que muito poucas pessoas o compreendem, além de mim.”

Bond pensou como seria útil, um escravo só capaz de se comunicar com o mundo através de seu intérprete — melhor ainda do que os surdos-mudos dos haréns, mais ligado ainda ao senhor, mais seguro.

Oddjob tirara o casaco e o chapéu, colocando-os, bem arrumados, no chão. Agora enrolara as calças até o joelho e se afastara na posição bem plantada do perito em judô. Parecia que nem a carga de um elefante conseguiria desequilibrá-lo.

“É melhor recuar, senhor Bond.” Os dentes brilhavam na boca larga. “Este golpe é capaz de quebrar o pescoço de um homem como o caule de uma flor.” Goldfinger afastou o canapé baixo com a bandeja de bebidas. Agora o coreano tinha a pista limpa. Mas estava apenas a três passos largos de distância. Como era possível alcançar a altura do console?

Bond observava, fascinado. Os olhos rasgados na máscara amarela achatada brilhavam com uma determinação feroz. Ao enfrentar um homem assim, pensou Bond, só se podia ajoelhar e esperar a morte.

Goldfinger ergueu a mão. Os artelhos unidos nos sapatos macios de couro lustroso pareceram se agarrar ao chão. O coreano deu um longo passo agachado, com os joelhos bem dobrados, em seguida decolou do chão. No meio do salto seus pés bateram unidos, como os de um bailarino, porém em uma altura maior do que qualquer bailarino jamais alcançara, e depois seu corpo se torceu lateralmente para baixo, e o pé direito chutou como um pistão. Ouviu-se um baque demolidor. O corpo veio a descansar graciosamente sobre as mãos, espalmadas no chão, com os cotovelos dobrados para sustentar o peso, em seguida se endireitou abruptamente, projetando o sujeito para cima de volta à vertical.

Oddjob permaneceu em posição de sentido. Desta vez havia um brilho triunfal em seus olhos inexpressivos, quando olhou para a lasca de oito centímetros que a lateral de seu pé arrancara do console.

Bond olhou para o sujeito com grande admiração. E pensar que apenas há duas semanas ele andara se exercitando de acordo com seu manual de combate desarmado! Não havia nada, absolutamente nada no material que ele lera, na sua experiência, que se aproximasse do que acabara de testemunhar. Aquele não era um homem de carne e osso. Era um aríete vivo, talvez o animal mais perigoso na face da terra. Bond sentiu-se na obrigação de prestar homenagem àquela pessoa singularmente terrível. Estendeu a mão.

“Devagar, Oddjob.” A voz de Goldfinger era como o estalo do chicote.

O coreano fez uma medida e segurou a mão de Bond. Manteve os dedos esticados, dobrando apenas o polegar em um ligeiro aperto. Era como segurar o pedaço de uma prancha. Solto a mão de Bond e foi até a pilha arrumada de suas roupas.

“Perdoe-me, senhor Bond, aprecio o seu gesto.” O rosto de Goldfinger demonstrava sua aprovação. “Mas Oddjob não sabe a força que tem — especialmente quando está em ação. E aquelas mãos são como máquinas, ferramentas. Ele teria esmagado sua mão até ela virar uma pasta, sem querer.” Oddjob se vestira e permanecia respeitosamente em posição de sentido. “Você foi ótimo, Oddjob. Estou satisfeito de ver que está em forma. Olha aqui —” Goldfinger pegou o gato sob seu braço e jogou-o para o coreano, que o agarrou com vontade — “estou cansado de ver este bicho por aí. Pode jantá-lo”. Os olhos do coreano brilharam. “E diga ao pessoal da cozinha que jantaremos imediatamente.”

O coreano inclinou a cabeça abruptamente e se afastou.

Bond escondeu sua repugnância. Percebeu que toda aquela exibição era simplesmente um recado para ele, um aviso, um pequeno golpe nos dedos. Significava, “Está vendo meu poder, senhor Bond. Eu poderia facilmente matá-lo ou mutilá-lo. Durante uma exibição de Oddjob o senhor ficou no meio. Eu certamente seria inocentado, e Oddjob pegaria uma pena leve de cadeia. Em vez disso, o gato receberá o castigo no lugar do senhor. Azar do gato, é claro.”

Bond perguntou casualmente, “Por que ele sempre usa aquele chapéu-coco?”

“Oddjob!” O coreano já estava na porta de serviço. “O chapéu.” Goldfinger indicou um painel de madeira trabalhada perto da lareira.

Ainda segurando o gato debaixo do braço esquerdo, Oddjob se virou e veio andando compenetrado em direção a eles. Quando estava a meio caminho, sem uma pausa e sem mirar coisa alguma, tirou o chapéu pela aba e arremessou-o de lado com toda a força. Houve um baque alto. Em um instante, a borda do chapéu-coco fez um dente de três centímetros no painel que Goldfinger indicara, em seguida caiu no chão com um barulho metálico.

Goldfinger deu um sorriso polido para Bond. “Uma liga leve, porém muito forte, senhor Bond. Pena que deve ter estragado seu forro de veludo, mas Oddjob porá outro. É surpreendentemente rápido com uma agulha e uma linha. Como pode imaginar, este golpe teria arreventado o crânio de um homem ou cortado pelo meio seu pescoço. Uma arma caseira disfarçada da maneira mais engenhosa, tenho certeza de que concordará comigo.”

“Sim, com certeza.” Bond sorriu com igual polidez. “É útil ter um sujeito assim em volta da gente.”

Oddjob pegara seu chapéu e desaparecera. Ouviu-se a batida de um gongo. “Ah, o jantar! Vamos?” Goldfinger o conduziu a uma porta escondida nos lambris à direita da lareira. Apertou um trinco oculto e passaram por ela.

A pequena sala de jantar se igualava à riqueza pesada da sala de visitas. Estava feericamente iluminada por um candelabro no centro, e por velas em uma mesa redonda cheia de prataria e cristais cintilantes. Sentaram-se diante um do outro. Dois garçons de rosto amarelo, em túnicas brancas, traziam os pratos de um bufê apinhado. O primeiro prato era alguma coisa com curry e arroz. Goldfinger notou a hesitação de Bond. Deu um risinho seco. “Não tenha medo, senhor Bond. É camarão, e não gato.”

“Ah.” Bond fez uma expressão neutra.

“Por favor, experimente o Mosele. Espero que seja de seu agrado. É um Piesporter Goldtröpfchen 1953. Sirva-se. Essa gente tanto é capaz de despejá-lo no seu prato, quanto no copo.”

Havia uma garrafa dentro de um balde de gelo diante de Bond. Este se serviu e provou um pouco do vinho. Era um néctar, supergelado. Bond deu parabéns a seu anfitrião. Goldfinger fez um breve meneio com a cabeça.

“Eu mesmo não bebo nem fumo, senhor Bond. Acho que fumar é a mais ridícula das diversas formas do comportamento humano e praticamente a única que é totalmente antinatural. Pode imaginar uma vaca, ou qualquer animal, enchendo a boca de feno fumegante, em seguida tragando e expelindo a fumaça pelas ventas? Bah!” Goldfinger demonstrou um raro vestígio de emoção. “É um hábito horroroso. Quanto à bebida, sou meio químico e ainda

hei de ver alguma que não contenha restos de venenos, alguns mortais, como álcool amílico, ácido acético, etilacetato, acetaldeído e furfurol. Uma pequena quantidade deles tomada pura é letal. Nas pequenas quantidades encontradas em uma garrafa de bebida produzem vários efeitos nocivos, cuja maioria é levianamente minimizada como “ressaca”. Goldfinger fez uma pausa, com o garfo cheio de camarão com curry a meio caminho da boca. “Já que o senhor bebe, senhor Bond, eu lhe darei um pequeno conselho. Jamais beba qualquer conhaque Napoleon, especialmente quando leva o rótulo de ‘envelhecido em tonéis de madeira’. Esse conhaque, em especial, contém mais desses venenos a que me referi, do que qualquer outro que já analisei. Bourbon envelhecido é o mais próximo.” Goldfinger encerrou suas antipatias com uma garfada de camarão.

“Obrigado. Vou me lembrar. Talvez seja por esses motivos que tenho optado pela vodca recentemente. Dizem que o fato de ser filtrada em carvão ativado ajuda.” Ao pescar esta pequena informação profissional da vaga memória de algo que já lera, Bond sentiu certo orgulho de poder devolver o poderoso saque de Goldfinger.

Goldfinger deu-lhe um olhar incisivo. “Você parece entender algo deste assunto. Estudou química?”

“Só superficialmente.” Já era hora de passar a outro assunto. “Fiquei muito impressionado pelo seu motorista. Onde ele aprendeu essas táticas de combate? Qual a sua origem? São utilizadas pelos coreanos?”

Goldfinger limpou a boca com o guardanapo. Estalou os dedos. Os dois serviçais tiraram os pratos e trouxeram pato assado e uma garrafa de Mouton Rothschild 1947 para Bond. Depois de terem voltado à sua imobilidade em cada extremidade da mesa, Goldfinger disse, “Já ouviu falar em caratê? Não? Bem, esse sujeito é um dos três lutadores no mundo a ter conquistado faixa preta em caratê. O caratê é um ramo do judô, mas está para o judô como Spandau para uma catapulta.”

“Deu para perceber.”

“Foi uma demonstração elementar, senhor Bond” — Goldfinger ergueu a coxa que estava roendo — “eu lhe digo que se Oddjob usasse o golpe certo em qualquer dos sete pontos de seu corpo, o senhor agora estaria morto”. Goldfinger mordeu com satisfação o lado da coxa.

Bond respondeu, sério, “Interessante. Só conheço cinco maneiras de matar Oddjob com um golpe só.”

Goldfinger pareceu não ouvir este comentário. Descansou a coxa e

tomou um gole d'água. Recostou-se enquanto Bond continuava a comer a excelente refeição. “O caratê, senhor Bond, se baseia na teoria de que o corpo humano tem cinco superfícies de ataque e trinta e sete pontos vulneráveis — vulneráveis, por assim dizer, a um perito em caratê, cujas pontas dos dedos, lados das mãos e pés, se tornaram endurecidos por camadas de calos, muito mais fortes e flexíveis que o osso. Todo dia de sua vida, senhor Bond, Oddjob passa uma hora dando golpes em sacos de arroz ou em um poste reforçado, cuja parte superior está enrolada por muitas voltas de uma corda grossa. Em seguida passa mais uma hora se exercitando, de uma maneira que se assemelha mais a uma escola de balé, do que a uma academia de ginástica.”

“Quando é que pratica o arremesso do chapéu-coco?” Bond não tinha nenhuma intenção de sucumbir a essa guerra psicológica.

Goldfinger franziu o cenho diante da interrupção. “Nunca perguntei”, respondeu sem nenhum senso de humor. “Mas presumo que Oddjob cuide de todas as suas habilidades. Aliás, você estava perguntando qual a origem do caratê. Originou-se na China, onde os monges budistas andarilhos tornaram-se presas fáceis para os bandidos e salteadores. Sua religião não lhes permitia o porte de armas, por isso desenvolveram sua própria forma de combate desarmado. Os habitantes de Okinawa refinaram a arte até seu presente momento, quando os japoneses os proibiram de portar armas. Eles desenvolveram as cinco áreas ofensivas do corpo humano — o punho, o lado da mão, as pontas dos dedos, a sola anterior do pé e os cotovelos — reforçando-as até ficarem recobertas por camadas calosas. Não existe uma segunda etapa nos golpes de caratê. O corpo inteiro se enrijece no momento do impacto, com ênfase no quadril, e depois se relaxa instantaneamente, de modo a nunca perder o equilíbrio. É fantástico o que Oddjob consegue fazer. Já o vi golpear uma parede de tijolos com toda a força sem machucar-se. Consegue quebrar três pranchas de um centímetro e pouco cada uma, empilhadas, com um golpe de mão. Já viu o que ele consegue fazer com o pé.”

Bond tomou um grande gole do Bordeaux delicioso. “Tudo isso deve castigar bastante o seu mobiliário.”

Goldfinger deu de ombros. “Esta casa não tem mais utilidade para mim. Achei que uma demonstração fosse diverti-lo. Espero que você concorde que Oddjob fez por merecer seu gato.” O olhar de raios X reluziu por um instante do outro lado da mesa.

“Ele treina com gatos?”

“Considera-os uma grande iguaria. Adquiriu este gosto durante uma grande fome que assolou seu país quando era criança.”

Bond pensou que já era hora de aprofundar sua sondagem. “Por que precisa de um sujeito assim? Não deve ser grande companhia.”

“Senhor Bond” — Goldfinger estalou os dedos para os dois serviçais — “acontece que sou um homem rico, um homem muito rico, e quanto mais rico se é, mais se precisa de proteção. O guarda-costas ou detetive comum é geralmente um policial aposentado. Esses sujeitos são inúteis. Têm reações lentas, seus métodos são antiquados, e são suscetíveis a suborno. Além do mais, têm um respeito pela vida humana. Nada disso adianta, se eu quiser continuar vivo. Os coreanos não possuem sentimentos semelhantes. Foi por isso que os japoneses os empregavam como guardas de seus campos de concentração durante a guerra. São as pessoas mais cruéis, mais impiedosas do mundo. Meus próprios funcionários foram escolhidos a dedo, visando essas qualidades. Têm me servido bem. Não tenho queixas. Nem eles. São bem pagos, bem alimentados, bem abrigados. Quando querem mulheres, trazemos mulheres de rua de Londres, que são bem remuneradas pelos seus serviços, e depois levadas de volta. As mulheres não são grande coisa de se olhar, mas são brancas, e isso é tudo o que os coreanos querem — submeter a raça branca às piores ignomínias. Às vezes ocorrem acidentes, mas...” os olhos pálidos deram uma mirada vazia sobre a mesa — “o dinheiro é uma mortalha eficaz”.

Bond sorriu.

“Gosta do aforismo? Eu mesmo criei.”

Veio um excelente suflê de queijo, seguido de café. Comeram calados, ambos aparentemente satisfeitos e relaxados devido a essas confidências. Bond, com certeza. Goldfinger, obviamente de propósito, pondo as mangas de fora — só um pouquinho, revelando uma de suas facetas ocultas, que ele provavelmente achava que impressionaria Bond — a do magnata impiedoso, frio, eficiente. No frigar dos ovos, talvez a espionagem da casa feita por Bond tivesse revelado algo de valor positivo para Goldfinger — que Bond tinha um lado escroque, não era nenhum “cavalheiro”, a não ser na aparência. Agora ele faria mais sondagens e então, com sorte, alguma proposta.

Bond se recostou e acendeu um cigarro. Disse: “Que belo carro você tem. Deve ser o último da série. De 1925, não é? — dois blocos de três cilindros, com dois contatos para cada cilindro, um bloco recebendo carga da bobina, e o outro do magneto?”

“Correto. Mas existem outros detalhes, algumas modificações que fiz. Acrescentei cinco lâminas aos feixes de molas e montei freios a disco nas rodas traseiras para melhorar a frenagem. Os freios dianteiros não bastavam.”

“Mas por que não? A velocidade máxima não pode ser mais do que oitenta. É impossível que a carroceria seja tão pesada assim.”

Goldfinger ergueu as sobrancelhas. “Acha que não? Uma blindagem de uma tonelada com vidros à prova de bala faz uma grande diferença.”

Bond sorriu. “Ah, entendi. Você certamente se cuida bem. Mas como funciona na hora de voar por cima do canal da Mancha? O carro não fura o piso do avião?”

“Pois vou de avião. A empresa Silver City conhece o carro. Trata-se de uma rotina repetida duas vezes por ano.”

“Só passeando pela Europa?”

“Férias para jogar golfe.”

“Divertido. Eu mesmo sempre quis fazer isso.”

Goldfinger não mordeu a isca. “Você agora dispõe de fundos para fazê-lo.”

Bond sorriu. “Ah, esses dez mil dólares de lambuja. Mas talvez precise deles se resolver me mudar para o Canadá.”

“Acha que conseguirá ganhar dinheiro lá? É muito dinheiro que deseja ganhar?”

O tom de voz de Bond era ávido. “Claro que quero. Não existe outro sentido em se trabalhar.”

“Infelizmente a maioria das maneiras de ganhar muito dinheiro leva tempo demais. Quando a gente consegue, já é muito velho para aproveitar.”

“Esse é o problema. Estou sempre de olho nos atalhos. Mas a gente não os encontra aqui. Os impostos são muito pesados.”

“É verdade. E as leis muito rigorosas.”

“Sim. Já descobri por minha própria conta.”

“Verdade?”

“Conseguí chegar à periferia do tráfico de heroína. Foi difícil me safar sem queimar os dedos. É claro que não darei prosseguimento ao negócio.”

Goldfinger deu de ombros. “Senhor Bond, alguém já disse que ‘a lei é a cristalização dos preconceitos da comunidade’. Concordo com essa definição. Ela se aplica da maneira mais justa possível ao tráfico de drogas. Mesmo se não se aplicasse, não estou preocupado em ajudar a polícia.”

“Bem, foi assim...” Bond começou a contar a história do tráfico no México, trocando de papéis com Blackwell. E terminou assim, “Tive sorte de me safar, mas foi algo que não aumentou muito a minha popularidade com o pessoal da Universal Export.”

“Acho que não. Uma história interessante. Você deu uma demonstração de habilidade. Não se sente tentado a continuar com essa linha de negócios?”

Bond deu de ombros. “Um pouco arriscado. A julgar por esse mexicano, os figurões do negócio não são tão figurões assim quando se trata de enfrentar os tiras. Quando as coisas ficaram feias ele não resistiu — a não ser com a boca.”

“Bem, senhor Bond”, Goldfinger se levantou da mesa e Bond também. “Foi uma noite agradável. Eu não entraria de novo nesse negócio de heroína. Existem maneiras mais seguras de se ganhar muito dinheiro. É preciso ter certeza de que as chances são favoráveis, e aí arriscar tudo. Dobrar o dinheiro não é coisa fácil, e as chances não ocorrem com frequência. Quer ouvir mais um de meus aforismos?”

“Quero.”

“Veja, senhor Bond”, Goldfinger deu aquele sorriso ralo de homem rico. “A maneira mais segura de dobrar o seu dinheiro é dobrá-lo no meio e metê-lo no bolso.”

Bond, fazendo o papel do bancário de ouvidos alugados ao banqueiro, sorriu devidamente, mas sem fazer nenhum comentário. O que fizera não fora suficiente. Não estava avançando nada. Mas pressentiu que não devia pisar no acelerador.

Voltaram para a sala. Bond estendeu a mão. “Olha, muito obrigado pelo jantar excelente. Já é hora de ir embora e pegar no sono. Talvez a gente se encontre de novo algum dia.”

Goldfinger apertou rapidamente a mão de Bond e depois a empurrou, afastando-a de si. Era outro maneirismo do milionário, o medo inconsciente do “toque” de outra pessoa. Ele olhou Bond de maneira determinada. “Eu não me surpreenderia nem um pouco, senhor Bond.”

Na volta, cruzando a ilha de Thanet ao luar, Bond ficou revirando esta

frase na cabeça. Despiu-se e entrou na cama, incapaz de perceber sua importância. Poderia significar que Goldfinger pretendia entrar em contato com Bond, poderia significar que Bond deveria tentar manter contato com Goldfinger. Cara para a primeira hipótese, coroa para a segunda. Bond saiu da cama, pegou uma moeda na cômoda e jogou-a. Deu coroa. Então cabia a ele manter a proximidade com Goldfinger!

Que fosse assim. Mas precisava ter uma fachada muito boa para a próxima vez que “se esbarrassem”. Bond entrou na cama e caiu no sono imediatamente.

12.

NA LONGA PISTA DE UM FANTASMA

Às nove horas da manhã seguinte Bond ligou pontualmente para o chefe do pessoal: “Aqui James. Dei uma olhada na propriedade. Olhei tudo. Jantei ontem à noite com o dono. O diretor administrativo tem razão. Há algo terrivelmente errado com a propriedade. Não tenho ainda bastante dados para lhe enviar um relatório do agrimensor. O dono embarca amanhã, vai de avião, de Ferryfield. Pena que eu não saiba a hora da partida. Gostaria de dar mais uma olhada em seu Rolls. Pensei em presenteá-lo com um rádio portátil. Embarcarei também um pouco mais tarde durante o dia. Você poderia pedir à senhorita Ponsonby que reservasse a passagem para mim? O destino ainda é desconhecido. Mantereí contato. Alguma coisa daí?”

“Como foi a partida de golfe?”

“Ganhei.”

Houve uma risada do outro lado da linha. “Achei que ganharia. A aposta foi bem alta, não foi?”

“Como soube?”

“O senhor Scotland falou comigo ontem à noite. Disse que tinha uma informação para me passar pelo telefone; que alguém com o seu nome estava na posse de uma grande quantia de dólares não declarados. Se alguém nosso tinha este nome e se era verdade? O cara não era de escalão muito alto e não conhecia a Universal. Disse-lhe para dar uma palavrinha com o comissário e hoje de manhã recebemos um pedido de desculpas, mais ou menos na mesma hora que a sua secretária encontrou um envelope com dez mil dólares na sua correspondência! Muito ardiloso esse seu amigo, não é?”

Bond sorriu. Era típico de Goldfinger ter pensado em uma maneira de encrencá-lo por causa dos dólares. Provavelmente fez a ligação para a Scotland Yard logo depois do jogo. Queria demonstrar a Bond que se alguém empurrasse Goldfinger, este alguém ficaria ao menos com um espinho na mão. Mas a fachada da Universal Export parece ter funcionado. Bond disse, “Que notícia! O safado! Diga ao diretor administrativo que a quantia desta

vez vai para a Cruz Branca. Pode arranjar as outras coisas?”

“Claro. Ligo de volta em poucos minutos. Mas tome cuidado no exterior e nos ligue se ficar entediado e precisar de companhia. Até logo.”

“Até logo.” Bond repôs o fone no gancho. Levantou-se e começou a arrumar a mala. Podia imaginar a cena na sala do chefe do pessoal quando a gravação da conversa fosse ouvida na fita, podia imaginá-lo traduzindo a ligação para a srta. Moneypenny. “Acha que Goldfinger está prestes a fazer algo importante, mas não consegue descobrir o que é. G. vai voar esta manhã, com o seu Rolls, de Ferryfield. 007 quer segui-lo. (Digamos, duas horas depois, para deixar que G. chegue com calma ao seu destino. Faça a reserva, sim?) Quer que a gente dê uma palavra à alfândega para que ele possa dar uma boa olhada no Rolls e instalar um rastreador Homer na mala. (Arranje isso também, por favor.) Manterá contato através de nossas agências, se precisar de ajuda...”

E assim por diante. Tratava-se de uma máquina eficiente. Bond acabou de arrumar a mala, e quando recebeu a ligação de Londres dando-lhe as várias autorizações, desceu, pagou a conta e saiu rápido de Ramsgate pela estrada de Canterbury.

Londres dissera que Goldfinger tinha uma reserva em um voo especial que partia ao meio-dia. Bond chegou a Ferryfield às onze, deu-se a conhecer ao chefe do controle de passaportes e aos funcionários da alfândega à sua espera, que fizeram seu carro sumir de vista em um hangar vazio, enquanto ele batia um papo furado com eles. Acharam que ele era da Scotland Yard. Deixou que continuassem a achar. Não, afirmou, Goldfinger não era o problema. Talvez algum de seus empregados estivesse tentando contrabandear algo para fora do país. A coisa era confidencial. Será que Bond poderia ficar sozinho com o carro durante dez minutos? Queria dar uma batida na caixa de ferramentas. A alfândega podia fazer uma varredura fina por compartimentos ocultos? Responderam que o fariam com gosto.

Às onze e quarenta e um, um dos sujeitos da alfândega enfiou a cabeça na porta e piscou para Bond. “Chegando agora. O motorista está ao volante. Pedirei a ambos que embarquem no avião antes do carro. Direi que tem algo a ver com a distribuição de peso. Não parecerá tão falso quanto parece. Conhecemos esta velha banheira. É blindada. Pesa cerca de três toneladas. Chamarei quando estivermos prontos.”

“Obrigado.” A sala se esvaziou. Bond tirou o pequeno pacote frágil do bolso. Continha uma bateria seca ligada a um pequeno tubo a vácuo.

Examinou a fiação, repôs o aparelho no bolso e ficou à espera.

Às onze e cinquenta e cinco a porta se abriu. O funcionário chamou. “Não há problema. Estão a bordo.”

O enorme e brilhante Silver Ghost jazia no compartimento da alfândega, fora da vista do avião. O único outro carro era um Triumph TR3 conversível, de capota arriada. Bond foi até a traseira do Rolls. Os funcionários da alfândega haviam desparafusado a tampa do compartimento de ferramentas. Bond puxou a bandeja e fez uma encenação de examiná-las e à bandeja minuciosamente. Ajoelhou-se. Sob pretexto de examinar os lados do compartimento, enfiou a bateria e o tubo nos fundos dele. Recolocou a bandeja de ferramentas. Encaixou-a bem. Levantou-se e esfregou as mãos. “Negativo”, declarou para o sujeito da alfândega.

O funcionário colocou e começou a aparafusar a tampa com a chave de boca. Levantou-se. “Não há nada de estranho com a carroceria ou o chassi. Há bastante espaço dentro das molduras e no estofamento, mas não podemos chegar a ele sem que façamos um trabalho exaustivo. Podemos deixá-lo passar?”

“Podem sim, obrigado.” Bond voltou para o escritório. Ouviu o zumbido rápido e consistente do velho arranque automático. Um minuto depois, o carro saía do compartimento e rodava imponentemente até a rampa de embarque. Bond ficou no escritório, observando toda a operação do embarque. As grandes mandíbulas do cargueiro Bristol se fecharam com um baque. Retiraram os calços e o despachante ergueu o polegar. Os dois motores tossiram cavernosos e pegaram, e a grande vespa prateada foi rolando sem pressa até a pista.

Quando o avião já estava na pista, Bond foi até o carro e se sentou ao volante. Apertou um botão embaixo do painel. Houve um silêncio momentâneo, em seguida um uivo alto e áspero surgiu do alto-falante oculto. Bond virou um controle. O uivo diminuiu até virar um zumbido grave. Bond esperou até ouvir a decolagem do Bristol. À medida que o avião subiu e se dirigiu à costa, o zumbido diminuiu. Dentro de cinco minutos, sumira. Bond sintonizou o rádio e pegou-o de novo. Seguiu-o durante cinco minutos enquanto o avião começava a atravessar o canal da Mancha e depois desligou o aparelho. Foi de carro até a alfândega, disse ao encarregado que voltaria à uma e meia para o voo das duas, e seguiu para um pub que conhecia em Rye. Dali em diante, desde que se mantivesse até cerca de cento e sessenta quilômetros do Rolls, o transmissor de rádio rudimentar que ele enfiara no seu compartimento de ferramentas manteria contato com o receptor de Bond.

Tudo o que ele precisava fazer era ficar de olho nos decibéis e não deixar que o ruído sumisse. Uma forma simples de orientação, que permitia a um carro seguir outro a uma longa distância, mantendo contato sem perigo de ser descoberto. Do outro lado da Mancha, Bond teria que descobrir qual a estrada que Goldfinger pegara para sair de Le Touquet, aproximar-se com cautela e diminuir a distância perto de cidades maiores onde houvesse encruzilhadas ou grandes bifurcações. Às vezes Bond cometeria erros e teria de andar rápido no carro para consertá-los. O DB III se encarregaria disto. Haveria de ser divertido brincar de gato e rato pela Europa. O sol brilhava em um céu límpido. Por um instante Bond sentiu um calafrio agudo na espinha. Sorriu consigo mesmo, um sorriso duro, frio e cruel. Goldfinger, pensou Bond, pela primeira vez na vida você estará encrencado — em uma encrenca feia.

Há sempre um *agent cycliste* na encruzilhada perigosa em que a tranquila N38, que passa por Le Touquet, encontra a turbulência oleosa da grande N1. Sim, é certo que ele vira o Rolls. Não era possível deixar de notá-lo. Um verdadeiro aristocrata entre os carros. À direita, *monsieur*, na direção de Abbeville. Deve ter uma hora de dianteira, mas com esse seu *bólido*...!

Tão logo Bond tivera seus documentos liberados no aeroporto, o Homer pegara o zumbido do Rolls. Mas era impossível dizer se Goldfinger se dirigia ao norte — para os Países Baixos, Áustria ou Alemanha — ou se partira rumo ao sul. Para esse tipo de orientação precisava-se de dois carros com rádio. Bond ergueu a mão para o agente e pisou fundo no acelerador. Teria de diminuir rápido a distância. Goldfinger já teria passado por Abbeville e já teria pegado o entroncamento principal na N1 para Paris, ou a N28 para Rouen. Bond desperdiçaria muito tempo e muitos quilômetros se fizesse a opção errada.

Bond voou pela estrada de curvas mal inclinadas. Não se arriscou, mas cobriu os quarenta e três quilômetros até Abeville em quinze minutos. O zumbido do Homer estava alto. Goldfinger não deveria estar a mais de trinta quilômetros adiante. Mas que braço da bifurcação tomara? Na base da adivinhação, Bond pegou a estrada para Paris. Exigiu muito do carro. Durante algum tempo não houve mudança no barulho do Homer. Bond poderia estar certo ou errado. Então, de modo imperceptível, o zumbido começou a sumir. Diabo! Deveria voltar ou correr adiante e pegar uma das estradas secundárias para Rouen, e alcançá-lo ali? Bond detestava voltar. Dez quilômetros antes de Beauvais, virou à direita. Durante algum tempo o percurso foi ruim, mas depois ele pegou a veloz N30 e pôde se dar ao luxo de entrar lentamente em Rouen, seguindo a voz chamativa do transmissor. Parou nas cercanias da cidade, escutando com um ouvido enquanto consultava seu guia Michelin.

Pelo zumbido aumentado foi capaz de perceber que se adiantara a Goldfinger. Mas agora havia outra bifurcação vital, não tão fácil de corrigir se Bond adivinhasse errado de novo. Goldfinger pegaria a rota Alençon-Le Mans-Tours para o sul, ou então iria em direção sudeste, contornando Paris, via Évreux, Chartres e Orléans.

Bond não podia correr o risco de se aproximar mais do centro de Rouen para ter um possível vislumbre do Rolls e da direção que tomaria. Teria de esperar que o ruído no Homer sumisse e então fazer sua própria avaliação.

Só quinze minutos mais tarde é que Bond teve certeza de que o Rolls já passara havia bom tempo. Desta vez tomou de novo o braço esquerdo da bifurcação. Pisou fundo no acelerador e disparou. Sim. Desta vez o zumbido se fundia com um uivo. Bond estava na pista certa. Diminuiu para sessenta, abaixou o volume do receptor até que se tornasse um sussurro e continuou em marcha lenta, imaginando para onde iria Goldfinger.

Cinco horas, seis, sete. O sol se pôs no espelho retrovisor de Bond e mesmo assim o Rolls prosseguia. Passaram por Dreux e Chartres, pegando um longo trecho reto de oitenta quilômetros até Orléans. Se o Rolls fizesse ali sua parada noturna, seu desempenho não teria sido nada mau — mais de quatrocentos quilômetros em pouco mais de seis horas. Goldfinger certamente não era nenhuma lesma na hora de viajar de carro. Devia estar exigindo o máximo do Silver Ghost fora das cidades. Bond começou a se aproximar.

Havia luzes traseiras à frente — fracas. Bond estava com os faróis de neblina ligados. Ligou os faróis comuns Marchal. Era um pequeno carro esporte. Bond se aproximou. MG? Triumph? Austin Healey? Era uma Triumph cinza-claro de dois lugares, com a capota erguida. Bond piscou os faróis e passou ventando. Percebeu o brilho de outro carro adiante. Bond desligou os faróis comuns e seguiu com os de neblina. O outro carro estava a um quilômetro e meio adiante na estrada. Bond foi diminuindo a distância devagar. A quatrocentos metros piscou os faróis de milha para dar uma olhada rápida. Sim, era o Rolls. Bond aumentou a distância para um quilômetro e meio e permaneceu assim, reparando vagamente nos faróis fracos do TR3 no espelho. Nas cercanias de Orléans, Bond parou no acostamento. O Triumph passou rosnando, despreocupado.

Bond nunca gostara muito de Orléans. Era uma cidade infestada de padres e de um mito, sem charme ou alegria. Contentava-se em viver à custa de Joana d'Arc, dirigindo ao visitante um olhar duro e pio, enquanto lhe tirava o dinheiro. Bond consultou o Michelin. Goldfinger se hospedaria em um hotel cinco estrelas e comeria filé de linguado e frango assado. Provavelmente o

Arcades — talvez o Moderne. Bond teria preferido ficar fora da cidade e dormir nas margens do Loire, no excelente Auberge de la Montespan, com o estômago cheio de *quenelles de brochet*. Mas teria de seguir a sua raposa mais de perto. Decidiu-se pelo Hôtel de la Gare e por jantar no bufê da estação.

Quando em dúvida, Bond sempre escolhia os hotéis da estação de trem. Eram adequados, havia espaço à vontade para estacionar e era mais que provável que o bufê fosse excelente. E na estação era possível ouvir o coração da cidade batendo. Os ruídos dos trens noturnos eram trágicos e cheios de romantismo.

O zumbido do receptor permanecera constante durante dez minutos. Bond gravou o caminho para os três hotéis e entrou com cautela na cidade. Foi até a margem do rio e ao cais iluminado. Acertara. O Rolls estava do lado de fora do Arcades. Bond virou e voltou para a cidade, rumo à estação.

O Hôtel de la Gare era exatamente o que ele esperara — barato, antiquado, sólido, confortável. Bond tomou um banho quente, voltou ao carro para se certificar de que o Rolls não se mexera, entrou no restaurante da estação para apreciar uma de suas refeições favoritas — dois *oeufs cocotte à la creme*, um grande *sole meunière* (Orléans era bastante próxima do mar. Os peixes do Loire têm tendência a um gosto lodoso) e um bom Camembert. Bebeu uma garrafa de Rosé d'Anjou bem gelada e tomou um Hennessy's a Three Star junto com o café. Às dez e meia saiu do restaurante, verificou o Rolls e caminhou durante uma hora pelas ruas inocentes. Mais uma verificação no Rolls, e cama.

Às seis horas da manhã seguinte, o Rolls não se mexera. Bond pagou a conta, tomou um *café complet* — com o café duplo — na estação, foi de carro até o cais e entrou de marcha a ré em uma rua secundária. Desta vez não podia se dar ao luxo de errar. Goldfinger atravessaria o rio e rumaria ao sul para pegar a N7 para a Riviera, ou então seguiria ao longo da margem norte do Loire, também rumo à Riviera, mas também na rota da Suíça e da Itália. Bond desceu do carro e fez hora na amurada do rio, vigiando por entre os troncos dos plátanos. Às oito e meia duas pequenas figuras saíram do Arcades. O Rolls partiu. Bond observou-o abandonando o cais até perdê-lo de vista, em seguida entrou no Aston Martin e reiniciou a perseguição.

Bond guiava confortavelmente ao longo do Loire no sol do início da manhã. Aquele era um dos seus lugares prediletos do mundo. Em maio, com as árvores frutíferas ardendo de brancura e o rio largo e calmo, ainda cheio das chuvas de inverno, o vale se mostrava verde, jovem, trajado para o amor. Pensava nisso quando, antes de Chateauneuf, ouviu uma clarinada das

buzinas duplas Bosch, enquanto o pequeno Triumph o ultrapassava ventando. A capota estava abaixada. Distinguiu a imagem desfocada de um belo rosto escondido por óculos brancos de guiar, de lentes azul-escuras. Embora Bond só houvesse distinguido uma parte do perfil — um traço vermelho de boca e a ponta esvoaçante de uma cabeleira preta, presa em um lenço cor-de-rosa de bolinhas brancas, sabia que a motorista era bonita pela postura da cabeça. Estava clara a autoridade de alguém acostumada a ser admirada, combinada à timidez de uma garota sozinha no volante ultrapassando um homem em um carro requintado.

Bond pensou: só *podia* ser hoje! O Loire estava enfeitado exatamente para aquilo — a caça à garota até alcançá-la na hora do almoço, o contato no restaurante vazio na beira do rio, o passeio no jardim sob as treliças de vinhedos. A *friture* e o Vouvray bem gelado, a sondagem mútua, cautelosa, e depois os dois carros prosseguindo em comboio até de noite, bem ao sul, até o lugar que haviam combinado durante o almoço — oliveiras, grilos cantando no poente cor de índigo, a descoberta da apreciação mútua e de que seus destinos podiam esperar. Depois, no dia seguinte (“Não, esta noite não. Não te conheço o suficiente e, além do mais, estou cansada”) deixariam o carro dela na garagem do hotel e tomariam um desvio no carro dele, rodando lentamente, cientes de que não havia pressa para nada, guiando rumo ao oeste, fugindo das grandes rodovias. Qual era mesmo aquele lugar que ele sempre quisera conhecer apenas por causa do nome? Sim, Entre Deux Seins, uma aldeia perto de Les Baux. Talvez não tivesse sequer uma hospedaria. Bem, então prosseguiriam até a própria Les Baux, na Bouches du Rhône, na margem de Camargue. Lá alugariam quartos contíguos (um quarto de casal não, seria prematuro demais), no fabuloso Baumanière, o único hotel-restaurante da França a merecer o elogio máximo do Michelin. Comeriam o *gratin de langouste* e talvez, porque era tradicional em uma noite dessas, beberiam champanhe. E depois...

Bond sorriu de sua história e das reticências no fim. Hoje não. Hoje era dia de trabalho. Hoje era dia de Goldfinger, não de amor. Hoje o único perfume que ele poderia cheirar era da loção de barba cara de Goldfinger, e não de... que perfume ela usaria? As garotas inglesas são equivocadas na hora de botar perfume. Ele esperava que ela usasse algo leve e simples. Talvez o Vent Vert de Balmain, ou o Muguet de Caron. Bond sintonizou o receptor, por segurança, em seguida abaixou o volume e seguiu guiando, relaxado, brincando com os pensamentos sobre a garota, preenchendo os detalhes. É evidente que poderia encontrá-la de novo. Parece que estavam bastante colados um no outro. Ela devia ter passado a noite em Orléans.

Onde? Que desperdício. Mas espere só! De repente Bond acordou de seus devaneios. A capota aberta o fizera se lembrar. Ele já tinha visto aquele Triumph antes. Fora em Ferryfield. Deve ter embarcado depois de Goldfinger, no mesmo voo. É verdade que ele não havia visto a garota nem registrado a placa, mas sem dúvida era o mesmo. Assim, o fato de ela estar grudada nos calcanhares de Goldfinger por quatrocentos e oitenta quilômetros era mais do que uma coincidência. E na noite anterior ela estava dirigindo com faróis baixos! Espere aí, o que estava acontecendo?

Bond pisou no acelerador. Aproximava-se de Nevers. Aliás, teria de se aproximar mais por causa da grande bifurcação. Mataria dois coelhos de uma só cajadada, descobria também o que a garota estava aprontando. Se ela estivesse mantendo uma posição constante entre Goldfinger e ele, seria necessário pensar furiosamente. E seria um aborrecimento danado. Já era difícil seguir Goldfinger. Com outra seguidora enfiada no meio, ficaria diabolicamente difícil.

Ela ainda estava lá, talvez três quilômetros atrás do Rolls, mantendo-se bem recuada. Assim que avistou a sua pequena traseira reluzente (como o descreveu consigo mesmo), Bond diminuiu a marcha. Veja só, veja só! Quem *era* ela? Que diabo era o sentido daquilo tudo? Bond continuou a guiar, com uma expressão taciturna e pensativa.

O pequeno comboio prosseguia, ainda seguindo o reflexo largo e negro da N7, que corria como um nervo perigoso e grosso pelo coração da França. Mas, em Moulins, Bond quase perdeu a pista. Teve que voltar rápido para pegar a N73. Goldfinger virara à direita, em ângulo agudo, em direção a Lyon e à Itália, ou a Mâcon e Genebra. Bond precisou empregar bastante velocidade, mal chegando a tempo de evitar uma encrenca. Não se preocupara muito com o volume do Homer. Contara com a visão do Triumph como sinal para que diminuísse a marcha. De repente percebeu que o zumbido se transformava em um uivo. Se não tivesse freado com força aos cento e quarenta quilômetros em que ia, teria topado diretamente com o Rolls. Agora avançava como uma lesma quando subiu uma ladeira e então avistou o grande carro amarelo parado à beira da estrada, a um quilômetro e meio. Surgiu uma bendita trilha de terra. Bond entrou nela e parou sob a cobertura de uma cerca viva baixa. Tirou os binóculos pequenos do porta-luvas, saiu do carro e voltou para a estrada. Com mil demônios! Goldfinger estava sentado debaixo de uma pequena ponte, na margem de um riacho. Usava um jaleco branco e um boné de linho branco de motorista, ao estilo dos turistas alemães. Estava comendo, fazendo um piquenique. Esta imagem deixou Bond com fome. E seu próprio almoço? Examinou o Rolls. Através da janela traseira, podia ver parte da

figura negra do coreano no banco dianteiro. Não havia sinal do Triumph. Se a garota ainda estivesse na pista de Goldfinger, nada a avisaria desta nova situação. Teria apenas de abaixar a cabeça e enfiar o pé no acelerador. Ela deveria estar em algum lugar adiante, à espera de tocaiar o Rolls. Será? Talvez a imaginação de Bond o tivesse feito perder a cabeça. Ela provavelmente só estava a caminho dos lagos italianos para ir ver uma tia, alguns amigos, o amante.

Goldfinger se levantara. Sujeito consciente. Da maneira correta, pegou os restos de papel e enfiou-os cuidadosamente debaixo da ponte. Por que não os jogou logo no riacho? De repente as mandíbulas de Bond se contraíram. O que lhe lembravam esses gestos de Goldfinger? Estaria Bond romanceando de novo, ou não seria a ponte um ponto de correio? Teria Goldfinger sido instruído para deixar alguma coisa, alguma de suas barras de ouro, debaixo daquela determinada ponte? França, Suíça, Itália. Seria conveniente para todo mundo — para a célula comunista de Lyon, por exemplo, uma das mais poderosas da França. E ali era um bom lugar, com uma visão desimpedida dos dois lados da estrada.

Goldfinger escalou a margem com dificuldade. Bond recuou, para se proteger. Ouviu o giro distante do velho motor de arranque. Ficou observando cautelosamente o Rolls até que desaparecesse.

Era uma bela ponte sobre um belo riacho. Tinha um número em código na sua arcada — 79/6 — a sexta ponte a partir de alguma cidade na M79. Fácil de encontrar. Bond desceu rápido do carro e escorregou pelo barranco raso da margem. Estava fresco e escuro debaixo do arco da ponte. Viam-se sombras de peixes na correnteza lenta, sobre pedras. Bond procurou na extremidade da alvenaria, perto do lado gramado. Exatamente no meio, debaixo da estrada, havia um tufo de grama crescida na parede. Bond separou a grama. Havia um sinal de terra recém-cavada. Bond escavou com os dedos.

Só tinha uma. Lisa ao toque e com o formato de um tijolo. Era preciso alguma força para levantá-la. Bond limpou a terra do metal baço e amarelo, embrulhando a pesada barra no seu lenço. Manteve-a sob o casaco e escalou de novo o barranco até a estrada vazia.

13.

“SE VOCÊ ENCOSTAR DE NOVO AÍ...”

Bond sentiu-se satisfeito consigo mesmo. Muita gente ficaria aborrecida com Goldfinger. Vinte mil libras dão para fazer muito trabalho sujo. Agora seria preciso alterar planos, adiar conspirações, talvez até vidas fossem salvas. E se o incidente chegasse a ser objeto de um inquérito da SMERSH, o que era improvável já que o seu pessoal era do tipo de pessoas realistas que davam por encerradas as suas perdas, a única presunção possível era de que algum mendigo, em busca de abrigo, achara a barra de ouro.

Bond levantou a tampa secreta debaixo do assento e enfiou a barra lá dentro. Material perigoso. Precisava entrar em contato com a agência do serviço mais próxima para entregar aquele ouro. Podiam enviá-lo para Londres dentro de um malote da embaixada. Bond precisava relatar esse fato depressa. Era a confirmação de muita coisa. Talvez até quisesse avisar a Deuxième para vigiar a ponte e descobrir quem viria apanhar a barra. Mas Bond esperava que isto não acontecesse. Não queria que houvesse algum apavoramento logo agora que estava se aproximando mais de Goldfinger. Queria um céu de brigadeiro sobre a cabeça dele.

Bond se pôs em movimento. Era preciso pensar em outras coisas. Precisava alcançar o Rolls antes de Mâcon para verificar com certeza que direção, para Genebra ou Lyon, ele tomaria na próxima bifurcação. Precisava resolver o problema da garota e, se possível, tirá-la da estrada. Bonita ou não, estava atrapalhando. E precisava parar para comprar algo para comer e beber. Era uma hora, e a visão de Goldfinger comendo lhe dera fome. Também já era tempo de encher o tanque, verificar a água e o óleo.

O zumbido do Homer ficou mais alto. O Rolls estava na vizinhança de Mâcon. Era necessário se aproximar mesmo com o risco de ser notado. Seu carro baixo ficaria escondido entre o tráfego intenso. Era vital saber se o Rolls atravessara o Saône para pegar a estrada de Bourg, ou se virara à direita antes da ponte, pegando a N6 para Lyon. No final da rue Rambuteau ele vislumbrou algo amarelo, atravessando a ponte da ferrovia e a pequena praça. A carroceria alta e amarela continuava seguindo em direção ao rio. Bond

observou as pessoas que viravam a cabeça para acompanhar o Rolls reluzente. O rio. Goldfinger viraria à direita ou prosseguiria, atravessando a ponte? O Rolls seguiu em frente. Então era a Suíça! Bond continuou o seguindo até o subúrbio de Saint Laurent. Agora um açougue, uma padaria, uma loja de vinhos. A cem metros adiante a cabeça dourada de um bezerro se projetava sobre a calçada. Bond deu uma olhada no espelho retrovisor. Olha só, olha só, o pequeno Triumph estava apenas a um metro de sua traseira. Por quanto tempo estaria ali? Bond estivera tão concentrado em seguir o Rolls que não olhara para trás desde que entrara na cidade. Ela devia estar escondida em alguma rua secundária. Então! Agora não era mais possível qualquer coincidência. Ele precisava fazer algo. Sinto muito, doçura. Vou ter que te amassar. Serei o mais delicado possível. Segure firme. Bond parou de repente na frente do açougue. Engatou uma marcha a ré. Seguiu-se um terrível barulho de algo sendo amassado e o tilintar de vidro. Bond desligou o motor e saiu.

Andou até a traseira do carro. A garota, com o rosto contraído de raiva, estava com uma bela perna envolta por uma meia de seda, na rua. O relanceio indiscreto de Bond revelou uma coxa branca. A garota, depois de tirar os óculos, permanecia em pé, de pernas abertas, com os braços nos quadris e a bela boca retesada de raiva.

O para-choque do Aston Martin tinha enganchado nos escombros dos faróis e da grade do radiador do Triumph. Bond disse afavelmente, “Se você encostar de novo aí em mim, terá que se casar comigo.”

As palavras mal haviam deixado sua boca quando a palma aberta estapeou seu rosto. Bond ergueu a mão e esfregou a face. Juntou-se um grupo bastante grande. “*Allez y la gosse! Maintenant le knock-out!*”

A raiva da garota não se esgotara com a bofetada. “Seu idiota! Que diabo você pensa que está fazendo?”

Bond pensou: Se apenas as garotas bonitas ficassem sempre com raiva, ficariam mais bonitas. Disse, “Seus freios não devem estar muito bons.”

“*Meus freios!* Que diabo quer dizer? Você bateu em mim de marcha a ré.”

“A marcha se soltou. Não sabia que você estava tão perto.” Era hora de acalmá-la. “Sinto muito mesmo. Pagarei o conserto e tudo o mais. Foi azar de fato. Vamos ver os prejuízos. Experimente dar ré. Nossos para-choques não parecem estar engatados.” Bond pôs um pé no para-choque do Triumph e balançou.

“Não se atreva a tocar no meu carro! Deixe-o.” A garota cheia de raiva entrou de novo atrás do volante. Apertou o arranque. O motor pegou. Houve um barulho metálico sob o capô. Ela desligou e pôs a cabeça pela janela. “Está vendo, seu idiota! Você arrebentou a ventoinha.”

Bond esperava que fosse verdade. Entrou no seu próprio carro e afastou-o do Triumph. Pedacos deste se soltaram do para-choque de Bond e caíram sonoramente na rua. Ele saiu de novo. O grupo se dispersara. Havia um sujeito de macacão de mecânico. Ofereceu-se para chamar socorro e saiu para fazê-lo. Bond andou até o Triumph. A garota saíra e estava à sua espera. Sua expressão mudara. Estava mais controlada. Bond notou que seus olhos azul-escuros examinaram cuidadosamente o seu rosto.

Bond comentou, “Na verdade não é tão sério assim. Provavelmente empenou a ventoinha. Porão novas lâmpadas nos faróis e desentortarão o cromado. Você poderá partir de novo amanhã de manhã. Agora”, Bond enfiou a mão no bolso para tirar a carteira, “sei que isso é algo enlouquecedor para você e certamente assumo toda a culpa. Aqui estão cem mil francos para cobrir o prejuízo e suas despesas de hotel e de telefonemas para seus amigos e assim por diante. Por favor, aceite e vamos dar o caso por encerrado. Eu adoraria poder ficar aqui para me certificar de que você irá pegar essa estrada amanhã de manhã. Mas tenho um compromisso esta noite que preciso cumprir de qualquer maneira”.

“Não.” Essa única palavra foi dita de maneira fria, definitiva. A garota pôs as mãos nas costas e ficou à espera.

“Mas...” O que ela queria, a polícia? Que ele fosse acusado de direção perigosa?

“Também tenho um compromisso esta noite, que preciso honrar. Preciso chegar a Genebra. Você pode, por favor, me levar? Não é longe. Apenas cento e sessenta quilômetros. Levaremos duas horas nisso aí.” Fez um gesto na direção do DB III. “Me leva? Por favor?”

Havia uma urgência desesperada na sua voz. Nenhuma adulação, nenhuma ameaça, apenas uma necessidade ardente.

Pela primeira vez Bond considerou-a como alguém que era mais do que uma garota bonita que talvez — eram as únicas explicações que Bond achava plausíveis diante dos fatos — quisesse seduzir Goldfinger ou chantageá-lo. Mas ela não parecia capaz de nenhuma dessas coisas. Sua expressão denotava candura, caráter demais. E não vestia uniforme de sedutora. Trajava uma blusa pesada de seda, com um corte um tanto masculino. Estava aberta no

pescoço, mas podia ser abotoada até o colarinho estreito, de molde militar. A blusa tinha mangas largas apertadas nos punhos. As unhas da garota não eram pintadas e sua única joia era um anel de ouro de noivado (verdadeiro ou falso?). Usava um cinto muito largo pespontado, com fivelas duplas de bronze. Alargava-se nas costas para apoiá-las, um tanto como os cintos dos corredores de automóveis. Sua saia curta plissada era grafite. Nos pés, calçava sandálias pretas de aspecto caro, bem frescas e confortáveis para dirigir. O único toque de cor era o lenço rosa que ela tirara da cabeça e segurava agora, junto com os óculos brancos, a seu lado. Tudo tinha um aspecto muito atraente. Mas a roupa, como um todo, fazia Bond se lembrar mais de um uniforme de trabalho, do que das roupas de uma garota. Havia algo masculinizado, esportivo, em seu comportamento e sua aparência, como um todo. Ela poderia ser, pensou Bond, integrante do time inglês de esqui feminino, ou passar bastante tempo só caçando e saltando de paraquedas na Inglaterra.

Embora fosse uma garota muito bonita, era do tipo que deixava sua beleza intocada. Não fizera nenhuma tentativa de alisar e ajeitar os cabelos. O resultado é que eles se pareciam com o aspecto que os cabelos de uma garota devem ter — desarrumados, revoltos, com um repartido meio torto. Formavam um contraste escuro, desigual, à simetria pálida de seu rosto, aos olhos azuis sob sobrancelhas escuras, boca desejável, e ao ar determinado e independente derivado das maçãs do rosto salientes e do belo contorno do queixo. O mesmo ar independente emanava de sua figura. Sustentava o corpo com orgulho — os belos seios se empinavam, sem pudor, contra a seda apertada. Sua postura, com os pés ligeiramente afastados e mãos nas costas, era uma mistura de provocação e desafio.

Toda aquela cena parecia querer dizer, “agora, seu bonitão filho da mãe, não pense que pode me tratar como uma mulherzinha. Você me meteu nessa enrascada e, por Deus, vai me tirar dela! Pode ser atraente, mas tenho de cuidar de minha própria vida, e sei muito bem para onde vou”.

Bond avaliou o seu pedido. Que complicação ele traria? Quanto tempo levaria para se livrar dela e prosseguir com sua tarefa? Haveria algum risco de segurança? Contra as desvantagens, havia a curiosidade despertada por ela e por aquilo que estava fazendo, a recordação da história que ele tecera em torno dela e que agora dava os primeiros passos no sentido de sua concretização, e, finalmente, aquela situação da donzela em perigo — qualquer pedido de socorro vindo de uma mulher.

Bond respondeu secamente, “Terei muito prazer em levá-la a Genebra.

Agora”, abriu o porta-malas do Aston Martin, “vamos pôr suas coisas aqui. Enquanto resolvo esse assunto com o mecânico tome aqui esse dinheiro. Por favor, compre almoço para nós — para você, o que preferir. Para mim, quinze centímetros de salsicha de Lyon, uma bisnaga, manteiga e meia garrafa de Mâcon, já sem rolha”.

Seus olhares se encontraram, em uma profusa troca de signos da ordem do masculino/feminino, senhor/escravo. A garota pegou o dinheiro. “Obrigada, pedirei o mesmo para mim.” Foi até o porta-malas do Triumph e abriu-o. “Não, não se incomode. Eu mesma carrego.” Tirou uma sacola de tacos de golfe, com o zíper fechado, e uma pequena valise de aspecto caro. Levou-as até o Aston Martin e, rejeitando a oferta de ajuda de Bond, colocou-as do lado da valise dele. Ela observou-o fechar a mala do carro e voltou ao Triumph. Tirou uma bolsa larga de couro, com uma costura preta.

Bond perguntou, “Que nome e endereço devo dar?”

“O quê?”

Bond repetiu a pergunta, calculando se ela mentiria sobre o nome ou o endereço, ou sobre ambos.

Ela respondeu, “Estarei me deslocando bastante. Melhor dizer no Bergues, em Genebra. O nome é Soames. Srta. Tilly Soames.” Não hesitou. Em seguida entrou no açougue.

Quinze minutos depois estavam a caminho.

A garota, sentada ereta, não tirava os olhos da estrada. O zumbido do Homer estava fraco. O Rolls devia ter ganhado oitenta quilômetros de dianteira. Bond se apressou. Passaram voando por Bourg, atravessando o rio na Pont d’Ain. Agora estavam no sopé do Jura, enfrentando as curvas serpenteantes da N84. Bond entrava nelas como se estivesse competindo no circuito Alpino. Depois que a garota caíra duas vezes de encontro a ele, não tirou mais a mão da alça no painel e passou a acompanhar a trajetória do carro como se fosse seu volante auxiliar. Uma vez, depois de uma derrapagem especialmente alarmante na pista seca, que quase os tirou da estrada, Bond olhou de relance o seu perfil. Tinha os lábios separados e as narinas ligeiramente frementes. Os olhos estavam acesos. Ela se divertia.

Chegaram a um cume com um desfiladeiro e depois era só descer em direção à fronteira suíça. Agora o Homer emitia um uivo constante. Bond pensou, preciso aliviar o pé senão vamos encontrá-los na alfândega. Enfiou a mão sob o painel e abaixou o volume. Parou no acostamento. Ficaram sentados no carro fazendo um piquenique contido, e quase silencioso, nenhum

deles disposto a fazer qualquer tentativa de entabular uma conversa; ambos, ao que parecia, tinham outras coisas na cabeça. Depois de dez minutos, Bond reiniciou a viagem. Tornou-se tranquilo no volante, guiando com calma na estrada cheia de curvas, entre os jovens pinheiros murmurantes.

A garota perguntou, “Que barulho é esse?”

“Ruído na bobina. Piora quando corro. Começou em Orléans. Preciso mandar consertar hoje à noite.”

Ela pareceu satisfeita com essa lenga-lenga. Disse desconfiada, “Para onde você vai? Espero não ter feito você se desviar muito do seu caminho.”

Bond respondeu afavelmente. “De modo algum. Aliás, também vou para Genebra. Mas talvez não fique lá esta noite. Talvez tenha que continuar. Depende da minha reunião. Quanto tempo você ficará?”

“Não sei. Vou jogar golfe. Tem o campeonato aberto feminino da Suíça em Divonne. Na verdade, não estou nesse nível, mas seria bom tentar. Em seguida vou jogar em outros campos.”

Muito bem. Não havia por que não ser verdade. Mas Bond tinha certeza de que não era toda a verdade. Perguntou, “Você joga muito golfe? Qual é o seu campo habitual?”

“Bastante. O Temple.”

Havia sido uma pergunta óbvia. Seria a resposta verdadeira, ou ela apenas falara o primeiro campo de golfe que lhe viera à cabeça? “Você mora perto?”

“Tenho uma tia que mora em Henley. O que veio fazer na Suíça? Férias?”

“Negócios. Importação e exportação.”

“Ah.”

Bond sorriu consigo mesmo. Era uma conversa teatral. As falas eram polidas, pareciam ser ditas em um palco. Ele era capaz de imaginar a cena, tão querida no teatro inglês — a sala de estar, o sol batendo na malva rosa do lado de fora da janela de sacada, o casal sentado na beira do sofá, ela servindo chá. “Quer açúcar?”

Chegaram às encostas. Havia uma longa reta na estrada e a distância, o conjunto de prédios da alfândega francesa.

A garota não lhe deu oportunidade de ver seu passaporte. Assim que o

carro parou, disse algo sobre se refrescar e desapareceu dentro do “Dames”. Bond já passara pelo controle e cuidava do passe para o carro quando ela reapareceu, com o passaporte já carimbado. Na alfândega suíça, deu o pretexto de ter de pegar alguma coisa na valise. Bond não teve tempo de ficar junto com ela para desmascarar o seu fingimento.

Bond continuou depressa para Genebra e parou na entrada impressionante do Bergues. O *baggage* pegou a valise e os tacos de golfe dela. Ficaram de pé na escadaria. Ela estendeu a mão. “Adeus.” Não houve nenhum derretimento no seu olhar franco. “E obrigada. Você dirige que é uma beleza.” Deu um sorriso. “Fico espantada com o fato de você ter engrenado a marcha errada em Mâcon.”

Bond deu de ombros. “Não acontece com frequência. Mas foi bom que aconteceu. Se eu terminar meu negócio, quem sabe poderemos nos encontrar de novo.”

“Seria ótimo.” O tom de voz a desmentia. A garota se virou e entrou pela porta giratória.

Bond desceu correndo para o carro. Que se danasse! Agora ele precisava pegar Goldfinger. Em seguida ia para o pequeno escritório no Quai Wilson. Sintonizou o Homer e esperou uns dois minutos. Goldfinger estava perto, mas se afastando. Poderia estar seguindo ao longo da margem esquerda ou da margem direita do lago. Pela altura do Homer, estava ao menos um quilômetro e meio fora da cidade. Em que direção? À esquerda rumo a Lausanne? À direita para Evian? O DB III já estava na estrada da esquerda. Bond resolveu seguir para onde apontava o nariz do carro. Deu a partida.

Alcançou a silhueta alta e amarela logo antes de Coppet, a pequena aldeia à beira do lago tornada célebre por Madame de Staël. Escondeu-se atrás de um caminhão. Da próxima vez que espiou, o Rolls sumira. Bond prosseguiu rodando, olhando à esquerda. Na entrada da aldeia, grandes portões sólidos de ferro estavam se fechando em um muro alto. A poeira ainda flutuava no ar. Em cima do muro havia uma modesta placa. Indicava, através de letras amarelo-claras sobre um fundo azul, ENTERPRISES AURIC A.G. A raposa entrara na toca!

Bond prosseguiu até encontrar uma rua à esquerda. Seguiu-a até uma alameda que contornava os vinhedos e seguia para o bosque atrás de Coppet e do château de Madame de Staël. Bond parou no meio das árvores. Ele devia estar bem em cima das Enterprises Auric. Pegou o binóculo, saiu do carro e desceu por uma trilha em direção à aldeia. Não demorou em encontrar, à

direita, um gradil cheio de pontas, encimado por rolos de arame farpado. Cem metros morro abaixo o gradil se juntava a um muro alto de pedra. Bond subiu de volta lentamente à procura de alguma entrada secreta que as crianças de Coppet deviam ter feito para chegar às castanheiras. Encontrou-a — duas barras do gradil tinham sido afastadas para permitir a passagem de um corpo pequeno. Bond pisou em cima da grade inferior com todo o seu peso, ampliando a abertura alguns centímetros e se espremendo por ela.

Caminhou, desconfiado, entre as árvores, tomando cuidado para evitar a cada passo os galhos secos. O arvoredo tornou-se mais ralo. Ele pôde distinguir um conjunto de prédios baixos atrás de um pequeno *manoir*. Bond escolheu o tronco grosso de um pinheiro para se esconder. Observou os prédios. O mais próximo ficava a cerca de cem metros. Havia um pátio aberto. No meio do pátio, lá estava o Silver Ghost.

Bond pegou o binóculo e examinou tudo meticulosamente.

A casa era um bloco quadrado e bem-proporcionado feito de velhos tijolos vermelhos, com um teto de ardósia. Era constituída de dois andares e um sótão. Provavelmente devia ter quatro quartos de dormir e duas salas. As paredes eram parcialmente cobertas por glicínias antigas em plena floração. Era uma casa atraente. Na sua imaginação, Bond podia ver os lambris pintados de branco no seu interior. Sentiu o cheiro doce de coisa antiga e ensolarada nos quartos. A porta dos fundos dava para o amplo pátio calçado em que estava o Rolls. O pátio era aberto do lado em que estava Bond, mas fechado de outros dois lados por oficinas térreas com teto de chapas de ferro corrugado. Uma alta chaminé de zinco erguia-se no canto entre as duas oficinas, encimada por um capuz de zinco. Em cima dele ficava a boca quadrada giratória, que parecia a Bond o radar Decca que se pode ver nos passadiços da maioria dos barcos. O aparelho girava constantemente. Bond não conseguia imaginar a sua utilidade no teto dessa pequena fábrica entre as árvores.

De repente quebrou-se o silêncio e a imobilidade daquela cena tranquila. Era como se Bond tivesse enfiado uma moeda na ranhura de um diorama no pór de Brighton. Em algum lugar um pequeno relógio deu cinco horas. Diante desse sinal, a porta dos fundos da casa se abriu e Goldfinger saiu, ainda vestido em seu jaleco branco de linho, de viagem, mas sem o capacete. Seguiu-o um sujeitinho inexpressivo com um bigode à escovinha e óculos com armação de osso. Goldfinger parecia satisfeito. Foi até o Rolls e bateu no capô. O outro sujeito riu polidamente. Tirou um apito do bolso do colete e soprou-o. Abriu-se uma porta na oficina da direita e quatro operários de

macacão azul saíram em fila e vieram até o carro. Da porta que eles haviam deixado aberta vinha um zumbido, e então um motor pesado começou a funcionar com o resfolego ritmado que fazia Bond se lembrar de Reculver.

Os quatro se arranjaram em volta do carro. A uma palavra do sujeitinho, provavelmente o capataz, começaram a desmontá-lo.

Depois de haverem tirado as quatro portas, removido o capô e passado a se ocupar dos rebites em um dos para-lamas, era óbvio que estavam removendo a blindagem metodicamente.

Assim que Bond chegou a essa conclusão, a figura negra, de chapéu-coco, de Oddjob surgiu na porta dos fundos da casa e fez algum ruído em direção a Goldfinger. Depois de uma palavra ao capataz, Goldfinger entrou na casa, deixando os operários no trabalho.

Era hora de Bond ir embora. Deu uma última olhada cautelosa ao redor, para registrar a geografia do lugar, e se esgueirou de volta entre as árvores.

“Sou da Universal Export.”

“Ah, sim?” Atrás da mesa havia uma reprodução do retrato da rainha feito por Annigoni. Nas outras paredes anúncios de tratores Ferguson e outras máquinas agrícolas. Pela larga janela vinha o zumbido do tráfego no Quai Wilson. Um vapor apitou. Bond olhou pela janela e viu-o navegando a meia distância. Deixou uma esteira encantada no espelho noturno impecável do lago. Bond olhou de volta para os olhos simpáticos, no rosto neutro de homem de negócios.

“Esperávamos fazer negócio com você.”

“Que tipo de negócio?”

“Um negócio importante.”

O rosto do homem se abriu em um sorriso. Disse alegremente, “É o 007, não é? Achei que o tivesse reconhecido. Veja só. Em que posso lhe ser útil?” A voz se encheu de cautela. “Só uma coisa. É melhor falar depressa e ir embora. Tem havido uma pressão dos diabos desde o caso Dumont. Eles me grampearam — o pessoal local e os vermelhos. Tudo muito pacífico, evidentemente, mas você não vai querer eles farejando o seu rastro.”

“Achei que ia ser assim. É apenas rotina. Olha aqui.” Bond desabotoou a camisa e tirou a barra pesada de ouro. “Devolva isto aqui, por favor. E transmita isso, assim que puder.” O sujeito puxou um bloco de notas e escreveu em taquigrafia, enquanto Bond ditava.

Depois que o sujeito acabou, colocou o bloco no bolso. “Ora, ora. É um assunto bem quente. Tudo certo. Meu horário aqui é até a meia-noite. Isso” — ele indicou o ouro — “pode ir para Berna para ser posto no malote. Alguma outra coisa?”

“Já ouviu falar das Enterprises Auric em Coppet? Sabe o que fazem?”

“Sei o que todas as empresas de engenharia fazem aqui na região. Sou obrigado a saber. Tentei vender uns rebitadores para eles no ano passado. Fabricam mobiliário metálico. Negócio bastante bom. As ferrovias suíças compram uma parte, e as companhias aéreas.”

“Sabe que companhias?”

O sujeito deu de ombros. “Ouvi dizer que fizeram tudo para a Mecca, a grande linha para a Índia. O terminal deles fica em Genebra. São grandes competidores da Air-India. Mas a Mecca é particular. Aliás, ouvi dizer que a Auric e Cia. tinha algum dinheiro investido nela. Não é de espantar que conseguissem os contratos para as poltronas.”

Um sorriso lento e aborrecido se espalhou pelo rosto de Bond. Levantou-se, estendendo a mão. “Você não sabe, mas acabou de completar um quebra-cabeça inteiro em menos de um minuto. Muito obrigado. Muita sorte com o negócio dos tratores. Espero que algum dia a gente se encontre de novo.”

Na rua, Bond entrou no carro depressa e se encaminhou ao Bergues, ao longo do *quai*. Então era esse o quadro! Há dois dias que ele vinha seguindo um Silver Ghost pela Europa. Um Silver Ghost blindado. Ele vira a última parte da blindagem ser feita no Kent, e toda ela sendo retirada em Coppet. Aquelas placas já estariam nos fornos em Coppet, prontas para serem modeladas como setenta poltronas para um Constellation da Mecca. Em poucos dias essas poltronas seriam removidas do avião, na Índia, e substituídas por outras de alumínio. E Goldfinger teria ganho quanto? Meio milhão de libras? Um milhão?

Pois o Silver Ghost não era absolutamente de prata. Era um Golden Ghost, um Fantasma de Ouro — toda a sua carroceria de duas toneladas. Ouro branco sólido, de dezoito quilates.

14.

COISAS QUE PULSAM DENTRO DA NOITE

James Bond se registrou no Hôtel des Bergues, tomou um banho e mudou de roupa. Segurou a Walther PPK e se perguntou se deveria levá-la ou não. Resolveu deixá-la. Não tinha nenhuma intenção de ser visto quando voltasse às Enterprises Auric. Se tivesse o azar incrível de ser descoberto, um confronto estragaria tudo. Contava com a sua versão da história, fraquinha, mas pelo menos algo que continuaria a proteger sua fachada. Teria que depender dela. Mas Bond não deixou de escolher um par de sapatos especiais, muito mais pesados do que seria de se esperar daquele seu modelo informal.

Perguntou no balcão se a srta. Soames estava no hotel. Não ficou espantado quando o recepcionista respondeu que não havia nenhuma srta. Soames ali. A única dúvida era se ela deixara o hotel depois que Bond saíra, ou se havia se registrado sob outro nome.

Bond atravessou de carro a bela Pont Du Mont Blanc e seguiu ao longo do *quai* extremamente iluminado até a Bavaria, uma modesta confeitaria alsaciana que fora o ponto de encontro das grandes personalidades na época da Liga das Nações. Sentou-se à janela bebendo Evian rebatida com uma Löwenbraun clara. Primeiro pensou em Goldfinger. Não tinha mais dúvida sobre o que ele estava aprontando. O financiamento de uma rede de espionagem, provavelmente da SMERSH, com a fortuna ganha no contrabando de ouro para a Índia, país onde ele conseguia o melhor preço. Depois da perda de seu barco em Brixham, descobrira uma nova maneira de fazer o contrabando. Primeiro deixou que se espalhasse o fato de que tinha um carro blindado. Algo que seria considerado apenas uma excentricidade. Muitos fabricantes de carroceria ingleses exportavam esses modelos especiais. Geralmente para os rajás indianos; destinavam-se agora aos xeiques do petróleo e aos presidentes latino-americanos. Goldfinger escolhera um Silver Ghost porque com as modificações introduzidas, o chassi se tornara suficientemente forte, os arrebites passaram a fazer parte normal da carenagem e a área recoberta de metal era a maior possível. Talvez Goldfinger

tivesse ido nele ao estrangeiro uma ou duas vezes para que Ferryfield se acostumassem com o carro. Depois, na viagem seguinte, retirou a blindagem na sua oficina em Reculver. Substituiu-a por placas de ouro branco de dezoito quilates. A liga de níquel e de prata era bastante resistente. A cor do metal não o denunciaria se colidisse ou se a carroceria fosse arranhada. Em seguida ia direto para a Suíça, para a pequena fábrica. Os operários teriam sido escolhidos com o mesmo cuidado dos de Reculver. Retiravam as placas e moldavam-nas como poltronas de avião, que depois eram estofadas e instaladas nos aviões da Mecca Airlines — presidida provavelmente por algum testa de ferro de Goldfinger que receberia uma comissão por cada “voo do ouro”. Nesses voos — uma, duas, três vezes por ano? — o avião só aceitava carga leve e poucos passageiros. Em Bombaim ou Calcutá o avião apresentava algum defeito a pedir reparos, uma reequipagem. Ia para um hangar da Mecca, onde trocavam os assentos. Os velhos, de ouro, iam para os negociantes do metal. Goldfinger recebia seu pagamento em libras, em Nassau, ou em qualquer lugar de sua escolha. Tinha um lucro de cem, duzentos por cento e recomeçava o ciclo, desde as lojas de “compramos ouro” na Inglaterra, a Reculver — Genebra — Bombaim.

Sim, pensou Bond, contemplando o lago brilhante sob as estrelas. Eis como o negócio funcionava — uma rota de contrabando de primeira, com risco mínimo e lucro máximo. Como Goldfinger devia sorrir ao apertar a velha buzina parecida com uma jiboia, depois de passar pelos policiais de três países, que ficavam admirando seu carro! Parecia certamente ter descoberto a grande saída — a pedra filosofal, o toque de Midas! Se ele não fosse tão desagradável, se não estivesse fazendo tudo isso para manter o poder de fogo da SMERSH, Bond teria sentido admiração por esse fenomenal enganador, cujas operações eram de tal vulto que chegavam a preocupar até o Banco da Inglaterra. Mas, do modo como as coisas eram na realidade, o desejo exclusivo de Bond era de destruir Goldfinger, pegar seu ouro, botá-lo atrás das grades. A cobiça pelo ouro de Goldfinger era por demais intensa, perigosa, para que lhe fosse permitido transitar livremente pelo mundo.

Eram oito horas. O Enzian, aguardente destilada de genciana, que é responsável pelo alcoolismo crônico na Suíça, estava começando a esquentar o estômago de Bond e a dissolver suas tensões. Pediu outra dose dupla e, para acompanhar, chucrute e uma jarra de Fondant.

E quanto à garota, esse belo coringa autoritário que de repente surgira no negócio? Que diabo estava aprontando? E essa história do golfe? Bond se levantou e foi até a cabine telefônica nos fundos da sala. Ligou para o *Journal de Genève* e pediu para falar com o editor de esportes. O sujeito foi

prestativo, mas ficou espantado com a pergunta de Bond. Não. Os vários campeonatos eram evidentemente disputados no verão, depois que as várias outras agendas esportivas nacionais haviam se encerrado, ensejando a possibilidade de atrair uma boa visita estrangeira à Suíça. Era assim em todos os demais países europeus. Disse que gostavam de atrair o máximo possível de jogadores ingleses e americanos. Aumentava a bilheteria. “*Pas de quoi, monsieur.*”

Bond voltou para a mesa e jantou. Então estava esclarecido. Fosse ela quem fosse, tratava-se de uma amadora. Nenhum profissional usaria uma fachada passível de ser descoberta por uma ligação telefônica. No fundo — de maneira relutante, porque gostava da garota e se sentia atraído por ela — Bond abrigara a desconfiança de que ela talvez fosse uma agente da SMERSH enviada para ficar de olho em Goldfinger, ou em Bond, ou em ambos. Possuía algumas das qualidades do agente secreto: independência, força de caráter, habilidade de se virar sozinho. Mas agora Bond descartara essa desconfiança. Ela não tinha o treinamento adequado.

Bond pediu uma fatia de gruyère, *pumpernickel* e café. Sim, ela era um enigma. Bond apenas rezava para que ela não estivesse atrelada a alguma trapalhada pessoal que envolvesse Goldfinger, ou ele mesmo, e que viesse a interferir com a execução de sua própria tarefa.

Tarefa que estava quase terminada! Só precisava comprovar pessoalmente que a história que ele vislumbrara sobre Goldfinger e o Rolls Royce era verdadeira. Uma olhada nas oficinas de Coppet — um grão de poeira branca de ouro — bastaria para que pudesse ir a Berna naquela noite mesmo e falasse com o funcionário de plantão no Serviço Secreto, através do codificador da embaixada inglesa. Em seguida, o Banco da Inglaterra agiria, congelando discretamente todas as contas de Goldfinger no mundo e, talvez já amanhã, o setor especial da polícia suíça estaria batendo na porta das Enterprises Auric. A extradição viria em seguida, Goldfinger iria para Brixton, haveria um processo discreto, ainda que um tanto complicado, em alguma vara judicial dedicada ao contrabando, como Maidstone ou Lewes. Goldfinger poderia pegar alguns anos de cadeia, sua naturalização seria revogada e seu butim de ouro, exportado ilegalmente, voltaria aos poucos para os cofres subterrâneos do Banco da Inglaterra. A SMERSH trincaria os dentes sujos de sangue e acrescentaria mais uma página à *zapiska* atulhada de Bond.

Era hora de começar a última etapa. Bond pagou a conta, saiu e foi até o carro. Atravessou o Rhône e foi rodando devagar ao longo do *quai* reluzente,

no meio do tráfego noturno. Tratava-se de uma noite medianamente boa para seu objetivo. Havia uma lua brilhante em quarto crescente para dar visibilidade, mas sequer uma pequena brisa para disfarçar sua aproximação à fábrica, através do bosque. Mas não havia pressa. Provavelmente estariam trabalhando a noite toda. Ele teria que fazer a coisa de modo muito tranquilo e cuidadoso. A disposição do lugar e a rota que traçara para si desfilaram como um filme diante dos olhos de Bond, enquanto o piloto automático inato em todo bom motorista conduzia o carro pela larga rodovia branca, ao longo do lago adormecido.

Bond seguiu a rota que fizera de tarde. Depois de sair da estrada principal, seguiu só com as lanternas do carro acesas. Deixou a viela e enfiou o carro em uma clareira no bosque, desligando o motor. No silêncio pesado, só se ouviam alguns leves estalos sob o capô e o clique clique apressado do relógio do painel. Bond saiu, fechou a porta com delicadeza e pegou a pequena trilha entre as árvores.

Agora podia ouvir o resfolegar pesado e abafado do motor do gerador... tump... tump... tump. Parecia um barulho vigilante, um tanto ameaçador. Bond chegou à abertura nas barras de ferro, escorregou por ela e permaneceu ali, aguçando os sentidos para o que havia adiante, entre as árvores salpicadas de luar.

TUMP... TUMP... TUMP. Os grandes bufos metálicos o abafavam, penetravam dentro de sua cabeça. Bond sentiu a coceira arrepiante na virilha, que remontava à sua primeira brincadeira infantil de pique-esconde no escuro. Sorriu consigo mesmo diante desse sinal elementar de perigo. Que lembrança primitiva fora remexida por aquele ruído inocente vindo da chaminé alta de zinco? O fôlego de algum dinossauro na sua caverna? Bond contraiu os músculos e avançou pé ante pé, pisando no chão com o mesmo cuidado com que o faria em um campo minado.

As árvores rareavam. Em breve toparia com o abrigo do grande tronco que usara antes. Procurou-o e ficou congelado, com o coração acelerado. Debaixo do tronco de sua árvore, havia um corpo estendido no chão.

Bond abriu bem a boca, inspirou e expirou devagar para eliminar a tensão. Secou discretamente as palmas das mãos suadas nas calças. Ficou de quatro lentamente e olhou bem adiante, com os olhos dilatados como lentes fotográficas.

O corpo sob a árvore se mexeu, trocando cautelosamente de posição. Uma brisa passou sussurrando no topo das árvores. Os raios de luar dançaram

rápido sobre o corpo e depois sumiram. Foi possível vislumbrar cabelos pretos cerrados, um suéter preto, calças pretas justas. E algo mais — um brilho contínuo e metálico no chão. Começava sob a cabeleira preta, ultrapassava o tronco da árvore e mergulhava na grama.

Bond inclinou a cabeça devagar, com cautela, e depois olhou para o chão, entre suas mãos separadas. Era a garota. Tilly, que observava os prédios embaixo. Tinha um rifle — rifle que devia ter estado entre os inocentes tacos de golfe — pronto para atirar. Que tolice dessa filha da mãe!

Bond relaxou aos poucos. Não importava quem ela era ou o que estava por fazer. Ele calculou a distância, planejou cada passo — a trajetória do pulo final, mão esquerda no seu pescoço, mão direita na arma. Agora!

O peito de Bond resvalou sobre o relevo das nádegas e foi bater no início das costas da garota. O impacto deixou-a sem fôlego, arrancando-lhe um gemido baixo. Os dedos da mão esquerda de Bond voaram para a garganta e acharam a carótida. A mão direita grudou na parte estreita da coronha do rifle. Soltou os dedos que o seguravam, quando viu que a trava de segurança estava acionada, afastando o rifle para longe, ao lado dele.

Bond aliviou o peso sobre o peito da garota e tirou os dedos de seu pescoço. Fechou-os delicadamente sobre sua boca. Embaixo, sentiu o corpo da garota fazendo força, os pulmões que se esforçavam por respirar. Ela ainda resistia. Com cuidado, Bond juntou as duas mãos dela nas costas, segurando-as com a sua direita. Embaixo dele, as nádegas começaram a se contorcer. As pernas a se sacudir. Bond prendeu as pernas no chão com sua própria barriga e coxas, notando os músculos fortes que se contraíam sob seu corpo. A respiração vinha com um barulho rascante, entre seus dedos. Ela mordeu sua mão. Bond foi subindo o próprio corpo devagar pelas costas da garota. Conseguiu passar por seus cabelos e botar a boca junto da sua orelha. Sussurrou com intensidade, “Tilly, pelo amor de Deus. Fique quieta! Sou eu, Bond. Sou seu amigo. Esta é uma tarefa vital. Algo que você desconhece. Quer ficar quieta e me escutar?”

Os dentes pararam de tentar morder os dedos dele. O corpo se descontraíu, amolecendo. Depois de algum tempo, a cabeça fez um gesto de anuência.

Bond saiu de cima dela. Deitou-se ao seu lado, segurando ainda suas mãos atrás das costas. Sussurrou. “Recupere seu fôlego. Mas me diga, você está atrás de Goldfinger?”

O rosto pálido olhou-o de lado e afastou o olhar. A garota sussurrou

ferozmente, contra o chão, “Eu ia matá-lo.”

Uma garota qualquer que Goldfinger devia ter emprenhado. Bond soltou suas mãos. Ela ergueu-as e descansou a cabeça nelas. Todo o seu corpo tremia de exaustão e de nervosismo, agora que o susto passara. Os ombros começaram a tremer lentamente. Bond estendeu a mão e começou a acariciar seu cabelo, de maneira tranquila e cadenciada. Seus olhos varreram o panorama calmo e inalterado embaixo. Inalterado? Havia algo. O negócio do radar no chapéu da chaminé. Não estava mais girando. Parara com a boca oblonga voltada na direção deles. O fato nada significou para Bond. A garota parara de chorar. Bond encostou a boca na sua orelha. Seu cabelo cheirava a jasmim. Sussurrou, “Não se preocupe, eu também estou atrás dele. E vou prejudicá-lo muito mais do que você poderia fazer. Mandaram-me de Londres para segui-lo. Estão atrás dele. O que ele fez com você?”

Ela sussurrou, praticamente para si mesma, “Matou minha irmã. Você a conhecia — Jill Masterton.”

Bond perguntou incisivamente, “O que aconteceu?”

“Ele pega uma mulher uma vez por mês. Jill me contou assim que entrou no emprego. Depois de hipnotizá-las, pinta-as de dourado.”

“Meu Deus! Por quê?”

“Não sei. Jill me disse que ele era louco por ouro. Acho que imagina estar — estar possuindo ouro. Sabe — transando com ouro. Manda um empregado coreano pintá-las. O sujeito não pode pintar a espinha dorsal. Jill me explicou. Senão elas morrem. Se seus corpos forem completamente pintados, os poros da pele não podem respirar. E então elas morreriam. Depois o coreano as lavava com terebintina, ou algo assim. Goldfinger lhes dava mil dólares e as mandava embora.”

Bond visualizou o terrível Oddjob com seu pote de tinta dourada, o olhar de Goldfinger devorando a estátua reluzente, a posse violenta. “O que aconteceu com Jill?”

“Ela me telegrafou para vir. Estava na enfermaria de emergência de um hospital em Miami. Goldfinger a expulsara. Ela estava morrendo. Os médicos não sabiam qual era o problema. Ela me contou o que acontecera — o que ele fizera com ela. Morreu na mesma noite.” A voz da garota era seca, natural. “Quando voltei para a Inglaterra fui ao dr. Train, um dermatologista. Ele me contou sobre este problema dos poros da pele. Acontecera com uma garota de cabaré que tivera de posar como uma estátua prateada. Ele me mostrou os detalhes do caso e a autópsia. Então percebi o que acontecera com Jill.

Goldfinger pintara seu corpo todo. Assassinou-a. Deve ter sido por vingança — por vingança daquela fuga com você.” Houve uma pausa. A garota disse inexpressivamente. “Ela me contou a seu respeito. Gostava de — de você. Disse que se algum dia eu o encontrasse, devia lhe dar este anel.”

Bond fechou os olhos com força, lutando contra uma onda de repugnância psicológica. A morte mais uma vez! Mais sangue em suas mãos. Desta vez como resultado de um gesto descuidado, uma fanfarronada que o levava a gozar vinte e quatro horas de êxtase com uma garota que despertara seu interesse, e no fim, um pouco mais que simples interesse. E aquele golpe mesquinho contra o ego de Goldfinger fora devolvido por ele mil, um milhão de vezes. “Ela não trabalha mais para mim” — aquelas palavras triviais ao sol de Sandwich, dois dias atrás. Como Goldfinger deve ter se sentido satisfeito em dizer aquilo! Bond enterrou as unhas na palma da mão. Por Deus, ele responsabilizaria Goldfinger por esse assassinato, ainda que fosse o último gesto de sua vida. Quanto a si mesmo...? Bond sabia a resposta. Não poderia explicar aquela morte sob pretexto de seu trabalho. Teria de conviver com ela.

A garota puxava algo no seu dedo — o anel Claddagh, as mãos juntas segurando o coração de ouro. Ela pôs o nó do dedo na boca. O anel saiu. Ergueu-o para que Bond o pegasse. O pequeno aro dourado, delineado contra a árvore, brilhou ao luar.

O ruído nos ouvidos de Bond foi algo como um assobio e um apito agudo. Houve um baque seco sonoro. As penas de alumínio da flecha de aço estremeceram como asas de beija-flor diante dos olhos de Bond. A haste da flecha se endireitou. O anel de ouro desceu tilintando por ela até chegar à casca da árvore.

Lentamente, quase sem demonstrar curiosidade, Bond virou a cabeça.

A dez metros — meio ao luar, meio na sombra — estava a figura com a cabeça de melão, agachada, com as pernas bem separadas na posição do judô. O braço esquerdo, projetado para a frente contra o semicírculo reluzente do arco, estava reto como o braço de um duelista. A mão direita, segurando as penas da segunda flecha, encostava-se rigidamente na face do mesmo lado. Recuado da cabeça, o cotovelo contraído se dobrava congelado, em suspense. A ponta prateada da segunda flecha apontava exatamente entre os dois perfis pálidos, erguidos.

Bond falou num sussurro quase inaudível, “Não se mexa nem um centímetro.” Em voz alta, disse, “Olá, Oddjob. Que tiro bom.”

Oddjob empinou a ponta da flecha para cima.

Bond se levantou, protegendo a garota. Disse baixinho do canto da boca, “Ele não pode ver o rifle.” Falou despreocupado, pacificamente, “Belo lugar que o sr. Goldfinger tem aqui. Quero dar uma palavra com ele uma hora dessas. Talvez esta noite fique muito tarde. Você bem que poderia lhe dizer que aparecerei amanhã.” E, para a garota, falou, “Vamos, querida. Já demos nosso passeio no bosque. Já é hora de voltarmos para o hotel.” Deu um passo, afastando-se de Oddjob em direção à cerca.

Oddjob bateu o pé que estava à frente. A ponta da flecha se moveu até a direção da barriga de Bond.

“Baumo.” Oddjob fez um gesto de cabeça lateral e para baixo, em direção à casa.

“Ah, você acha que ele gostaria de nos ver agora? Está bem. Não acha que iremos perturbá-lo? Vamos, querida.” Bond foi na frente, à esquerda da árvore, afastando-se do rifle que jazia na grama encoberta pela sombra.

Ao descerem lentamente o morro, Bond falou baixinho para a garota, instruindo-a. “Você é minha namorada. Eu te trouxe da Inglaterra. Dê a impressão de estar espantada e curiosa sobre nossa pequena aventura. Estamos numa situação muito difícil. Não tente nada.” Bond levou a cabeça para trás. “Este sujeito é um assassino.”

A garota respondeu zangada, “Se você não tivesse se metido.”

“Você também”, respondeu Bond secamente. Arrependeu-se. “Sinto muito, Tilly. Não quis te magoar. Mas acho que não teria conseguido nada.”

“Tinha meus planos. Já estaria do outro lado da fronteira lá pela meia-noite.”

Bond não respondeu. Algo chamara sua atenção. Em cima da chaminé alta, a boca oblonga do aparelho de radar girava de novo. Fora aquilo que os detectara — que os ouvira. Devia ser algum tipo de detector sonoro. Que caixa de surpresas era esse sujeito! Bond não pretendia subestimar Goldfinger. Mas não teria — de modo decisivo? Talvez se ele estivesse armado...? Não. Bond sabia que até a extrema velocidade com que conseguia sacar sua pistola não teria vencido o coreano — nem mesmo agora. Este homem tinha uma qualidade absolutamente mortífera. O fato de Bond estar armado ou desarmado teria sido o mesmo que um homem lutando contra um tanque.

Assim que chegaram ao pátio, a porta dos fundos da casa se abriu. Mais dois coreanos, talvez os empregados de Reculver, vieram correndo através do

clarão quente da iluminação. Carregavam bastões polidos e medonhos. “Parem!” Ambos traziam no rosto o sorriso feroz e vazio que os sujeitos da estação J, que estiveram nos campos de concentração japoneses, relataram a Bond. “Vamos revistar. Não resistam, se não...” O sujeito que falara cortou o ar com um golpe sibilante de seu bastão. “Levantem as mãos!”

Bond levantou as suas devagar. Falou para a garota, “Não reaja... a despeito do que fizerem.”

Oddjob se aproximou e ficou ali ameaçadoramente, observando. A revista foi profissional. Bond observou friamente as mãos que tateavam a garota, os sorrisos nos rostos.

“Está bem. Venham!”

Foram levados pela porta e por um longo corredor calçado de pedra até o saguão de entrada, estreito, na frente. O cheiro da casa era igual ao que Bond imaginara — abafado, perfumado, estival. As portas eram brancas e almofadadas. Oddjob bateu em uma delas.

“Sim?”

Oddjob abriu a porta. Foram empurrados para dentro.

Goldfinger estava sentado em uma grande escrivaninha, apinhada de documentos de aspecto importante, bem arrumados. Ladeando a escrivaninha havia fichários cinzentos de metal e, em uma mesinha baixa ao alcance da mão de Goldfinger, um transmissor e receptor de ondas curtas. Havia um painel de controle e um aparelho que não parava de clicar e que parecia um barógrafo. Bond supôs que aquilo tinha algo a ver com o detector que os interceptara.

Goldfinger trajava seu smoking de veludo roxo, e uma camisa branca de seda, aberta na gola. Através dela se podia ver um tufo de cabelos ruivos no peito. Sentava-se muito ereto em uma cadeira de espaldar alto. Mal olhava para a garota. Os grandes olhos azul-porcelana estavam cravados em Bond. Não demonstravam espanto. Não demonstravam mais nada senão uma expressão dura, penetrante.

Bond disse presunçosamente, “Olha aqui, Goldfinger, que negócio é esse? Você me delatou à polícia sobre os dez mil dólares e eu segui a sua pista com a minha namorada, srta. Soames. Vim aqui pedir uma explicação para seu gesto. Passamos pela cerca — sei que invadimos a propriedade, mas eu queria apanhá-lo antes que você fosse para algum outro canto. E aí chegou esse seu macaco que quase nos matou com seu arco e flecha. Mais dois de

seus coreanos desgraçados nos detiveram e revistaram. Que diabo está acontecendo? Se você não conseguir me dar uma resposta polida e se desculpar, porei a polícia no seu encalço.”

O olhar duro, insensível, de Goldfinger em nada se alterou. Era como se não tivesse ouvido a revolta cavalheiresca e irritada de Bond. Os lábios bem-delineados se abriram. Disseram, “Senhor Bond, existe um ditado em Chicago: ‘Uma vez é acaso. Duas é coincidência. A terceira é uma ação do inimigo.’ Miami, Sandwich e agora Genebra. Eu pretendo arrancar a verdade de você.” O olhar de Goldfinger se afastou lentamente da cabeça de Bond. “Oddjob. A sala de pressão.”

PARTE 3

AÇÃO INIMIGA

15.

A SALA DE PRESSÃO

A reação de Bond foi automática. Não houve raciocínio por trás dela. Deu um passo rápido à frente e se jogou por cima da escrivaninha, visando Goldfinger. Seu corpo deu um mergulho raso atingindo o tampo da escrivaninha e prosseguiu espalhando as pilhas de papéis. Houve um baque surdo quando sua cabeça bateu no esterno de Goldfinger. O impacto do golpe fez Goldfinger balançar na cadeira. Bond chutou para trás, na beira da mesa, conseguiu um apoio e arremeteu de novo para a frente. Quando a cadeira despencou para trás e os dois corpos caíram entre a madeira quebrada, os dedos de Bond alcançaram a garganta de Goldfinger e seus polegares desceram até a base dela e mais para baixo, com toda a força que podiam empregar.

Então a casa desabou em cima de Bond, um pedaço de madeira o atingiu na nuca e ele rolou, desacordado, de cima de Goldfinger para o chão, onde permaneceu imóvel.

O vórtice de luz no qual Bond girava lentamente achatou-se, transformando-se em um disco, uma lua amarela, e em seguida em um olho ciclópico flamejante. Havia algo escrito em volta do globo ocular ardente. Era uma mensagem, uma mensagem importante para ele. Precisava lê-la. Cuidadosamente, uma a uma, Bond foi desvendando as letras minúsculas. A mensagem dizia: SOCIÉTÉ ANONYME MAZDA. O que significava? Um jato d'água violento atingiu Bond no rosto. A água fez seus olhos arderem e encheu sua boca. Fez um esforço desesperado para vomitar e tentou se mexer. Não podia. Sua visão e seu cérebro clarearam. Sentiu uma dor latejante na nuca. Olhava para cima, para uma luminária esmaltada com uma única lâmpada forte. Ele estava em alguma espécie de mesa, com os pulsos e tornozelos atados na sua beirada. Sentiu com os dedos. Sentiu uma superfície de metal polido.

Uma voz, a voz inexpressiva e desinteressada de Goldfinger, disse, “Agora, podemos começar.”

Bond virou a cabeça na direção da voz. A luz ofuscava seus olhos.

Apertou-os com força e abriu-os de novo. Viu Goldfinger, sentado em uma cadeira de dobrar, de lona. Ele tirara o casaco e estava em mangas de camisa. Havia marcas vermelhas em volta da base de sua garganta. Em uma mesa dobrável ao seu lado viam-se várias ferramentas, instrumentos de metal e um painel de controle. Do outro lado da mesa, Tilly Masterton estava sentada, com os pulsos e tornozelos amarrados, em outra cadeira. Sentava-se ereta, como se estivesse no colégio. Tinha um aspecto incrivelmente belo, porém abalado, distante. Seus olhos vazios olhavam para Bond. Estava hipnotizada ou drogada.

Bond virou a cabeça para a direita. A um metro e pouco de distância lá estava o coreano. Ainda com o seu chapéu-coco, mas nu da cintura para cima. A pele amarela de seu abdome brilhava de suor. Sem um pelo. Os peitorais achatados eram tão largos quanto pratos rasos e a barriga, debaixo do grande arco das costelas, côncava. Os bíceps e antebraços, também lisos, eram da grossura de coxas. Os olhos amendoados e lustrosos pareciam satisfeitos, gulosos. Os dentes, meio enegrecidos, compunham um sorriso ambíguo e cruel.

Bond levantou a cabeça. A olhada rápida em volta doeu. Estavam em um dos cômodos da fábrica. Uma luz branca ardia em torno das portas de ferro de duas fornalhas elétricas. Havia folhas de metal azulado empilhadas em esquadrias de madeira. De algum canto ouvia-se o zumbido de um gerador. Ouvia-se um martelar surdo e distante e, por trás desse barulho, o respirar metálico da usina de força.

Bond olhou para a mesa em que jazia de pernas abertas. Deixou que sua cabeça caísse para trás, com um suspiro. Havia uma ranhura estreita no meio da mesa de aço polida. Na extremidade mais distante, enquadrados como em uma alça de mira entre seus pés, percebeu os dentes reluzentes de uma serra circular.

Bond ficou ali deitado, olhando para a pequena mensagem na lâmpada em cima. Goldfinger começou a falar em tom descontraído de conversa. Bond cerrou com força as cortinas do horrível espetáculo de sua imaginação e ouviu.

“Senhor Bond, a palavra ‘pena’ é derivada do latim *poena*, que significa castigo, ‘penalidade’ — aquilo que deve ser pago. Você agora precisa pagar pela curiosidade cujo caráter, tal como eu desconfiara e o ataque contra mim agora comprova, é belicoso. Como se diz, a curiosidade matou o gato. Desta vez terei de matar dois gatos, porque infelizmente terei de considerar a garota também como inimiga. Ela disse que está hospedada no Bergues. Ficou

comprovado, com um telefonema, que é mentira. Mandei que Oddjob fosse ao local onde ambos estavam escondidos e ele recuperou o rifle dela e um anel que reconheço. Sob hipnose, o resto se revelou. A garota veio aqui para me matar. Talvez você também. Ambos fracassaram. Agora devem suportar a *poena*. Senhor Bond” — o tom de voz estava cansado, entediado — “já tive muitos inimigos na minha vida. Sou muito bem-sucedido e extremamente rico, e a riqueza, se me permite lhe impingir mais um dos meus aforismos, ainda que não conquiste necessariamente amizades, aumenta muito a diversidade das nossas inimizades”.

“Muito bem expresso.”

Goldfinger ignorou a interrupção. “Se você fosse um homem livre, com o seu talento inquisitivo, poderia descobrir no mundo inteiro os restos mortais dos que quiseram me fazer mal ou me frustrar. Há, como eu disse, muitas pessoas neste caso, e o senhor veria, senhor Bond, que seus restos se parecem aos dos porcos-espinhos esmagados nas estradas durante o verão.”

“Comparação muito poética.”

“Aliás, senhor Bond, faço poesia com as minhas ações — raramente com palavras. Tenho a preocupação de organizar meus atos em padrões adequados e eficazes. Mas isso é secundário. Quero lhe dizer que o dia em que cruzou comigo e, confesso, frustrou ligeiramente um pequeno projeto meu, foi um acontecimento extremamente infausto para você. Naquela ocasião, outra pessoa recebeu a *poena* que lhe caberia. Um olho foi pago com um olho, mas não com o seu olho. Teve sorte, e se tivesse então consultado um oráculo, este lhe teria dito, ‘Senhor Bond, o senhor teve sorte. Mantenha distância do senhor Auric Goldfinger. É um homem extremamente poderoso. Se o senhor Goldfinger quisesse esmagá-lo, bastaria se virar na cama.’”

“Você fala de uma maneira muito expressiva.” Bond virou a cabeça. A grande bola marrom-alaranjada da cabeça se inclinava ligeiramente para a frente. O rosto de lua estava imperturbável, indiferente. Como por acaso, uma de suas mãos se estendeu até o painel de controle, apertando um interruptor. Ouviu-se um lento rosnado metálico na extremidade da mesa em que Bond estava, que se transformou rapidamente em um uivo áspero, depois em um assobio agudo e alto, que mal dava para ouvir. Bond virou a cabeça, cansado. Como conseguiria morrer depressa? Haveria alguma maneira de acelerar a sua morte? Um amigo seu sobrevivera à Gestapo. Contara a Bond como tentara se matar prendendo a respiração. Com um esforço sobre-humano, depois de alguns minutos sem respirar, ficara inconsciente. Mas, com a extinção dos seus sentidos, a força de vontade e a obstinação também haviam

abandonado seu corpo. Seu objetivo havia sido imediatamente esquecido. O instinto vital retomou a posse dos pulmões que recuperaram o fôlego do corpo. Mas Bond podia tentar. Não havia mais nada que pudesse auxiliá-lo a tolerar a dor antes da grata chegada da morte. Pois a morte era a única saída. Sabia que se abrisse a boca diante de Goldfinger jamais conseguiria conviver consigo mesmo — mesmo na hipótese improvável de que Goldfinger pudesse ser comprado com a verdade. Não, precisava se agarrar à sua história mal contada e esperar que os outros que percorressem a mesma trilha no encalço a Goldfinger tivessem mais sorte. Quem M escolheria? Provavelmente 008, o segundo com licença para matar, entre os três do pequeno setor. Era um bom sujeito, mais cuidadoso do que Bond. M saberia que Goldfinger matara Bond e daria a 008, por sua vez, licença para matar. O 258, em Genebra, o poria na pista que levaria ao inquérito de Bond sobre as Enterprises Auric. Sim, o destino acertaria contas com Goldfinger, se Bond fosse capaz de ficar de boca calada. Se revelasse o menor indício, Goldfinger escaparia. Isso era inconcebível.

“Agora, senhor Bond”, a voz de Goldfinger era brusca. “Basta de amabilidades. Abra o bico, como dizem os meus amigos de Chicago, e morrerá rápido, de forma indolor. A garota também. Não abra, e sua morte será um longo grito de agonia. Depois darei a garota a Oddjob, como fiz com o gato, para o jantar. O que escolhe?”

Bond falou, “Não seja tolo, Goldfinger. Contei a meus amigos da Universal o motivo de minha viagem e o meu destino. Os pais da garota sabem que ela veio comigo. Pesquisei sobre essa sua fábrica antes de virmos. Será fácil nos rastrear até aqui. A Universal é poderosa. A polícia virá atrás de você dentro de poucos dias depois do nosso sumiço. Farei um trato com você. Deixe-nos ir e você não ouvirá falar mais nada sobre este assunto. Juro pela garota. Você está cometendo um equívoco idiota. Somos duas pessoas perfeitamente inocentes.”

Goldfinger respondeu em um tom de voz entediado, “Infelizmente você não compreende, senhor Bond. Seja o que for que conseguiu descobrir a meu respeito, e desconfio que tenha sido muito pouco, não passará de um grão de areia da verdade. Estou metido em empreendimentos colossais. Correr o risco de deixar qualquer um de vocês sair vivo daqui seria ridículo. Está fora de cogitação. Quanto a ser incomodado pela polícia, terei muito prazer em recebê-la, se ela vier. Os meus coreanos, mesmo os que podem falar, não o farão — nem as bocas de meus fornos elétricos, que terão transformado vocês dois e seus pertences em vapor, a dois mil graus centígrados. Não, senhor Bond, faça a sua opção. Talvez eu consiga encorajá-lo” — ouviu-se o barulho

de uma alavanca e de dentes metálicos. “A serra agora está se aproximando de seu corpo a uma polegada por minuto. Enquanto isso”, ele olhou para Oddjob, erguendo um dedo, “uma massagem de Oddjob. Para começar, apenas o grau um. Os graus dois e três são ainda mais persuasivos”.

Bond fechou os olhos. Foi envolvido pelo cheiro enjoativo de zoológico de Oddjob. Grandes dedos ásperos começaram a trabalhar sobre ele, delicadamente. Uma pressão aqui, um aperto súbito, uma pausa, e depois um golpe rápido e incisivo. As mãos eram sempre cirurgicamente precisas. Bond rangeu os dentes até achar que quebrariam. O suor causado pela dor se acumulava nas órbitas de seus olhos fechados. O uivo estridente da serra aumentava. Fez Bond lembrar dos ruídos associados ao cheiro de serragem nos longos e remotos fins de tarde do verão, em casa na Inglaterra. Casa? A sua verdadeira casa era este casulo de perigo constante no qual escolhera viver. Aqui seria enterrado “em algum canto de um forno estrangeiro que mantém sempre a temperatura de dois mil graus centígrados”. Que Deus os tenha, alegres cavalheiros do Serviço Secreto! Que epitáfio deveria criar para si? Quais seriam suas célebres “últimas palavras”? Que embora você não pudesse escolher a data de seu nascimento, pode escolher sua maneira de morrer? Sim, ficaria bem em uma lápide — não o *savoir vivre*, mas o *savoir mourir*.

“Senhor Bond”, o tom de voz de Goldfinger revelava ligeira urgência. “Será que isto é de fato necessário? Apenas diga a verdade. Quem é você? Quem o mandou aqui? O que sabe? Então a coisa ficará tão mais fácil. Ambos tomarão uma pílula. Não haverá dor. Será como tomar uma pílula para dormir. Caso contrário, teremos uma lambança, uma lambança dolorosa. E será que está sendo justo com a garota? Será este o comportamento de um cavalheiro inglês?”

O tormento infligido por Oddjob parara. Bond virou a cabeça lentamente em direção à voz e abriu os olhos. Respondeu, “Goldfinger, não há mais nada a contar, porque não há nada mesmo. Se não aceita minha primeira proposta, farei outra. Podemos trabalhar, a garota e eu, para você. Que tal? Somos capazes. Seríamos bastante úteis.”

“Para receber uma facada, duas facadas nas costas? Não, obrigado, senhor Bond.”

Bond resolveu que era hora de parar com a falação. Era hora de começar a dar corda na mola que alimentava sua força de vontade, que não poderia fracassar até que ele estivesse morto. Bond respondeu polidamente, “Então, que se f...” Expirou todo o ar em seus pulmões e fechou os olhos.

“Nem mesmo eu sou capaz de fazer isso, senhor Bond”, disse Goldfinger, com senso de humor. “E agora, já que escolheu o caminho das pedras em vez do caminho mais fácil, é preciso extrair os maiores juro possíveis de sua situação, tornando o caminho mais pedregoso ainda. Oddjob, grau dois.”

A alavanca na mesa se mexeu e também os dentes de aço. Bond podia sentir o vento provocado pela serra, entre os joelhos. A sensibilidade retornou às suas mãos.

Bond contou o próprio pulso que batia lento e dava a cadência para seu corpo inteiro. Era como a enorme usina de força em outro lugar da fábrica, que no seu caso, estava desacelerando. Se apenas pudesse desacelerar mais rápido. O que era aquela ridícula vontade de viver que se recusava a obedecer a seu cérebro? Quem fazia a máquina continuar trabalhando, embora o tanque estivesse sem combustível? Mas precisava esvaziar sua mente de pensamentos, além de seu corpo de oxigênio. Precisava se tornar um vácuo, um buraco profundo inconsciente.

Mesmo assim a lâmpada ardia vermelha através das suas pálpebras. Mesmo assim era capaz de sentir a pressão explosiva nas têmporas. Mesmo assim o lento tambor da vida batia em seus ouvidos.

Um grito tentou abrir caminho entre os dentes cerrados.

Morra maldito morra morra maldito morra maldito morra maldito morra maldito...

16.

O ÚLTIMO E MAIOR

As asas de uma pomba, o coro celestial, “Ouvi o cantar dos anjos Arautos” — que mais precisava ele se lembrar sobre o Paraíso? Era tão parecido com a descrição que lhe haviam feito no jardim de infância — aquela sensação de voar, a escuridão, o som de um milhão de harpas. Precisava se lembrar de fato dos pormenores do lugar. Vejamos agora, chegava-se aos Portões de Pérola...

Uma voz grave e paternal falou, quase no seu ouvido, “Este é o seu capitão que vos fala.” (Muito bem, muito bem. Quem era? São Pedro?) “Vamos nos preparar agora para a aterrissagem. Por favor apertem os cintos e apaguem os cigarros. Obrigado.”

Devia ser uma porção de gente ascendendo junta. Tilly estaria na mesma viagem? Bond se contorceu de constrangimento. Como iria apresentá-la às outras; a Vesper, por exemplo? E quando surgisse a ocasião, de qual delas gostaria mais? Mas talvez fosse um lugar grande, com países e cidades. Provavelmente teria a mesma probabilidade de topar com uma ex-namorada quanto na Terra. Mesmo assim haveria muita gente que era melhor evitar até instalar-se e descobrir como proceder. Talvez, com tanto amor à disposição, essas coisas não tivessem importância. Talvez a gente apenas amasse todas as garotas que conhecesse. Hum. Que negócio complicado!

Com essas ideias indignas na cabeça, Bond voltou a mergulhar na inconsciência.

A próxima coisa que percebeu foi uma delicada sensação de balanceio. Abriu os olhos. O sol cegou-o. Fechou-os de novo. Uma voz acima e atrás de sua cabeça falou: “Cuidado, amigo. A rampa é mais inclinada do que parece.” Quase imediatamente houve um violento solavanco. Uma voz rabugenta disse à frente “Meu Deus, você tem razão. Por que diabo não a forram de borracha?”

Bond pensou com raiva, que bela maneira de falar aqui em cima. Só porque sou novo e eles acham que não tem ninguém escutando.

Ouviu-se o barulho de uma porta giratória. Algo bateu violentamente no

cotovelo protuberante de Bond. Ele gritou, “ei!” e tentou pegá-lo e esfregá-lo, mas as mãos não podiam se mexer.

“Com os diabos. Ei, Sam, é melhor chamar o médico. Este aqui está voltando a si.”

“Certo! Olha, ponha-o ao lado da outra.” Bond sentiu que o abaixavam. Fazia menos calor agora. Abriu os olhos. Um grande rosto redondo do Brooklyn inclinava-se sobre o seu. O olhar encontrou o seu olhar, com um sorriso. A base metálica da maca descansou no chão. O sujeito perguntou: “Como está se sentindo, amigo?”

“Onde estou?” A voz de Bond demonstrava pânico. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Sentiu o suor que brotava no corpo. Meu Deus! Isto ainda fazia parte da vida anterior? Ao pensar nisso, uma onda de pesar desabou sobre ele. Lágrimas ardiam nos seus olhos e escorriam pelas suas faces.

“Ei, ei! Fique calmo, amigo. Você está bem. Aqui é Idlewild, Nova York. Você está na América agora. Não há mais problemas, certo?” O sujeito se endireitou. Pensou que Bond fosse um refugiado de qualquer canto do mundo. “Sam, vamos andando. Este cara está em estado de choque.”

“Tudo bem, tudo bem.” As duas vozes retrocederam, murmurando coisas, ansiosas.

Bond descobriu que podia mexer a cabeça. Olhou em volta. Estava em uma enfermaria pintada de branco — provavelmente pertencente ao setor médico do aeroporto. Havia uma fileira de pequenas camas. O sol entrava pelas janelas altas, mas estava fresco com o ar-condicionado. Ele estava em uma maca no chão. Havia outra próxima. Forçou a cabeça de lado. Era Tilly. Inconsciente. Com o rosto pálido, emoldurado pelos cabelos pretos, virado para cima.

A porta no final da enfermaria deu um suspiro ao se abrir. Um médico de jaleco branco ali estava segurando-a. Goldfinger, com uma aparência alerta e animada, caminhava depressa entre as camas, seguido de Oddjob. Bond fechou os olhos, nauseado. Meu Deus! Então era essa a situação.

Houve um acúmulo de pés em volta de sua maca. Goldfinger disse, animado, “Veja só, eles certamente estão com aspecto bom, hein, doutor? Esta é uma das bênçãos de se ter bastante dinheiro. Quando os amigos ou funcionários ficam doentes a gente pode garantir o melhor tratamento médico para eles. Colapso nervoso, os dois. E na mesma semana! Dá para acreditar? Mas eu me culpo por ter exigido que trabalhassem demais. Agora tenho o dever de fazer com que se recuperem. O dr. Foch — por acaso, o melhor

médico de Genebra — foi bem taxativo. Disse, ‘Eles precisam de descanso, senhor Goldfinger. Descanso, descanso e mais descanso.’ Deu-lhes sedativos e agora estão a caminho do Pavilhão Harkness no Hospital Presbiteriano.” Goldfinger deu uma risadinha insossa. “A gente colhe o que planta, não é, doutor? Quando doei para o Harkness equipamentos de raios X no valor de um milhão de dólares, certamente não esperava nada em troca. Mas agora? Bastou um telefonema e eles puseram dois belos quartos à disposição deles. Mas” — ouviu-se o farfalhar de notas — “obrigado por toda a sua ajuda com a Imigração. Felizmente ambos têm vistos válidos e acho que a Imigração se convenceu que o senhor Auric Goldfinger é garantia suficiente de que nenhum dos dois deseja derrubar o governo americano à força, não é?”.

“É verdade, e obrigado, senhor Goldfinger. Se precisar de alguma coisa... Sei que o senhor tem uma ambulância particular esperando aí fora.”

Bond abriu os olhos e olhou para a direção de onde vinha a voz do médico. Viu um jovem de aspecto agradável, sério, com óculos sem moldura e um corte de cabelo à escovinha. Bond disse em voz baixa, com a máxima sinceridade, “Doutor, não há absolutamente nada de errado comigo ou com essa garota. Fomos drogados e trazidos aqui contra nossa vontade. Nenhum de nós trabalha ou jamais trabalhou para Goldfinger. Estou avisando, fomos sequestrados. Exijo a presença do chefe da Imigração. Tenho amigos em Washington e Nova York. Eles comprovarão. Eu suplico que acredite em mim.” Bond grudou seu olhar no dele, aflito para que ele acreditasse.

O médico pareceu preocupado. Virou-se para Goldfinger. Este sacudiu a cabeça — discretamente, para não insultar Bond. A mão se ergueu furtivamente, batendo com o indicador na cabeça, sem que Bond visse. Goldfinger ergueu as sobrancelhas em desespero. “Está vendo o quero dizer, doutor? Está assim há dias. Uma total prostração nervosa conjugada com mania de perseguição. O dr. Foch disse que isso muitas vezes ocorre simultaneamente. Talvez seja necessário que passem semanas em Harkness. Mas hei de recuperá-los, nem que seja a última coisa que faço. É o impacto causado por este ambiente desconhecido. Talvez uma injeção de sódio pentatol...”

O médico inclinou-se sobre sua maleta preta. “Acho que tem razão, senhor Goldfinger. Já que Harkness cuidará do caso.” Ouviu-se o tilintar de instrumentos.

Goldfinger comentou, “É terrível ver o colapso total de um homem, alguém que tem sido um dos meus melhores auxiliares.” Curvou-se, dando um sorriso doce e paternal para Bond. Havia intenção de agradar no tom de

sua voz. “Você vai ficar bom, James. Relaxe e durma bem. Eu achei que o voo fosse te afetar. Relaxe e deixe tudo por minha conta.”

Bond sentiu o chumaço de algodão no braço. Fez força para se libertar. A contragosto, sua boca cuspiu uma chuva de obscenidades. Em seguida sentiu a agulha e gritou, enquanto o médico se ajoelhava a seu lado, enxugando o suor de seu rosto com paciência e delicadeza.

Era um quarto como uma caixa pintada de cinza. Não havia janelas. A luz vinha de um único globo no meio do teto. Em volta dele havia ranhuras concêntricas na alvenaria, o cheiro neutro e o ligeiro zumbido do ar-condicionado. Bond descobriu que podia se sentar. E sentou-se. Sentia-se tonto, mas bem. Percebeu de repente que estava com uma fome e uma sede irrefreáveis. Quando comeria pela última vez? Há dois, três dias? Botou os pés no chão. Estava nu. Examinou o próprio corpo. Oddjob fora cuidadoso. Não havia marcas comprometedoras a não ser de um grupo de picadas de injeção no antebraço direito. Levantou-se, dominando a tontura, dando alguns passos no quarto. Estivera deitado em uma cama tipo beliche de navio, com gavetas embaixo. O único outro mobiliário no quarto era uma mesa simples de pinho e uma cadeira de madeira de espaldar alto. Tudo era limpo, funcional, espartano. Bond se ajoelhou junto às gavetas sob o beliche e as abriu. Continham tudo que havia na sua mala, salvo o relógio e a arma. Até mesmo os sapatos um tanto pesados que usara na expedição às Enterprises Auric estavam lá. Torceu um dos saltos e puxou. A faca larga de dois gumes saiu com facilidade de sua bainha na sola. Com os dedos segurando o salto desencaixado, funcionava como uma adaga primorosa. Bond verificou a faca no outro sapato, e tornou a encaixar os saltos na posição. Tirou algumas roupas, que vestiu. Encontrou a cigarreira e o isqueiro e acendeu um cigarro. Havia duas portas, uma das quais tinha maçaneta. Abriu-a. Dava para um banheiro com chuveiro, pequeno, mas bem equipado. Seus implementos de banho e de barbear estavam dispostos em ordem. Havia coisas de mulher ao lado delas. Bond abriu com delicadeza a outra porta de entrada ao banheiro. Dava para um quarto semelhante ao seu. Os cabelos de Tilly Masterton eram visíveis no travesseiro sobre o beliche. Bond se aproximou na ponta dos pés e olhou. Ela dormia em paz, com um leve sorriso na sua bela boca. Bond voltou ao banheiro, fechou a porta devagar e foi até o espelho sobre a pia, onde se olhou. Os pelos no rosto pareciam ser de uma barba de três, e não de dois dias. Começou a se arrumar.

Meia hora depois Bond estava sentado na beirada do beliche, pensando, quando a porta sem maçaneta abriu de repente. Oddjob se encontrava na entrada. Olhou para Bond sem curiosidade. Seus olhos vasculharam o quarto

meticulosamente. Bond ordenou, ríspido, “Oddjob, quero uma porção de comida, rápido. E uma garrafa de uísque, gelo e soda. E também um pacote de Chesterfields, king-size, meu relógio ou então outro semelhante a ele. Em frente! Rápido! E diga a Goldfinger que quero vê-lo, mas não antes de eu comer. Vamos lá! Mãos à obra! Não fique aí com essa cara indecifrável. Estou com fome.”

Oddjob olhou feio para Bond, como se estivesse pensando qual pedaço ele quebraria. Abriu a boca, emitiu um ruído entre um latido zangado e um arroto, cuspiu expressivamente no chão a seus pés e recuou, fechando a porta com um empurrão. Na hora de bater, a porta freou abruptamente e se fechou com um clique duplo, baixo e decisivo.

O encontro fez Bond ficar de bom humor. Por algum motivo, Goldfinger resolvera não matá-los. Queria mantê-los vivos. Em breve Bond saberia o motivo de ele os querer vivos, mas, já que era assim, Bond pretendia permanecer vivo, só que nos seus próprios termos. Isto significava botar Oddjob severamente no seu lugar e quaisquer outros coreanos que, na opinião de Bond, figuravam abaixo dos macacos na escala dos mamíferos.

No momento em que uma excelente refeição e o resto, inclusive o relógio que Bond havia pedido, foram trazidos por um dos empregados coreanos, Bond ainda não conseguira saber mais nada sobre sua situação, exceto que o quarto ficava perto de água e não longe de uma ponte ferroviária. Presumindo que o quarto estivesse em Nova York, tratava-se do Hudson ou do East River. A ferrovia era elétrica e parecia o metrô, mas a geografia de Nova York que Bond conhecia não bastava para localizá-la. Seu relógio parara. Quando perguntou as horas, não obteve resposta.

Bond comera tudo o que havia na bandeja, fumava e sorvia um uísque com soda respeitável, quando a porta se abriu. Goldfinger entrou sozinho. Trajava um terno comum de homem de negócios e parecia alegre e descontraído. Fechou a porta atrás de si e ficou de costas para ela. Olhou para Bond com um ar curioso. Bond trouxe o cigarro e deu um olhar polido de volta.

Goldfinger disse, “Bom dia, senhor Bond. Estou vendo que se recuperou. Espero que prefira estar aqui, e não morto. De modo a lhe poupar uma série de perguntas convencionais, eu lhe direi onde está e o que aconteceu. Em seguida lhe farei uma proposta que exige uma resposta inequívoca. Você é um sujeito mais razoável do que a maioria, por isso basta que eu lhe dê um breve aviso. Não tente nenhum gesto espetacular. Não me ataque com um garfo, faca ou essa garrafa. Se fizer, lhe darei um tiro com isso aqui.” Uma pistola de

pequeno calibre brotou como um polegar preto do punho direito de Goldfinger. Enfiou a mão com a arma de volta no bolso. “Uso essas coisas muito raramente. Mas, quando foi necessário, jamais precisei de mais de um tiro calibre .25 para matar. Atiro no olho direito, senhor Bond. E nunca erro.”

Bond respondeu, “Não se preocupe, minha pontaria com uma garrafa de uísque não é tão boa.” Levantou uma perna da calça e cruzou as pernas. Ficou sentado, descontraído. “Continue.”

“Senhor Bond”, o tom de voz de Goldfinger era amistoso. “Sou perito em muitos outros materiais além de metais e aprecio muitíssimo tudo que tem mil graus de pureza, como dizemos do ouro mais puro. Comparado a esse grau de pureza, de valor, o material humano é de fato muito pouco valioso. Mas de vez em quando a gente encontra um exemplar deste material que pode ao menos ser empregado nas formas mais grosseiras de trabalho. Oddjob é um exemplo do que quero dizer — barro simples e tosco, capaz de ser aproveitado de modo limitado. Na última hora, minha mão hesitou em destruir um utensílio com a durabilidade que observei em você. Posso ter cometido um erro ao ter parado a minha mão. De qualquer maneira, tomarei todas as precauções para me proteger das consequências do meu gesto. Foi algo que você disse que salvou a sua vida. Sugeri que você e a srta. Masterton trabalhassem para mim. Normalmente, eu não teria serviço útil para nenhum dos dois, mas acontece que estou à beira de determinado empreendimento que poderia se beneficiar da assistência mínima de ambos. Por isso resolvi apostar. Dei-lhes os sedativos necessários. Suas contas foram pagas e seu pertences apanhados no Bergues, onde a srta. Masterton estava de fato registrada sob seu verdadeiro nome. Mandeí um telegrama para a Universal Export em seu nome. Você recebeu uma oferta de emprego no Canadá. Foi até lá de avião para sondar as perspectivas. Levou a srta. Masterton como secretária. Mandaria mais detalhes depois. Um telegrama canhestro, mas que servirá durante o breve período em que precisarei de seus serviços. (Não servirá não, pensou Bond, a não ser que tivesse incluído no texto uma daquelas frases inocentes que indicariam a M sua autenticidade. A essa hora o Serviço já devia saber que ele estava trabalhando sob controle inimigo. As engrenagens estariam girando muito depressa, com certeza.) E no caso, senhor Bond, de o senhor achar que minhas precauções foram inúteis e que o senhor será rastreado, deixe-me dizer que não estou nem um pouco interessado em descobrir sua verdadeira identidade, nem a força e os recursos de seus patrões. O senhor e a senhorita Masterton sumiram por completo. Eu também, e todos os meus funcionários. O aeroporto irá conduzir as investigações ao Pavilhão Harkness do Hospital Presbiteriano. Mas o hospital

jamais terá ouvido falar do sr. Goldfinger, nem de seu paciente. Não tenho ficha no FBI nem na CIA, porque não tenho antecedentes criminais. Sem dúvida a Imigração terá detalhes sobre minhas idas e vindas ao exterior durante anos, mas não terão utilidade. Quanto ao meu e ao seu atual paradeiro, senhor Bond, é em um armazém da Hi-speed Trucking Corporation, um negócio que já foi respeitável e que agora possuo através da procuração de outras pessoas, tendo sido equipado do modo mais eficaz para ser a sede secreta do empreendimento de que lhe falei. Você e a srta. Masterton ficarão confinados a este alojamento. É aqui que irão viver e trabalhar, e, a despeito de minhas dúvidas pessoais sobre as inclinações da srta. Masterton, é aqui que talvez venham a se amar.”

“Qual será o nosso serviço?”

“Senhor Bond —” pela primeira vez desde que Bond conheceria Goldfinger, o rosto grande e tranquilo, a que sempre faltara calor humano, demonstrou um indício de vida. Um aspecto quase de êxtase iluminou seus olhos. Os lábios belamente talhados se apertaram em uma curva fina, beatífica. “Senhor Bond, sempre estive apaixonado a vida inteira. Apaixonado por ouro. Adoro a cor, o brilho, seu peso divino. Adoro a textura do metal, a maciez escorregadia que aprendi a avaliar de modo tão rigoroso ao tato, que sou capaz de julgar a pureza de uma barra com a margem de erro de um quilate. E adoro o cheiro acre e quente que ele exala quando o derreto e ele vira um verdadeiro melado dourado. Mas, sobretudo, senhor Bond, adoro o poder que só o ouro pode conferir a quem o possui — a magia de controlar o fluxo energético, exigir trabalho, satisfazendo todos os nossos desejos e caprichos, e quando necessário comprando corpos, mentes, até almas. Pois é, senhor Bond, trabalhei a vida inteira em prol do ouro e, em retorno, o outro trabalhou para mim nos empreendimentos a que me dediquei. Eu lhe pergunto”, Goldfinger olhou para Bond seriamente, “existe alguma outra substância na terra que recompensa de tal modo o seu proprietário?”.

“Muita gente ficou rica e poderosa sem possuir uma só grama dessa substância. Mas compreendo o seu ponto de vista. Quanto conseguiu acumular, e o que faz com ele?”

“Possuo cerca de vinte milhões de libras de ouro, mais ou menos a quantidade que possui um pequeno país. Agora está todo em Nova York. Guardo-o onde preciso dele. Meu tesouro em ouro é como adubo. Eu o transporto de lá para cá na superfície da terra e, onde quer que eu decida espalhá-lo, esse local brota e floresce. Faço a colheita e sigo adiante. Neste momento eu me proponho a encorajar, a forçar um determinado

empreendimento com o meu adubo de ouro. Por isso as barras se encontram em Nova York.”

“Como escolhe esses empreendimentos? O que o atrai neles?”

“Adoto qualquer empreendimento que aumentará meu estoque de ouro. Invisto, contrabandeio, roubo.” Goldfinger fez um pequeno gesto com as mãos, abrindo as palmas de modo persuasivo. “Acompanhe esta comparação. Considere a história como um trem que corre pelo tempo. Os pássaros e os animais são perturbados pelo barulho e tumulto da passagem do trem, afastam-se voando ou fogem com medo, buscando abrigo, pensando que se escondem. Sou como o falcão que segue o trem — sem dúvida, você já viu isso, na Grécia, por exemplo — pronto para pular em cima de qualquer coisa que possa ter sido desentocada pela passagem do trem, pela passagem da história. Para lhe dar um simples exemplo: o progresso da história produz alguém que inventa a penicilina. Ao mesmo tempo, a história cria uma guerra mundial. Muita gente morre ou tem medo de morrer. A penicilina poderá salvá-los. Através do suborno de determinados estabelecimentos militares na Europa, obtenho estoques de penicilina. Diluo-os com algum pó ou líquido inofensivo e vendo-os com imenso lucro para aqueles que necessitam da substância. Compreende o que quero dizer, senhor Bond? É necessário esperar pela presa, espreitá-la com cuidado e então dar o bote. Mas, como disse, não procuro esses empreendimentos. Deixo que o trem da história os empurre na minha direção.”

“Qual é o mais recente? O que temos, a srta. Masterton e eu, a ver com ele?”

“O mais recente, senhor Bond, é o último. E também o maior.” O olhar de Goldfinger ficou vago, voltado para dentro. Sua voz se tornou grave, quase reverente diante do que visualizava. “O homem conquistou o Everest e raspou o fundo do oceano. Disparou foguetes no espaço e partiu o átomo. Inventou, planejou e criou em todos os terrenos do engenho humano, e em todo canto triunfou, bateu recordes, fez milagres. Eu disse em todos os terrenos, mas existe um que foi negligenciado, senhor Bond. Falo dessa atividade humana vagamente descrita como atividade criminosa. As chamadas façanhas criminosas realizadas pelos indivíduos humanos — não me refiro, evidentemente, às suas guerras idiotas, sua destruição mútua e canhestra — possuem dimensões desprezíveis: pequenos roubos de bancos, pequenas fraudes, falsificações insignificantes. No entanto, pronta para ser aproveitada, a poucas centenas de quilômetros daqui, nos espera a oportunidade para o maior crime da história. O cenário está armado, o prêmio gigantesco foi

anunciado. Só faltam os atores. Mas o produtor finalmente chegou, senhor Bond” — Goldfinger ergueu um dedo e bateu no próprio peito — “e escolheu o elenco. Nesta exata tarde o roteiro será lido para os atores principais. Em seguida os ensaios terão início e, dentro de uma semana, a cortina subirá para o único e inigualável espetáculo. E depois virá o aplauso, o aplauso para o maior golpe de todos os tempos. Senhor Bond, o mundo há de balançar com esse aplauso durante séculos”.

Um fogo sombrio ardia nos grandes olhos claros de Goldfinger, e havia um pouco mais de cor nas suas faces marrom-avermelhadas. Mas ainda estava calmo, descontraído, profundamente convicto. Não há vestígio agora, pensou Bond, do louco, do visionário. Goldfinger tinha em mente alguma façanha extraordinária, mas depois de avaliar as probabilidades, que eram favoráveis. Bond falou, “Vamos lá. De que se trata, e qual será o nosso papel nessa coisa?”

“É um roubo, senhor Bond. Um roubo que não encontrará resistência, mas algo que exigirá uma execução detalhada. Haverá muito trabalho documental, muitos detalhes administrativos que precisam ser supervisionados. Eu mesmo iria fazer isso até você oferecer seus serviços. Agora você o fará, com a srta. Masterton como sua secretária. Já recebeu parte da remuneração pelo serviço com a devolução de sua vida. Depois que o serviço for executado com êxito, receberá um milhão de libras em ouro. A srta. Masterton receberá meio milhão.”

Bond respondeu entusiasmado, “Agora sim, você está falando coisa com coisa. O que faremos? Roubar o pole na ponta do arco-íris?”

“Isso”, Goldfinger respondeu, meneando a cabeça. “É exatamente o que faremos. Roubaremos quinze bilhões de dólares de ouro em lingotes, mais ou menos metade do estoque de ouro extraído no mundo. Vamos, senhor Bond, tomar o Fort Knox.”

17.

CONGRESSO DE BANDIDOS

“Fort Knox.” Bond sacudiu a cabeça com ar sério. “Não será uma pedida um tanto exagerada para dois homens e uma garota?”

Goldfinger deu de ombros com impaciência. “Por favor, desligue seu senso de humor durante uma semana, senhor Bond. Depois poderá rir à vontade. Terei sob o meu comando aproximadamente cem homens e mulheres. Essas pessoas serão escolhidas a dedo entre os seis grupos mais poderosos de gângsteres dos Estados Unidos. Este esquadrão corresponderá à unidade de combate mais dura e compacta jamais organizada em tempo de paz.”

“Muito bem. Quantos homens protegem o cofre de Fort Knox?”

Goldfinger sacudiu lentamente a cabeça. Bateu uma vez na porta às suas costas. A porta se abriu com um clique. Oddjob estava na soleira, agachado, alerta. Quando viu que a reunião continuava pacífica, endireitou-se, à espera. Goldfinger avisou, “O senhor ainda tem muitas perguntas a fazer, senhor Bond. Serão todas respondidas hoje à tarde. Começando às duas e meia. Agora é exatamente meio-dia.” Bond consultou e acertou o relógio. “Você e a srta. Masterton assistirão à reunião em que submeterei minha proposta aos chefes das seis organizações que mencionei. Provavelmente essas pessoas farão as mesmas perguntas que lhe ocorreram. Tudo será explicado. Depois você vai se acomodar para fazer o trabalho de detalhamento, junto com a srta. Masterton. Peça o que quiser. Oddjob cuidará de seu bem-estar e também manterá uma vigilância permanente. Não faça nenhum escândalo, ou morrerá instantaneamente. E não perca tempo tentando fugir ou fazer contato com o mundo exterior. Contratei os seus serviços e exigirei cada fração deles. Combinado?”

Bond respondeu secamente, “Sempre quis ser milionário.”

Goldfinger não olhou para ele. E sim para as unhas. Em seguida deu a Bond um último olhar duro, saiu e fechou a porta.

Bond ficou sentado olhando a porta fechada. Passou as mãos

bruscamente pelos cabelos e pelo rosto. Disse, “muito bem, muito bem”, em voz alta para o quarto vazio, levantou-se, passou pelo banheiro e foi até o quarto da garota. Bateu na porta.

“Quem é?”

“Eu. Você está apresentável?”

“Estou.” O tom de voz não era de muito entusiasmo. “Entre.”

Ela estava sentada na beira da cama, enfiando um sapato no pé. Trajava as mesmas roupas com que Bond a conhecera. Parecia calma e tranquila, sem demonstrar surpresa pelo ambiente em que estava. Levantou o olhar para Bond. Seus olhos estavam alheios, com uma expressão de desprezo. Disse de maneira fria e exata. “Você nos meteu nisso. Agora nos tire dessa.”

Bond respondeu amistosamente, “Talvez consiga. Não tirei a gente das nossas próprias sepulturas?”

“Depois de nos meter nelas.”

Bond olhou para a garota pensativamente. Resolveu que não seria cavalheiresco dar-lhe umas palmadas, por assim dizer, quando ela ainda estava de estômago vazio. Disse, “Isso não nos leva a nada. Estamos nisso juntos, queiramos ou não. O que você quer para o café da manhã, ou almoço? É meio-dia e quinze. Eu já comi. Pedirei sua comida, em seguida voltarei e explicarei a situação. Só existe uma saída daqui e está guardada por aquele macaco coreano, Oddjob. E então, café da manhã ou almoço?”

Ela cedeu um milímetro. “Obrigada. Ovos mexidos e café, por favor. E torrada com geleia de laranja.”

“Cigarros?”

“Não, obrigada. Não fumo.”

Bond voltou a seu quarto e bateu na porta. Abriu poucos centímetros.

Ele disse, “Fique tranquilo, Oddjob. Ainda não vou matar você.”

A porta se abriu mais. O rosto de Oddjob estava impassível. Bond fez o pedido. A porta se fechou. Bond se serviu de um uísque com soda. Sentou-se na beira da cama, pensando em como trazer a garota para seu lado. Desde o início ela antipatizara com ele. Seria apenas por causa de sua irmã? Por que Goldfinger fizera aquele comentário misterioso sobre suas “inclinações”? O que havia nela, que ele mesmo sentia — retraimento, antipatia. Era bonita — fisicamente desejável. Mas havia um núcleo duro e frio nela que Bond não conseguia compreender ou definir. Ah, seja lá como fosse, o principal era

conseguir sua cooperação. Caso contrário, a vida na prisão seria intolerável.

Bond voltou ao quarto dela. Deixou as duas portas abertas para poder ouvir. Ela ainda estava sentada na cama, dominada por uma imobilidade tensa. Olhou Bond com cuidado. Bond se encostou no batente da porta. Deu um longo gole do uísque. Disse, olhando bem nos seus olhos, “É melhor que você saiba que sou da Scotland Yard” — o eufemismo serviria. “Estamos atrás deste sujeito Goldfinger. Ele não dá importância a este fato. Acha que ninguém será capaz de nos encontrar antes de uma semana. É provável que tenha razão. Salvou nossas vidas porque quer que trabalhemos para ele em um crime. Trata-se de um negócio grande. Bastante fantástico. Mas que exige muito trabalho documental e de planejamento. Devemos cuidar desse lado. Você sabe datilografia e estenografia?”

“Sei.” Seus olhos se acenderam. “Qual é o crime?”

Bond contou-lhe. “É claro que tudo isso parece ridículo e aposto que algumas perguntas e respostas demonstrarão a esses gângsteres, se não a Goldfinger, que tudo isso é impossível. Mas não sei. Goldfinger é extraordinário. Pelo que sei a seu respeito, jamais avança se todas as probabilidades não estiverem a seu favor. Não acho que seja louco — pelo menos, não é mais louco do que gênios de outra espécie — cientistas e assim por diante. E sem dúvida ele é um gênio no que faz.”

“Então o que se pode fazer?”

Bond abaixou a voz. “O que *nós* podemos fazer, você quer dizer. Nós vamos colaborar. Até o pescoço. Nada de fazer corpo mole, nada de brincadeirinhas. Cobiçaremos o dinheiro que nos cabe e lhe daremos um serviço de primeira. Além de salvar nossas vidas, que para ele não valem nada, é a única forma que teremos, ou melhor, que terei, porque se trata da minha especialidade, de estragar a sua festa.”

“Como fará isso?”

“Não tenho a menor ideia. Algo surgirá.”

“E você espera que eu colabore?”

“Por que não? Tem alguma outra sugestão?”

Ela apertou os lábios de teimosia. “Por que eu faria o que você quer?”

Bond deu um suspiro. “Não faz sentido bancar a feminista nesta situação. A opção é esta ou então ser liquidada depois do seu café da manhã. Depende de você.”

A boca virou para baixo de desgosto. Deu de ombros. Respondeu antipaticamente. “Ah, está bem, então.” De repente um clarão se acendeu em seus olhos. “Mas jamais toque em mim, senão eu te mato.”

Ouviu-se um clique na porta do quarto de Bond. Ele deu um olhar meigo para Tilly Masterton. “O desafio é atraente. Mas não se preocupe. Não vou aceitá-lo.” Virou e saiu do quarto.

Um dos coreanos passou por ele, carregando o café da manhã da garota. Outro coreano havia trazido para o quarto uma mesa e uma cadeira de secretária, e uma Remington portátil. Arrumou-as no canto mais distante da cama. Oddjob permanecia na porta. Estendeu-lhe uma folha de papel. Bond foi pegá-la.

Era um memorando de uma folha. A caligrafia, escrita em esferográfica, era nítida, meticulosa, legível, sem nenhuma característica especial. Dizia:

Preparar dez cópias desta agenda

Reunião dirigida pelo sr. Gold

Secretários: J. Bond

Srta. Tilly Masterton

Presença

Helmut M. Springer	The Purple Gang. Detroit
Jed Midnight	Shadow Syndicate. Miami e Havana
Billy (Risada) Ring	The Machine. Chicago
Jack Strap	The Spangled Mob. Las Vegas
Sr. Solo	Unione Siciliana
Srta. Pussy Galore	The Cement Mixers. Harlem. Nova York.

Agenda

Um projeto com codinome OPERAÇÃO GRAND SLAM.
(Refeição ligeira.)

No final estava escrito, “Você e a srta. Masterton serão apanhados às

2h20. Estejam preparados para fazer anotações. Traje: passeio completo, por favor.”

Bond sorriu. Os coreanos saíram do quarto. Sentou-se à mesa, enfiou papel e papel-carbono na máquina e começou a trabalhar. Pelo menos demonstraria à garota que ele estava pronto a fazer a sua parte. Nossa, que turma! Até a Máfia estava metida naquilo. Como é que Goldfinger convencera todos eles a participar? E quem diabos era a srta. Pussy Galore?

Bond terminou as cópias às duas horas. Foi até o quarto da garota e deu tudo para ela junto com um bloco de estenografia e lápis. Também leu para ela o recado de Goldfinger. Falou, “É melhor decorar esses nomes. Provavelmente não serão difíceis de identificar. Podemos perguntar, se tivermos problema. Vou pegar minhas roupas de passeio.” Deu um sorriso para ela. “Faltam vinte minutos.”

Ela aquiesceu com a cabeça.

Ao caminhar atrás de Oddjob, Bond podia ouvir os ruídos do rio — a água batendo nos pilares sob o armazém, o longo apito melancólico de uma barca a abrir caminho, a batida surda dos motores a diesel. Em algum lugar debaixo de seus pés, um caminhão deu partida, acelerou e em seguida subiu roncando, provavelmente em direção à West Side Highway. Deveriam estar no andar de cima do comprido prédio de três andares. A tinta cinzenta do corredor cheirava a pintura recente. Não havia portas laterais. A iluminação vinha de globos no teto. Chegaram ao final. Oddjob bateu. Ouviu-se o ruído de uma chave Yale girando na fechadura e dois conjuntos de ferrolhos sendo puxados, e eles passaram, entrando em uma grande sala clara com iluminação natural. Ela ficava na extremidade do armazém e uma janela panorâmica, que preenchia quase toda a parede em frente, emoldurava o rio e a confusão distante e marrom de Jersey City. A sala fora arrumada para a reunião. Goldfinger estava sentado de costas para a janela em uma grande mesa redonda forrada de veludo verde, com jarras de água, blocos de rascunho amarelos e lápis. Havia nove poltronas confortáveis, e em cima dos blocos de rascunho na frente delas pequenos pacotes ovais lacrados com cera vermelha. À direita, contra a parede, havia um longo bufê a brilhar com prataria e vidro cinzelado. Tinha champanhe gelando nos baldes de prata e uma fileira de outras garrafas. Entre as comidas variadas, Bond notou duas latas redondas de dois quilos e meio de caviar Beluga e várias terrinas de foie gras. Da parede oposta ao bufê pendia um quadro-negro, acima de uma mesa sobre a qual se viam papéis e uma longa caixa de papelão.

Goldfinger observou-os se aproximarem por cima do tapete bordô. Fez um gesto para Tilly Masterton em direção à cadeira à sua esquerda, e para Bond, na direção da direita. Sentaram-se.

“A agenda?” Goldfinger pegou as cópias, leu a de cima e devolveu-as à garota. Fez um gesto circular e ela se levantou e distribuiu as cópias em volta da mesa. Ele enfiou a mão debaixo da mesa e apertou uma campainha oculta. A porta na extremidade da sala se abriu. Um dos coreanos se adiantou e ficou à espera. “Está tudo pronto?” O homem fez um gesto afirmativo com a cabeça. “Você compreendeu que ninguém deve entrar nesta sala salvo as pessoas na sua lista? Bom. Algumas, talvez todas, tragam acompanhantes. Os acompanhantes ficarão na antessala. Providencie tudo que possam querer. Os baralhos estão lá, e os dados? Oddjob.” Goldfinger olhou para o coreano que permanecia atrás da cadeira de Bond. “Vá ocupar o seu posto. Qual é o sinal?” Oddjob ergueu dois dedos. “Certo. Dois toques da minha campainha. Pode ir. Cuide para que todos os funcionários cumpram seus deveres à perfeição.”

Bond perguntou naturalmente, “Quantos funcionários você tem?”

“Vinte. Dez coreanos e dez alemães. São todos excelentes, escolhidos a dedo. Muita coisa acontece neste prédio. É como no convés inferior de um galeão.” Goldfinger estendeu as mãos espalmadas diante de si. “Agora, suas obrigações. A srta. Masterton anotará quaisquer questões práticas que possam surgir, qualquer coisa que exija uma providência da minha parte. Não dê importância ao debate e à conversa. Certo?”

Bond ficou satisfeito ao ver que Tilly Masterton agora parecia alerta e metódica. Ela balançou a cabeça, com vivacidade, “Certo.”

“E, senhor Bond, me interessa saber quaisquer reações que os convidados poderão despertar no senhor. Conheço muita coisa sobre essa gente. Nos seus territórios, são os chefes incontestes. Só estão aqui porque comprei a sua presença. Não sabem nada de mim e preciso convencê-los de que sei do que estou falando e os levarei ao sucesso. A cobiça se encarregará do resto. Mas pode haver um ou mais que queira desistir. Provavelmente vão se revelar. Tomei algumas providências especiais neste caso. Talvez haja alguns vacilantes. Durante a preleção você estará anotando tudo nesta agenda. Adicione naturalmente um sinal de mais ou de menos ao lado dos nomes que você considera ser a favor ou contra este projeto. Poderei ver o sinal que você escreveu. Suas opiniões podem ser úteis. E não se esqueça, senhor Bond, que se houver um traidor entre eles, um delator, a gente poderá morrer ou pegar prisão perpétua.”

“Quem é essa Pussy Galore do Harlem?”

“A única mulher a chefiar uma gangue na América. É um bando de mulheres. Precisarei de algumas mulheres nesta operação. Ela é inteiramente confiável. Foi trapezista. Tinha um grupo chamado ‘Pussy Galore e suas Gatas Acrobatas’.” Goldfinger não sorriu. “Ele não teve sucesso, por isso ela as treinou para serem ladras, ladras acrobatas. Aquilo cresceu até se transformar em uma gangue de extraordinária ferocidade. É uma organização lésbica que se chama agora ‘The Cement Mixers’. Até mesmo as grandes gangues americanas a respeitam. Ela é uma mulher extraordinária.”

Uma cigarra soou muito baixa sob a mesa. Goldfinger se endireitou. A porta na outra extremidade da sala se abriu bruscamente e cinco homens entraram. Goldfinger se levantou da cadeira e fez uma reverência com a cabeça, à guisa de boas-vindas. Disse, “Meu nome é Gold. Por favor, sentem-se.”

Houve um murmúrio cauteloso. Em silêncio os homens se aproximaram da mesa, puxaram as cadeiras e se sentaram. Cinco pares de olhos observaram friamente, desconfiados, Goldfinger. Este se sentou. Disse em voz baixa, “Cavalheiros, nos pacotes diante de vocês acharão uma barra de ouro de vinte e quatro quilates, valendo quinze mil dólares. Agradeço a cortesia de sua presença. A agenda se explica por si só. Talvez, enquanto esperamos a srta. Galore, eu poderia falar os seus nomes para facilitar o trabalho dos meus secretários, o senhor Bond aqui, e a senhorita Masterton. Não haverá anotações nesta reunião, a não ser sobre alguma iniciativa que os senhores queiram que eu tome, e posso lhes assegurar que não existem microfones. Senhor Bond, à sua direita está o senhor Jed Midnight do Shadow Syndicate, que funciona em Miami e Havana.”

O sr. Midnight era um sujeito grande, com cara de boa-vida e um rosto jovial, mas com um olhar lento e cauteloso. Trajava um terno leve de tropical com uma camisa branca de seda, decorada com pequenas palmeiras verdes. O relógio de ouro complicado em seu pulso devia pesar quase duzentos e cinquenta gramas. Sorriu tenso para Bond e disse, “Alô.”

“Em seguida temos o sr. Billy Ring, que controla a famosa ‘Máquina’ de Chicago.”

Bond achou que nunca vira alguém com menos cara de “Billy”. Era um rosto de pesadelo que, ao virar-se para Bond, tinha ciência daquilo que aparentava, ficando a observar as reações dele. Tinha um rosto pálido e infantil, do formato de uma pera, de pele penugenta, com um chumaço macio

de cabelos cor de feno, e cujos olhos, que deveriam ser azul-claros, eram, ao contrário, de um marrom meio amarelado. O branco dos olhos aparecia por toda a volta das pupilas, o que emprestava uma qualidade mesmérica ao olhar duro e pensativo, endurecido pelo tique na pálpebra direita, que fazia o olho piscar ao ritmo do coração. Em alguma etapa inicial da carreira do sr. Ring alguém amputara seu lábio inferior — talvez falara demais —, o que lhe dava um falso sorriso, como o de uma abóbora de Halloween. Tinha cerca de quarenta anos. Em suma, Bond o tinha na conta de um assassino impiedoso. Bond deu um sorriso alegre para o olhar duro do olho esquerdo do sr. Ring, ultrapassando-o com o seu próprio olhar dirigido ao sujeito que Goldfinger lhe apresentava como o sr. Helmut Springer, da Purple Gang de Detroit.

O sr. Springer tinha os olhos vidrados de alguém muito rico ou então muito morto. Os olhos eram bolas de gude opacas, azul-claras, que acusaram rapidamente Bond e em seguida voltaram-se para dentro de novo, completamente absortas no ego de seu dono. O restante do sr. Springer compunha a imagem de um “senhor distinto” — naturalmente em um terno riscado, camisa Hathaway e face banhada por Aqua Velva. Dava a impressão de alguém que estava acompanhado equivocadamente pelas pessoas erradas — dono de uma passagem de primeira classe colocado em um compartimento de terceira, alguém destinado às primeiras filas, conduzido por engano a uma poltrona do fundo.

O sr. Midnight protegeu a boca com a mão e disse baixinho para Bond, “Não se deixe impressionar pelo duque. Meu amigo Helmut é quem botou este malandro nos trinques. A filha estuda em Vassar, mas quem paga seus tacos de hóquei é a grana do tráfico de proteção.” Bond agradeceu com a cabeça.

“E o sr. Solo, da Unione Siciliana.”

O sr. Solo tinha um rosto pesado e escuro, sombrio por conviver com tantos pecados e tanta culpa. Seus óculos espessos de armação de chifre subiram brevemente na direção de Bond e em seguida se inclinaram novamente para baixo, empenhados na tarefa de limpar as unhas do próprio sr. Solo, com o canivete. Era um sujeito grande, corpulento, meio boxeador, meio maître, sendo impossível desvendar o que havia na sua cabeça e qual a origem de sua força. Mas existe apenas um chefe da Máfia na América, e se o cargo pertencia ao sr. Solo, pensou Bond, ele chegara lá pelo terror ou pela força. E haveria de se manter no cargo pelo uso de ambas as coisas.

“Olá.” O sr. Jack Strap, da Spangled Mob, tinha o charme sintético do gerente de cassino de Las Vegas, mas Bond achava que ele entrara na herança

dos finados e pranteados irmãos Spang graças a outras qualidades. Era um sujeito alegre, vestido de modo espalhafatoso, de cerca de cinquenta anos. Estava terminando um charuto. Fumava como se o estivesse comendo, mascando com apetite. De vez em quando virava a cabeça de lado e cuspiu um pedaço discretamente no tapete atrás. Sob este tabagismo compulsivo deveria existir muita tensão. O sr. Strap tinha os olhos ágeis de um mágico. Parecia saber que seu olhar amedrontava as pessoas, porque agora, possivelmente por não querer amedrontar Bond, fez charme, contraindo os cantos dos olhos.

A porta no fundo da sala se abriu. Uma mulher, vestindo um terninho preto com um enfeite de renda café, surgiu na porta. Caminhou lentamente, sem timidez, pela sala e foi se postar atrás da cadeira vazia. Goldfinger se levantara. Ela o examinou com cuidado e em seguida olhou em volta da mesa. Disse um “olá” coletivo entediado e se sentou. O sr. Strap disse “Olá, Pussy”, e os demais, exceto o sr. Springer que fez apenas uma mesura, ensaiaram alguns tímidos ruídos de boas-vindas.

Goldfinger disse, “Boa tarde, senhorita Galore. Acabamos de passar pelas formalidades de apresentação. A agenda está diante da senhorita, junto com a barra de ouro de quinze mil dólares que pedi que aceitasse para recompensar as despesas e o desconforto de comparecer a esta reunião.”

Galore estendeu a mão para pegar seu pacote e abriu-o. Sopesou o tijolo amarelo reluzente na mão. Deu um olhar direto, desconfiado, para Goldfinger. “É totalmente puro?”

“Totalmente.”

Galore sustentou o seu olhar. Disse, “desculpe a pergunta”, com o tom seco de uma compradora calejada em uma liquidação.

Bond gostou do seu aspecto. Sentiu o desafio sexual que todas as lésbicas bonitas representam para os homens. Divertiu-se com sua atitude radical, que dizia a Goldfinger e a todos na sala, “todos os homens são uns ladrões, filhos da mãe. Não tente nenhuma malandragem masculina para cima de mim. Não caio nela. O meu departamento é outro”. Bond pensou que ela deveria ter trinta e poucos anos. Tinha a beleza pálida de Rupert Brooke, com maçãs do rosto salientes e um queixo com um belo desenho, e os únicos olhos violeta que Bond já vira. Eram profunda e autenticamente violeta como um amor-perfeito, e olhavam o mundo com candura, sob sobrancelhas retas e pretas. Os cabelos, tão pretos quanto os de Tilly Masterton, tinham um corte à la garçonnette, despenteado. A boca consistia em um talho rigoroso bem vermelho.

Bond achou-a fantástica, assim como Tilly que, ele notou, olhava com admiração e lábios expectantes para a srta. Galore. Bond concluiu que aquilo esclarecia tudo sobre Tilly Masterton.

Goldfinger disse “E agora preciso me apresentar. Meu nome não é Gold. Estas são minhas credenciais. Através de vários negócios, cuja maioria era ilegítima, ganhei uma grande quantia de dinheiro no decorrer de vinte anos. Esta soma agora monta a sessenta milhões de dólares.” (Um muxoxo respeitoso correu em volta da mesa.) “Meus negócios ficaram em grande parte confinados à Europa, mas talvez vocês queiram saber que fui o fundador da ‘Golden Poppy Distributors’ que funcionava em Hong Kong (Jack Strap deu um assobio baixo) e que depois vendi. ‘Happy Landings Travel Agency’ que alguns de vocês talvez tenham usado em alguma emergência, foi organizada por mim e me pertenceu, até que a dissolvi.” (Helmut Springer encaixou um monóculo sem moldura em um olho vidrado, para melhor examinar Goldfinger.) “Menciono esses empreendimentos menores para mostrar-lhes que, apesar de não me conhecerem, já trabalhei no passado em muitas movimentações que, acredito, beneficiaram todos vocês.” (“Quem diria!”, murmurou Jed Midnight com um tom de voz que aparentava admiração.) “Foi assim, senhores e — senhora, que os conheci e convidei hoje à noite, pois aprendi na prática que vocês são, por assim dizer, a aristocracia criminoso da América.”

Bond ficou impressionado. Em três exatos minutos, Goldfinger conquistara os presentes. Agora todos olhavam para ele com uma profunda atenção. Até mesmo os olhos de Pussy Galore pareciam enlevados. Bond não conhecia nada sobre a Golden Poppy Distributors, nem sobre a Happy Landings Agency, mas deviam funcionar com a eficiência de um relógio, a julgar pela expressão no rosto de seus antigos clientes. Agora todos se debruçavam sobre as palavras de Goldfinger, como se ele fosse Einstein.

Seu rosto não demonstrava emoção. Fez um gesto com a mão direita, minimizando os empreendimentos. Disse insossamente, “Mencionei dois projetos meus bem-sucedidos. Eram pequenos. Existiram muitos outros de maior calibre. Nenhum deles fracassou e, até onde sei, meu nome não consta dos arquivos da polícia de nenhum país. Digo isto para mostrar que conheço profundamente a minha — a nossa — profissão. E agora, senhoras e senhores, quero lhes oferecer sociedade em um empreendimento que com certeza acrescentará, dentro de uma semana, a soma de um bilhão de dólares aos cofres de cada um.” O sr. Goldfinger ergueu a mão. “Temos maneiras diferentes, na Europa e na América, de encarar a expressão aritmética ‘um bilhão’. Uso esta palavra no sentido de mil milhões. Estarei sendo claro?”

18.

CRIME DE LA CRIME

Um rebocador apitou no rio. Outro respondeu. O barulho dos motores foi se distanciando.

Jed Midnight, à direita de Bond, deu um pigarro. Disse enfaticamente, “Senhor Gold, ou seja lá qual for seu nome, não se preocupe com definições. Um bilhão de dólares é um bocado de dinheiro, não importa a definição. Continue a falar.”

Solo ergueu os olhos lentos e negros e olhou para Goldfinger, do outro lado da mesa. Disse, “É muito dinheiro, sim. Mas qual é a sua parte?”

“Cinco bilhões.”

Jack Strap de Las Vegas deu uma breve risada alta. “Escutem, camaradas, o que é alguns bilhões de dólares distribuídos entre amigos. Se o senhor — eh — seja lá quem for, puder me levar a um bilhão de dólares, eu lhe darei com satisfação uma nota de cinco dólares, até mesmo uma de dez, pelo seu trabalho. Não sejamos mesquinhos agora, hein?”

Helmut Springer bateu com o monóculo na barra de ouro diante de si. Todos olharam na sua direção. “Senhor — eh — Gold.” Era a voz ponderada do advogado da família. “São quantias grandes, essas que o senhor menciona. Pelo que calculo dá um total de uns onze bilhões de dólares.”

O senhor Goldfinger foi preciso. “O montante exato fica mais perto dos quinze bilhões. Em termos práticos, só me referi à quantidade que achei que poderíamos levar.”

OuvIU-se um risinho agudo e excitado da parte de Billy Ring.

“Certo, certo, sr. Gold.” Springer encaixou novamente o monóculo no olho para observar as reações de Goldfinger. “Mas essa quantidade de ouro ou moeda corrente só se acha acumulada em três depósitos nos Estados Unidos. A Casa da Moeda em Washington, o Federal Reserve Bank em Nova York, e Fort Knox, em Kentucky. O senhor acha que deveríamos — eh — fazer um ‘serviço’ em um deles? E assim sendo, em qual?”

“Fort Knox.”

Entre o coro de resmungos, Midnight disse resignadamente, “Meu amigo, nunca encontrei ninguém fora de Hollywood que tivesse o que você possui. Lá chamam isso de ‘visão’. E a visão, meu amigo, é um talento para confundir pontos flutuantes diante dos olhos com projetos fabulosos. Você devia conversar com o seu analista ou se entupir de calmantes.” O sr. Midnight sacudiu a cabeça pesarosamente. “Que pena. Esse bilhão me fez me sentir fabuloso, enquanto o possuía.”

Pussy Galore comentou em uma voz grave e entediada, “Desculpe, meu amigo, nenhuma das garotas de minha equipe é capaz de enfrentar um cofrinho assim.” Fez menção de se levantar.

Goldfinger disse amavelmente, “Por favor, acabem de me ouvir, senhores — eh — e senhora. A reação de todos não foi surpreendente. Fort Knox é um banco igual a qualquer outro. Mas é um banco muito maior e por isso suas medidas de proteção são muito mais poderosas e astutas. Para vencê-las será necessário portanto mais força e engenhosidade. Esta é a única novidade do meu projeto — o fato da sua dimensão. Mais nada. Fort Knox não é mais invulnerável do que qualquer outra fortaleza. Sem dúvida, já houve época em que achávamos a Brink invencível até que meia dúzia de sujeitos determinados roubaram um milhão de dólares de um dos seus carros-fortes, lá em 1950. É impossível fugir de Sing Sing, no entanto houve gente que achou um meio. Não, não, meus senhores. Fort Knox é um mito como qualquer outro. Devo continuar expondo o plano?”

Billy Ring sibilava como um japonês quando falava. Disse, irritado, “Olha, seu olheiro de segunda, talvez você não saiba, mas a Terceira Divisão Blindada está aquartelada em Fort Knox. Se isso for um mito, por que os russos não tomam os Estados Unidos da próxima vez que um time deles vier aqui jogar hóquei?”

Goldfinger deu um leve sorriso. “Se me permite corrigi-lo, sem querer enfraquecer o seu argumento, sr. Ring, a ordem de combate das unidades militares atualmente aquarteladas em Fort Knox é a seguinte. Da Terceira Divisão Blindada, só está a Ponta de Lança, mas há também o Sexto Regimento de Cavalaria, o 15o Grupo Blindado, o 160o Grupo de Engenharia e aproximadamente meia divisão de todas as unidades do Exército americano que passam pelo Centro de Treinamento de Reposição Blindada e pela Unidade 1 do Centro Militar de Pesquisas Humanas. Há também uma quantidade considerável de homens ligados à Junta no 2 do Comando Continental de Blindados e a várias outras atividades ligadas ao Centro de

Blindados. Além disso há uma força policial com cerca de vinte oficiais e uma tropa de aproximadamente quatrocentos homens. Em suma, de uma população de uns sessenta mil, aproximadamente vinte mil pertencem a uma tropa de combate ou outra.”

“E quem vai fazer ‘bu!’ para eles?”, desdenhou Jack Strap, com o charuto na boca. Sem esperar por uma resposta, arrancou, revoltado, o toco esfrangalhado da boca e o amassou em pedacinhos no cinzeiro.

A seu lado, Pussy Galore chupou os dentes com a ênfase de um papagaio a cuspir. Disse, “Vá comprar fumos melhores, Jacko. Isso aí fede a calção de lutador.”

“Enfia, Puss”, respondeu Strap grosseiramente.

Galore estava decidida a ter a última palavra. “Sabe de uma coisa?”, disse com doçura, “até que eu poderia ficar caída por um sujeito como você. Aliás, compus uma canção a seu respeito outro dia. Quer saber o título? Chama-se: ‘Se eu tivesse de fazer de novo, faria em cima de você’”.

O sr. Midnight soltou um relincho à guisa de risada, e Ring, um risinho agudo. Goldfinger deu algumas batidas leves, pedindo ordem. Disse pacientemente, “Acabem de me ouvir, por favor, senhores.” Levantou-se e foi até o quadro-negro, sobre o qual desenrolou um mapa. Era um mapa detalhado de Fort Knox, inclusive do Aeroporto Militar Godman e das rodovias e ferrovias para a cidade. Os participantes da reunião à direita da mesa giraram suas cadeiras. Goldfinger apontou para o depósito das barras de ouro. Ficava embaixo, no canto esquerdo, dentro de um triângulo formado pela Dixie Highway, pelo Bullion Boulevard e pela Vine Grove Road. Goldfinger falou, “Vou mostrar-lhes dentro em pouco a planta detalhada do depósito de ouro.” Fez uma pausa. “Agora, senhores, deixem-me frisar as características principais desta cidade razoavelmente simples. Aqui” — ele deslizou o dedo desde o centro, em cima do mapa, passando pela cidade e pelo Depósito de Ouro — “passa a linha da Estrada de Ferro Illinois Central, vindo de Louisville, 56 quilômetros ao norte, que atravessa a cidade e segue para Elizabethtown, 29 quilômetros ao sul. Não estamos preocupados com a Estação de Brandenburg no centro da cidade, mas com o complexo de desvios ao lado da caixa-forte do ouro. Este é um dos pontos de carga e descarga do ouro da Casa da Moeda em Washington. Os outros métodos de transporte até o depósito, que variam, mas não por motivos de segurança, são por comboio de caminhões pela Dixie Highway ou por aviões de carga até o Aeroporto Godman. Como podem ver, a caixa forte é isolada dessas rotas e fica sozinha, sem qualquer proteção natural, no centro de um gramado de

aproximadamente vinte hectares. Só há uma estrada para o depósito, uma via de cinquenta metros que passa por portões fortemente armados, saindo de Bullion Boulevard. Depois de penetrar nessa paliçada, os caminhões seguem até a estrada circular em volta da casa-forte, até a entrada dos fundos, onde se descarrega o ouro. Essa estrada circular, senhores, é feita de placas ou abas de aço. Essas placas são articuladas e, em uma emergência, toda a superfície de aço da estrada pode ser erguida hidraulicamente para criar uma segunda paliçada interna de aço. Existe um fator normalmente despercebido, mas que me é conhecido: o túnel subterrâneo de aço que corre por baixo da várzea entre Bullion Boulevard e Vine Grove Road. Serve como um meio suplementar de acesso às caixas-fortes e, depois de atravessar portas de aço, sai no primeiro subsolo do depósito.”

Goldfinger fez uma pausa e se afastou do mapa. Olhou em volta da mesa. “Está bem, senhores. Aí está o depósito e os principais acessos, exceto a porta da frente que é apenas a entrada para o saguão de recepção e os escritórios. Alguma pergunta?”

Não houve nenhuma. Todos os olhares se concentravam em Goldfinger, à espera. Estavam presos mais uma vez à autoridade de suas palavras. Este sujeito parecia ter um conhecimento melhor dos segredos de Fort Knox do que jamais havia sido revelado para o mundo externo.

Goldfinger voltou ao quadro-negro e desenrolou um segundo mapa por cima do primeiro. Era a planta detalhada da caixa-forte do ouro. Goldfinger disse, “Como podem ver, senhores, trata-se de um prédio de dois andares, extremamente sólido, algo parecido com um bolo quadrado de duas camadas. Reparem que o teto foi reforçado contra bombas, e nas quatro casamatas nos quatro cantos, no piso. São de aço e se comunicam com o interior do prédio. As dimensões externas da casa-forte são de trinta e um por trinta e seis metros. A altura do chão é de aproximadamente doze metros. Foi construída de granito do Tennessee, forrada com aço. As quantidades exatas dos materiais são: quinhentos e três metros cúbicos de granito, três mil metros cúbicos de concreto, setecentas e cinquenta toneladas de reforço de aço e setecentas e cinquenta toneladas de aço estrutural. Certo? Agora, dentro do prédio existe uma caixa-forte de concreto e aço de dois andares, dividida em compartimentos. A porta da caixa-forte pesa mais de vinte toneladas e o arcabouço é de placas de aço, vigas de aço e cilindros de aço entrelaçados por bandas de aço, embutidos em concreto. O teto é construído da mesma maneira e é independente do teto do prédio. Um corredor circula em volta da caixa-forte, nos dois pisos, e dá acesso tanto à caixa-forte quanto aos escritórios e almoxarifados que ficam dentro da parede externa do prédio. O segredo da

caixa-forte não é confiado a uma única pessoa. Vários funcionários graduados do depósito precisam teclar em separado combinações que só cada um conhece. É evidente que o prédio dispõe da última palavra em equipamentos de segurança. Há um forte posto de guarda no interior do prédio e reforços imensamente poderosos, disponíveis o tempo todo, do Centro de Blindados a cerca de um quilômetro de distância. Estão me acompanhando? Agora, quanto ao conteúdo da caixa-forte — este monta, como eu havia dito, a uns quinze bilhões de dólares, em barras comuns de ouro mil da Casa da Moeda. Cada barra é duas vezes o tamanho das que vocês têm diante de si e pesa dois quilos quatrocentos e quarenta e cinco gramas. São estocadas sem embalagem nos compartimentos da caixa-forte.” Goldfinger olhou em volta da mesa. “E isso, senhores e senhora”, concluiu de modo direto, “é tudo o que posso lhes dizer, e que acho que precisamos saber sobre a natureza e o conteúdo do depósito de Fort Knox. Caso não existam perguntas, prosseguirei fazendo uma breve explanação de como este depósito pode ser penetrado, e seu conteúdo, apreendido”.

Houve silêncio. Os olhos em volta da mesa estavam atentos, enlevados. Jack Strap tirou, nervoso, um charuto de tamanho médio do bolso do colete e enfiou-o no canto da boca.

Pussy Galore disse rispidamente, “Se você acender esse negócio juro que te nocauteio com meu tijolo de ouro.” Pegou a barra ameaçadoramente.

“Vá com calma, garota”, falou Strap, com o canto da boca.

Jed Midnight comentou incisivamente, “Meu amigo, se você conseguir assaltar esse lugar, merece um diploma com o máximo louvor. Prossiga e nos diga como fará. Ou isto aqui é uma furada, ou então o crime de la crime.”

Goldfinger falou com indiferença, “Muito bem, senhores. Terão o plano.” Fez uma pausa e olhou com cuidado em volta da mesa e em cada par de olhos. “Mas espero que compreendam que de agora em diante é necessário que se imponha uma segurança total. O que eu disse até agora, se repetido, será tido como o delírio de um louco. O que vou dizer nos envolve na maior conspiração em tempo de paz da história dos Estados Unidos. Posso presumir que todos aqui estão obrigados a um voto de silêncio absoluto?”

Sem se fazer notar, Bond observou o olhar do sr. Helmut Springer, de Detroit. Enquanto surgiam afirmativas em todos os tons de voz da parte dos demais, Springer velou seu olhar. Sua portentosa afirmação, “Você tem a minha solene palavra de honra”, soou oca. Para Bond, esse entusiasmo era tão falso quanto o de um vendedor de carros usados. Riscou, com naturalidade,

uma pequena linha negativa ao lado do nome de Springer na agenda.

“Muito bem, então.” Goldfinger voltou à sua cadeira. Sentou-se, pegou o lápis e começou a falar em um tom de voz reflexivo, um tom de conversa. “Primeiro, e de certa maneira o mais difícil, é o problema da retirada. Um bilhão de dólares em ouro pesa aproximadamente mil toneladas. Para transportar este montante seria preciso cem caminhões com capacidade de dez toneladas cada um, ou vinte e seis carretas enormes de transporte industrial. Recomendo estes últimos veículos. Tenho uma lista das empresas que alugam este tipo de transporte e recomendo, caso façamos sociedade, que depois desta reunião vocês contratem imediatamente as empresas que acharem as mais apropriadas, nos seus territórios. Por motivos óbvios, deverão querer empregar seus próprios motoristas, sendo esta uma questão que devo deixar por sua conta. Sem dúvida” — o sr. Goldfinger se permitiu o esboço de um sorriso — “o Sindicato dos Rodoviários será um celeiro fértil de assistentes úteis, ou talvez vocês pensem em recrutar ex-motoristas do Negro Red Ball Express, que servia aos exércitos americanos durante a guerra. No entanto, estes são detalhes que exigem um planejamento e coordenação minuciosos. Haverá também um problema de controle do tráfego, e sem dúvida vocês chegarão a um acordo quanto à divisão das estradas disponíveis. O transporte aéreo de carga constituirá um meio suplementar de transporte e tomaremos providências para manter aberta a pista norte-sul do aeroporto de Godman. A retirada subsequente do ouro será, é claro, um problema de cada um. Quanto a mim” — Goldfinger olhou friamente em volta da mesa — “usarei de início o transporte ferroviário e, já que tenho o problema do transporte mais pesado, quero crer que os senhores me concederão esta saída com exclusividade”. Goldfinger não esperou os comentários. Prosseguiu em um tom monótono: “Comparado a este problema do transporte, as demais providências serão relativamente simples. Para início de conversa, neste dia D-1 proponho neutralizar toda a população, militar e civil, de Fort Knox. As providências exatas já foram tomadas e só esperam um sinal meu. Em suma, todo o suprimento de água potável e não potável da cidade provém de dois poços, e duas estações de tratamento que fornecem um pouco menos de trinta e um milhões de litros por dia. São controladas pelo engenheiro da guarnição. Este senhor ficou muito envaidecido com o desejo manifestado pelo superintendente municipal do Abastecimento de Água de Tóquio de fazer uma visita de estudo à estação de tratamento, visando a criação de outra igual em um subúrbio novo que está sendo planejado nas proximidades de Tóquio. O engenheiro ficou muito orgulhoso com esse pedido e os japoneses desfrutarão de todas as facilidades. Esses dois cavalheiros, que são obviamente membros da minha equipe, levarão pequenas quantidades

camufladas de um narcótico altamente concentrado desenvolvido pelos peritos alemães de armas químicas, durante a guerra, exatamente com este objetivo. Esta substância se dilui rápido em um volume de água desta magnitude e conseqüentemente, na sua forma altamente diluída, causa uma narcose instantânea porém temporária em qualquer pessoa que beber meia caneca dessa água. Os sintomas são um sono profundo e imediato, do qual a vítima acordará bastante descansada, dentro de mais ou menos três dias. Senhores” — Goldfinger ergueu uma das mãos, de palma para cima —, “no mês de junho, em Kentucky, acho impossível que algum morador consiga passar vinte e quatro horas sem beber meio copo de água. É possível que poucos alcoólatras convictos ainda restem em pé no dia D-1, porém prevejo a invasão de uma cidade cuja população deve estar, quase toda, profundamente adormecida, no próprio lugar onde bebeu a água”.

“Como é mesmo aquele conto de fadas?” Os olhos da srta. Galore brilhavam com a cena.

“*Rego de Botas*”, disse Jack Strap em um tom de voz grosseiro. “Continue, amigo. Está bom. Como é que entramos na cidade?”

“Chegamos”, respondeu Goldfinger, “em um trem especial que terá partido de Nova York à noite, na véspera do dia D-1. Seremos cem pessoas, aproximadamente, vestidas de funcionários da Cruz Vermelha. A srta. Galore fornecerá, assim espero, o necessário contingente de enfermeiras. É no sentido de preencher este pequeno, porém necessário, papel que ela foi convidada para esta reunião.”

Galore falou entusiasmada. “Tudo ok, entendido, desligando! Minhas garotas ficarão bonitinhas nos uniformes engomados. O que acha, Jacko?” Ela se inclinou de lado e cutucou Strap nas costelas.

“Acho que elas ficam melhor em casacos de concreto armado”, respondeu o impaciente Strap. “Por que você está interrompendo assim? Prossiga, amigo.”

“Em Louisville, a cinquenta quilômetros de Fort Knox, eu e um assistente pediremos para viajar um pouco na locomotiva a diesel da frente. Teremos equipamentos delicados. Diremos que eles são necessários para analisar o ar à medida que nos aproximamos de Fort Knox, pois a essa altura as notícias da enfermidade que vitimou os habitantes já terão chegado ao mundo externo e é provável que haja certo pânico nas áreas vizinhas e, de fato, no país como um todo. É provável que cheguem aviões de socorro logo depois de nossa chegada de madrugada e uma tarefa imediata será controlar a

torre de pouso do aeroporto de Godman, declarando que a base se encontra fechada e redirecionando os aviões para Louisville. Mas voltando um pouco, por um instante, meu auxiliar e eu nos livraremos do maquinista e do foguista da maneira mais humana possível” (aposto, pensou Bond) “e conduzirei o trem pessoalmente — devo dizer que possuo o necessário conhecimento dessas locomotivas — através de Fort Knox até os ramais ao lado do depósito”. Goldfinger fez uma pausa. Deu um olhar lento e grave em volta do círculo. Satisfeito com o que viu, prosseguiu no mesmo tom impassível. “A essa altura, senhores e senhora, seus comboios de transporte deverão estar chegando. O controlador de tráfego os distribuirá nas cercanias do depósito de acordo com um planejamento prévio, a equipe do aeroporto Godman irá de caminhão até lá, e entraremos no depósito, sem prestar atenção aos corpos adormecidos — eh — que ornamentarão a paisagem. Certo?”

Os olhos escuros do sr. Solo ardiam do outro lado da mesa. Disse em voz baixa, “Até agora, certo. Agora você talvez faça isso” — inflou as bochechas e soprou — “e a porta de vinte toneladas desaba. Não é?”

“É”, respondeu Goldfinger, de modo comedido. “Quase assim.” Levantou-se e foi até a mesa debaixo do quadro-negro, levantou a grande caixa de papelão canhestra e carregou-a com cuidado de volta, colocando-a na mesa diante dele. Parecia ser muito pesada.

Sentou-se e prosseguiu, “Enquanto dez de meus assistentes técnicos se preparam para abrir a caixa-forte, equipes carregando macas entrarão no depósito para remover o máximo de gente possível.” Bond imaginou ter reparado em um murmúrio traiçoeiro a sublinhar as palavras seguintes de Goldfinger. “Tenho certeza, senhores e senhora, de que todos são unânimes em que se deva evitar o máximo possível a perda de vidas. Até agora, espero que tenham notado, só houve duas baixas, a dos empregados da Estrada de Ferro Illinois Central, que ganharam uns galos.” Goldfinger não esperou que surgissem comentários, continuou. “Agora”, ele estendeu a mão, colocando-a em cima da caixa, “quando vocês, meus amigos e seus sócios, precisam de armas diferentes das pequenas armas convencionais, onde vão buscá-las? Nos estabelecimentos militares, senhores. Já compraram submetralhadoras e outros equipamentos pesados dos intendentess dos almoxarifados de bases militares próximas. Conseguiram isso por meio de pressão, chantagem ou dinheiro. Fiz o mesmo. Só uma arma teria poder suficiente para explodir a caixa-forte do ouro em Fort Knox, e obtive uma de determinada base aliada na Alemanha. Custou-me exatamente um milhão de dólares. Isto, senhores, é uma ogiva atômica projetada para ser usada no míssil Corporal teleguiado de médio alcance”.

“Nosso Senhor Jesus Cristo.” Jed Midnight estendeu as mãos e agarrou a borda da mesa ao lado de Bond.

Todos os rostos em volta da mesa estavam pálidos. Bond sentiu sua mandíbula totalmente tensa. Para quebrar aquela tensão, enfiou a mão no bolso, pegou e acendeu um Chesterfield. Apagou lentamente a chama com um sopro e devolveu o isqueiro ao bolso. Deus do céu! Em que se metera? Bond rememorou as imagens de seu contato com Goldfinger. O primeiro encontro, com o corpo bronzeado e semidespido no terraço do Floridiana Cabana Club. A maneira casual como ele puxara o tapete debaixo de Goldfinger. A entrevista com M. A reunião no banco, na qual se tratara de rastrear um contrabandista de ouro — evidentemente um dos grandes, que trabalhava para os russos —, mas ainda assim um criminoso de estatura humana, alguém que Bond se empenhara em derrotar no golfe e perseguira fria, eficientemente, mas mesmo assim como qualquer outra presa. E agora! Agora não se tratava de um coelho na toca, nem mesmo de uma raposa, e sim de uma naja gigantesca — o ser mais mortífero do mundo! Bond deu um suspiro de cansaço. Mais uma vez à guerra, meus amigos! Desta vez era realmente são Jorge contra o dragão. E era melhor são Jorge começar a agir antes de o dragão quebrar o ovo do dragãozinho que ele agora chocava com tanta segurança. Bond sorriu, tenso. Fazer o quê? O que, Deus do céu, poderia ele fazer?

Goldfinger ergueu a mão. “Senhores e senhora, creiam-me, este objeto é apenas um pedaço perfeitamente inofensivo de um aparelho. Não está armado. Se eu o golpeasse com um martelo, não explodiria. Nada pode fazê-lo explodir se não estiver armado, e isto só acontecerá no dia D-1.”

O rosto pálido de Billy Ring brilhava de suor. Suas palavras tremiam ligeiramente ao serem ditas, acompanhadas de um falso sorriso. “Meu amigo, o que dizer...desse negócio que chamam — eh — precipitação?”

“A precipitação será mínima, sr. Ring, e extremamente localizada. Trata-se do último modelo — a chamada bomba atômica ‘limpa’. Mas a equipe que entrará logo na ruínas do prédio receberá roupas protetoras. Formarão o primeiro elo da cadeia humana que removerá o ouro e o levará até os caminhões à espera.”

“E os destroços e estilhaços, meu amigo? Pedacos de concreto, aço e assim por diante?” A voz do sr. Midnight parecia surgir de algum lugar em seu ventre.

“Buscaremos abrigo atrás da paliçada externa de aço do depósito, senhor

Midnight. Todos os funcionários usarão protetores de ouvido. Pode ser que haja danos menos importantes a alguns caminhões, mas este é um risco que precisa ser aceito.”

“Os caras dormindo?” O olhar de Solo era ganancioso. “Talvez durmam mais um pouquinho?” Ele obviamente não se preocupava muito com os sujeitos adormecidos.

“Removeremos o máximo possível deles para um lugar seguro. Precisamos infelizmente aceitar o fato de que haja danos pequenos à cidade. Julgo que as baixas na população sejam aproximadamente iguais ao total de vítimas de acidentes de automóvel, durante três dias, em Fort Knox. Nossa operação servirá meramente para manter estável a estatística desses acidentes.”

“Muito simpático da nossa parte.” Midnight recobrou o controle dos nervos.

“Há mais perguntas?” O tom de voz de Goldfinger era simpático. Revelara os algarismos, avaliara a perspectiva do negócio. Agora era o momento de submetê-lo à votação. “Falta elaborar exatamente os detalhes. Nisto, meus funcionários aqui — virou-se primeiro para Bond, depois para a srta. Masterton — irão me auxiliar. Esta sala será o nosso quartel-general da operação, à qual vocês terão acesso noite e dia. O codinome do projeto é Operação Grand Slam, termo que será sempre usado ao se referir a ele. Gostaria de sugerir àqueles de vocês que queiram participar que informem um, e apenas um, de seus mais fiéis colaboradores. O restante da equipe pode ser treinada em suas funções como se fosse para um roubo comum a banco. No dia D-1 a equipe precisará ter acesso a informações mais amplas. Sei que posso confiar, senhores e senhora, que aqueles que desejam participar deverão encarar este projeto inteiro como uma operação de guerra. A ineficiência ou insegurança deverão ser tratadas de modo firme. E agora, senhores e senhora, eu vos peço para responder em nome de suas respectivas organizações. Quem deseja entrar nesta iniciativa? O prêmio é gigantesco. Os riscos mínimos. Senhor Midnight?” Goldfinger girou a cabeça alguns centímetros à direita. Bond observou o olhar arregalado de raios X devorando seu vizinho. “Sim?” Fez-se uma pausa. “Ou não?”

19.

ADENDO SECRETO

“Senhor Gold”, falou sonoramente Jed Midnight, “o senhor é indiscutivelmente o maior acontecimento no mundo do crime desde que Caim inventou o assassinato e o praticou contra Abel”. Pausou, acrescentando de modo enfático, “Considero uma honra me associar ao senhor neste empreendimento.”

“Obrigado, senhor Midnight. E o senhor, sr. Ring?”

Bond tinha suas dúvidas a respeito de Billy Ring. Rabiscara sinais positivos ao lado de todos os nomes exceto nos de Ring e Helmut Springer. Dera um zero a Ring, e um sinal negativo a Springer. Chegara a suas conclusões observando os olhares, as bocas, mãos, mas o indefectível sorriso falso de Risada não revelara nada. O piscar de seu olho direito se mantivera sincronizado como um metrônomo ao seu pulso, e ele mantivera as mãos sob a mesa.

Billy Ring tirara as mãos de sob a mesa e as entrelaçara em cima do veludo verde à sua frente. Por um instante, ficou observando os dois polegares a girar, em seguida ergueu o rosto fantasmagórico para Goldfinger. O tique no olho direito parara. As duas fileiras de dentes começaram a funcionar como os dentes de um boneco de ventríloquo. “Meu amigo...” tinha dificuldade em pronunciar os bês, emes e pês, enunciando-os pelo esticar do lábio superior sobre os dentes, como um cavalo quando come açúcar na mão do dono. “Há muito tempo que meus colegas e eu voltamos à legalidade. Quero dizer que os velhos tempos em que deixávamos os presuntos espalhados em todo canto da paisagem saiu de moda nos anos quarenta. Eu e meus sócios faturamos bem com as garotas, a maconha, as corridas, e quando ficamos na pior sempre temos nossos amigos dos sindicatos para nos passar uns trocados. Sabe, meu amigo” — Risada abriu as mãos e depois voltou a colocá-las entrelaçadas na mesa —, “a gente acha que os velhos tempos passaram. Big Jim Colossimo, Johnny Torrio, Dion O’Bannion, Al Capone — onde estão esses caras hoje? Hum? Meu amigo, eles estão ajudando as margaridas a crescer no quintal. Talvez você não

estivesse por aí quando costumávamos nos esconder, entre uma briga e outra, na Little Bohemia, atrás de Milwaukee. Amizade, naqueles dias as pessoas atiravam umas nas outras tão depressa que muitas vezes você precisava de um livreto para não perder o fio da meada, no meio dos espectadores. Depois, com certeza, as pessoas se cansaram disso — aquelas que já não estavam mortalmente cansadas, se é que me entende — e quando chegam os anos cinquenta e assumo a direção do time, a opinião unânime é que a gente deve abandonar aquela brincadeira com fogos de artifício. E o que acontece agora, meu amigo? Lá vem você propor a mim e a meus colegas que o ajudem a soltar o maior buscapé da história! Então o que devo pensar como resposta à sua proposta, meu amigo — eh — como é mesmo? Sim, é isso aí. Mas todo mundo tem seu preço, não é? — e por um bilhão de dólares, é negócio feito. A gente guarda as bolas de gude e pega de novo os estilingues. Conte com a gente.”

“Risada, por que você leva todo esse tempo para dizer sim?”, comentou, rabugento, o sr. Midnight.

Goldfinger disse cordialmente, “Obrigado por seu depoimento muito interessante, senhor Ring. Fico muito feliz em poder dar as boas-vindas ao senhor e aos seus sócios. Senhor Solo?”

Solo fez uma introdução especial, antes de responder, enfiando a mão no bolso do paletó e dali tirando um barbeador elétrico. Ligou-o. A sala se encheu do zumbido de abelhas zangadas. O sr. Solo inclinou a cabeça para trás e começou a passar o aparelho pensativamente pelo lado direito do rosto, enquanto seus olhos voltados para cima buscavam uma decisão no teto. De repente desligou o aparelho, colocou-o na mesa à sua frente e inclinou a cabeça para baixo e adiante, como uma cobra dando o bote. Seus olhos negros como bocas de pistolas miraram Goldfinger ameaçadoramente, do outro lado da mesa, passando de detalhe em detalhe a grande face de lua. Metade do rosto do sr. Solo parecia agora nu. A outra metade estava sombreada pela barba cerrada, uma coisa bem italiana. Bond apostava que ele precisava se barbear a cada três ou quatro horas. O sr. Solo resolveu então falar. Falou com uma voz que fez a sala se arrepiar. Disse, em voz baixa “Meu amigo, eu o tenho observado. Você é um cara muito descontraído para alguém que fala de coisas tão grandiosas. O último cara tão descontraído assim que eu conheci acabou se descontraindo por completo depois de levar uma rápida rajada de metralhadora. Está certo, está certo.” O sr. Solo se recostou na poltrona. “Entro no negócio. Mas, meu amigo” — fez uma pausa de efeito —, “se a gente não pegar esse bilhão, você é um homem morto. Está bem assim?”.

Os lábios de Goldfinger curvaram-se, irônicos. “Obrigado, senhor Solo. Suas condições são bastante aceitáveis. Desejo, sobretudo, permanecer vivo. Senhor Helmut Springer?”

Os olhos do sr. Springer pareciam mais mortos do que nunca. Falou pomposamente. “Ainda estou considerando o assunto com a máxima atenção. Por favor, consulte meus colegas enquanto delibero.”

Midnight comentou, impaciente, “O mesmo velho Helmut, esperando por aquilo que ele chama de inspiração. É guiado por mensagens do Altíssimo, na frequência dos anjos. Aposto que não ouve uma voz humana há vinte anos.”

“E o senhor Strap?”

Jack Strap estreitou os olhos em direção a Goldfinger. Disse com facilidade, “Meu amigo, acho que você conhece as probabilidades e certamente paga o melhor prêmio desde que deu a louca em uma de nossas máquinas em Vegas e ela começou a distribuir o prêmio máximo sem parar. Acho que, se entrarmos com as armas e a força bruta, essa brincadeira se paga. Pode contar comigo.” O sr. Strap desligou o charme. Seus olhos, novamente ameaçadores, se voltaram agora, junto com os de Goldfinger, para Pussy Galore.

A srta. Galore velou os olhos, para não ser obrigada a olhar nenhum dos dois. Disse de modo indiferente para a sala em geral, “Os negócios não têm andado tão bons no meu cantinho do bosque.” Bateu com as unhas compridas prateadas na barra de ouro à sua frente. “Vejam só, não digo que entrei no limite da minha conta especial no banco. Mas, digamos, estou meio descapitalizada. É isso aí. Então entro nisso de cabeça. Eu e minhas garotas precisamos comer.”

Goldfinger se permitiu um meio sorriso de simpatia. “Excelente notícia, senhorita Galore. E então perguntou, virando-se para encarar a mesa inteira, “Senhor Springer, podemos saber se o senhor já chegou a uma conclusão?”

Springer levantou-se devagar. Deu um bocejo controlado de fã de ópera. Terminou o bocejo com um pequeno arrote. Tirou um belo lenço de linho com o qual enxugou os lábios. Seus olhos vidrados varreram a mesa para finalmente descansar em Goldfinger. Moveu lentamente a cabeça de um lado a outro, como se estivesse tentando eliminar um torcicolo. Disse em tom grave, como um gerente de banco recusando um empréstimo, “Senhor Gold, infelizmente acho que a sua proposta não seria do agrado de meus colegas em Detroit.” Fez uma pequena mesura dirigida a todo mundo. “Só me resta agradecer-lhe por uma ocasião muito interessante. Boa tarde, senhores e

senhora.” No silêncio gelado, Springer enfiou o lenço com cuidado na manga esquerda de seu impecável terno riscado, virou-se e foi andando tranquilamente até a porta, por onde saiu sozinho.

A porta se fechou com um agudo clique. Bond notou que Goldfinger enfiara a mão naturalmente sob a mesa. Apostou que Oddjob receberia o seu sinal. Sinal para quê?

Midnight disse, maldoso, “Estou satisfeito que ele tenha caído fora. É, estritamente falando, um pé-frio danado. E agora”, levantou-se bruscamente, virando-se para Bond, “que tal um pequeno drinque?”.

Todos se levantaram e se reuniram junto ao bufê. Bond se viu entre Pussy Galore e Tilly Masterton. Ofereceu-lhes champanhe. A srta. Galore deu-lhe um olhar frio e disse, “Chega para lá, bonito. Nós garotas queremos trocar segredinhos. Não é, doçura?” A srta. Masterton corou e depois ficou muito pálida. Sussurrou, enlevada, “Pois não, srta. Galore.”

Bond deu um sorriso forçado para Tilly Masterton e se afastou.

Jed Midnight testemunhara a rejeição. Aproximou-se de Bond e disse francamente, “Meu amigo, se essa garota for sua, é melhor vigiá-la. Pussy consegue as garotas que quer. Consume-as aos montes — como cachos de uvas, se é que me entende.” Midnight deu um suspiro cansado. “Meus Deus, como esses sapatões me cansam! Veja só, não demora e ela fará dessa menina gato e sapato.”

Bond respondeu alegremente, “Ficarei de olho. Não há muita coisa que eu possa fazer. Ela é uma garota do tipo independente.”

“Ah, é?”, disse o sr. Midnight com uma centelha de interesse. “Olha, talvez eu possa ajudar a separá-las.” Endireitou a gravata. “Eu podia tentar pegar aquela Masterton. A natureza certamente foi bem generosa com ela. Vejo você por aí.” Deu um sorriso para Bond e saiu para circular pela sala.

Bond estava fazendo uma refeição tranquila de caviar e champanhe, pensando como Goldfinger dirigira bem a reunião, quando a porta na extremidade da sala se abriu e um dos coreanos se aproximou depressa de Goldfinger. Este inclinou a cabeça para ouvir as palavras sussurradas. Seu rosto tornou-se grave. Bateu com o garfo na garrafa de Saratoga Vichy.

“Senhores e senhora.” Deu um olhar triste para o grupo. “Recebi más notícias. Nosso amigo senhor Helmut Springer sofreu um acidente. Caiu na escada. Morreu na hora.”

“Ho, ho!” A risada do sr. Ring não era uma risada. Era um buraco na

cara. “E o que Slappy Hapgood, o segurança dele, tem a dizer sobre isso?”

Goldfinger respondeu, sério, “Infelizmente, o sr. Slapgood também caiu da escada e não resistiu aos ferimentos.”

O sr. Solo olhou para Goldfinger com um novo respeito. Disse baixinho, “Meu amigo, é melhor você consertar essa escada antes que eu e meu amigo Giulio desçamos por ela.”

Goldfinger respondeu, compenetrado. “O defeito já foi localizado. O conserto será feito imediatamente.” Seu rosto ficou pensativo. “Acho que infelizmente esses acidentes serão mal interpretados em Detroit.”

Jed Midnight comentou alegre, “Não precisa nem se preocupar, meu amigo. Adoram enterros por lá. E isso vai tirar um peso das costas deles. O velho Helmut não ia durar muito. Já o vinham fritando durante o último ano.” Perguntou ao sr. Strap, a seu lado. “Não estou certo, Jacko?”

“Com certeza, Jed”, disse sabiamente Strap. “Você pegou bem a coisa. O sr. Helmut M. Springer precisava ser apagado.”

“Apagado.” Quando Bond finalmente foi para a cama naquela noite, não conseguia tirar essa palavra da cabeça. Oddjob recebera o sinal, um toque duplo, e Springer e seu segurança haviam sido apagados. Não havia nada que Bond pudesse ter feito — mesmo se quisesse, e Helmut Springer não significava nada para ele, sendo provável que até merecesse ser apagado —, o problema é que 59.998 pessoas seriam apagadas, se ele, apenas ele, não tomasse alguma providência.

Quando a reunião de cúpula dos gangsteres se dissolvera e cada um partira para se engajar nas suas tarefas, Goldfinger dispensara a garota e mantivera Bond na sala. Mandou Bond fazer anotações e então, por mais de duas horas, recapitulou a operação até os mínimos detalhes. Quando chegaram à parte do narcótico nos reservatórios (Bond precisava elaborar um horário preciso para assegurar que a população de Fort Knox estivesse dopada na hora certa) Bond pedira detalhes sobre a droga e a rapidez de seus efeitos.

“Não precisa se preocupar com isso.”

“Por que não? Tudo depende disso.”

“Senhor Bond.” O olhar de Goldfinger tornou-se distante, introvertido. “Eu lhe direi a verdade porque não terá a oportunidade de passá-la adiante. De agora em diante, Oddjob não se afastará mais de um metro de você e suas ordens serão precisas e severas. Por isso posso lhe assegurar que toda a população de Fort Knox estará morta ou incapacitada até a meia-noite do dia

D-1. A substância a ser colocada no reservatório de água será uma forma altamente concentrada de GB.”

“Você está maluco. Não me diga que vai matar sessenta mil pessoas!”

“Por que não? Os motoristas americanos fazem isso a cada dois anos.”

Bond olhou firme para o rosto de Goldfinger, com um fascínio horrorizado. Não podia ser verdade! Não podia estar falando sério! Perguntou tensamente, “O que é esse GB?”

“GB é o mais poderoso do grupo Trilone de venenos que atacam o sistema nervoso. Foi aperfeiçoado pela Wehrmacht em 1943, mas jamais foi usado por medo de represálias. Na verdade, é uma arma de destruição mais poderosa do que a bomba de hidrogênio. Sua desvantagem reside na dificuldade de aplicá-la à população. Os russos capturaram todo o estoque existente em Dyhernfurth, na fronteira com a Polônia. Amigos meus conseguiram me fornecer a quantidade necessária. A introdução no fornecimento de água é o método ideal de empregá-la em uma área densamente habitada.”

Bond disse, “Goldfinger, você é um tremendo filho de uma — mãe.”

“Não seja infantil. Temos trabalho pela frente.”

Mais tarde, quando chegaram ao problema do transporte das toneladas de ouro para fora da cidade, Bond fez uma última tentativa. Falou, “Goldfinger, você não vai conseguir. Ninguém será capaz de retirar as diversas centenas de toneladas de ouro — muito menos suas quinhentas. Você acabará em uma correria desabalada pela Dixie Highway, dentro de um caminhão, com algumas barras de ouro contaminadas por raios gama e o Exército americano nos seus calcanhares. E terá matado sessenta mil pessoas para quê? A coisa é ridícula. Mesmo se conseguisse retirar uma ou duas toneladas, onde diabos você acha que poderá escondê-las?”

“Senhor Bond.” A paciência de Goldfinger não tinha tamanho. “Acontece que a essa altura um cruzador soviético da classe *Sverdlovsk* estará em Norfolk, Virginia, em uma viagem de boa vontade. Zarpará de Norfolk no dia D-1. Inicialmente de trem, depois por transporte rodoviário, meu ouro chegará ao cruzador até meia-noite do dia D-1. Embarcarei no cruzador até Kronstadt. Tudo foi meticulosamente planejado, todos os possíveis obstáculos previstos. Há cinco anos que vivo para esta operação. Agora chegou a hora de executá-la. Arrumei meus negócios na Inglaterra e na Europa. Os pequenos resíduos que possam restar de minha antiga vida poderão ser aproveitados pelas hienas que em breve virão farejar o meu rastro. Terei partido. Terei

emigrado, senhor Bond, levando o coração de ouro da América comigo. Evidentemente” — Goldfinger foi indulgente — “que essa façanha singular não será perfeita. Não houve tempo suficiente para ensaiarmos. Preciso desses gângsteres canhestros e suas armas, mas não podia abrir o plano para eles até o último momento. Cometerão erros. É possível que tenham muita dificuldade em retirar o seu butim. Alguns serão apanhados, outros mortos. Pouco se me dá. Esses sujeitos são amadores que foram necessários, por assim dizer, para as cenas de multidão. São figurantes, senhor Bond, contratados nas ruas. O que lhes acontecerá depois do filme é algo que não me interessa nem um pouco. E agora, vamos com o trabalho. Precisarei de sete cópias até o cair da noite. Onde estávamos...?”

Então na verdade, refletiu febrilmente Bond, não se tratava apenas de uma operação de Goldfinger, com a SMERSH por trás. Mas a SMERSH conseguira a participação até do Alto Presidium. Era a Rússia contra a América, com Goldfinger como ponta de lança! Seria um ato de guerra roubar algo de outro país? Mas quem saberia que a Rússia tinha o ouro? Ninguém, se o plano corresse conforme a intenção de Goldfinger. Nenhum dos gângsteres tinha a mínima noção do que se tratava. Para eles, Goldfinger era apenas mais um companheiro, mais um gângster, ligeiramente exagerado. E a equipe de Goldfinger, seus motoristas do comboio até o litoral? O próprio Bond e Tilly Masterton? Alguns seriam mortos, inclusive ele e a garota. Alguns, sem dúvida os coreanos, zarpariam no navio. Não deixariam vestígios, nenhuma testemunha. Era pirataria moderna com todos os adereços dos velhos tempos. Goldfinger estava saqueando Fort Knox tal como Morgan, o Sanguinário, saqueara o Panamá. Não havia diferença, só que as armas e as técnicas haviam sido atualizadas.

E só havia um único homem no mundo capaz de impedi-lo. Mas como?

O dia seguinte foi um furacão infundável de trabalho burocrático. A cada meia hora chegava um bilhete da sala de operações de Goldfinger pedindo um esquema disso, cópias daquilo, estimativas, tabelas de horários, listas de lojas. Trouxeram outra máquina de escrever, mapas, livros de consulta — tudo que Bond requisitava. Mas Oddjob não relaxou sequer uma vez o extremo cuidado com que respondia na porta às batidas de Bond, nem mesmo uma vez seus olhos vigilantes deixaram de vasculhar os olhos, mãos, pés de Bond, quando entrava no quarto para trazer refeições, bilhetes, suprimentos. Não havia dúvida quanto à participação de Bond e da garota na equipe. Eram escravos perigosos, e nada mais.

Tilly Masterton era igualmente reservada. Trabalhava como uma

máquina — rápida, de boa vontade, precisa, mas sem ser comunicativa. Reagiu com uma polidez fria às primeiras tentativas de amizade da parte de Bond, à sua tentativa de compartilhar suas ideias com ela. Chegara a noite, ele não conseguira saber nada sobre ela, só que fora uma patinadora de gelo amadora bem-sucedida, entre períodos em que trabalhou como secretária na Unilever. Em seguida começara a conquistar papéis de estrela em espetáculos sobre o gelo. Sua outra atividade preferida era o tiro ao alvo, de pistola e rifle, tendo pertencido a dois clubes de tiro. Tinha poucos amigos. Jamais se apaixonara ou noivara. Vivia sozinha num apartamento de dois cômodos em Earls Court. Tinha vinte e quatro anos. Sim, ela sabia que estavam em uma enrascada terrível. Mas algo surgiria. Esse negócio de Fort Knox era uma besteira. Com certeza não daria certo. Achava a srta. Pussy Galore “divina”. De alguma forma parecia contar com ela para escapar daquela encrenca. As mulheres, com seu jeitinho, eram boas em coisas que exigiam finesse. O instinto lhes dizia o que fazer. Bond não precisava se preocupar com ela. Estaria bem.

Bond chegou à conclusão de que Tilly Masterton era uma dessas garotas com os hormônios confusos. Conhecia bem o tipo e achava que elas e seus correlatos masculinos eram um resultado direto da concessão do direito ao voto dado às mulheres e da “igualdade entre os sexos”. Como resultado de cinquenta anos de emancipação, as qualidades femininas estavam se extinguindo ou se transferindo para os homens. Havia invertidos de ambos os sexos em tudo que é lugar, que sem serem completamente homossexuais, e sim confusos, não sabiam o que eram. O resultado era um rebanho de inadaptados sexuais infelizes — estéreis, cheios de frustrações, as mulheres querendo dominar e os homens querendo ser paparicados. Dava pena, mas também não tinha tempo a perder com eles. Bond sorriu amargamente consigo mesmo ao se lembrar das fantasias que fizera sobre essa garota enquanto cruzavam acelerados o vale do Loire. Entre Deux Seins, uma ova!

E no final do dia chegou um último bilhete de Goldfinger:

Cinco participantes principais e eu partiremos do Aeroporto de La Guardia amanhã de manhã às onze horas, em um voo fretado com um de meus pilotos, para fazermos um reconhecimento aéreo do Grand Slam. Você virá. Masterton fica. G.

Bond sentou na beira da cama e olhou a parede. Em seguida levantou e foi até a máquina de escrever. Trabalhou durante uma hora, datilografando em espaço único, nos dois lados do papel, os detalhes precisos da operação. Dobrou a folha, enrolou-a até ficar um pequeno cilindro do tamanho de seu dedo mindinho e selou-a cuidadosamente com cola. Em seguida, escreveu em um pedaço pequeno de papel:

URGENTE E CRUCIAL. GARANTE-SE UMA RECOMPENSA DE CINCO MIL DÓLARES, SEM PERGUNTAS, A QUEM ACHAR E ENTREGAR ESTA MENSAGEM SEM ABRIR A FELIX LEITER AOS CUIDADOS DA AGÊNCIA DE DETETIVES PINKERTON, 154, NASSAU STREET, NOVA YORK. PAGAMENTO IMEDIATO EM ESPÉCIE NA ENTREGA.

Bond enrolou a mensagem em volta do cilindro, escreveu RECOMPENSA DE \$ 5.000 em tinta vermelha, do lado de fora, e enfiou o pequeno pacote no centro de oito centímetros da fita adesiva. Em seguida sentou de novo na beira da cama e prendeu com cuidado a extremidade da fita adesiva na parte interna da coxa.

20.

VIAGEM AO HOLOCAUSTO

“Senhor, o controle de voo está chamando. Quer saber quem somos. Diz que este espaço é restrito.”

Goldfinger se levantou do assento e foi até a cabine. Bond observou-o pegar o microfone portátil. Sua voz era bem audível por cima do zumbido tranquilo do Beechcraft Executive de dez assentos. “Bom dia. Quem fala é o senhor Gold da Paramount Pictures Corporation. Estamos fazendo uma vistoria autorizada deste território para um filme sobre o célebre ataque Confederado, em 1861, que resultou na captura do general Sherman em Muldraught Hill. Sim, é isso. Cary Grant e Elizabeth Taylor estarão nos papéis principais. O quê? Permissão? Claro que temos permissão. Deixe-me ver” (Goldfinger não consultou nada) “— sim, aqui está. Assinada pelo chefe dos Serviços Especiais do Pentágono. Com certeza, o comandante do Centro de Blindados deverá ter uma cópia. Okay, obrigado. Espero que goste do filme. Até logo.”

Goldfinger apagou a expressão jovial do rosto, entregou o microfone e voltou para a cabine de passageiros. Esticou a perna e ficou olhando para eles. “Bem, senhores e senhora, acham que já viram bastante? Creio que todos hão de concordar que tudo é muito claro e conforme as cópias que vocês têm do mapa da cidade. Não quero descer abaixo dos seis mil. Talvez a gente possa dar mais uma volta e depois ir embora. Oddjob, sirva o lanche.”

Houve um murmúrio de comentários e perguntas que Goldfinger respondeu uma a uma. Oddjob se levantou do seu lugar ao lado de Bond e foi até o fundo. Bond seguiu-o e, debaixo de seu olhar duro e desconfiado, entrou no pequeno banheiro e trancou a porta.

Sentou-se com calma e pensou. Não houve nenhuma oportunidade no caminho até La Guardia. Sentara-se com Oddjob na traseira de um discreto Buick sedã. As portas haviam sido trancadas de fora pelo motorista e as janelas completamente fechadas. Goldfinger fora no assento da frente, com a separação de vidro fechada. Oddjob se sentara ligeiramente de lado, com as mãos calejadas descansando nas coxas, como ferramentas pesadas prontas

para serem usadas. Não tirara os olhos de Bond até o carro ter dado a volta pela divisória e se dirigido aos hangares dos aviões fretados e parado do lado do avião particular. Espremido entre Goldfinger e Oddjob, Bond não tivera alternativa senão subir a escada do avião e tomar seu assento, com Oddjob ao lado. Dez minutos depois, os demais haviam chegado. Não houve comunicação com eles, exceto uma troca de cumprimentos secos. Estavam todos diferentes agora — nada de comentários espirituosos, de conversa desnecessária. Eram homens a caminho da guerra. Até mesmo Pussy Galore, em uma capa preta de Dracon com um cinto preto de couro, parecia uma jovem guarda da SS. Por uma ou duas vezes no avião, voltara-se e olhara Bond de um jeito meio pensativo. Mas não respondera ao seu sorriso. Talvez ela simplesmente não conseguisse compreender como Bond se encaixava naquilo, quem era. Quando voltassem a La Guardia, haveria a mesma rotina. Era agora ou nunca. Mas onde? Entre as folhas de papel higiênico? Mas podiam mexer nelas prematuramente, ou levar semanas para fazê-lo. Esvaziariam o cinzeiro? Talvez não. Mas algo serviria.

Houve uma sacudidela na maçaneta da porta. Oddjob estava ficando nervoso. Talvez Bond estivesse incendiando o avião. Bond gritou, “Já vou, macaco.” Levantou-se e ergueu o assento. Arrancou o pequeno pacote da parte interna da coxa, transferindo-o para a parte de baixo, na frente do assento. O assento precisaria ser levantado para terem acesso ao banheiro químico e esta providência certamente seria tomada assim que o avião voltasse ao hangar. A RECOMPENSA DE \$ 5.000 olhava para ele provocadoramente. Nem mesmo o faxineiro mais apressado deixaria de encontrá-la. Desde que ninguém chegasse antes dele. Mas Bond não achava que qualquer dos passageiros fosse levantar o assento. O pequeno compartimento era por demais apertado para ser confortável. Abaixou o assento em silêncio, lavou o rosto, ajeitou o cabelo e saiu.

Oddjob estava esperando zangado. Empurrou Bond, passou por ele, vasculhou o banheiro com cuidado e saiu, fechando a porta. Bond caminhou de volta a seu assento. Agora o SOS estava dentro da garrafa, e a garrafa fora lançada ao mar. Quem a acharia? Em quanto tempo?

Todo mundo, até o piloto e o copiloto, usou o maldito banheirinho antes de aterrissarem. À medida que cada um saía, Bond esperava sentir a boca fria de uma arma encostada no seu pescoço, as palavras ásperas e desconfiadas, o estalo do papel sendo desenrolado. Mas finalmente estavam de volta ao Buick, atravessando depressa a Triborough, em direção a upper Manhattan, em seguida descendo o rio pela Parkway, entrando pelas portas bem guardadas do armazém e retornando ao trabalho.

Tivera início uma corrida — uma corrida entre a máquina tranquila e eficiente de Goldfinger e o pequeno rastilho de pólvora que Bond acendera. O que estaria acontecendo lá fora? Durante cada hora dos três dias seguintes a imaginação de Bond seguiu o que poderia estar acontecendo — Leiter contatando seu chefe, a reunião, o voo rápido a Washington, o FBI e Hoover, o Exército, o presidente. Leiter insistindo que eles deviam seguir a orientação de Bond, sem fazer nenhuma movimentação suspeita, sem iniciar qualquer investigação, que ninguém se mexesse um centímetro sequer se não fosse de acordo com algum plano mestre para funcionar no dia, pegando o bando todo de uma só tacada, de modo que ninguém escapasse. Aceitariam as sugestões de Bond ou não ousariam se arriscar? Teriam falado com M do outro lado do Atlântico? Teria M insistido que Bond precisava ser salvo de alguma maneira? Não, M compreenderia a situação. Concordaria em desconsiderar a vida de Bond. Que nada atrapalhasse a grande limpeza. Teriam de prender os dois “japoneses”, é claro. Dar um jeito de arrancar deles a mensagem em código pela qual Goldfinger estaria esperando no dia D-1.

As coisas estariam acontecendo assim, ou seria um desastre total? Leiter ausente, em outra missão. “Quem é esse 007? O que isso significa? Algum louco varrido. Oi, Smith verifique isso, por favor. Vá até o armazém e dê uma olhada. Desculpe, amigo, não temos cinco mil dólares para você. Aqui está o dinheiro para a viagem de volta a La Guardia. Infelizmente você foi enganado.”

Ou, pior ainda, nada disso acontecera? Estaria o avião ainda no canto do aeroporto, sem ter passado pela manutenção?

Noite e dia a cabeça de Bond era atacada por esses pensamentos atrozes, enquanto o trabalho era feito, as horas passavam e as engrenagens da máquina mortífera giravam em silêncio. O dia D-1 chegou como um lampejo, trazendo um último esforço de atividade febril. Em seguida, de noite, veio o bilhete de Goldfinger.

Primeira fase da operação bem-sucedida. Embarquem no trem à meia-noite, como planejado. Tragam cópias de todos os mapas, esquemas, ordens executivas. G.

Em formação cerrada, com Bond e Tilly Masterton enfiados no meio — ele em um avental branco de cirurgião, ela de enfermeira —, o contingente de Goldfinger marchou rápido pelo saguão quase vazio da Pennsylvania Station, até o trem especial, à espera. Todo mundo, inclusive Goldfinger, vestia o tradicional jaleco branco e as braçadeiras de uma força-tarefa médica de emergência, e a plataforma mal iluminada estava apinhada das figuras fantasmagóricas dos destacamentos das gangues, esperando. O silêncio e a

tensão eram adequados a uma força médica de emergência que partia correndo para a cena de um desastre, e as macas e as roupas de descontaminação, embarcadas nos compartimentos, acrescentavam um elemento dramático à cena. O superintendente falava baixo com os médicos-chefe nas figuras de Midnight, Strap, Solo e Ring. Pussy Galore estava próxima com uma dúzia de enfermeiras pálidas que esperavam com os olhos tristes como se estivessem à beira de uma sepultura aberta. Sem maquiagem, com seus penteados exóticos metidos nas toucas azul-marinho da Cruz Vermelha, haviam sido bem ensaiadas. Estavam dando um excelente espetáculo — de respeito, solidariedade, dedicação ao alívio do sofrimento humano.

Quando o superintendente avistou Goldfinger e seu grupo se aproximando, apressou-se. “Dr. Gold?”, seu rosto era grave. “Infelizmente as notícias que têm chegado não são boas. Acho que deverão estar nos jornais da noite. Todos os trens estão detidos em Louisville, não há resposta do depósito em Fort Knox. Mas nós faremos com que passem. Meu Deus do céu, doutor! O que está acontecendo lá? As pessoas que chegam de Louisville estão dizendo que os russos andaram pulverizando algo de cima. É claro” — o superintendente deu um olhar intenso para Goldfinger — “que não acredito em *nada* disso. Mas o que será? Intoxicação alimentar?”.

O rosto de Goldfinger era solene. Disse em um tom de voz bondoso, “Meu amigo, é isso que precisamos descobrir. É por isso que nos mandaram ir depressa. Se quiser que eu adivinhe, mas preste atenção, não passa de uma adivinhação, eu diria que é uma forma da doença do sono — tripanossomíase, como a chamamos.”

“É mesmo?” O superintendente ficou impressionado com o som do nome da moléstia. “Bem, creia-me doutor, todos nós temos muito orgulho dos senhores e da força médica de emergência.” Estendeu a mão, que Goldfinger apertou. “Muita sorte, doutor; e agora, por favor, faça seus homens e as enfermeiras embarcarem. Despacharei este trem o mais rápido possível.”

“Obrigado, superintendente. Meus colegas e eu não esqueceremos os seus serviços.” Goldfinger fez uma pequena mesura. Seu contingente se moveu.

“Embarcar!”

Bond se viu em um Pullman com Tilly Masterton, do outro lado da passagem, e os coreanos e alemães todos em volta. Goldfinger estava na frente do trem conversando alegremente com os seus lugares-tenentes. Pussy

Galore passou devagar. Ignorou o rosto erguido de Tilly Masterton e deu a Bond o olhar curioso de sempre. Ouviu-se o barulho de uma porta se fechando. Pussy Galore parou, descansando o braço no espaldar do assento diante de Bond. Olhou para ele. “Olá, bonito. Não te vejo há muito tempo. Seu tio não parece gostar de te deixar muito fora da coleira.”

Bond respondeu, “Olá, bonita. Você fica muito bem nessa roupa. Estou me sentindo meio tonto. Que tal praticar um pouco da sua enfermagem?”

Os olhos violeta profundos o examinaram com cuidado. Ela disse baixinho, “Quer saber, senhor Bond? Tenho a sensação de haver alguma coisa falsa em você. Tenho intuição, sabe? O que fazem vocês exatamente, você e essa boneca” — ela jogou a cabeça para trás —, “neste negócio?”.

“Fazemos todo o trabalho.”

O trem começou a andar. Pussy Galore se endireitou. Disse, “Talvez façam. Mas, se qualquer coisa der errado nessa brincadeira, aposto que é o bonito quem vai saber o porquê. Você me entende?”

Não esperou que Bond respondesse, mas seguiu adiante e se juntou à reunião dos chefes do Estado-Maior.

Foi uma noite confusa, ocupada. Era necessário manter as aparências aos olhos simpáticos do condutor. As reuniões de última hora, para cima e para baixo no trem, precisavam ter o aspecto de reuniões médicas sérias — nada de fumar charuto, nada de praguejar, cuspir. As ciúmeiras e a competição entre as gangues precisavam ser mantidas sob rígido controle. A superioridade fria da Máfia, especialmente em relação a Jack Strap e sua turma mole, de boas-vidas do oeste, poderia ter levado a um conflito armado não estivessem os chefes prontos para encrencas e constantemente de olho na possibilidade delas. Todos esses fatores psicológicos menores haviam sido previstos por Goldfinger, que estava preparado para eles. As mulheres da Cement Mixers foram cuidadosamente segregadas, não se bebeu mais e os chefes das gangues mantinham seus homens ocupados com mais relatórios detalhados sobre a ação, manobras fictícias em mapas e longas discussões sobre a retirada do ouro. Havia uma espionagem informal nos planos uns dos outros e Goldfinger era chamado muitas vezes para julgar a quem deveria caber as rotas até a fronteira do México, até o deserto, até o Canadá. Bond achou espantoso que centenas dos bandidos mais duros da América, agitados e cheios de ganância, pudessem ficar tão quietos. Havia sido Goldfinger quem conseguira o milagre. Além das suas características calmas e perigosas, havia sido a minúcia no planejamento e a segurança irradiada por ele que acalmara os

nervos prontos para a batalha e criara uma espécie de espírito de equipe entre as gangues rivais.

À medida que o galope metálico do trem se estendia pelas planícies da Pennsylvania, os passageiros pegavam aos poucos em um sono conturbado e difícil. Mas não Goldfinger ou Oddjob. Permaneceram acordados e vigilantes, e Bond não demorou a abandonar qualquer ideia que pudesse ter tido de usar as suas facas ocultas em Oddjob, fazendo uma tentativa de fuga quando o trem desacelerasse ao passar por alguma estação ou subida.

Bond cochilou inquieto, imaginando, se interrogando, se espantando com as palavras do superintendente. O superintendente certamente julgou que aquilo era verdade, sabia que Fort Knox enfrentava uma emergência. Seriam essas notícias de Louisville verdadeiras, ou fariam parte do gigantesco contraplano necessário para pegar todos os membros da conspiração na mesma rede? Se fosse um contraplano, qual a meticulosidade com que fora preparado? Alguém escorregaria? Haveria algum erro terrível que avisaria Goldfinger a tempo? E se as notícias fossem verdade, se o veneno tivesse funcionado, o que restaria a Bond fazer?

Bond resolvera uma coisa. Arranjaria um jeito de, na hora agá da agitação, se aproximar de Goldfinger e degolá-lo com uma de suas facas ocultas. O que conseguiria com isso, além do ato particular de vingança? A equipe de Goldfinger acataria a ordem de outra pessoa de armar e disparar a ogiva? Quem seria bastante frio, bastante forte, para substituí-lo? O sr. Solo? Provavelmente. A operação seria parcialmente bem-sucedida, fugiriam com bastante ouro — exceto os homens de Goldfinger, que ficariam perdidos sem sua liderança. E, nesse meio-tempo, a despeito do que Bond pudesse fazer agora, será que sessenta mil pessoas já teriam morrido? Teria havido alguma coisa que ele pudesse ter feito para evitar o desastre? Teria surgido alguma oportunidade de matar Goldfinger? Teria adiantado alguma coisa ter feito um escândalo na Pennsylvania Station? Bond olhou o seu reflexo escuro na janela, ouviu o doce tilintar das campainhas das passagens de nível, o uivo da buzina de ar comprimido abrindo caminho, e torturou seus nervos com dúvidas, problemas, perguntas.

21.

O HOMEM MAIS RICO DA HISTÓRIA

Lentamente a aurora vermelha raiou sobre a planície infindável de capim escuro, que adquiria aos poucos o célebre azul do Kentucky à medida que o sol aplainava as trevas. Às seis horas o trem começou a diminuir a velocidade e em breve já rodavam pelos subúrbios de Louisville, que acordavam então, para vir parar, com um suspiro dos freios hidráulicos, na estação ecoante, quase deserta.

Um pequeno grupo respeitoso os esperava. Goldfinger, de olheiras pela noite não dormida, chamou um dos alemães, pegou sua pequena sacola preta que impunha respeito e desceu na plataforma. Houve um breve e sério conclave, em que o superintendente de Louisville falava e Goldfinger interpunha algumas perguntas, meneando gravemente a cabeça diante das respostas. Goldfinger voltou cansado ao trem. O sr. Solo recebera a incumbência de pegar o relatório. Ficou na porta aberta do Pullman. Bond ouviu Goldfinger dizendo com um ar triste, “Infelizmente, doutor, a situação é tão grave quanto temíamos. Agora irei para a locomotiva da frente levando isto”, disse, erguendo a sacola preta, “e entraremos devagar na área contaminada. Por favor, diga ao pessoal da equipe que estejam prontos para botar suas máscaras. Tenho máscaras para o maquinista e o foguista. Todos os outros funcionários da ferrovia deixarão o trem aqui”.

O sr. Solo meneou a cabeça de modo solene. “Certo, professor.” Fechou a porta. Goldfinger se afastou, caminhando pela plataforma, seguido pelo seu capanga alemão e o grupo respeitoso, cheio de medidas.

Houve uma breve pausa e depois silenciosa, quase reverentemente, o longo trem partiu sibilante da estação, deixando o pequeno grupo de funcionários, agora reforçado por quatro condutores com expressões meio envergonhadas, com as mãos erguidas em agradecimento por aquela bênção.

Cinquenta e seis quilômetros, apenas meia hora para chegar! Foram trazidos café e bolinhos pelas enfermeiras e (Goldfinger pensava em tudo) cento e trinta miligramas de dexedrina para aqueles cujos nervos o exigissem. As enfermeiras estavam pálidas, caladas. Ninguém fazia piadas, comentários

espirituosos. O trem estava eletrizado de tensão.

Depois de dez minutos houve uma súbita diminuição de velocidade e um forte chiado dos freios. O café derramou. O trem quase parou. Em seguida, retomou com um tranco a velocidade. Uma nova mão passara a substituir a mão do maquinista morto nos controles.

Alguns minutos depois, Strap veio correndo pelo trem. “Faltam dez minutos! Levante-se, pessoal! Esquadrões A, B e C, ponham seu equipamento. Tudo está correndo bem. Fiquem calmos. Lembrem de suas responsabilidades.” Saiu depressa para o compartimento seguinte e Bond ouviu-o repetir a mensagem.

Bond virou-se para Oddjob. “Escuta aqui, seu macaco. Vou ao banheiro e provavelmente a srta. Masterton também.” Voltou-se para a garota. “Que tal, Tilly?”

“Sim”, respondeu desanimada, “acho melhor”.

Bond disse, “Então, vá.”

O coreano ao lado da garota deu um olhar de interrogação para Oddjob. Este sacudiu a cabeça.

Bond falou, “A não ser que você a deixe em paz, começarei uma briga agora. Goldfinger não gostará disso.” Virou-se para a garota, “Vá, Tilly. Pode deixar que cuido desses macacos.”

Oddjob emitiu uma série de rosnados e latidos, que os outros coreanos pareceram compreender. O guarda se levantou e disse, “Está bem, mas sem trancar a porta.” Seguiu a garota pelo Pullman e ficou à espera de que ela saísse.

Oddjob fez a mesma coisa com Bond. Depois de entrar, Bond descalçou o sapato direito, tirou a faca e enfiou-a na cintura. Um sapato perdera o salto, mas ninguém notaria isso naquela manhã. Bond se lavou. O rosto no espelho estava pálido e os olhos cinza-azulado encovados pela tensão. Saiu e voltou para o seu lugar.

Uma luz fraca surgia a distância, à direita, e um indício de prédios baixos a se erguer como miragens na neblina baixa do início da manhã. Aos poucos eles foram se definindo como hangares, com uma torre atarracada de controle. Aeroporto de Godman! O uivo baixo e abafado do trem diminuiu. Algumas vilas cômodas e modernas, de um novo condomínio, passaram lentamente. Pareciam vazias. À esquerda, a película preta da Brandenburg Station Road. Bond ergueu a cabeça. A extensão reluzente e moderna de Fort Knox parecia

quase macia na leve neblina. Acima do perfil desigual dos prédios, o ar era cristalino — nenhum vestígio de fumaça, nenhum café da manhã sendo feito! O trem diminuiu a marcha até o ritmo de um homem a correr. Em Station Road houve um acidente de carro feio. Os dois carros pareciam ter batido de frente. O corpo de um homem jazia meio estendido para fora de uma porta arreventada. O outro carro estava virado para cima, como um besouro morto. O coração de Bond bateu forte. A principal casamata do sinaleiro se aproximou e passou. Algo branco estava jogado sobre as alavancas. Era a camisa de um homem. Vestido por ele havia um corpo meio caído, com a cabeça abaixo do nível das janelas. Uma série de chalés modernos. Um corpo, de calças e camiseta, jaz de bruços no meio de um gramado aparado. As linhas da grama eram belas e precisas até que, perto do sujeito, o cortador fizera um floreio feio e parara de lado, na terra recém-revirada da borda. Uma linha de varal arreventada quando a mulher tentara se agarrar nela. A mulher jazia em cima de uma pilha branca, em uma extremidade da corda bamba cheia das roupas de baixo da família, panos e toalhas. E agora o trem avançava a passo para a cidade, e em todo canto, em todas as ruas e calçadas, havia essas figuras estendidas — individualmente, em grupos, em cadeiras de balanço nas varandas, no meio de encruzilhadas onde os sinais ainda trocavam de cor, em carros que haviam conseguido estacionar, em outros que haviam batido nas vitrines. A morte! Cadáveres em todo canto. Nenhum movimento, nenhum ruído exceto o clique-claque dos pés de ferro do assassino, enquanto seu trem deslizava pelo cemitério.

Começou então a haver uma movimentação nos vagões. Billy Ring passou rindo enormemente. Parou no assento de Bond. “Puxa vida!”, exclamou, entusiasmado, “o velho Goldie certamente lhes aplicou o ‘boa noite Cinderela’! Pena que alguns tivessem saído quando o efeito funcionou. Mas você conhece o velho ditado sobre as omeletes: não se pode fazê-las sem quebrar os ovos, não é?”.

Bond deu uma risada contida. “É isso mesmo.”

Billy Ring deu sua risada num O silencioso e seguiu adiante.

O trem passou devagar pela estação de Brandenburg. Agora havia uma porção de corpos — de homens, mulheres, crianças, soldados. A plataforma estava apinhada deles, com os rostos virados para cima, de bruços na poeira, virados de lado. Bond buscou algum movimento, um olhar interrogativo, um espasmo de mão. Nada! Espera! O que era aquilo? Um chorinho fino, quase um miado, que entrava pela janela fechada. Três carrinhos de bebê estavam encostados na bilheteria, com as mães desmaiadas ao lado. Claro! Os bebês

nos carrinhos deviam ter bebido leite, e não a água mortífera.

Oddjob se levantou. E também toda a equipe de Goldfinger. Os rostos dos coreanos eram impassíveis, iguais, somente seus olhos piscavam constantemente como animais nervosos. Os alemães estavam pálidos, severos. Ninguém olhava para os outros. Fizeram fila, calados, na saída, à espera.

Tilly Masterton puxou a manga do casaco de Bond. Sua voz tremia. “Você tem certeza de que estão só dormindo? Achei ter visto uma espécie... uma espécie de espuma na boca de alguns.”

Bond vira a mesma coisa. Uma espuma rosada. Comentou, “Acho que alguns deviam estar comendo balas ou alguma coisa quando caíram no sono. Você sabe como são esses americanos — sempre mascando algo.” E disse em voz baixa as palavras seguintes. “Fique longe de mim. Pode haver tiroteio.” Deu-lhe um olhar intenso para ver se ela compreendera.

Ela fez um sinal obtuso com a cabeça, sem olhar para ele. Sussurrou do canto da boca, “Ficarei perto de Pussy. Ela cuidará de mim.”

Bond deu-lhe um sorriso e disse “Ótimo”, para encorajá-la.

O trem clicou em cima de alguns desvios e diminuiu até parar. Ouviu-se o toque da buzina da locomotiva. As portas se abriram e os diferentes grupos desceram na plataforma do desvio do Depósito do Ouro.

Tudo funcionou com precisão militar. Os vários esquadrões se formaram em ordem de combate — primeiro um grupo de assalto munido de submetralhadoras, em seguida os carregadores de maca para retirar a guarda e outros funcionários da caixa-forte (certamente, um refinamento desnecessário a essa altura, pensou Bond), em seguida a equipe de demolição de Goldfinger — dez homens com seu pacote volumoso coberto por uma lona —, depois um grupo misto de motoristas avulsos e controladores de tráfego, em seguida o grupo de enfermeiras, todas armadas com pistolas, que devia permanecer ao fundo, junto com um grupo de reserva munido de armamento pesado, para lidar com qualquer interferência inesperada de alguém que, como disse Goldfinger, “pudesse acordar”.

Bond e a garota haviam sido incluídos no grupo de comando, formado por Goldfinger, Oddjob e os cinco líderes das gangues. Deveriam ficar nos tetos nivelados das duas locomotivas a diesel, localizadas, conforme planejado, além dos prédios dos desvios e com uma visão total do objetivo e de seus acessos. Bond e a garota deviam cuidar dos mapas, dos horários e do cronômetro, e Bond ficaria de olho nos atrasos, nos erros, para informá-los imediatamente a Goldfinger, que os retificaria falando pelo rádio com os

líderes dos esquadrões. Na hora em que a bomba fosse deflagrada, eles se abrigariam atrás das locomotivas.

Soaram dois toques da buzina de ar comprimido e, enquanto Bond e a garota subiam para ocupar sua posição no teto da primeira locomotiva, o esquadrão de assalto, seguido dos demais, correu pelos vinte metros de espaço aberto entre a estação e Bullion Boulevard. Bond esgueirou-se para ficar o mais próximo possível de Goldfinger, que olhava de binóculos. Sua boca estava perto do microfone preso a seu peito. Mas Oddjob se interpunha entre eles, um sólido colosso de carne, e seus olhos, que não se interessavam pelo ataque, jamais deixavam Bond e a garota.

Bond, sob o pretexto de examinar sua pasta de mapas e ficar de olho no cronômetro, avaliava polegadas e ângulos. Olhou para o grupo vizinho de quatro homens e a mulher. Estavam de olhos fixos na cena diante deles. Jack Strap declarou, “Passaram pelos primeiros portões.” Bond, dedicando metade de sua atenção aos próprios planos, deu uma rápida olhada no campo de batalha.

Era uma cena extraordinária. No centro, agachado, ficava o mausoléu enorme, com o sol brilhando no granito polido de seus muros. Do lado de fora, o enorme campo em que ele se situava, as ruas — Dixie Highway, Vine Grove e Bullion Boulevard — apinhadas de caminhões e carretas, o primeiro e o último veículo de cada comboio portando a bandeira própria de cada gangue. Os motoristas estavam agrupados contra o abrigo do muro da casa-forte, enquanto os esquadrões disciplinados saídos do trem penetravam em ondas pelo portão principal. Fora deste universo de ação, reinava um silêncio absoluto, como se o resto da América prendesse o fôlego diante do crime gigantesco que estava sendo cometido. E do lado de fora jaziam os corpos dos soldados, espalhados onde caíram — as sentinelas ao lado de suas casamatas, segurando ainda suas pistolas automáticas e, dentro do muro de proteção, dois esquadrões desordenados de soldados em uniforme de campanha. Jaziam em pilhas vagas e disformes, alguns corpos atravessados e outros em cima de seus vizinhos. Lá fora, entre Bullion Boulevard e o portão principal, dois blindados haviam colidido, e agora lá estavam atrelados, com uma metralhadora pesada apontada para o chão, e a outra apontada para o céu. O corpo de um condutor jazia esparramado para fora da torre de um dos veículos.

Bond procurou desesperadamente um sinal de vida, um sinal de algum movimento, alguma pista de que tudo isso era uma armadilha bem preparada. Nada! Nem um gato se mexia, nenhum ruído vinha dos prédios agrupados que

formavam o pano de fundo desta cena. Somente os esquadrões corriam na execução de suas tarefas, ou então ficavam à espera, dispostos segundo o que fora planejado.

Goldfinger falou baixo no seu microfone. “Que saia a última maca. Esquadrão da bomba, prepare-se. Busquem abrigo.”

Agora a tropa de cobertura e os carregadores de maca corriam em direção à saída, abaixando-se sob o abrigo do muro de proteção. Haveria um lapso de cinco minutos para limpar toda a área antes que o esquadrão da bomba, agora agrupado e à espera no portão principal, entrasse.

Bond disse eficientemente, “Estão um minuto adiantados.”

Goldfinger olhou por cima do ombro de Oddjob. Os olhos claros luziam. Fitaram Bond. Goldfinger retorceu a boca em um rosnado feroz. “Está vendo, senhor Bond. O senhor estava errado e eu estava certo. Dentro de dez minutos serei o homem mais rico do mundo, o homem mais rico da história! O que me diz disso?” Sua boca cuspiu as palavras.

Bond respondeu calmamente, “Eu lhe direi alguma coisa depois de passarem esses dez minutos.”

“Ah, é?”, disse Goldfinger. “Quem sabe.” Consultou o relógio e falou rápido ao microfone. O esquadrão de Goldfinger trotava lentamente pelo portão principal, carregando seu fardo pesado em uma rede presa nos ombros de quatro homens.

Goldfinger olhou além de Bond, para o grupo que estava no teto da segunda locomotiva, gritando triunfante, “Mais cinco minutos, senhores, então precisaremos nos abrigar.” Virou seu olhar para Bond, acrescentando em voz baixa “E então nos despediremos, senhor Bond. Obrigado pela ajuda que o senhor e a garota me deram.”

Do canto do olho Bond viu algo que se mexia — mexia no céu. Era um ponto negro que girava. Alcançou o cume de sua trajetória, deu uma parada e então fez-se ouvir o estrondo ensurdecedor de um foguete de sinalização.

O coração de Bond deu um pulo. Um rápido olhar mostrou as fileiras de soldados mortos ressuscitando, as metralhadoras dos blindados atrelados girando para cobrir os portões. Um alto-falante berrou de algum canto, “Fiquem onde estão. Larguem suas armas.” Mas houve um estalejar inútil vindo de um esquadrão de cobertura na retaguarda, e então o mundo veio abaixo.

Bond pegou a garota pela cintura e pulou com ela. Era uma queda de

mais de três metros até a plataforma. Amparou sua queda com a mão esquerda e puxou a garota para ela ficar de pé, com uma sacudidela do quadril. Quando começou a correr, abrigando-se junto ao trem, ouviu o grito de Goldfinger, “peguem e matem os dois”. Uma chuva de balas da automática de Goldfinger picotou o cimento à esquerda. Na posição em que estava ele precisava atirar com a mão esquerda. Era Oddjob que Bond temia. E ao descer a plataforma em disparada puxando a garota pela mão, ouviu o tropel acelerado de pés correndo.

A mão da garota queria se libertar. Gritou zangada: “Não, não. Pare! Quero ficar perto de Pussy. Ficarei segura com ela.”

Bond gritou de volta, “Cale a boca, não seja idiota! Corra como o diabo!” Mas ela agora resistia a ele, diminuindo sua velocidade. De repente libertou a mão e fez menção de correr para a porta aberta de um Pullman. Deus do céu, pensou Bond, estragou tudo! Arrancou a faca da cintura, e virou-se para enfrentar Oddjob.

A dez metros de distância, Oddjob mal deteve sua arremetida. Arrancou com uma das mãos seu ridículo e mortífero chapéu, mirou, e a meia-lua preta de aço cantou no ar. Sua borda atingiu a garota exatamente na nuca. Sem um ruído, ela caiu para trás na plataforma, no caminho de Oddjob. Este obstáculo bastou para desequilibrar o chute alto que começara a dar em direção à cabeça de Bond. Transformou o chute em um pulo, com a mão esquerda cortando o ar como uma espada. Bond se abaixou, golpeando para cima e para o lado com a faca. Atingiu o alvo em algum ponto perto das costelas, mas o ímpeto do corpo alado arrancou a faca de sua mão. Ouviu-se um tilintar na plataforma. Agora Oddjob voltava a atacá-lo, aparentemente ileso, com as mãos esticadas e os pés dobrados para trás, prontos para outro pulo ou outro chute. Seu sangue fervia. Os olhos estavam vermelhos e havia um pouco de saliva na boca aberta, ofegante.

Sobrepondo-se às explosões e ao matraquear das armas do lado de fora da estação, ouviu-se três toques da buzina de ar comprimido da locomotiva. Oddjob rosnou zangado e pulou. Bond mergulhou com todo o corpo de lado. Algo acertou um golpe gigantesco no seu ombro, que o arremessou longe, estatelado. Agora, pensou ao atingir o chão, vem o golpe mortal! Levantou-se com o pescoço enterrado nos ombros para amenizar o impacto. Mas nenhum golpe veio e os olhos aturdidos de Bond perceberam a figura de Oddjob, que se afastava dele, voando pela plataforma.

A primeira locomotiva já se movia. Oddjob alcançou-a, pulando no estribo. Em seguida subiu na cabine e a enorme máquina aerodinâmica

ganhou velocidade.

Atrás de Bond, a porta do chefe da estação abriu-se com violência. Ouviu-se o pisoteio de pés que corriam e um grito de “Santiago!” — grito de guerra de Cortez, que Leiter certa vez atribuía a Bond, de brincadeira.

Bond girou o corpo. O texano de cabelo cor de palha, vestido com seu uniforme de guerra dos fuzileiros, corria pela plataforma, seguido por uma dúzia de homens vestidos de cáqui. Carregava uma bazuca pequena pelo gancho de aço que funcionava como prótese de sua mão direita. Bond correu para encontrá-lo. Disse, “Não mate minha raposa, seu filho da mãe. Me dê aqui.” Arrancou a bazuca da mão de Leiter e jogou-se sobre a plataforma, abrindo as pernas. A locomotiva estava agora a duzentos metros de distância, prestes a atravessar a ponte sobre a Dixie Highway. Bond gritou, “Afastem-se!”, para afastar os homens da linha de recuo da chama, destravou a arma e mirou com cuidado. A bazuca estremeceu ligeiramente e o foguete de quatro quilos, capaz de perfurar blindagens, voou. Houve um clarão e uma nuvem de fumaça azul. Alguns fragmentos de metal voaram da traseira da locomotiva que corria. Mas a essa altura já atravessara a ponte, fizera a curva e sumira.

“Nada mau para um recruta”, comentou Leiter. “Talvez tenha danificado a locomotiva de trás, mas essas máquinas funcionam em dupla e ele conseguirá prosseguir com o motor dianteiro.”

Bond se levantou. Sorriu calorosamente para os olhos de falcão cor de ardósia. “Seu idiota desajeitado”, disse sarcasticamente, “por que, diabos, não bloqueou essa linha?”.

“Escuta aqui, detetivezinho. Se tiver algo a reclamar sobre a direção de cena pode ir se queixar ao presidente. Foi ele quem assumiu pessoalmente o comando da operação e correu tudo às mil maravilhas. Há um avião de reconhecimento aí em cima agora. Vai rastrear a locomotiva e teremos o velho lourinho no xilindró até o meio-dia. Como é que a gente ia saber que ele ficaria no trem?” Ele interrompeu e deu uma palmada entre as omoplatas de Bond. “Que diabo, é bom te ver. Esses homens e eu fomos destacados para lhe dar proteção. A gente andou se esquivando, procurando você, levando tiros dos dois lados por esse trabalho todo.” Virou-se para os soldados. “Não é verdade, homens?”

Riram. “Com certeza, capitão.”

Bond olhou com afeto para o texano, com quem compartilhara tantas aventuras. Disse seriamente, “Deus te abençoe, Felix. Você sempre foi bom em salvar minha vida. Mas desta vez quase foi tarde demais. Infelizmente

Tilly Masterton não teve a mesma sorte.” Caminhou ao lado do trem, com Felix nos calcanhares. A pequena figura jazia esparramada onde caíra. Bond ajoelhou-se ao seu lado. Bastava constatar o ângulo de boneca quebrada que a cabeça fazia. Sentiu seu pulso. Levantou-se. Disse baixinho, “Pobre desgraçada. Não tinha muita consideração pelos homens.” Olhou defensivamente para Leiter. “Felix, eu poderia tê-la salvo, se ela apenas tivesse me seguido.”

Leiter não compreendeu. Pôs a mão no braço de Bond e disse, “Está certo, cara. Fique calmo.” Virou-se para seus homens. “Dois de vocês carreguem a garota para o escritório do chefe da estação, ali. O’Brien, vá chamar a ambulância. Depois disso, vá ao posto de comando e explique os fatos para eles. Diga que achamos o comandante Bond e que logo o levaremos para lá.”

Bond ficou ali olhando o pequeno emaranhado vazio de membros e roupas. Viu a garota viva e orgulhosa com o lenço de bolinhas, voando baixo no TR3. Agora se fora.

No alto, acima de sua cabeça, um ponto giratório se alçava no ar. Alcançou o cume de sua trajetória e parou. Em seguida ouviu-se o forte estrondo do sinalizador. Era o cessar-fogo.

22.

O ÚLTIMO EXPEDIENTE

Passaram-se dois dias. Felix Leiter costurava velozmente com o Studillac preto pelo tráfego preguiçoso na Tribourough Bridge. Havia muito tempo para pegar o avião de Bond, o Monarch noturno da BOAC para Londres, mas Leiter gostava de contradizer a má opinião de Bond sobre os carros americanos. O gancho de aço que usava no lugar da mão direita jogou a alavanca de marchas para a segunda, e o carro preto e baixo deu um pulo adiante para ocupar o espaço apertado entre um caminhão frigorífico e um Oldsmobile lento, cujo vidro de trás estava quase tapado por adesivos de férias.

O corpo de Bond foi jogado com força para trás pelo tranco dos trezentos cavalos, e seus dentes se fecharam com um estalo. Depois que a manobra terminara e as buzinas zangadas atrás deles haviam cessado, Bond disse brandamente, “Já é hora de você superar a etapa da categoria carrinho de criança e comprar uma carruagem expressa. É preciso progredir. Pedalar envelhece a gente. Um dia desses você deixa de andar inteiramente, e quando deixamos de andar, começamos a morrer.”

Leiter riu. Disse, “Está vendo aquele sinal verde lá na frente? Aposto que chego lá antes do vermelho.” O carro pulou para a frente como se tivesse recebido um chute. Houve um curto hiato na vida de Bond, uma impressão de fuga como a da narceja quando é alvejada, de um paredão de aço feito de carros que de algum modo se abriu diante das fustigadas da buzina tripla de Leiter, pelos cem metros quando o velocímetro chegou aos cento e quarenta e eles já haviam passado o sinal e rodavam agora calmamente pela pista do centro.

Bond comentou tranquilamente, “Se você encontrar o policial errado, esse distintivo seu da Pinkerton não adiantará nada. Será multado, não tanto porque dirige devagar, e sim porque prende o tráfego que vem atrás. O tipo de carro que você precisa é um velho e simpático Rolls Royce, modelo Silver Ghost, com grandes janelas de vidro espelhado para você poder apreciar as belezas naturais” — Bond fez um gesto em direção a um ferro-velho à direita.

“Velocidade máxima, oitenta, consegue parar e até dar marcha a ré, se você quiser. Buzina com pera de borracha. Combina com seu estilo descansado. Aliás, um deles entrará no mercado em breve — o de Goldfinger. E por falar nisso, que diabo aconteceu com ele? Ainda não o pegaram?”

Leiter consultou o relógio e foi pegando a pista externa. Diminuiu a velocidade do carro para sessenta. Disse sério, “Para dizer a verdade, estamos todos um pouco preocupados. Os jornais, ou melhor, a turma de Edgar Hoover, estão nos alfinetando como o diabo. Primeiro implicaram com a operação de segurança voltada para você. Não podíamos dizer que não era nossa culpa e que alguém em Londres, um velho inglês chamado M, insistira nisso. Por isso estão se vingando. Dizem que estamos fazendo cera e assim por diante. E eu te digo, James” — a voz de Leiter era melancólica, apologética —, “não temos nenhuma pista. Depois de pegar aquela locomotiva, Goldfinger programou os controles para manter uma velocidade de cinquenta e deixou que ela continuasse a correr pela linha. Em algum ponto, ele e o coreano desceram, e provavelmente a Galore e os quatro bandidos também, porque sumiram. Encontramos seu comboio de caminhões, é claro, esperando na rodovia rumo ao leste, que sai de Elizabethville. Mas nenhum motorista, eles estão provavelmente espalhados, sendo que Goldfinger e um time da pesada continuam escondidos. Não chegaram ao cruzador *Sverdlovsk*, em Norfolk. Pusemos guardas à paisana no cais e eles relataram que ele zarpou cumprindo a agenda, sem o embarque de nenhuma pessoa estranha. Não apareceu sequer um gato naquele armazém no East River e ninguém apareceu em Idlewild ou na fronteira — do México e do Canadá. Aposto que Jed Midnight deu um jeito de levá-los para Cuba. Se tiverem pegado dois ou três caminhões do comboio e dirigido como o diabo, podem ter chegado à Flórida, em algum lugar como Daytona Beach, nas primeiras horas do dia D-1. Midnight é muitíssimo bem organizado lá. A Guarda Costeira e a Força Aérea fizeram o máximo, mas nada surgiu ainda. Podem também ter se escondido de dia e ido para Cuba à noite. Isto deixou todo mundo bastante preocupado, sem falar que o fato de o presidente estar transtornado de raiva não ajuda em nada”.

Bond passara o dia anterior pisando em um dos tapetes mais vermelhos e grossos de Washington. Houve discursos no escritório da Casa da Moeda, um almoço com gente importante no Pentágono, quinze minutos constrangedores com o presidente, e o resto do dia de trabalho duro com uma equipe de estenógrafas no conjunto de escritórios de Edgard Hoover, acompanhado por um colega de Bond da estação A. No final, uns rápidos quinze minutos de conversa com M no codificador transatlântico da embaixada. M lhe contara os

últimos acontecimentos no lado europeu do caso. Tal como esperara Bond, o telegrama de Goldfinger para a Universal Export fora tratado como uma emergência. Fizeram buscas nas fábricas de Reculver e Coppet e encontraram provas adicionais do negócio de contrabando. O governo indiano fora avisado sobre o avião da Mecca que já se encontrava a caminho de Bombaim, e esse ramo da operação estava em vias de ser solucionado. A Brigada Especial Suíça achara o carro de Bond rapidamente e conseguira descobrir o caminho pelo qual Bond e a garota haviam sido levados para a América, mas ali, em Idlewild, o FBI perdera a pista. M parecia satisfeito com a maneira como Bond lidara com a Operação Grand Slam, mas disse que o Banco da Inglaterra o estava aborrecendo sobre os vinte milhões de libras em ouro de Goldfinger. Goldfinger acumulara este montante no Paragon Safe Deposit Co. em Nova York, mas retirara tudo no dia D-1. Ele e seus homens haviam feito isso em um caminhão coberto. O Banco da Inglaterra já tinha um mandado para impugnar o ouro quando este fosse encontrado e depois haveria um processo para provar que ele fora contrabandeado da Inglaterra, ou pelo menos que havia sido originalmente ouro contrabandeado, valorizado por várias transações duvidosas. Mas isso agora estava nas mãos do Tesouro Americano e do FBI e, já que Bond não tinha jurisdição para atuar na América, era melhor vir imediatamente para casa para ajudar a ajeitar as coisas. Ah, sim — no final da conversa a voz de M parecera meio ríspida —, houve um pedido muito amável ao primeiro-ministro para permitir que Bond recebesse a medalha norte-americana de Honra ao Mérito. É claro que M foi obrigado a explicar, através do primeiro-ministro, que o Serviço não era chegado a essas coisas — especialmente da parte de países estrangeiros, não importa quão amistosos fossem. Uma pena, mas M sabia que era isso que Bond haveria de esperar. Conhecia as regras. Bond respondeu que sim, é claro, muito obrigado, e que tomaria o próximo avião para casa.

Agora, enquanto desciam tranquilamente de carro a Van Wyck Expressway, Bond sentia uma vaga insatisfação. Não gostava de deixar fios soltos no término de um caso. Nenhum dos grandes gângsteres havia sido posto na cadeia e ele fracassara nas duas tarefas a que se propusera, pegar Goldfinger e seu ouro. Fora quase um milagre a desarticulação da Operação Grand Slam. Só dois dias antes é que o Beechcraft havia passado pela manutenção e o funcionário que encontrara o bilhete só chegara à Pinkerton meia hora antes do embarque previsto de Leiter para a Costa Oeste, onde ia investigar um grande escândalo no turfe. Mas então Leiter realmente pisara fundo — indo até seu chefe, em seguida ao FBI e depois ao Pentágono. O conhecimento que o FBI tinha da ficha de Bond mais o contato com M através da CIA tinham bastado para que todo esse caso fosse levado ao

presidente dentro de uma hora. Depois disso tudo se resumira em articular um enorme blefe, do qual haviam participado, de um modo ou de outro, todos os habitantes de Fort Knox. Os dois “japoneses” haviam sido presos com bastante facilidade, tendo o Departamento de Armas Químicas confirmado que o litro e meio de GB que eles carregavam como gim nas suas valises teria sido suficiente para matar toda a população de Fort Knox. Os dois foram rapidamente interrogados e forçados a revelar o conteúdo do telegrama de confirmação a ser enviado a Goldfinger. O telegrama fora enviado. Em seguida o exército declarara estado de emergência. Os bloqueios aéreos e rodoviários haviam retido e desviado todo o tráfego na área de Fort Knox, exceto os comboios dos gângsteres, que não haviam sido importunados. O resto foi tudo teatro, até a espuma rosa e os bebês chorões, criados para dar alguns belos toques de verossimilhança.

Tudo acabara de modo muito satisfatório no que concerne a Washington, mas o que dizer do lado inglês? Quem na América se importava com o ouro do Banco da Inglaterra? Quem se importava que duas garotas inglesas tivessem sido assassinadas no decorrer desse negócio? Quem realmente se importava que Goldfinger estivesse em liberdade agora que o ouro americano estava novamente em segurança?

Seguiram preguiçosamente pela planície insípida de Idlewild, passando pelos esqueletos de aço e concreto de dez milhões de dólares que haveriam de ser um dia um aeroporto, encostando do lado de fora do ajuntamento provisório de caixas de concreto que Bond conhecia tão bem. As vozes polidas e metálicas já os alcançavam. “A Pan American World Airways anuncia a partida do voo PA 100 de seu Presidente”, “Transworld Airways chamando o capitão Murphy. Capitão Murphy, por favor”. E as vogais macias e a dicção aflautada da BOAC, “A BOAC anuncia a chegada de seu voo BA 491, das Bermudas. Os passageiros desembarcarão no portão nove.”

Bond pegou sua mala e se despediu de Leiter. Disse, “Muito obrigado por tudo, Felix. Escreva para mim todo dia.”

Leiter apertou sua mão musciosa. Falou, “Pode deixar, garoto. E vá com calma. Diga àquele velho filho da mãe do M para mandá-lo de volta rápido. Na sua próxima visita vamos tirar umas férias da bagunça. Já é hora de você visitar meu estado natal. Gostaria que conhecesse meu poço de petróleo. Bom, até logo.”

Leiter entrou no carro e acelerou, se afastando da entrada. Bond ergueu sua mão. O Studillac derrapou na pista seca que dava para a estrada de acesso. Houve um brilho do gancho de aço de Leiter do lado de fora da janela,

acenando em resposta, e ele se foi.

Bond suspirou. Pegou sua mala, entrou e foi até o balcão da BOAC.

Bond não ligava para os aeroportos, desde que estivesse sozinho. Tinha meia hora de espera, e se dava por muito satisfeito em flunar entre a multidão, tomar um uísque com soda no restaurante e passar algum tempo escolhendo algo para ler, na livraria. Comprou o *Modern Fundamentals of Golf*, de Ben Hogan, e o mais recente Raymond Chandler, e depois foi até a loja de lembranças, em busca de alguma bugiganga divertida para levar para sua secretária.

Uma voz de homem começou a falar no sistema de som da BOAC. Recitou uma longa lista dos passageiros chamados a comparecer ao balcão de passagens. Dez minutos depois Bond comprava uma das esferográficas mais recentes e caras, quando ouviu o próprio nome ser chamado. “Pedimos que o senhor James Bond, passageiro do Monarch da BOAC, voo 510 para Gander e Londres, que compareça por favor ao balcão da BOAC. Senhor James Bond, por favor.” Tratava-se obviamente daquele formulário infame do imposto de renda para que declarasse o quanto ganhara durante sua estada na América. Em princípio, Bond jamais fora ao Fisco em Nova York para obter uma certidão negativa, e só tivera que discutir esta questão uma vez em Idlewild. Deixou a loja e dirigiu-se ao balcão. O funcionário disse polidamente, “Posso ver o seu certificado de saúde, senhor Bond?”

Bond tirou o papel de dentro de seu passaporte, entregando-o.

O sujeito examinou-o com cuidado. Disse, “Sinto muito senhor, mas houve um caso de tifo em Gander e estão insistindo para que todos os passageiros em trânsito que não foram vacinados durante os últimos seis meses fossem identificados. É extremamente desagradável, mas Gander é bastante suscetível a esse respeito. Pena ser impossível escalar um voo direto, porque há um forte vento contrário.”

Bond detestava vacinas. Disse irritado, “Olha aqui, estou cheio de vacinas de um tipo ou de outro. Há vinte anos que me espetam por isso ou aquilo!” Olhou em volta. A área próxima ao portão de partida da BOAC parecia curiosamente deserta. Ele perguntou, “E os outros passageiros? Onde estão?”

“Todos concordaram. Estão sendo vacinados agora. Não levará mais de um minuto. Por favor, venha por aqui.”

“Está bem.” Bond deu de ombros, impaciente. Seguiu o sujeito do balcão, passando por uma porta que dava para o escritório do gerente da

BOAC. Havia o médico de sempre vestido de branco, já com a agulha pronta. “É o último?”, perguntou ao funcionário da BOAC.

“É, doutor.”

“Está bem. Tire o paletó e levante a manga, por favor. Infelizmente eles são muito suscetíveis em Gander.”

“Infelizmente mesmo”, respondeu Bond. “De que eles têm medo? De que a gente espalhe a peste negra?”

Sentiu o cheiro forte de álcool e a picada da agulha.

“Obrigado”, disse Bond de má vontade. Desenrolou a manga e fez menção de pegar o casaco no encosto da cadeira. Sua mão não conseguiu, pendendo em direção ao solo. Seu corpo desabou em seguida...

Todas as luzes do avião estavam acesas. Parecia haver muitos assentos vazios. Por que haveria de estar condenado a ser vizinho de um passageiro que roubava o espaço do descanso de braço do meio? Bond fez menção de se levantar e mudar de assento. Foi tomado por uma onda de náusea. Fechou os olhos e esperou. Que extraordinário! Jamais ficara enjoado em um avião. Sentiu o suor frio cobrindo seu rosto. Lenço. Secar. Abriu os olhos de novo e olhou para os braços. Os punhos estavam amarrados aos descansos de seu assento. O que acontecera? Recebera a vacina e então desmaiara, ou algo assim. Teria ficado violento? Que diabo significava aquilo tudo? Olhou para a direita e ficou estupefato. Oddjob estava sentado ali. Oddjob! Oddjob em um uniforme da BOAC!

Oddjob olhou-o sem curiosidade e estendeu a mão para tocar a campainha da aeromoça. Bond ouviu o belo toque na copa. O rugido de um vestido ao seu lado. Levantou os olhos. Era Pussy Galore, elegante e bonita no uniforme azul de aeromoça! Ela disse, “Olá, bonitão”. Deu-lhe o olhar profundo e curioso que ele lembrava tão bem, de onde mesmo? De séculos atrás, de outra vida.

Bond falou em desespero, “Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? De onde você veio?”

A garota deu um sorriso radiante, “De comer caviar e beber champanhe. Vocês ingleses têm um vidão a sete mil metros de altitude. Não há sinal de couve-de-bruxelas, e se tiver chá, ainda não encontrei. Agora, vá com calma. O tio quer falar com você.” Ela subiu o corredor rebolando e desapareceu na porta da cabine do piloto.

Agora nada mais poderia surpreender Bond. Goldfinger, com um

uniforme de comandante da BOAC um pouco grande demais, com o quepe enfiado no meio da cabeça, fechou a porta da cabine do piloto e cruzou o corredor.

Manteve-se em pé, olhando severamente para Bond. “Bem, senhor Bond, quis o destino que disputássemos o jogo até o fim. Mas desta vez, senhor Bond, não é possível que tenha uma carta escondida na manga. Ah!” O latido agudo era uma mistura de raiva, estoicismo e respeito. “Você acabou se tornando uma serpente nos meus pastos.” A grande cabeça sacudiu devagar. “Por que fui deixá-lo vivo? Por que não o esmaguei como um besouro? Você e a garota me foram úteis. Sim, nisso tive razão. Mas foi loucura correr esse risco. Sim, loucura!” O volume da voz caiu e ela se tornou mais lenta. “E agora me diga, senhor Bond. Como fez isso? Como se comunicou?”

Bond respondeu de maneira equilibrada, “Vamos conversar Goldfinger. E eu lhe direi algumas coisas. Mas só quando você tirar essas correias e me trazer uísque, gelo, soda e um maço de Chesterfields. Então, depois que você tiver me contado o que quero saber, decidirei o que lhe contar. Como você mesmo disse, minha situação não é nada favorável, ou pelo menos não parece ser. Por isso não tenho nada a perder. Se você quiser saber algo da minha parte, terá de ser nos meus próprios termos.”

Goldfinger olhou-o com gravidade. “Não faço objeções às suas condições. Como sinal de respeito à habilidade de um adversário, terá todo conforto em sua última viagem. Oddjob” — a voz era ríspida. “Toque a campainha da srta. Galore e retire essas correias. Passe para o assento da frente. Não é possível que ele seja um perigo na traseira do avião, mas não pode se aproximar da cabine do piloto. Se for necessário, mate-o imediatamente, mas prefiro que chegue vivo ao nosso destino. Compreendeu?”

“Arrgh.”

Cinco minutos depois Bond já obtivera o que pedira. A mesinha à sua frente estava abaixada, com o uísque e os cigarros. Serviu-se de um uísque puro. Goldfinger estava sentado na cadeira oposta, do outro lado do corredor, à espera. Bond pegou seu drinque e sorveu-o. Estava prestes a tomar um gole maior quando viu algo. Pôs o copo com cuidado na bandeja, sem danificar o pequeno descanso de papel que grudara embaixo. Acendeu um cigarro, pegou o drinque de novo, tirou os cubos de gelo e devolveu-os ao balde. Bebeu o uísque quase todo. Agora podia ler as palavras no fundo do copo. Descansou o copo com cuidado, sem mexer com o descanso. A mensagem era seguinte, “Estou com você. XXX. P.”

Bond se virou e se ajeitou na cadeira. Disse, “Então, Goldfinger. Primeiro, o que está acontecendo, como você arranhou este avião, para onde vamos?”

Goldfinger cruzou as pernas. Desviou o olhar de Bond, em direção ao corredor. Respondeu em tom descontraído, de conversa normal, “Peguei três caminhões e atravessei o país até as cercanias de Cape Hatteras. Um dos caminhões continha meu estoque pessoal de ouro. O outro, trazia meus motoristas, funcionários avulsos e aqueles gângsteres. Não precisava de nenhum deles, a não ser da srta. Galore. Conservei um núcleo de funcionários de que eu precisava, paguei somas enormes aos outros e fui dispersando-os aos poucos ao longo do caminho. Na costa, tive uma reunião com os quatro líderes das gangues em um lugar deserto, deixando a srta. Galore, sob algum pretexto, junto aos caminhões. Atirei nos quatro da minha maneira de sempre — uma bala para cada um. Voltei aos caminhões e expliquei que os quatro haviam optado por pegar o dinheiro e seguir um caminho independente. Só me restavam agora seis homens, o tesouro e a garota. Fretei um avião e voei para Newark, Nova Jersey, fazendo passar os caixotes de ouro como chumbo para placas de raios X. Dali fui sozinho a determinado endereço em Nova York, de onde falei com Moscou pelo rádio e expliquei o fracasso da Operação Grand Slam. Durante a conversa mencionei seu nome. Os meus amigos, que acredito que você conhece”, Goldfinger olhou duro para Bond, “são conhecidos pelo nome genérico de SMERSH. Reconheceram o nome Bond e me disseram quem você era. Então compreendi de imediato muita coisa que permanecera oculta para mim. A SMERSH disse que gostaria muito de entrevistá-lo. Pensei no assunto. No seu devido momento, concebi o plano a cuja execução você assiste agora. Fazendo-me passar por seu amigo, não tive dificuldade em descobrir o voo que você reservara. Três dos meus homens haviam pertencido à Luftwaffe. Asseguraram-me que não teriam dificuldade em pilotar este avião. O resto foi mero detalhe. Blefando friamente, me fazendo passar por outras pessoas e com a utilização de certa força, todos os funcionários da BOAC em Idlewild, a tripulação deste avião e os passageiros receberam as devidas injeções, das quais devem estar agora se recuperando. Trocamos de roupa com a tripulação inconsciente, embarcamos o tesouro, demos um jeito em você, que veio de maca, e, no momento certo, a nova tripulação da BOAC e sua aeromoça embarcaram no avião, e decolamos”.

Goldfinger fez uma pausa. Ergueu a mão, em um gesto resignado. “É claro que houve pequenos problemas. Disseram-nos para ‘seguir pela pista de taxiamento Alpha até a pista quatro’, e foi só seguindo um avião da KLM que

conseguimos fazer isso. Não foi fácil dominar os procedimentos de rotina de Idlewild, e devemos ter parecido meio desajeitados e sem experiência, mas, senhor Bond, com segurança, nervos fortes e uma maneira áspera e intimidante, jamais é difícil passar por cima da mentalidade de funcionários públicos, especialmente dos que são, afinal de contas, apenas subalternos. Soube pelo operador de rádio que há uma busca pelo avião em andamento. Já estavam nos questionando antes de sairmos do alcance do rádio VHF de Nantucket. Em seguida o Sistema de Aviso Prévio nos interrogou em alta frequência. Isto não me perturbou. Temos bastante combustível. Já temos o consentimento de Moscou para pousar em Berlim Oriental, Kiev ou Murmansk. Tomaremos qualquer dessas rotas que o momento aconselhar. Não deverá haver problemas. Se houver, conseguirei contorná-los falando no rádio. Ninguém irá abater um avião caro da BOAC. Este mistério e esta situação confusa nos protegerão até penetrarmos bastante em território soviético, quando então sumiremos, evidentemente, sem deixar vestígios.”

Para Bond não havia nada de extraordinário, fantástico ou impossível em se tratando de Goldfinger, desde que ficara sabendo os detalhes da Operação Grand Slam. O roubo do Stratocruiser, tal como Goldfinger explicara, era absurdo, porém não mais do que seus métodos de contrabandear ouro e sua aquisição de uma ogiva nuclear. Ao examinarmos essas coisas, a despeito de terem um toque de magia, até de genialidade, percebemos que se trata de exercícios lógicos. Eram bizarros apenas quanto à sua magnitude. Até a pequena manobra de roubar do sr. Du Pont fora brilhantemente concebida. Não havia dúvida, Goldfinger era um artista — um cientista do crime tão grande no seu terreno quanto Einstein ou Cellini o foram nos seus.

“E agora, senhor Bond, do Serviço Secreto britânico, fizemos uma barganha. O que tem para me contar? Quem o pôs em meu encalço? O que desconfiavam? Como conseguiu interferir nos meus planos?” Goldfinger se recostou no assento, colocou as mãos na barriga e olhou para o teto.

Bond deu uma versão censurada da verdade. Não mencionou nada sobre a SMERSH ou a localização do ponto de correio, não disse nada sobre os segredos do Homer, um aparelho que poderia ser novidade para os russos. E concluiu, “Está vendo, Goldfinger, você escapou por pouco. Se não fosse pela interferência de Tilly Masterton em Genebra, você já estaria em cana agora. Estaria palitando os dentes em uma prisão suíça, se preparando para ser mandado para a Inglaterra. Você subestima os ingleses. Podem ser lentos, mas chegam lá. Acha que estará muito seguro na Rússia? Eu não teria tanta certeza. Já tiramos gente de lá antes. Vou te dar um último aforismo para seu livro, Goldfinger: ‘Jamais jogue contra a Inglaterra.’”

23.

TRATAMENTO DE TLC

O avião prosseguia pulsante, bem acima das intempéries, sobre a paisagem enluarada. As luzes haviam sido desligadas. Bond seguia, sentado e calado, no escuro, suando de medo diante do que faria.

Uma hora antes, a garota lhe trouxera o jantar. Havia um lápis escondido no guardanapo. Ela fizera alguns comentários desagradáveis pro forma, em função de Oddjob, e se afastara. Bond comera umas migalhas e tomara bastante uísque, enquanto sua imaginação vasculhava o avião em busca de uma maneira concebível de obrigá-lo a fazer um pouso forçado em Gander, ou em algum outro lugar da Nova Escócia. Como último recurso, será que poderia incendiar o avião? Brincou com essa ideia, e com a possibilidade de forçar e abrir a porta de entrada. As duas ideias lhe pareceram suicidas e inviáveis. Para poupar-lhe o trabalho de ficar remoendo-as, o sujeito que Bond vira antes no balcão da BOAC, um dos alemães, se aproximou e parou ao lado do assento de Bond.

Sorriu para ele. “A BOAC cuida bem de você, não é? O senhor Goldfinger acha que você pode ter ideias tolas. Devo ficar de olho na traseira do avião. Por isso, recoste-se no assento e aproveite bem a viagem.”

Como Bond não respondeu, o sujeito prosseguiu até os fundos.

Algo atormentava a cabeça de Bond, algo ligado a seus pensamentos anteriores. O negócio de abrir a porta à força. O que acontecera mesmo com aquele avião que voava sobre a Pérsia em 1957? Bond ficou um tempo sentado, fitando a parte de trás do assento da frente com olhos cegos e arregalados. Poderia funcionar! Talvez até funcionasse!

Bond escreveu na parte de dentro do guardanapo, *Farei o máximo possível. Aperte seu cinto de segurança. XXX. J.*

Quando a garota veio levar sua bandeja, Bond deixou cair o guardanapo, pegando-o em seguida e entregando-o a ela. Segurou a sua mão e sorriu para seus olhos curiosos. Ela se inclinou para retirar a bandeja e beijou-o depressa no rosto. Endireitou-se. Disse de maneira áspera, “Te vejo nos meus sonhos,

bonitão”, e se afastou em direção à copa.

Mas agora Bond estava resolvido. Elaborara exatamente o que precisava ser feito. Calculara os centímetros, a faca de seu sapato estava sob o paletó e ele torcera a extremidade mais longa de seu cinto de segurança em volta do pulso esquerdo. Só precisava de um indício de que o corpo de Oddjob estivesse afastado da janela. Seria esperar demais que Oddjob dormisse, mas pelo menos poderia se ajeitar de uma maneira mais confortável. O olhar de Bond jamais abandonava o perfil meio ofuscado, cujo reflexo podia ver na janela oval, de vidro temperado, do assento da frente. Mas Oddjob permanecia solidamente sentado sob a luz de leitura que deixara acesa por prudência, com o olhar no teto, a boca um pouco aberta e as mãos prontas e descontraídas nos braços da poltrona.

Uma hora, duas horas. Bond começou a roncar letárgica, regularmente, de modo hipnótico, assim esperava. As mãos de Oddjob haviam se transferido para seu colo. Ele meneou a cabeça uma vez e endireitou-a, mudou-a para uma posição mais confortável, afastou o rosto do raio penetrante de luz que vinha da parede, descansou-o sobre sua face esquerda, afastado da janela!

Bond manteve seus roncos exatamente regulares. Livrar-se da guarda do coreano seria tão difícil quanto passar por um mastim faminto. Lentamente, centímetro a centímetro, foi se agachando à frente na ponta dos pés, estendendo a mão com a faca no vão entre a parede e o assento de Oddjob. Sua mão chegara lá. A ponta da faca aguçada como uma agulha visava o centro da área de poucos centímetros quadrados que ele escolhera no vidro. Bond agarrou com força a ponta do cinto de segurança, recuou a faca uns cinco centímetros e deu o bote.

Não tinha ideia do que aconteceria quando furasse a janela. Sabia apenas, pela cobertura da imprensa no caso da Pérsia, que a sucção causada pela depressurização súbita da cabine sugara o passageiro mais próximo pela janela, arremessando-o no espaço. Ao retirar a faca, Bond ouviu um fantástico uivo, quase um grito do ar, e foi sugado violentamente contra as costas da cadeira de Oddjob, com tanta força que a extremidade do cinto de segurança foi arrancado de sua mão. Por cima do encosto da cadeira, testemunhou um milagre. O corpo de Oddjob parecia se alongar em direção ao buraco negro uivante. Houve um baque quando sua cabeça passou e os ombros bateram na moldura. Em seguida, como se fosse um tubo de pasta de dentes, lentamente, metro a metro, o corpo do coreano foi sendo sugado, com um terrível assobio, pela abertura. Naquele instante, estava para fora até a cintura. As enormes nádegas ficaram engastalhadas e a pasta humana passava apenas centímetro

por centímetro. Então, com um grande estrondo, as nádegas passaram e as pernas desapareceram como se tivessem sido disparadas por uma arma.

Depois disso foi o fim do mundo. Com um estrondo pavoroso da louça na copa, o enorme avião embicou o nariz e mergulhou. A última coisa que Bond sentiu antes de desmaiar foi o grito agudo dos motores pela janela aberta e a visão fugaz dos travesseiros e cobertores sendo sugados para o espaço em um átimo, diante de seus olhos. Em seguida, com um abraço final desesperado no assento da frente, o corpo de Bond, faminto por oxigênio, desmaiou com uma dor ardente nos pulmões.

A próxima coisa que sentiu foi um chute nas costelas. Tinha um gosto de sangue na boca. Gemeu. O pé chutou seu corpo de novo. Ergueu-se dolorosamente entre os assentos e olhou para cima através de uma película vermelha. Todas as luzes estavam acesas. Havia uma leve neblina na cabine. A despressurização aguda fizera com que a temperatura interna baixasse mais que o ponto de geada. O ronco dos motores que vinha pela janela aberta era gigantesco. Um vento gelado e cortante o castigava. Goldfinger pairava sobre ele, com uma expressão demoníaca sob a luz amarelada. Havia uma pequena automática extremamente firme na sua mão. Goldfinger recuou o pé e chutou de novo. Bond ardeu com uma fúria incontrolável. Pegou o pé e torceu-o de forma abrupta, quase quebrando o tornozelo. Goldfinger soltou um grito e ouviu-se um estrondo que sacudiu o avião. Bond pulou no corredor e se jogou de lado e em cima do corpo estatelado. Uma explosão queimou um lado de seu rosto. Mas em seguida seu joelho golpeou a virilha de Goldfinger e sua mão encobriu a arma.

Pela primeira vez na vida, Bond perdeu totalmente o controle. Bateu com os punhos e joelhos no corpo que se debatia, e deu várias cabeçadas seguidas no rosto lúcido. A arma escorregou trêmula em sua direção. Quase com indiferença, Bond deu um golpe de lado com a borda da mão e ouviu o tilintar metálico entre os assentos. As mãos de Goldfinger estavam em volta de sua garganta e as de Bond em volta da garganta dele. Os polegares de Bond comprimiam com força crescente as artérias dele. Ele jogou o corpo inteiro para a frente, ofegante, tentando recuperar o fôlego. Será que desmaiaria antes que o outro morresse? Será? Será que aguentaria a pressão das mãos fortes de Goldfinger? A cara reluzente de lua se transformava. Um roxo profundo surgia sob o bronzeado. Os olhos começaram a piscar e revirar. A pressão das mãos na garganta de Bond diminuiu. Elas se soltaram. A língua saiu e pendeu da boca aberta e houve um terrível gargarejo da profundidade dos pulmões. Bond sentou-se em cima do peito silencioso e abriu um por um seus dedos enrijecidos.

Depois de dar um suspiro profundo, Bond se ajoelhou e lentamente se pôs de pé. Aturdido, olhou para cima e para baixo no avião aceso. Perto da copa, Pussy Galore jazia no seu assento como uma trouxa de roupas sujas. Mais para baixo, no meio do corredor, o guarda jazia estatelado, com um braço e cabeça em ângulos ridículos. Sem cinto para segurá-lo quando o avião mergulhou, ele devia ter sido atirado contra o teto como uma boneca de pano.

Bond passou as mãos no rosto. Sentiu agora as queimaduras nas palmas das mãos e nas faces. Ajoelhou-se novamente, cansado, para procurar a pequena arma. Era uma automática Colt .25. Tirou o pente. Restavam três balas e mais uma na agulha. Bond caminhou, tateando pelo corredor abaixo até onde estava a garota. Desabotoou seu casaco e pôs a mão no seu peito quente. O coração tremia como um pombo debaixo de sua mão. Ele desapertou o cinto de segurança e colocou a garota de bruços no chão, ajoelhando-se ao seu lado. Levou cinco minutos fazendo uma massagem cadenciada nos seus pulmões. Quando ela começou a gemer, ele se levantou, deixando-a. Desceu o corredor e tirou uma Luger carregada do coldre do guarda morto. No caminho de volta, entre os destroços da copa, viu uma garrafa inteira de uísque rolando para lá e para cá entre os destroços. Pegou-a, tirou a rolha e entornou a garrafa na sua boca aberta. A bebida queimava como desinfetante. Recolocou a rolha e seguiu para a dianteira. Parou por um instante do lado de fora da porta da cabine do piloto, pensando. A seguir, com uma arma em cada mão, baixou a maçaneta e entrou.

Os cinco rostos, azuis à luz dos controles, viraram-se para ele. As bocas formavam buracos negros e os olhos brilhavam, brancos. Ali o rugido dos motores era menor. Havia um cheiro de suor provocado pelo medo e o cheiro de cigarros. Bond ficou com as pernas retesadas, segurando as armas com firmeza. Disse, “Goldfinger está morto. Se alguém se mexer ou desobedecer a alguma ordem, eu o matarei. Piloto, qual a sua posição, rumo, altitude e velocidade?”

O piloto engoliu. Precisou juntar saliva para poder falar. Respondeu, “Estamos a cerca de oitocentos quilômetros de Goose Bay. O senhor Goldfinger disse que poderíamos pousar o avião o mais próximo possível da costa norte dali. Nós nos reuniríamos em Montreal e o senhor Goldfinger disse que voltaríamos para recuperar o ouro. Nossa velocidade é de quatrocentos quilômetros por hora e a altitude é de dois mil pés.”

“Quanto pode prosseguir nessa altitude? Deve estar consumindo combustível muito rápido.”

“Sim senhor. Julgo que nos resta cerca de duas horas de voo, a esta

velocidade e altitude.”

“Me veja a hora.”

O navegador respondeu depressa, “Acabei de receber a informação de Washington. Cinco minutos para as dezessete horas. Neste nível o poente será dentro de mais ou menos uma hora.”

“Onde fica Weathership Charlie?”

“A cerca de quinhentos quilômetros ao sul.”

“Piloto, acha que conseguimos chegar a Goose Bay?”

“Não, senhor, ficaremos cerca de cento e sessenta quilômetros antes de lá. Só conseguiremos chegar ao litoral ao norte dali.”

“Certo. Altere a rota para Weathership Charlie. Operador, chame-os e me passe o microfone.”

“Sim, senhor.”

Enquanto o avião fazia uma grande curva, Bond ficou ouvindo a estática e pedaços isolados de uma voz vinda do amplificador acima de sua cabeça.

A voz do operador chegava com suavidade, “Ocean Station Charlie. Este é o Speedbird 510. G-ALGY chamando C de Charlie, G-ALGY chamando Charlie, G-ALGY...”

Uma voz nítida interrompeu. “G-ALGY forneça sua posição. G-ALGY forneça sua posição. Aqui o Controle de Gander. Emergência. G-ALGY...”

Londres entrou fraco na linha. Uma voz excitada começou a tagarelar. Agora surgiam vozes de todos os quadrantes. Bond podia imaginar a posição sendo rapidamente calculada em todas as torres de controle, os homens ocupados sob os arcos trabalhando no grande plano, fones sendo atendidos, vozes prementes falando entre si no mundo inteiro. O sinal forte do Controle de Gander abafava todas as outras transmissões. “Localizamos G-ALGY. Nós o pegamos mais ou menos em 50 N por 70 E. Parem de transmitir, todas as estações. Prioridade, temos uma posição de G-ALGY...”

De repente a voz tranquila de C de Charlie entrou. “Esta é a Estação Oceano Charlie chamando Speedbird 510. Charlie chamando G-ALGY. Você pode me ouvir? Entre Speedbird 510.”

Bond enfiou a pequena arma no bolso e pegou o microfone que lhe era oferecido. Apertou o botão de transmitir e falou baixo, observando a tripulação pela janela oval de plástico.

“C de Charlie, aqui G-ALGY Speedbird sequestrado na noite passada em Idlewild. Matei o responsável e inutilizei a nave parcialmente, despressurizando a cabine. A tripulação está rendida por mim. Não temos combustível suficiente para chegar a Goose, por isso pretendo fazer aterrissagem forçada o mais próximo possível de vocês. Por favor, coloque sinais luminosos.”

Uma nova voz, voz com autoridade, talvez do comandante, entrou no ar. “Speedbird, aqui C de Charlie. Mensagem recebida e compreendida. Identifique quem fala. Repito, identifique quem fala. Câmbio.”

Bond falou e sorriu da sensação que suas palavras causariam, “Aqui Speedbird para C de Charlie. Fala o agente secreto britânico 007, repito 007. Rádio Whitehall confirmará. Repito, verifique na Rádio Whitehall, câmbio.”

Houve uma pausa aturdida. Vozes do mundo inteiro tentaram interromper. Algum controle, provavelmente de Gander, tirou-as do ar. C de Charlie voltou, “Speedbird aqui C de Charlie, aliás o Anjo Gabriel falando, está bem, vou confirmar com Whitehall e entendi a sinalização, mas Londres e Gander querem mais detalhes...”

Bond interrompeu, “Sinto muito C de Charlie, mas não posso manter cinco sujeitos na minha mira e ao mesmo tempo uma conversa educada, me dê apenas as condições do mar, por favor, e então sairei do ar até chegarmos para aterrissar.”

“Okay, Speedbird, compreendo a situação, aqui o mar está em força dois, ondas suaves, sem quebrar, você deve conseguir, em breve pegarei você no radar e manteremos uma vigilância constante na sua frequência, beba uísque para um e ponha cinco a ferros, esperando, boa sorte câmbio.”

Bond respondeu, “Obrigado C de Charlie e acrescente uma xícara de chá a esse pedido, sim, estou com uma bela garota a bordo, aqui Speedbird, câmbio final.”

Bond soltou o botão e entregou o microfone ao operador de rádio. Disse, “Piloto, eles vão botar a sinalização e manter uma vigilância constante sobre a nossa frequência. Vento de força dois, ondas longas e suaves, sem arrebentação. Agora vá com calma e vamos tentar sair dessa vivos. Assim que atingirmos a água, abrirei a porta. Até então, se alguém passar pela porta da cabine, leva bala. Certo?”

A voz da garota fez-se ouvir da porta atrás de Bond. “Eu vinha me juntar aos bons, mas agora desisti. Levar bala não combina comigo. Mas você pode chamar aquele sujeito de novo e pedir dois uísques. Chá me dá solução.”

Bond falou, “Pussy, volte para sua cesta.” Deu uma última olhada em volta da cabine do piloto e recuou pela porta.

Duas horas, dois anos, mais tarde, Bond estava deitado na cabine quente em Weathership Charlie ouvindo sonhadoramente um programa de rádio do Canadá, de manhã cedo. Sentia dor em várias partes do corpo. Ele fora para os fundos do avião e fizera a garota se ajoelhar, com a cabeça aninhada entre os braços, no assento de uma cadeira. Em seguida ele se enfiara atrás e por cima dela, segurando com força o seu corpo preso ao colete salva-vidas, fazendo pressão com as costas contra o encosto da cadeira atrás de si.

Ela ficara fazendo comentários indecentes sobre aquela posição indelicada quando o Stratocruiser batera de barriga na primeira montanha de água a cento e cinquenta quilômetros por hora. O enorme avião pulou uma vez e bateu de nariz no paredão de água. O impacto quebrara a parte traseira. O peso enorme do monte de ouro no compartimento de bagagem dividira o avião em dois, cuspidando Bond e a garota nas ondas geladas, iluminadas de vermelho pelos sinalizadores. Ali ficaram flutuando, meio aturdidos, nos seus salva-vidas amarelos, até que o bote de salvamento os resgatou. A essa altura só havia alguns destroços à tona, e a tripulação, com três toneladas de ouro amarradas ao pescoço, estava a caminho do fundo do Atlântico. O barco fez uma busca de dez minutos, mas quando nenhum corpo flutuou, deram a busca por encerrada e zarparam de volta seguindo a esteira de luz do holofote, até a abençoada muralha de ferro da velha fragata.

Haviam sido tratados como uma mistura de realeza e de marcianos alienígenas. Bond respondera às primeiras perguntas mais urgentes, e então tudo pareceu muito excessivo para sua cabeça exausta. No momento estava deitado voluptuosamente em paz, aquecido pelo uísque, pensando em Pussy Galore e se perguntando por que ela preferira se abrigar sob a sua asa em vez da asa de Goldfinger.

A porta de comunicação com a outra cabine se abriu e a garota entrou. Não trajava nada além de um suéter cinza de pescador, que por poucos centímetros não era indecente. As mangas estavam enroladas. Parecia uma pintura de Vertes. Disse “As pessoas não param de me perguntar se eu não queria uma massagem com álcool e eu respondi que só se fosse feita por você.” Terminou meio acanhada, “Então aqui estou eu.”

Bond disse com firmeza, “feche essa porta, Pussy, tire esse suéter e venha para a cama. Você acaba pegando um resfriado”.

Ela fez como ele mandou, como uma criança obediente.

Ficou aninhada na dobra do braço de Bond, olhando para ele. Disse, em um tom de voz que não era de gângster ou de lésbica, e sim de garota, “Você vai escrever para mim em Sing Sing?”

Bond olhou para os olhos profundamente violeta, que haviam deixado de ser duros e imperiosos. Inclinou-se e os beijou de leve. “Me disseram que você só gosta de mulher.”

Ela respondeu, “É que nunca conheci um homem antes.” A dureza voltou à sua voz. “Venho do Sul. Sabe a definição de virgem por lá? Bem, é uma garota que consegue correr mais depressa do que seu irmão. No meu caso, eu não consegui correr tanto quanto meu tio. Tinha doze anos. Não é muito legal, James. Você deve ser capaz de entender isso.”

Bond deu um sorriso para o rosto belo e pálido. Disse, “Você só precisa de um período de TLC.”

“O que é TLC?”

“Abreviatura de Tender Loving Care, um tratamento de afeto e atenção. É o que publicam na maioria dos jornais quando uma menina abandonada é levada para uma instituição infantil.”

“Acho que gostaria disso.” Ela olhou para a boca sensual, meio cruel, à espera acima da dela. Estendeu a mão e afastou a mecha de cabelo preto em forma de vírgula que caíra sobre a sobrancelha direita dele. Mirou diretamente seus olhos cinzentos, ferozmente apertados. “Quando é que começa?”

A mão direita de Bond subiu lentamente pelas coxas firmes e musculosas, passando pela maciez da barriga até o seio direito. Seu mamilo estava ereto de desejo. Ele respondeu baixinho, “Agora.” Sua boca desceu implacavelmente sobre a dela.